



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO DE MESTRADO EM PSICOLOGIA**

REBECCA BARATA MOREIRA

**VIVÊNCIAS DE MÃES EM LUTO E AS FOTOGRAFIAS DO FILHO FALECIDO:
POSICIONAMENTO FRENTE À DOR E O PASSADO ETERNIZADO EM
IMAGENS**

**BELÉM - PA
2018**

REBECCA BARATA MOREIRA

VIVÊNCIAS DE MÃES EM LUTO E AS FOTOGRAFIAS DO FILHO FALECIDO:
POSICIONAMENTO FRENTE À DOR E O PASSADO ETERNIZADO EM IMAGENS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Psicologia. Área de Concentração: Fenomenologia, Teoria e Clínica.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Airle Miranda de Souza.

BELÉM - PA

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M835v Moreira, Rebecca Barata.
VIVÊNCIAS DE MÃES EM LUTO E AS FOTOGRAFIAS DO FILHO FALECIDO :
POSICIONAMENTO FRENTE À DOR E O PASSADO ETERNIZADO EM IMAGENS / Rebecca Barata
Moreira. — 2018.
138 f.

Orientador(a): Profª. Dra. Airle Miranda de Souza
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

1. Luto. 2. Fotografia. 3. Pesquisa qualitativa. 4. Logoterapia. I. Título.

CDD 150

REBECCA BARATA MOREIRA

VIVÊNCIAS DE MÃES EM LUTO E AS FOTOGRAFIAS DO FILHO FALECIDO:
POSICIONAMENTO FRENTE À DOR E O PASSADO ETERNIZADO EM IMAGENS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Psicologia. Área de Concentração: Fenomenologia, Teoria e Clínica.

Aprovada em: ____/____/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Airle Miranda de Souza (Orientadora)
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Prof.^a Dr.^a Mary Elizabeth de Santana
Universidade do Estado do Pará (UEPA)

Prof. Dr. Cesar Luís Seibt
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Prof. Dra. Patrícia do Socorro M. F. do Espirito Santo
Universidade Federal do Pará (UFPA) - Suplente

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus que em seu infinito amor me sustenta e impulsiona a realizar meus sonhos e propósitos. Sem ele, eu nada seria.

Agraço à minha família. Vocês sempre estiveram ao meu lado me apoiando e nutrindo das mais diversas formas, para que eu pudesse voar e realizar meus sonhos. Este apoio incondicional me fortalece a cada dia.

Agraço imensamente à minha mestra querida, Airle Miranda. Você me inspira, motiva e faz acreditar que posso sempre mais. Gratidão pela parceria que, este ano, completa 10 anos de construção de conhecimento, pesquisas e infinitas trocas de experiências. Com você aprendi (e aprendi diariamente!) a acolher, ouvir, respeitar, cuidar e amar das mais diversas formas o outro. Minha eterna gratidão!

Agraço ao mestre Valério Silveira que me ensina a olhar o mundo com outros olhos. Com uma câmera na mão e as mais mirabolantes ideias na cabeça, me ensina a subverter aquilo que vejo e a ir além do que a imagem mostra, enxergando também com a alma. Gratidão por compartilhar seu conhecimento sobre fotografia e sua paixão pela arte de fotografar. Agraço também ao grupo de fotografia pelas trocas e aprendizados de sempre.

Agradeço a cada uma das mulheres que se mostram interessadas em contribuir com esta pesquisa e, ainda que não tenha sido possível ouvir a maioria de suas histórias, agradeço a disponibilidade em contribuir para esta produção científica. Em especial, agradeço à Maria de Nazaré, Maria do Socorro e Maria da Graça, nomes fictícios que receberam para que suas identidades fossem preservadas neste estudo, não tenho palavras para expressar minha gratidão pela confiança e disponibilidade. Acolher e poder dividir uma pequena parte da dor que viveram foi uma honra para mim. Vocês e seus filhos jamais serão esquecidos por mim e suas histórias estarão eternizadas nesta produção. A vocês, minha imensa e eterna gratidão.

Aos amigos que estiveram presentes ao longo desta caminhada, apoiando, torcendo e colaborando de alguma forma, recebam minha gratidão. Poder contar com cada um de vocês e constatar dia após dia que não estou sozinha nesta árdua caminhada me é reconfortante. Agradeço o acolhimento e trocas que favoreceram, sem a menor sombra de dúvida, o meu crescimento pessoal e profissional. Em especial, agradeço às amigas que estiveram ao meu lado, acompanhando cada passo, tropeço e conquista. Meu orgulho e eterna gratidão por nossos caminhos terem se cruzado nessa vida, Gabriela, Jennifer e Debora, vocês são anjos que me ensinam diariamente a renovar minha fé e coragem.

Gratidão!

“E quando o dia não passar de um retrato
Colorindo de saudade o meu quarto
Só aí vou ter certeza de fato
Que eu fui feliz

O que vai ficar na fotografia
São os laços invisíveis que havia

As cores, figuras, motivos
O sol passando sobre os amigos
Histórias, bebidas, sorriso
E afeto em frente ao mar”. (Leoni)

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo desvelar as vivências de mães pela perda por morte não natural de um filho, assim como suas vivências frente às fotografias do filho que foi a óbito. Optamos por realizar uma pesquisa qualitativa de orientação fenomenológica. Foram realizadas entrevistas com três mães que perderam filhos jovens adultos (18 a 29 anos) cuja morte tenha sido decorrente de causas não naturais. Elegemos como instrumento de pesquisa uma entrevista aberta de orientação fenomenológica, norteada por duas questões temáticas disparadoras: "*Fale-me sobre como é ter perdido um filho(a) e sobre sua relação com as fotografias de (nome da pessoa falecida)?*"; "*Como foi, para você, falar sobre a perda do(a) seu(a) filho(a) por meio de fotografias?*". Os dados coletados foram analisados a partir da proposta de análise fenomenológica de Amedeo Giorgi em diálogo com a Logoterapia e a literatura sobre luto. Para a compreensão dos resultados, as temáticas comuns que emergiram foram descritas em oito constituintes essenciais, são elas: a vivência da perda de um filho; posicionamento frente à dor; o papel da família no enfrentamento da perda; o papel da ocupação no enfrentamento da perda; recursos auxiliares no manejo da dor; significados das fotografias do filho falecido na vivência de perda; valor atribuído às fotografias; relação estabelecida com as fotografias após a morte do filho. No que tange a relação com as fotografias, foram observadas inúmeras particularidades, então, optamos por descrevê-las separadamente, por considerarmos sua importância para a compreensão das vivências como um todo. Os resultados revelam que, na vivência das participantes, o luto materno é complexo, descrito como uma dor constante e eterna, impossível de ser superada, no entanto, passível de ser transformada. Neste contexto, a fotografia surge como recurso importante no processo de ressignificação da perda e posicionamento frente ao sofrimento. Ainda que a relação com as imagens seja uma vivência singular, é possível constatar o interesse por preservar as imagens como forma de manter o filho vivo e presente no cotidiano familiar. As participantes significam as imagens como um recurso capaz de eternizar o passado vivido e compartilhado, favorecendo o acesso às lembranças e a manutenção do laço indissolúvel que é a relação entre mães e filhos.

Palavras chave: Luto. Fotografias. Pesquisa Qualitativa. Logoterapia.

ABSTRACT

This research aims to unveil the experiences of mothers for loss by unnatural death of a child, as well as their experiences before the photos of the deceased child. We performed a phenomenological orientation qualitative research. Interviews have been conducted with three mothers who have lost young adult children (18 to 29 years old) whose death has been due to unnatural causes. We elected as research tool a phenomenological orientation open interview, guided by two trigger thematic issues: *“Tell me about how do you feel with your child’s death and about your relationship with the photographs of (name of deceased)?”*; *“How was it for you to talk about the loss of your child through pictures?”*. The collected data have been analyzed from the phenomenological analysis proposal of Amedeo Giorgi in dialogue with Logotherapy and the literature on grief. To understand the results, the common themes that emerged have been described in eight essential components, they are: the experience of losing a child; positioning before the pain; the role of the family to face the loss; the role of occupation to face the loss; auxiliary resources in the management of pain; meanings of the photos of the deceased child in the experience of loss; value assigned to photographs; relationship established with the photos after the child’s death. Regarding the relation with the photographs, numerous points of interest have been observed, so we chose to describe them separately, because we believe its importance to understand the experiences as a whole. The results show that in the experience of participants, the maternal mourning is complex, described as a constant and eternal pain, impossible to be overcome, however, liable to be transformed. In this context, the photo appears as an important resource in the process of redefinition the loss and positioning before the pain. Although the relationship with the images is a particular experience, it is possible to see the interest in preserving the images as a way to keep the child alive and present in family everyday life. The participants consider the images as a resource able to perpetuate the past lived and shared, helping the access to the memories and maintenance of indissoluble tie that is the relationship between mothers and children.

Key words: Maternal mourning. Photographs. Qualitative Research. Logotherapy.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
1.1	Caminhos percorridos até aqui: a escolha do tema	09
1.2	Aproximação com o tema: reflexões sobre o cenário atual	13
1.3	Apontamentos sobre luto materno	15
1.4	Apontamentos sobre fotografia, morte e luto	20
1.5	Contribuições da Logoterapia para a compreensão do sofrimento	24
2	CAMINHOS METODOLÓGICOS	28
2.1	Objetivo	28
2.2	Escolha do método	28
2.3	Participantes	30
2.4	Instrumento: a entrevista fenomenológica	31
2.5	Procedimentos	32
2.6	Análise dos Dados	33
3	O QUE SE DESVELA	35
3.1	Apresentação das participantes	35
3.2	Compreensão das vivências	36
3.2.1	<i>Estrutura Geral de Significados Psicológicos</i>	37
3.3	Descrição das Constituintes Essenciais	38
3.3.1	<i>A vivência da perda de um filho</i>	39
3.3.2	<i>Posicionamento frente à dor</i>	43
3.3.3	<i>O papel da família no enfrentamento da perda de um filho</i>	45
3.3.4	<i>O papel da ocupação no enfrentamento da perda</i>	47
3.3.5	<i>Recursos auxiliares no manejo da dor</i>	49
3.3.6	<i>Significados das fotografias do filho falecido na vivência de perda</i>	52
3.3.7	<i>Valor atribuído às fotografias</i>	53
3.3.8	<i>Relação estabelecida com as fotografias após a morte do filho</i>	55
3.3.9	<i>Particularidades nas relações estabelecidas com as fotografias após a morte do filho</i>	57
4	AMPLIANDO OLHARES SOBRE A COMPREENSÃO DAS VIVÊNCIAS	60
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	66

REFERÊNCIAS	68
APÊNDICE - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	75
ANEXO 1 - Transcrições/ Unidades de significados/Expressões de caráter psicológico - Entrevistas de Maria de Nazaré (P1)	77
ANEXO 2 - Transcrições/ Unidades de significados/Expressões de caráter psicológico - Entrevistas de Maria do Socorro (P2)	95
ANEXO 3 - Transcrições/ Unidades de significados/Expressões de caráter psicológico - Entrevistas de Maria da Graça (P3)	114

1 INTRODUÇÃO

1.1 Caminhos percorridos até aqui: a escolha do tema

Ao entrar em contato com o processo de construção dessa pesquisa, trago memórias de minha história de vida, de um tempo em que evitava, de inúmeras formas, o inevitável confronto com a finitude. Ao longo de minha infância e adolescência o tema era velado e o contato com o corpo sem vida sempre me causou grande temor. Entretanto, tenho recordações de minhas predileções por brincadeiras nas quais o cuidado era o principal foco e também o fascínio por programas televisivos que envolviam hospitais, emergências, resgates e a morte. As histórias intrigantes chamavam minha atenção. Hoje, refletindo sobre tais escolhas, percebo que os temas envolvendo o cuidado e a tão temida finitude sempre foram foco do meu interesse. Não por acaso, fiz escolhas profissionais que me permitem, enquanto psicóloga, por meio da escuta exercer a função de cuidar do outro.

Durante a graduação, tive a oportunidade de colocar em prática o acolhimento de pessoas e suas histórias, mais especificamente ao realizar estágio curricular no Hospital Universitário João de Barros Barreto (HUJBB), localizado em Belém/PA, onde entrei em contato pela primeira vez com as questões inerentes ao adoecimento, como a perda da saúde e a iminência de morte.

Neste cenário, a temática da morte retorna e traz à tona temores pessoais que, até então, estavam adormecidos. Ainda que os medos me fizessem hesitar, o confronto com o tema da morte acontecia diariamente e, com ele, a necessidade crescente de estudar mais sobre tudo aquilo. Foi através das atividades do Laboratório de Estudos do Luto e Saúde (LAELS)¹, vinculado à Universidade Federal do Pará (UFPA), que pude compreender a importância de trabalhar o tema no que se refere tanto às demandas pessoais quanto profissionais. Ali, naquele espaço de acolhimento, de escuta de aflições sobre perdas, mortes e luto, comecei a encontrar sentidos para minha prática profissional.

Passei, assim, a integrar o grupo de pesquisa vinculado ao LAELS, desenvolvendo estudos sobre morte, perdas e luto, fazendo parte da equipe do projeto de extensão

¹ Projeto de Extensão fundado em 2008, em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará e coordenado pela Prof.^a Dr.^a Airle Miranda de Souza, configurou-se como espaço interdisciplinar de diálogos acerca de saberes e práticas relacionadas às condições de luto, crises e de promoção de saúde. Inicialmente, propôs-se a desenvolver atividades no Hospital Universitário João de Barros Barreto (HUJBB/UFPA) tendo, posteriormente, ampliado suas atividades a outros hospitais públicos da capital paraense com o objetivo de fomentar ações de educação em Tanatologia, com ênfase no desenvolvimento de grupos de trabalho centrados na tarefa de problematizar os temas demandados por seus participantes, assim como criar estratégias de educação para morte e de desenvolvimento de pesquisas na área.

universitária e, mais tarde, como orientanda de trabalho de conclusão de curso², monografia de pós-graduação³, dentre outras atividades desenvolvidas ao longo dos últimos dez anos.

No decorrer de minha trajetória profissional, tive oportunidade de transitar por diferentes espaços, entre públicos e privados, nos quais encontrei pessoas adoecidas, em situações de emergência ou de vulnerabilidade social, dentre várias outras demandas e, ao aprofundar aspectos ligados ao sofrimento vivido, era recorrente observar histórias de perdas de algo ou de alguém significativo. Esse aspecto presente em tantas histórias de dor chamava minha atenção.

O olhar e a escuta sensíveis ao tema, que pude aprimorar com os estudos sobre luto, foram de grande importância e me fizeram perceber que, independente do contexto em que eu estivesse, o cuidado às pessoas enlutadas e suas perdas eram os meus principais focos de interesse e estudo.

Uma das experiências mais significativas que vivenciei foi o período que estive como residente⁴ no Hospital Metropolitano de Urgência e Emergência (HMUE). Com o enfoque nas Urgências e Emergências do Trauma, atuei neste hospital durante dois longos e intensos anos, nos quais estive imersa em uma realidade hospitalar onde a morte se fazia presente a todo instante, de diferentes formas. Foi então que tive plena certeza de que meus caminhos convergiam sempre para um ponto em comum: o cuidado para com aqueles que vivenciavam momentos de crise, perdas e luto.

Atuando neste contexto, percebi que todos os conhecimentos que adquiri ao longo da minha trajetória seriam de grande importância, ainda assim, ínfimos diante da realidade encontrada. Percebi também que estava diante da imensa responsabilidade de acolher a dor daqueles que, inesperadamente, foram acometidos por traumas e, por assim ser, se viam confrontados a grandes riscos, principalmente o de morte.

As experiências mais intensas que pude vivenciar neste hospital dizem respeito ao trabalho com pessoas que viveram a morte inesperada de um ente querido. Como psicóloga, acolhi, acompanhei e, muitas vezes, me senti tocada pelo sofrimento de mães que, diante da imprevisibilidade da perda sofrida, viviam o luto pela partida prematura de seus filhos jovens que ainda teriam *“a vida inteira pela frente”*. Lembro-me de fazer o autoquestionamento

² Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "Cuidando com arte do cuid.a.dor psicólogo em formação no hospital: expressando as alegrias e dores implicadas nesse processo" (2010) de autoria de Rebecca Barata Moreira, orientado pela Prof.^a Dr.^a Airle Miranda de Souza.

³ Monografia de Pós-Graduação *Lato Sensu* na modalidade Residência Multiprofissional em Saúde intitulada "Perdas e lutos vivenciados por pacientes recém diagnosticados com traumatismo raquimedular: estudo de casos" (2015) de autoria de Rebecca Barata Moreira, orientado pela Prof.^a Dr.^a Airle Miranda de Souza.

⁴ Programa de Pós-graduação da Universidade do Estado do Pará e Hospital Metropolitano de Urgência e Emergência, na modalidade Residência Multiprofissional (UEPA/HMUE).

acerca da importância do papel que assumia ali, tendo em vista a responsabilidade implicada em estar inteiramente disponível para ser continente à dor do outro em suas necessidades emergenciais, em toda sua intensidade.

Foi a partir desta experiência, e dos questionamentos que ressoavam em mim naquele momento, (ainda desorganizados e talvez impregnados do sofrimento presenciado), que percebi o despertar de um grande interesse em aprofundar meus conhecimentos referentes ao luto frente às perdas inesperadas, como a perda de um filho, e de fazê-lo através do contato com famílias que passaram por essa experiência, buscando ampliar a compreensão deste fenômeno e o que a ele sucede.

O que eu não poderia imaginar naquela ocasião era que uma outra experiência, aparentemente desvinculada do meu fazer profissional como psicóloga, viria somar em meus saberes e fazeres de tal forma que favoreceria o nascimento de um objeto de estudo tão significativo e carregado de sentidos: foi ao entrar em contato com a arte da fotografia que vivenciei a ampliação de olhares sobre o ser humano e suas relações.

A prática em capturar o vivido transformando-o em imagens me trouxe a percepção de que a fotografia é um recurso capaz de guardar momentos. Com uma câmera na mão e muitas ideias ecoando em mim, senti que os registros feitos iriam, futuramente, contar histórias, trazendo à tona aspectos que sequer imaginei ao fazer o "click" e que, apenas aqueles que viveram de alguma forma aquele momento, poderiam acessá-las e contá-las.

O que aparentemente não teria relação alguma com a minha atuação como psicóloga, tornou-se um importante ponto de partida para ingressar no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará. Após alguns questionamentos e contribuições do grupo de pesquisa do qual faço parte, vinculado ao Laboratório de Desenvolvimento de Valores e Sentidos (LADEVS/PPGP/UFPA) – anteriormente denominado de Laboratório de Estudos do Luto e Saúde (LAELS/PPGP/UFPA) – o presente estudo foi aos poucos se revelando, tal qual o processo de revelação de uma fotografia. Deste modo, a arte de registrar momentos em imagens fez despertar em mim diversas interrogações tanto no que tange o objeto fotografia quanto ao que refere à vivência de perdas significativas que, ao serem lapidadas, deram origem a esta pesquisa.

Com o objetivo de compreender as vivências de mães enlutadas frente a perda por morte de um(a) filho(a), optei por aprofundar a análise em busca de desvelar os significados que estas mães, a partir de suas vivências, atribuem às fotografias de seus filhos já falecidos, bem como melhor compreender a importância, caso houvesse, destas fotografias dentro da vivência de perda do ente querido. Para tanto, elegi percorrer os caminhos desta pesquisa

utilizando a metodologia fenomenológica para compreensão dos dados obtidos, a partir da proposta de Amedeo Giorgi (2010).

Na apresentação optei por abordar, inicialmente, o cenário atual em que esta pesquisa nasce e é desenvolvida, e também os temas norteadores desta, quais sejam: apontamentos sobre luto materno; a interface entre fotografia, morte e luto; e contribuições da Logoterapia para a compreensão do sofrimento.

Na sequência, são apresentados os caminhos percorridos, onde discorro sobre a escolha pelo método fenomenológico, participantes, a entrevista fenomenológica (eleita como instrumento para favorecer o acesso às vivências das participantes) e os procedimentos seguidos para coleta, tratamento e análise dos dados.

No capítulo seguinte, são expostos os resultados obtidos a partir da descrição e compreensão fenomenológica dos depoimentos das participantes. Tendo em vista a complexidade da análise e riqueza dos dados, decidi por apresentar neste capítulo a síntese compreensiva e, em seguida, a descrição de cada constituinte essencial, ou seja, aquilo que é comum entre os depoimentos. Da mesma maneira, há um tópico que apresenta as particularidades significativas observadas no que tange a relação das participantes com as fotografias dos filhos falecidos. Como aprofundamento da análise, é apresentado um capítulo de discussão com a literatura, no qual é desenvolvido um diálogo entre os dados obtidos e os achados de outros pesquisadores a partir de apontamentos da Logoterapia e das teorias sobre perdas e luto.

Vale considerar que, ao longo do estudo, muitas vezes refiro-me a filhos e filhas que foram a óbito em decorrência de morte não natural, pois, no início da pesquisa, julgava que ambos podiam ser inclusos no estudo não havendo critério de exclusão em relação ao sexo. Contudo, ao concluir a coleta, foi observado que todas as mães que participaram do estudo indicaram a morte de um filho, dado esse que corrobora as estatísticas atuais. (WAISELFISZ, 2014; 2016; CERQUEIRA et. al, 2018)

No que diz respeito à escolha das mães como colaboradoras do estudo, foram considerados resultados de estudos que apontam a perda de um filho (a) como mobilizador de intenso sofrimento para mães por diversas questões que serão aprofundadas a seguir (PARKES, 1998; 2009; CASELLATO, 2002; PANDOLFI, 2012).

1.2 Aproximação com o tema: reflexões sobre o cenário atual

Nas últimas décadas, têm-se observado uma crescente assustadora no que se refere aos números de jovens mortos por causas não naturais. Segundo a Organização Mundial da Saúde - OMS, a principal causa de mortes de jovens de 15 a 29 anos no mundo são os acidentes de transporte (OMS, 2016). No Brasil, as mortes no trânsito apresentam números expressivos, no entanto, os homicídios ocupam o lugar de principal causa de morte de jovens nessa faixa etária (CERQUEIRA et. al, 2018). Estudos como “O Mapa da Violência” e o “Atlas da Violência” apontam dados alarmantes sobre o assunto (WAISELFISZ, 2014; 2016; CERQUEIRA et. al, 2018).

Nestes estudos, são analisados dados sobre mortes decorrentes de causas não naturais, também conhecidas como mortes por causas externas. Estas resultam de lesões ou agravos letais à saúde, de forma intencional ou não intencional e podem ocorrer em diversas circunstâncias, sejam elas acidentais, como acidentes de transporte, ou violentas, como homicídios e suicídios (OMS, 2008; WAISELFISZ, 2014).

Segundo dados do Mapa da Violência, em 1980, do total de mortes de jovens no país, 50% foram provocadas por causas não naturais. Em 2012, dos 77.805 jovens mortos, 55.291 mortes ocorreram nestas circunstâncias, o que corresponde ao total de 71,1% de jovens, em sua maioria, vítimas de acidentes automobilísticos e homicídios.

Os dados sobre mortes causadas em acidentes de transporte crescem a cada ano. As estatísticas dos últimos anos colocam o Brasil na quarta posição dentre os países mais violentos no trânsito. Dados apresentados no Mapa da Violência publicado em 2014 apontam que o aumento do uso de motocicletas no país foi acompanhado por um crescimento exponencial de mortes de motociclistas. No ano 2000 foram 3.910 mortos em acidentes de moto que, em uma crescente desenfreada, chegaram a vitimar 16.223 motociclistas em 2012. O mais preocupante é que os estudos apontam para um crescimento contínuo destas vítimas para os próximos anos. Acredita-se que em 2020 serão aproximadamente 25,5 mil motociclistas mortos em acidentes de transporte (WAISELFISZ, 2014).

Com números ainda mais preocupantes, os homicídios ocupam o lugar de principal causa de morte de jovens de 15 a 29 anos no Brasil, sendo este um fenômeno que vem se agravando nas últimas décadas. Entre 1980 a 2016, 910 mil pessoas foram mortas por ferimentos causados por armas de fogo. No que tange a morte de jovens, foi observado um aumento de 23,3% na década de 2006-2016. Somente em 2016 foram registradas o total de 33.590 mortes de jovens de 15 a 29 anos, o que corresponde a 50,3% do total de óbitos nesta

faixa etária, com crescimento acentuado na região Norte registrado nos últimos quatro anos (CERQUEIRA et. al, 2018).

As estatísticas alarmantes chamam atenção para a quantidade de jovens que tiveram suas vidas ceifadas por causas não naturais, imprevistas e, em sua maioria, violentas. Este cenário traz uma questão importante a ser pensada: como estão vivendo as famílias e, principalmente, as mães que perderam seus filhos nessas circunstâncias? Waiselfisz (2014) afirma que a letalidade juvenil se configura como um grave problema de saúde. Para o autor, a morte precoce de jovens se reflete em um sofrimento silencioso e imensurável de milhares de famílias e comunidades enlutadas que sofrem, dentre outros fatores, pelos futuros interrompidos precocemente.

Considerando que a sociedade atual vive uma relação paradoxal com a morte que, ao mesmo tempo em que é escancarada em cada esquina e espetacularizada em noticiários, há um interdito, tornando a vivência do processo de luto uma tarefa árdua e, muitas vezes, solitária (ARIÈS, 1989; KOVÁCS, 2005; FERREIRA JUNIOR; PEREIRA, 2018). Pandolfi (2012) pontua que fatores culturais contemporâneos acentuam e favorecem a complicação da vivência do luto, tendo em vista que valorizam o controle emocional e reprovam manifestações de pesar, desconsiderando a morte e o luto como parte da vida. É como se o sofrimento proveniente da perda fosse contagioso e vergonhoso, portanto, deve permanecer oculto (KOURY, 2002).

Como um fator agravante deste processo, percebe-se na atualidade uma grande desvalorização dos rituais fúnebres e pós-morte, considerados de extrema importância para ressignificação da perda sofrida (KOURY, 2014; PANDOLFI, 2012). A ausência destes rituais coletivos relacionados à morte favorece ainda mais o interdito do sofrimento e isolamento do enlutado que se vê diante da necessidade de encontrar formas individualizadas de viver a dor da perda, honrar e preservar a memória do ente querido falecido, muitas vezes, como uma vivência unicamente privada (KOURY, 2002; 2005).

Para além das questões sociais e culturais que dificultam a vivência do luto outros fatores, como características da relação prévia com o falecido, circunstâncias em que a morte ocorreu, aspectos de personalidade e vulnerabilidades pessoais, podem complicar o luto, tornando o que seria, a princípio, um processo natural e esperado diante de uma perda significativa, em uma dor complexa e persistente (PARKES, 2009; MANFRINATO, 2011). As complicações do luto podem trazer importantes prejuízos sociais, laborais, familiares, dentre outras áreas importantes da vida do indivíduo, inclusive em adoecimentos físicos e psíquicos (PARKES, 2009).

Diante deste cenário, este estudo surge com o objetivo de desvelar as vivências de mães pela perda por morte não natural de um filho, assim como suas vivências frente às fotografias do filho que foi a óbito, levando-se em consideração a importância de dar voz a experiência de vida destas mulheres que fazem parte de uma parcela significativa da população que cresce a cada dia e está exposta a riscos psíquicos, físicos e sociais relevantes.

1.3 Apontamentos sobre luto materno

Ao longo da nossa existência construímos inúmeras relações, algumas delas antes mesmo de nascer, o vínculo que estabelecemos com nossos pais e familiares é um exemplo disso. O amor, em suas mais diversas nuances, é o que nos une uns aos outros, o sentimento que nutre nossos vínculos significativos. Parkes (1998; 2009) ressalta que o luto é o preço do amor, ao passo que a perda de uma relação significativa pode ser a mais profunda fonte de dor experimentada pela maioria das pessoas em suas vidas.

Dentre as diversas perdas vividas ao longo do ciclo vital, a morte de um ente querido talvez seja uma das mais impactantes, na medida em que envolve uma ruptura relacional definitiva que impossibilita o encontro com o outro e as trocas afetivas da forma como aconteciam até então (SOUZA; MOURA; PEDROSO, 2010). Segundo Kovács (2015, p. 153) esta perda é vivenciada como a "morte em vida", por trazer a necessidade de um defrontar-se com a finitude, mesmo não sendo a sua própria, esta experiência é sentida comumente como se uma parte de si tivesse morrido junto com aquele que se foi.

Perdas significativas pressupõem um processo de luto que pode ser entendido como um fenômeno natural e esperado diante desta vivência. É um processo que envolve uma série de reações emocionais, físicas, comportamentais, sociais, espirituais, dentre tantas outras que permeiam esta experiência inevitável frente à diversidade de acontecimentos que exigem rompimentos e ressignificações ao longo da vida (PARKES, 1998).

Em uma compreensão fenomenológica, o luto é vivido como a morte de um modo de relação entre o falecido e o enlutado, decorrente de uma ruptura que impõe a ausência física. Perde-se, para além do outro, formas habituais de existir em um mundo até então compartilhado, constituindo-se assim como a perda definitiva de inúmeras possibilidades de futuro (FREITAS, 2013; 2018).

Quando a morte se faz presente, a coexistência se torna memória, fazendo com que o enlutado muitas vezes vivencie um esvaziamento de sentidos do seu existir. Ainda que o mundo pareça esvaziado, o que ocorre é a descoberta de um novo mundo no qual a presença

do outro existe de uma forma diferente e, portanto, exige novos sentidos para essa relação, bem como a descoberta de novas formas de existir no mundo (FREITAS, 2013; 2018).

Perder alguém significativo implica em impactos importantes na existência dos sobreviventes. Perdem-se referenciais corpóreas, psíquicas, afetivas, espirituais, sociais, acarretando diversas mudanças no cotidiano (CORREA, 2012). Diante da irremediável ausência, a necessidade de reorganização da vida se faz urgente, tanto no que diz respeito aos sentimentos e emoções, quanto no que se refere às questões práticas do dia a dia e outras demandas que surgem frente ao vazio que fica no lugar de quem se foi (PARKES, 1998; CORREA, 2012; FREITAS; MICHEL, 2014). Freitas (2018) considera que o luto é a difícil tarefa de viver em um mundo agora desorganizado, ainda sim, aberto a novos sentidos, principalmente no que se refere a novas possibilidades de existir e conviver com a ausência do ente querido.

O que se observa é que o luto vem sendo estudado enquanto um processo ativo de construção de significados, no qual é necessário rever diversas questões vinculadas à identidade, crenças, relações sociais, assim como, a relação estabelecida com aquele que morreu (FRANCO, 2010; MAZORRA, 2009; FREITAS; MICHEL, 2014; FRANQUEIRA, 2013; PANDOLFI, 2012).

Estudos recentes vêm desconstruindo aquilo que outrora se acreditava ser o ideal para o luto enquanto processo com início, meio e fim, passível de superação. A literatura aponta que esta vivência pode não ter fim, tendo em vista que se constitui como processo em constante construção no qual lembranças, memórias e a saudade irão coexistir com outras demandas da vida cotidiana por tempo indeterminado (KOVÁCS, 2008; FREITAS, 2018).

Dentre as possibilidades de perdas que podem ser experienciadas ao longo do ciclo vital, a perda de um filho é aquela que nunca se espera viver. É descrita na literatura como uma experiência avassaladora que envolve um profundo sentimento de violação antinatural do que seria a ordem cronológica da vida (RANGEL, 2008). O vínculo entre mães e filhos é vivido como uma relação visceral, intensa e complexa. Portanto, o rompimento dessa relação por morte pode causar um intenso sofrimento de difícil enfrentamento e ressignificação da experiência de perda (FREITAS; MICHEL, 2014; CASELLATO, 2002).

Freitas e Michel (2014) destacam que as mães por eles entrevistadas trataram da relação com seus filhos como algo visceral e, ainda que laços de sangue não sejam de caráter essencial, tão pouco suficiente para a construção do vínculo entre mães e filhos, este termo está relacionado à função estruturante que um filho ocupa na vivência da maternidade, tornando este vínculo exclusividade da mulher-mãe.

Em estudo realizado por Rangel (2008) com mães e pais enlutados a pesquisadora verificou, em consonância com a literatura, que mães se mostraram mais afetadas pela perda de um filho, afirmando que elas estão fortemente interligadas aos filhos em virtude do vínculo natural e mútuo. A autora ressalta que tal vínculo origina uma forte representação social que permite e reconhece como aceitável o enlutamento materno.

Casellato (2002) destaca e Rangel (2008) corrobora que a perda de um filho é sempre imprevisível e, a despeito da causa morte, é percebida pelos pais como inapropriada e trágica, mesmo quando resultantes de um longo processo de adoecimento ou que tenha sido anunciada de alguma forma. Essa é uma experiência demarcada pela incoerência, pois acredita-se que os filhos é quem deveriam velar seus pais. Alguém que perde os pais, ou um deles, se torna órfão. Se o ente querido falecido é o(a) cônjuge, o(a) sobrevivente passa a ser viúva(o); e quando aquele que faleceu é um filho? Esse questionamento permanece sem resposta e mães, ainda que sem um novo status social, continuam mães só que de filhos mortos (FREITAS; MICHEL, 2014).

De acordo com Freitas (2000), esse se revela como luto intenso, que desperta um senso de irrealidade ao defrontar-se com a perda, capaz de causar um sofrimento impossível de ser descrito. A intensidade desse sofrimento faz com que os pais sintam como se tivessem perdido um pedaço de si, já que os filhos representam um vislumbre de futuro e, muitas vezes, a realização de algo pendente em suas próprias vidas. Por isso, é natural sentir que a morte do filho gera outras perdas significativas como o desmoronar de sonhos e perspectivas de futuro, a perda da função parental e com isso, parte importante de suas identidades (CASELLATO, 2002; MARTINS, 2001; FREITAS; MICHEL, 2014). Por ser um fenômeno multidimensional, o luto afeta, para além da esfera individual, também as esferas familiar e social, muitas vezes gerando repercussões catastróficas na vida da pessoa enlutada (CASELLATO, 2002; FRANQUEIRA; MAGALHÃES; FÉRES-CARNEIRO, 2015).

As circunstâncias em que ocorre a morte de um filho são um importante fator agravante a ser considerado na vivência do luto materno (FREITAS, 2000; RANGEL, 2008). Tipo de morte, o que causou e como ocorreu fazem dessas circunstâncias, independentemente de outros aspectos, um fator favorecedor de complicações no processo de luto (CASELLATO, 2002; PARKES, 2009).

O tipo de morte é um sinal de alerta no processo de luto. Mortes repentinas, inesperadas, perdas múltiplas, mortes violentas, tal qual mortes envolvendo a ação humana como suicídios e homicídios, são consideradas como um grande risco à saúde mental dos enlutados, mesmo na ausência de vulnerabilidades pessoais prévias (PARKES, 1998). Diante

da imprevisibilidade em que a maioria das mortes desta natureza ocorrem, a possibilidade de desorganização, paralisação e impotência do enlutado é real, tendo em vista a brusca ruptura de uma relação significativa sem que houvesse a oportunidade de preparo para essa vivência (KOVÁCS, 2015).

É com grande preocupação que se tem observado o aumento nos índices de mortes não naturais, como já citado anteriormente. Apesar dos avanços médico-tecnológicos e de estratégias de saúde preventivas e curativas, a cada dia que passa a morte tem tomado, cada vez mais, uma posição de destaque. Rangel (2008, p.24) chama atenção para as mortes provocadas pela "vontade humana", pois é por essa razão que muitas mortes ocorrem de forma súbita e precoce, contrariando o que seria o curso natural da vida.

Ao contrário do que ocorre em outros tipos de mortes anunciadas, aquelas que são resultantes de acidentes automobilísticos ou atos intencionais de violência, são especialmente de difícil elaboração na medida em que surpreendem e desorganizam o enlutado, trazendo consigo a impossibilidade de evitar o ocorrido. A morte violenta é a "morte escancarada", desperta o interesse da população e da mídia, invadindo a vida dos familiares enlutados que experimentam sentimentos confusos de inconformidade e incredulidade (ALVES, 2014. p. 135; JUNIOR; PEREIRA, 2018).

A família que sofre a perda de um ente querido se vê diante de uma drástica ruptura em seu equilíbrio familiar, o que exige uma reorganização frente à nova realidade imposta. Parkes (2009) afirma que a perda de um filho é o teste definitivo para o grupo familiar enquanto rede de suporte, assim como pode aproximar, também pode afastar seus membros. A depender de sua configuração, o luto desse sistema pode gerar consequências para os irmãos sobreviventes que, somada a dor da perda, sofrem também com a ausência emocional de um ou ambos os pais; já o casal, pode viver a expressão do pesar de diferentes formas e isso interferir na relação conjugal; assim como, a relação com outros familiares que estejam presentes naquele grupo e de alguma forma serão afetados pelo luto coletivo. Vale considerar que, por ser uma vivência ao mesmo tempo particular e coletiva, o luto familiar estará diretamente ligado à vivência de enlutamento individual de cada um dos seus membros (CASELLATO, 2002; RANGEL, 2014, FRANCO 2011).

O sofrimento vivido pela perda de um filho ultrapassa as fronteiras do grupo familiar, invadindo o contexto social do enlutado. Em virtude da intensidade e longa duração de sintomas relacionados ao luto, faz com que amigos, vizinhos e familiares se sintam constrangidos sem saber o que dizer ou como se portar diante da dor vivida e, muitas vezes, acabam por se distanciar. Esse constrangimento, somado às dificuldades de nossa sociedade

em lidar com a morte e os sentimentos inerentes ao processo de luto, faz com que as pessoas que sofrem com a dor da perda se sintam isoladas socialmente, sozinhas em seu sofrimento (CASELLATO, 2002; RANGEL, 2008; FRANQUEIRA, 2013; KOURY, 2002).

O distanciamento e rigidez dos rituais relacionados à morte vivido na atualidade tornam cada vez mais difícil a expressão do pesar. Essa forma contemporânea de lidar com a morte faz com que a dor do luto seja vivida de forma privada, breve, como se o sofrimento da pessoa enlutada devesse ser escamoteado e excluído do convívio social (MARTINS, 2001; KOURY, 2002; 2005; ARIÈS, 1989).

Na contramão das exigências sociais em relação ao sofrimento inerente à vivência de perda, mães que perdem filhos mostram que esta dor pode nunca ter fim, o que traz a necessidade de compreensão e suporte para que possam encontrar novas formas de existir no mundo, buscando sentidos e significados para a experiência de perda e ausência do filho falecido. (FREITAS; MICHEL, 2014; CASELLATO, 2002; RANGEL, 2008; PANDOLFI, 2012; FRANQUEIRA, 2013).

Na tentativa de dar sentido a essa vivência, mães enlutadas buscam significar a perda de diversas formas. Independentemente do passar do tempo, sinais de enlutamento parecem ser facilmente despertados ao entrar em contato com lembranças, pertences, fotografias, com antigos hábitos envolvendo a pessoa falecida ou amigos em comum (PARKES, 1998; CASELLATO, 2002). Casellato (2002) observa que a vontade de manter a ligação com o filho morto parece persistir indefinidamente.

Pandolfi (2012) buscou compreender a construção de significados vivenciados no processo de luto de mães que perderam filhos e/ou filhas, assim como da preservação de memórias destes após a sua morte. A pesquisadora identificou que as mães entrevistadas consideraram que manter pertences e imagens fotográficas foi uma das formas encontradas para abrandar a dor do luto. Tal autora destaca ainda que a persistência em manter o vínculo através de objetos e fotografias ligavam-nas afetivamente aos filhos e/ou filhas, revelando-se como um fator favorecedor da construção de significados em meio ao processo de luto.

Como resultado de sua pesquisa, Rangel (2008) constatou que entre os pais enlutados entrevistados havia um grande interesse em falar sobre as lembranças de seus filhos mortos, envolvendo lamentações relacionadas à perda e descrições de suas características, hábitos e ações em vida. Essa preocupação em preservar a memória dos filhos foi evidenciada principalmente por parte das mães que, como forma de manter, e até mesmo cultuar suas recordações, preservavam fotografias e vídeos, dentre outros objetos. No que se refere à fotografia, a autora refere ter identificado uma particularidade interessante: percebeu que

grande parte das mães tinha o hábito de espalhar fotografias pela casa, em alguns casos, as imagens dos filhos falecidos eram destinadas a um espaço especialmente reservado a eles.

A literatura mostra que preservar objetos, pertences e fotografias é um comportamento típico do processo de luto. Mesmo que não seja comum a todos os enlutados, acontecem geralmente com objetivo de preservar memórias do ente querido falecido, mantendo-as vivas e, assim, dando continuidade ao vínculo e impedindo que sejam esquecidos após sua morte (FREITAS; MICHEL, 2014; RANGEL, 2008; PANDOLFI, 2012; FRANQUEIRA, 2013; RUBY, 2001; KOURY, 2001; 2005).

1.4 Apontamentos sobre fotografia, morte e luto

Os registros imagéticos sempre estiveram presentes na história da humanidade como forma de comunicação e representação da vida e da morte (CAVALCANTI, 2014). Desde o seu surgimento no século XIX, a fotografia é utilizada como forma de registro e, aos poucos, passa a dividir um espaço até então dominado pelas pinturas e esculturas. Isso ocorre devido à fidedignidade com que o fotografado é retratado em uma imagem fotográfica, sendo este o fator decisivo para que o recurso ganhasse espaço na sociedade com o passar dos anos (SOARES, 2007).

No que tange à relação entre a fotografia e a morte, Barthes (1984) afirma que existe entre elas uma forte ligação. Para o autor, toda fotografia guarda em sua essência a morte, pois o instante ali capturado corresponde a um momento passado e, portanto, impossível de ser recuperado e revivido no presente. Ao mesmo tempo em que eterniza o momento ali registrado, comprovando sua existência, remete ao fato de que é impossível retroceder o tempo e revivê-lo tal qual fotografado (BARTHES, 1984).

Borges (2008) aponta que esta relação fica evidente quando se observa o uso de fotografias em ritos fúnebres. A autora apresenta um estudo com objetivo de investigar a significação simbólica na construção e manutenção da memória dos mortos a partir da relação entre morte e fotografia. Observa que nestes ritos se faz uso de imagens fotográficas das mais diversas formas, como utilizar fotos do morto, quando ainda vivos, nos túmulos ou mesmo em cartões distribuídos como lembranças aos presentes em cerimônias religiosas; arquivar fotos em álbuns de fotografia de família e optando por expor em porta retratos imagens do ente querido falecido. Para além disso, o uso da imagem do morto quando ainda vivo chama atenção para o hábito do registro fotográfico pré-morte no qual o moribundo é retratado pela

família em seus momentos finais de vida; e a fotografia mortuária em si a qual retrata o ente querido após o falecimento.

Santos (2015) chama atenção para o fato de a fotografia ter surgido em meio a mudanças da relação do homem com a morte, acentuando ainda mais o que Philippe Ariès (1989) chama de culto à recordação. Ainda segundo Santos (2015), ao afastar-se dos olhos e do convívio com os vivos, os mortos que até então eram enterrados próximos ao universo familiar, passam a ser enterrados em cemitérios distantes dos centros das cidades. Neste contexto, as fotografias surgem como forma de potencializar os vínculos familiares, favorecendo o resgate do passado de forma mais efetiva através de recordações das imagens de ente queridos falecidos, eternizando-os em retratos para as próximas gerações (SANTOS, 2015; ARIÈS, 1989).

Como forma de manter a recordação de seus mortos, é possível observar que a fotografia mortuária se tornou um hábito muito comum em sociedades ocidentais e se manteve fortemente até meados do século XX. Ela pode ser entendida como um registro de cunho familiar, privado, que tem por função a preservação da imagem do corpo de um ente querido falecido, registro esse feito em momentos antes do sepultamento. Koury (2016, p.12) enfatiza que convencionou-se chamar registros dessa natureza como “retratos ou álbuns de família”. Esta maneira de retratar os mortos surge como forma de guardar o último registro, muitas vezes o único, do familiar falecido junto aos seus no momento dos rituais fúnebres (KOURY, 2016; BORGES, 2008).

É possível observar que a literatura nacional está voltada para a compreensão do imaginário e representações sociais da morte a partir da fotografia mortuária e como esta faz parte do processo de luto. Koury (2006; 2016), Vailati (2006), Campos (2010), Soares (2007) e Zanella (2009), trabalham a fotografia mortuária sob diferentes aspectos, trazendo contribuições importantes para a compreensão do costume de fotografar os mortos, abordando suas representações e imaginário acerca da morte e do luto. D'Abronzo e Souza (2006) tratam da imagem fotográfica como recurso de registro e memória, considerando-a como a realidade da morte, tendo em vista que, ao mesmo tempo em que faz lembrar momentos vividos, traz à tona também lembranças sobre perdas sofridas.

Mauro Guilherme Koury, antropólogo brasileiro, dedicou cerca de dez anos de suas pesquisas a compreender o imaginário e o comportamento de habitantes de centros urbanos das capitais brasileiras em relação ao luto. O pesquisador ressalta ter observado que a imagem fotográfica se mostrou elemento importante na configuração do trabalho de luto (KOURY, 2005). Ao que parece, a fotografia em suas relações com a morte acaba

estabelecendo uma ligação afetiva nostálgica entre o olhar do sobrevivente e a presença eternizada em imagem do ente querido falecido (KOURY, 2005; MOREIRA LEITE, 2001; BARTHES, 1984).

A imagem fotografada é o vivido materializado e eternizado, a memória ao alcance das mãos. Diante de uma fotografia, é impossível negar que aquilo que está registrado não tenha existido (BARTHES, 1984; KOURY, 2017). Moreira Leite (2001) destaca que este é um recurso riquíssimo de conservação de memórias. Segundo a autora, o hábito de registrar momentos significativos faz com que as pessoas construam ao longo do tempo um grande acervo de recordações.

Sobre a fotografia, Mota e Pacheco (2005) afirmam que:

As fotografias são portadoras de informações, resgatam lembranças, geram memórias, criam possibilidades de narrativas; logo, não são objetos neutros ou sem historicidade. Estão marcadas por quem as produziu, pelo contexto recortado, pelos retratados, mas também por quem as observa, produzindo outros/novos sentidos para sua existência. (p. 7)

Por ser um recurso capaz de carregar consigo relações, afetos e memórias, a fotografia se torna parte importante no atravessamento do processo de luto. Jay-Ruby, pesquisador americano, em estudo desenvolvido na década de 1990 sobre fotografia e a morte, afirmou não ter encontrado até então estudos realizados por especialistas sobre o papel da fotografia no processo de luto; ainda assim, o autor acredita que as imagens fotográficas podem ter um papel importante na vivência do luto (RUBY, 2001).

Sobre esta questão, Borges (2008) refere ter encontrado diferentes formas de utilização do recurso fotográfico em meio ao processo de luto, desde aquelas famílias que optam por não olhar e manter guardadas as imagens do ente querido falecido, até o outro extremo em que famílias preferem exibir as fotos constantemente, como forma de favorecer a aceitação da perda. Em todo caso, a autora considera que o uso das imagens é um meio de ressignificação e elaboração do luto.

A utilização da fotografia enquanto recurso favorecedor do processo de luto é explorada por estudos internacionais, principalmente no que se refere a perdas neonatais e perinatais, ou seja, pais enlutados pela perda de um filho antes, durante ou pouco tempo após o nascimento. As pesquisas apontam que o uso do recurso fotográfico, feito geralmente pós morte, favorece a construção de memórias e pode contribuir para significação da perda sofrida e, em alguns casos, é um serviço oferecido pela própria equipe de saúde aos pais enlutados (BLOOD; CACCIATORE, 2014; MANDER; MARSHALL, 2003; ALEXANDER, 2001;

RICHES; DAWSON, 1998; MEREDITH et. al., 2006; SMART, 1994). No Brasil, relatos de pesquisas sobre a utilização de fotografias como recurso em casos de perdas desta natureza ainda se configuram como iniciativas pontuais (SOUZA et al, 2007).

Por ser um recurso carregado de significados, a fotografia é uma comprovação de que o ente querido falecido existiu e, além de favorecer o acesso às lembranças, em casos de perdas de filhos, possibilita que os pais possam apresentá-los às pessoas que não os conheceram e, assim, confirmar seu status de pais enlutados (FRANQUEIRA, 2013).

Em 2014, Freitas e Michel, realizaram estudo com mães enlutadas e afirmam também ter encontrado interesse, por parte das entrevistadas, em preservar memórias dos filhos falecidos através de objetos e fotografias e sugerem a realização de outros estudos envolvendo esta temática tendo em vista o caráter mobilizador de vários outros aspectos na vida de mães enlutadas (FREITAS; MICHEL, 2014).

Na contramão de dados predominantes da literatura, White & Fessler (2013) apresentam uma visão diferente sobre a fotografia no luto. Para os autores, a visualização frequente de imagens fotográficas do ente querido falecido é um fator importante para uma evolução desfavorável do processo de luto, o que remete à ambiguidade vivida ao defrontar-se com fotografias de um ente querido falecido, constituindo-se, portanto, como um importante contraponto a ser destacado e melhor compreendido.

De fato, a relação entre fotografia e memória é uma grande ambiguidade quando se trata da morte. Ao transformar o real em uma fidedigna representação deste, convida o observador a contemplá-la, o que pode remeter-lhe ora ao consolo pela presentificação de um passado vivido, ora à tormenta por trazer à tona lembranças da ausência real e imutável (KOURY, 2017).

Não há uma única forma capaz de favorecer a vivência do luto que seja considerada ideal, cada enlutado viverá sua experiência de perda de maneira individual e encontrará seus próprios recursos para significá-la e ressignificar sua existência frente à ausência de seu ente querido (FREITAS, 2018). A utilização de fotografias se apresenta como uma possibilidade que guarda consigo suas contradições e ambiguidades, logo, se faz necessário ampliar a compreensão quanto à utilização deste recurso como parte da vivência de luto.

1.5 Contribuições da Logoterapia para a compreensão do sofrimento

A Logoterapia é um sistema teórico-prático de fundamentação fenomenológica, centrada no sentido da existência e na busca do ser humano em realizá-lo. Criada por Viktor Emil Frankl (1905-1997) a teoria, também conhecida como Psicoterapia do Sentido da Vida, propõe uma compreensão da existência a partir de fenômenos tipicamente humanos (FRANKL, 2015; MOREIRA; HOLANDA, 2010; SANTOS, 2016).

Frankl ficou mundialmente conhecido após a publicação de seu livro “Em busca de sentido”, originalmente publicado em 1946, no qual relata sua experiência enquanto sobrevivente à Segunda Guerra Mundial, servindo como base de validação aos conceitos que já vinha desenvolvendo desde a década de 1920 e que mais tarde viria a se tornar uma metodologia psicoterapêutica descrita em sua extensa literatura (AQUINO, 2015).

A seguir serão descritos conceitos fundamentais que, de forma sucinta, podem ser compreendidos a partir das três tríades. A primeira delas faz referência aos conceitos de *liberdade de vontade, vontade de sentido e sentido da vida*. Este último é alcançado por meio da segunda tríade de conceitos: *valores criativos, vivenciais e atitudinais*. A terceira, chamada de *tríade trágica*, surge a partir do desmembramento dos valores atitudinais, são eles: atitudes significativas frente a dor, a culpa e a morte (FRANKL, 2011).

Sobre a concepção de homem em Logoterapia, esta diverge das demais concepções psicológicas postas até então. Por ampliar a visão do ser humano, o compreende em sua totalidade, enquanto um ser dinâmico. Considera que, para além das dimensões física e psíquica, existe a dimensão espiritual, também chamada de dimensão noética, que é a responsável pelos fenômenos tipicamente humanos, tais como a consciência valorativa, a liberdade, a responsabilidade, a intencionalidade, a preocupação com o sentido da vida, dentre outros (FRANKL, 2011; MOREIRA; HOLANDA, 2010; AQUINO, 2015; SANTOS, 2016).

Ao introduzir a dimensão noética, Frankl integra o ser humano em uma unidade biopsicosocionoética. A partir de então, a pessoa não mais pode ser vista como reduzida a processos psicológicos, sociológicos ou somáticos, passa a ser também concebida como uma unidade plural, na qual a dimensão noética exerce a função de “núcleo integrador do ser humano” (AQUINO, 2013. p. 45). Nesta perspectiva, o homem se difere dos demais seres vivos pela sua capacidade de atribuir valores e tomar posicionamentos diante das circunstâncias, ao passo que é um ser livre e responsável, impulsionado pela busca de sentidos (FRANKL, 2011; 2015; AQUINO, 2013; SOUZA; GOMES, 2012).

Frankl constata que a busca por esse sentido é a principal força motivadora do ser humano, tendo em vista a existência de um sentido potencial em todas as circunstâncias da vida, inclusive em situações extremamente desfavoráveis (FRANKL, 2011; 2015; AQUINO, 2010). Ele afirma:

Se é que a vida tem sentido, também o sofrimento necessariamente o terá. Afinal de contas, o sofrimento faz parte da vida, de alguma forma, do mesmo modo que o destino e a morte. [...] Sempre e em toda parte a pessoa está colocada diante da decisão de transformar a sua situação de mero sofrimento numa realização interior de valores (FRANKL, 2015. p. 90-91).

Ao falar de sentido, Frankl faz referência ao significado, ou seja, a busca de um propósito ou mesmo uma finalidade (MOREIRA; HOLANDA, 2010). Este é exclusivo e específico, é único para cada pessoa e circunscrito a um dado momento (FRANKL, 2015). Esta busca por sentidos, própria do ser humano, está ancorada aos três conceitos fundamentais da Logoterapia, considerados os três pilares da concepção de homem desta teoria: *liberdade de vontade, vontade de sentido e sentido da vida* (FRANKL, 2011; 2015).

O ser humano é livre e responsável, portanto, capaz de responder às circunstâncias que a vida lhe apresenta e, consciente de sua liberdade, é capaz de posicionar-se diante das situações postas, escolhendo atribuir-lhes, ou não, valores. Ao conceber o humano enquanto consciente e responsável estamos diante da *liberdade de vontade*, tendo em vista que independente das condições impostas no mundo, ele não perde a capacidade de posicionar-se perante o destino (AQUINO, 2013).

A *vontade de sentido* pode ser compreendida como a necessidade constante de busca pelo sentido da vida, a motivação primeira e última do indivíduo. Para Frankl, esta busca pode gerar tensão ao invés de equilíbrio interior. Esta tensão existencial gerada entre o “ser” (aquilo que se é) e o “dever-ser” (aquilo que se pretende alcançar) é necessária e saudável. Chama esta dinâmica existencial polarizada entre o sentido potencial a ser realizado e a pessoa a realizá-lo de *noodinâmica*, sendo esta um fator indispensável para a saúde mental do indivíduo (FRANKL, 2015; AQUINO, 2013; 2010).

Para Moreira e Holanda (2010), o que o ser humano necessita não é de um estado livre de tensões (homeostase), e sim tensão gerada pela busca por um propósito, uma tarefa livremente escolhida por ele, reafirmando a importância da *noodinâmica* para o ser humano. Ao manter-se aberto à descoberta de sentidos e a possibilidade de realizá-los, torna-se capaz de captar no mundo significados potencialmente realizadores (CORREA, 2012).

O *sentido da vida* é aquilo que atribui um significado à vida humana. Frankl considera que cada pessoa tem sua própria missão e nela consta um sentido singular e irrepetível. Ele é único, variável de pessoa para pessoa e de situação para situação. É objetivo e concreto, portanto, impossível de ser inventado ou atribuído por outra pessoa, ele está no mundo e precisa ser descoberto. Não há um sentido universal da vida, há sentidos singulares para situações individualmente vividas. Para a Logoterapia, cada situação da vida se constitui enquanto um desafio que guarda um sentido em potencial a ser encontrado e realizado por cada pessoa (FRANKL, 1989; 2011; 2015).

Partindo do princípio de que o verdadeiro sentido da vida está no mundo e não em si mesmo, o ser humano é impulsionado para fora de si nesta busca. Frankl chama esta característica de autotranscendência, considerando-a a essência da existência humana (FRANKL, 2015). Sobre essa questão, ele pontua:

Ela denota o fato de que o ser humano sempre aponta e se dirige para algo ou alguém diferente de si mesmo – seja um sentido a realizar ou outro ser humano a encontrar. Quanto mais a pessoa esquece de si mesma – dedicando-se a ser uma causa ou amar outra pessoa – mais humana será e mais se realizará (FRANKL, 2015, p. 135).

Ao lançar-se para fora de si em busca do sentido da vida, a descoberta é orientada através da realização de valores. Consciente de sua responsabilidade e liberdade para posicionar-se, a pessoa é atraída por valores que podem ser realizados através de *valores criativos, valores vivenciais ou valores atitudinais*, a segunda tríade de conceitos (FRANKL, 2015).

Os *valores criativos* são aqueles realizados através do engajamento em uma tarefa, geralmente se realiza por meio de um trabalho ou da realização de um ato. Segundo Frankl, é aquilo que eu posso oferecer ao mundo (FRANKL, 2015). O trabalho ganha um lugar de destaque, pois se encontra no primeiro plano na vida da maioria das pessoas e, geralmente, coincide com a atividade laboral. Entretanto, não se trata do que se faz em si, mas de como se faz, o valor que se atribui à tarefa exercida (SANTOS, 2016).

Os *valores vivenciais* são mais amplos, realizados quando algo é experimentado ou pelo encontro com alguém. Aqui Frankl destaca o sentido do amor como a única maneira verdadeiramente capaz de captar o outro, em sua essência e potencialidades. É através do amor que um ser humano é capaz de captar o que há de mais profundo no ser amado, inclusive aspectos que não são claros, ainda sim, existem em potencial. Desta forma, favorece que o ser amado possa realizar suas potencialidades (FRANKL, 2015).

Os *valores atitudinais* referem-se ao posicionamento que se toma diante de situações adversas, fatalidades, impossíveis de serem alteradas. Ainda que tudo esteja desfavorável, o ser humano guarda consigo sua liberdade última: a liberdade de assumir um posicionamento alternativo frente ao sofrimento inevitável (FRANKL, 2015).

Frankl subdivide os valores atitudinais em três aspectos que chamou de *tríade trágica: sofrimento, culpa e morte*. Considera que não há um único ser humano que nunca tenha sofrido, jamais tenha errado ou que seja imortal. Para o autor, a atitude a ser tomada diante do sofrimento refere-se à postura tomada diante do destino imutável; sobre a culpa, destaca que o posicionamento se faz necessário frente a si mesmo ao assumir uma atitude perante seus erros, fazendo uso da capacidade de transformar-se; e no que tange a morte, faz referência à transitoriedade da vida. Diante da efemeridade da vida, considera o passado como parte importante da história do ser humano, tudo o que nele foi vivido não se apaga, está preservado e eternizado na existência (FRANKL, 2011).

Em situações inevitavelmente dolorosas, a questão não é negar a dor, ou mascará-la, mas enfrentá-la com dignidade, ao passo que o sofrimento é parte da vida e traz consigo sentidos potenciais a serem realizados. Frankl sinaliza que diante da dor inevitável, é possível assumir uma atitude, tornando-a uma conquista humana. Em sua célebre frase “Quando já não somos capazes de mudar uma situação [...] somos desafiados a mudar a nós próprios”, chama atenção para a potencialidade humana de transformar o sofrimento atribuindo sentido à dor vivida (FRANKL, 2011; 2015).

As diferentes circunstâncias da vida vão exigir diferentes posicionamentos. Em um momento o trabalho pode ser pleno de sentidos, em outro, a experiência de encontrar alguém, amar e ser amado, ou mesmo quando nada mais restar, assumir com bravura uma atitude diante da dor buscando assim, a realização plena de valores. Independentemente da situação vivida, o sentido da vida é incondicional, portanto, possível de ser realizado em qualquer que seja a circunstância posta (FRANKL, 2011; 2015).

Diante de uma compreensão logoterápica, o ser humano é responsável pelo que escolhe fazer, por quem escolhe amar e por como se posiciona frente às suas dores ao longo da vida, portanto, sendo capaz de realizar valores e tornar sua existência plena de sentidos (FRANKL, 2011). Ao defrontar-se com circunstâncias capazes de abalar e, por vezes, destruir a existência considerada até então plena de sentidos, ainda assim, é possível ao ser humano escolher realizar sentidos e buscar novos propósitos para a existência que permanece em constante reconstrução.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

2.1 Objetivo

Desvelar as vivências de mães pela perda por morte não natural de um (a) filho (a), assim como suas vivências frente às fotografias do(a) filho(a) que foi a óbito.

2.2 Escolha do Método

Para o alcance dos objetivos propostos, optamos por realizar uma pesquisa qualitativa de orientação fenomenológica, visando acessar a subjetividade humana dando voz às diversas dimensões do vivido, trazendo à tona fenômenos não mensuráveis através de estudos sistemáticos tradicionais nos moldes de ciência positiva. Neste contexto, elegeu-se ter como principal foco não o sujeito ou o mundo separadamente, e sim o mundo enquanto vivido e significado pelo sujeito (DARTIGUES, 1973; HOLANDA, 2011).

Para Martins e Bicudo (1989), a pesquisa qualitativa é aquela que busca uma compreensão única e particular daquilo que se pretende estudar, portanto, a generalização é de certa forma abandonada e o foco de atenção passa a ser naquilo que é específico, peculiar do indivíduo, alcançado por meio de uma compreensão e não explicação dos fenômenos estudados. Em pesquisas qualitativas fenomenológicas não se fazem análises a priori, o pesquisador não constrói hipóteses sobre aquilo que busca compreender, pelo contrário, ele procura ver o fenômeno tal qual ele se apresenta em termos de significado e, a partir de então, tece uma análise acerca do mesmo.

Ainda de acordo com os autores acima citados, o termo *fenômeno* pode ser entendido como aquilo que é manifesto, que se mostra em si mesmo e por ter foco na compreensão do fenômeno tal qual ele se apresenta é que a pesquisa qualitativa fenomenológica se configura como de natureza descritiva (MARTINS; BICUDO, 1989).

Para Holanda (2006), o método fenomenológico se constitui enquanto uma abordagem descritiva por considerar que o fenômeno é capaz de falar por si e, partindo dele, é possível alcançar aquilo que a experiência significa para a pessoa que a vivencia e, portanto, estão aptas a dar uma descrição compreensiva desta. A partir das descrições individuais são extraídos significados universais, sendo esses a "essência" das experiências. A essência de uma dada experiência é constituída por aqueles elementos passíveis de ser tornados comuns à experiência humana. Vale ressaltar que tal essência se dá em sua dimensão vivencial, em sua

totalidade, e só é possível apreendê-la a partir da descrição do próprio sujeito vivente (HOLANDA, 2011).

O acesso à vivência, e conseqüentemente à essência do fenômeno, ocorre na dimensão intersubjetiva estabelecida por meio da relação de pesquisa, na qual o pesquisador se mostra ativo no ato de pesquisar, tornando-se coparticipante junto ao participante vivencial, já que ambos são, naquele momento, sujeitos intencionais. Esta forma de se posicionar, por parte do pesquisador, é uma particularidade de pesquisas fenomenológicas e é considerada de fundamental importância, visto que a possibilidade de atuar como facilitador de acesso ao vivido favorece um espaço propício para que a pessoa fale de sua experiência, muitas vezes, nunca antes expressada de forma efetiva (HOLANDA, 2011).

A intencionalidade é tida como característica fundamental da consciência que, por sua vez, está sempre projetada para fora de si, direcionada a um objeto, seja ele uma percepção, sentimento ou recordação, por exemplo. Para Giorgi e Sousa (2010), este conceito desenvolvido por Edmund Husserl, é um princípio fundamental para se compreender um objeto de estudo dentro da Psicologia Fenomenológica.

Outro aspecto indispensável a ser considerado para a utilização adequada do método fenomenológico é a *epoché*, que pode ser entendida como a postura do pesquisador em adotar a suspensão de uma atitude natural ao colocar entre parênteses suas crenças, valores e julgamentos, assim como o conhecimento prévio acerca do fenômeno estudado. Tal atitude não diz respeito a negar o mundo e sim de alterar a forma como lidamos com ele a fim de favorecer uma atitude que promova a explicitação do fenômeno estudado (GIORGI; SOUSA, 2010).

A *epoché*, está intimamente ligada à *redução fenomenológica*, sendo esta a tarefa de uma consciência crítica que, a partir da suspensão da atitude natural, mantém o foco no objeto investigado, tal qual ele surge à consciência intentando alcançar a essência das vivências intencionais. A redução implica em um duplo movimento de focar no fenômeno tal qual ele se apresenta à consciência e, também, realizar uma análise descritiva da subjetividade do ato intencional, o que permitirá que o objeto seja compreendido como é expressado no ato intencional (GIORGI; SOUSA, 2010). Para Andrade e Holanda (2010), a redução fenomenológica é o que torna o fenômeno compreensível e o legitima cientificamente.

Em pesquisas desta natureza o pesquisador faz um mergulho em busca de conhecer, compreender e descrever o fenômeno estudado tal qual ele se apresenta enquanto vivido e significado, mantendo-se sempre orientado à descoberta (ANDRADE; HOLANDA, 2010).

Para Freitas (2018), o processo de luto é uma experiência existencial única e, portanto, incompatível com compreensões a priori que determinam etapas e experiências pré-estabelecidas que se constituem como efeito de uma perda. Diante disso, se faz necessário que o pesquisador empreenda um mergulho em busca de conhecer, compreender e descrever o fenômeno estudado tal qual ele se apresenta, enquanto vivido e significado, mantendo-se sempre orientado à descoberta (ANDRADE; HOLANDA, 2010).

2.3 Participantes

Foram eleitas como participantes deste estudo mães que perderam filhos jovens adultos (18 a 29 anos⁵), cujo óbito tenha sido decorrente de causas não naturais, ou seja, mortes causadas por acidentes e atos de violência.

Para tanto, foram utilizados os seguintes critérios de inclusão:

- Mulheres que perderam filhos jovens adultos (18 a 29 anos) cuja morte tenha sido decorrente de causas não naturais;
- Que tenham preservado fotografias do(a) filho(a) já falecido(a);
- Tempo decorrido após a perda maior que 1 ano.

Como critérios de exclusão foram considerados: não concordar em falar de suas vivências livremente; residir fora da região metropolitana de Belém; ter perdido um filho(a) por morte de causas naturais ou ainda crianças e adolescentes. A respeito do critério de exclusão “residir fora da região metropolitana de Belém”, este foi considerado a posteriori, visto que pessoas residentes em outros estados do Brasil mostraram-se interessadas em contribuir com o estudo. Contudo, devido à complexidade do tema da entrevista, priorizamos o encontro presencial, pesquisador – colaborador, orientando essas mães que buscassem os serviços de assistência em saúde de sua cidade, caso necessário, e ainda colocando-me a disposição para ouvi-las naquele momento, mesmo sem a inclusão dessas no estudo.

Para seleção dessa amostra o estudo foi divulgado nas clínicas escola de psicologia existentes na região metropolitana de Belém e em meio virtual, juntamente com o convite para participar da pesquisa e os contatos da pesquisadora. A inclusão das colaboradoras atendeu a ordem de chegada com que procuraram a pesquisadora e, também, considerando

⁵ De acordo com o Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013) são considerados jovens as pessoas com idade entre 15 a 29 anos. Para o alcance dos objetivos propostos por essa pesquisa, optou-se por limitar a faixa etária de filhos falecidos em 18 a 29 anos.

aquelas que atendiam os critérios de inclusão no estudo. Durante o período de coleta dos dados, três dessas atenderam esses critérios.

Portanto, tendo em vista a natureza qualitativa fenomenológica do estudo, foram selecionadas três participantes, levando em consideração que, nesta modalidade de pesquisa, a amostra não é legitimada pela quantidade de participantes e sim pela qualidade de sua expressão. Assim sendo, a quantidade nesta modalidade de pesquisa responde a um critério qualitativo, definido essencialmente pela necessidade do processo de conhecimento que surge no decorrer da pesquisa (GONZÁLES REY, 2011).

2.4 Instrumento: a entrevista fenomenológica

A utilização de uma entrevista aberta teve como objetivo oferecer um espaço de escuta favorável à livre expressão das participantes e, a partir deste encontro, acessar o fenômeno tal qual ele se apresentara. A questão disparadora funcionou como um ponto de partida para o acesso ao vivido partindo do princípio de que é através da indagação que o vivido se manifestará. Para tanto, se fez necessária a adaptação das perguntas para uma linguagem cotidiana, sem a utilização de termos técnicos ou científicos, a fim de favorecer a compreensão dos participantes (AMATUZZI, 2011).

Para tanto, nosso instrumento de pesquisa foi uma entrevista aberta de orientação fenomenológica, norteadas por questões temáticas disparadoras:

- *Fale-me sobre como é ter perdido um filho(a)?; e sobre sua relação com as fotografias de (nome da pessoa falecida)?*
- *Como foi, para você, falar sobre a perda do(a) seu(a) filho(a) por meio de fotografias?*

Para Giorgi e Sousa (2010), o objetivo principal da entrevista realizada em uma pesquisa fenomenológica é a descrição, a mais completa possível, da experiência vivida pelos participantes sobre um determinado fenômeno em foco. Ela se apresenta como um recurso amplamente utilizado em pesquisas fenomenológicas tendo em vista que é um instrumento que permite ao pesquisador explorar a experiência vivida e os sentidos a ela atribuídos por cada entrevistado e, ainda, perceber como diferentes participantes experienciam determinado fenômeno comum a eles (ANDRADE; HOLANDA, 2010).

Dentro da perspectiva fenomenológica, o entrevistador/pesquisador exerce um papel ativo, sendo facilitador do acesso ao vivido. Logo, apenas fazer a pergunta disparadora e permitir que a entrevista siga por si só não é o suficiente. É necessário ser não apenas

ouvinte, mas mostrar-se ativo, atento, empático, deixando em suspenso suas crenças e julgamentos, fazendo uso da redução fenomenológica e favorecendo uma progressiva aproximação do participante com a sua experiência vivida (FUJISAKA, 2014; BRUNS; HOLANDA, 2011).

Partindo do princípio de que a experiência é significada por cada um de maneira muito particular, a entrevista se apresentou como instrumento valioso, principalmente devido à possibilidade de permanecer aberta a percorrer caminhos inesperados guiados pelos sentidos atribuídos ao fenômeno estudado por cada uma das mulheres participantes, podendo levar o pesquisador ao alcance de resultados novos e imprevistos (ANDRADE; HOLANDA, 2010).

2.5 Procedimentos

Seguindo os preceitos éticos dispostos na resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde – Ministério da Saúde (CNS - MS) e mediante aprovação da pesquisa na Plataforma Brasil e pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Pará (CEP/UFPA) – parecer de número 2.174.044 – realizamos a coleta de dados no período de novembro de 2017 a janeiro de 2018.

Após a divulgação da pesquisa nas universidades, clínicas escola de psicologia de Belém e região metropolitana e em meio virtual (e-mail e divulgação em redes sociais), a procura espontânea ocorreu de forma inesperada. Mulheres de diferentes lugares do Brasil fizeram contato manifestando interesse em participar da pesquisa. Foram 33 contatos vindos do Pará, Amapá, Maranhão, Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul, São Paulo e Minas Geras. Porém, eram, em sua maioria, histórias de dolorosas perdas de crianças, dentre outros aspectos que não se enquadravam nos critérios previamente estabelecidos.

Três mulheres foram selecionadas como participantes, conforme critérios de inclusão e mediante o aceite em fornecer seus depoimentos sobre a perda vivida. As demais mulheres que manifestaram interesse em participar da pesquisa foram orientadas quanto a possibilidade de buscar atendimento psicológico e grupos de suporte, nos casos em que a pessoa residia em outros estados que não o Pará.

Mediante a concordância em participar, foi marcado o primeiro encontro para apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE e, em seguida, a realização da entrevista. O segundo encontro foi agendado respeitando os mesmos critérios já citados acima e teve como objetivo realizar entrevista devolutiva com a participante.

A coleta de dados ocorreu em dois encontros, em local e data previamente acordado com cada uma das participantes. Com duas delas as entrevistas foram realizadas em suas residências e com uma delas em seu local de trabalho. O tempo de duração das entrevistas variou de 48 minutos a 103 minutos. Todas foram gravadas, posteriormente transcritas na íntegra e analisadas. Como forma de preservar suas identidades, as participantes receberam nomes fictícios de Maria de Nazaré, Maria do Socorro e Maria da Graça.

2.6. Análise dos Dados

A compreensão dos dados foi feita a partir da análise fenomenológica proposta por Amedeo Giorgi (GIORGI; SOUSA, 2010). Entende-se aqui “compreensão” como uma coapreensão ou mesmo a *apreensão-com*, na tentativa de apreender a totalidade do fenômeno e, para tanto, deve-se fazer uso dos aspectos fundamentais da análise já explicitados anteriormente: *epoché*, a *redução fenomenológica*, a *análise eidética*, a *dimensão descritiva e o caráter intersubjetivo* (HOLANDA, 2011; GIORGI; SOUSA, 2010).

Partindo para a análise em si, os depoimentos coletados foram analisados seguindo as quatro etapas a seguir descritas (GIORGI; SOUSA, 2010):

- Primeira etapa: A busca pelo sentido do todo.

Esta etapa consiste em realizar uma leitura global da descrição com objetivo de apreender o sentido geral do todo. Para que isso ocorra, é necessário fazer uma compreensão da linguagem de quem descreve a experiência a despeito de qualquer tentativa de identificar unidades significativas.

- Segunda etapa: Divisão dos relatos em unidades de significados.

Após a apreensão do sentido geral, o pesquisador irá realizar exaustivas leituras do material para que possa discriminar unidades significativas a partir de uma perspectiva psicológica focada no fenômeno pesquisado. Tendo em vista a impossibilidade de analisar o texto por inteiro simultaneamente, é importante dividi-lo em unidades significativas que irão emergir sempre que for percebido uma mudança psicologicamente sensível de significado da situação para o sujeito.

- Terceira etapa: transformação das unidades de significado em expressões de caráter psicológico, com ênfase no fenômeno em foco.

É nesta etapa que o pesquisador irá extrair da linguagem cotidiana expressada nos depoimentos o sentido psicológico nela contido, dando ênfase ao fenômeno em estudo.

- Quarta etapa: formulação de uma síntese das unidades significativas denominada como síntese de estrutura da experiência.

Nesta última etapa, formulou-se uma síntese das unidades significativas, intentando transformá-las em uma declaração consistente da significação psicológica dos fenômenos observados a partir da experiência das participantes. Esta síntese recebe o nome de estrutura da experiência. Para tanto, foi necessário reagrupar os constitutivos relevantes a fim de concluir uma análise da estrutura do fenômeno, considerando todas as unidades de significados transformadas anteriormente. Para Andrade e Holanda (2010), o modelo proposto por Giorgi é capaz de expressar satisfatoriamente as possibilidades que o método fenomenológico tem de acesso ao mundo vivido.

3 O QUE SE DESVELA

3.1 Apresentação das Participantes

Maria de Nazaré

Nazaré perdeu o filho, José, há nove anos. Vítima de um ferimento por arma de fogo, o jovem morreu aos 26 anos. Refere que o filho foi morto por engano e que, para além da dor da perda, se viu diante da necessidade de fazer justiça e provar a inocência do rapaz. Nesta busca, engajou-se em uma ONG que auxilia famílias que, assim como ela, também perderam um ente querido vítima de violência, e estão percorrendo os caminhos legais na luta por justiça.

Além de José, Nazaré é mãe de Luís. Casada, católica e uma das principais responsáveis pelas atividades ligadas à ONG onde desenvolve trabalho voluntário. Foi através da divulgação da pesquisa para o grupo de famílias integrantes desta ONG que tomou conhecimento da mesma e se voluntariou a participar.

As pessoas citadas em suas entrevistas receberam os seguintes nomes fictícios:

- Participante 1: Maria de Nazaré (Nazaré)
- Filho falecido: José
- Filho vivo: Luís
- Marido: Pedro
- Namorada do filho falecido: Bianca

Maria do Socorro

Socorro perdeu o filho, João, 22 anos, há aproximadamente dois anos, na madrugada de uma data significativa: dia das mães. Conta que foi morto por engano, vítima de um ferimento por arma de fogo. Refere que as circunstâncias de morte lhe causam grande sofrimento.

Além de João, Socorro é mãe de Paulo e Camila. Casada, evangélica, trabalha como assessora parlamentar e, após a morte de João, retomou a faculdade de Pedagogia. Tomou conhecimento da pesquisa através da divulgação feita dentre as famílias integrantes da ONG, da qual ela e Nazaré fazem parte.

As pessoas citadas em suas entrevistas receberam os seguintes nomes fictícios:

- Participante 2: Maria do Socorro (Socorro)
- Filho falecido: João
- Filho vivo: Paulo
- Filha viva: Camila
- Neta: Ana

Maria da Graça

Graça perdeu o filho caçula, Mateus, 22 anos, vítima de um acidente automobilístico (moto X micro-ônibus) há aproximadamente dois anos. Conta que na ocasião, o filho estava a caminho de casa, acompanhado da irmã, quando um micro-ônibus fez uma ultrapassagem indevida provocando o acidente.

Além de Mateus, Graça é mãe de Mariana e Marcos. Divorciada, segue a doutrina espírita, exerce atividade laboral como secretária e atua voluntariamente no Centro Espírita que frequenta. Tomou conhecimento da pesquisa através de uma amiga que viu divulgação via internet e fez contato telefônico comigo, demonstrando grande interesse em ser entrevistada.

As pessoas citadas em suas entrevistas receberam os seguintes nomes fictícios:

- Participante 3: Maria da Graça (Graça)
- Filho falecido: Mateus
- Filho vivo: Marcos
- Filha viva: Marina
- Namorada de Mateus: Amanda
- Namorada de Marcos: Paula

3.2 Compreensão das vivências

Os depoimentos coletados a partir das entrevistas revelaram-se um material extenso e complexo, exigindo tempo, dedicação e afincamento em cada uma das etapas de análise. Após a conclusão das etapas de apreensão do sentido do todo (Passo 1), divisão do relato em unidades de significado (Passo 2) e transformação das unidades de significado em expressões de caráter psicológico (Passo 3), foi realizada a construção de uma estrutura geral de significados psicológicos (Passo 4). Por consistir em um material de grande importância, porém, extenso demais para integrar o corpo do texto, este será disponibilizado em anexos

(ANEXOS 1, 2 e 3) para melhor compreensão das etapas até então realizadas.

A seguir, apresentaremos a Estrutura Geral de Significados a qual reúne as constituintes essenciais comuns às vivências das três participantes. Vale ressaltar que a vivência da perda de um filho é repleta de nuances, cada mãe vivencia este momento de maneira individual, principalmente no que se refere à relação com a fotografia, foco principal desta pesquisa. Portanto, para além das constituintes essenciais comuns a seguir apresentadas, foi observada a necessidade de também abordar as particularidades encontradas nos depoimentos que são essenciais para a compreensão do fenômeno em questão.

3.2.1 Estrutura Geral de Significados Psicológicos

A vivência da perda de um filho é descrita pelas participantes como uma ideia inconcebível, afinal, contraria o que é considerado como o ciclo natural da vida, no qual pais deveriam morrer antes dos filhos. É uma dor visceral, como se um pedaço de si também morresse, deixando forte sensação de ausência e incompletude a partir de então. Independente do passar do tempo, a dor é constante, vivida como uma dor eterna e, muitas vezes, solitária por ser incompreensível para a maioria daqueles que não a vivenciam diretamente. Após a morte, as lembranças são constantes trazendo à tona diversos sentimentos, dentre eles, a tristeza e a saudade que, ao revelar-se intensa, comumente traz a necessidade de recolhimento para entregar-se aos pensamentos e sentimentos relacionados ao filho falecido. Como forma de evitar sofrimento, lembranças ruins são evitadas a qualquer custo. E, ainda que seja doloroso falar sobre o assunto, sentem esta necessidade de expressar seus sentimentos, assim como de ter o sofrimento acolhido. Por ser uma dor de tamanha magnitude, o desejo de morrer se faz presente, principalmente logo após a morte do filho, sendo pouco a pouco ressignificado. Diante da necessidade de seguir em frente, sentem que precisam se **posicionar frente à dor** optando por não sucumbir ao sofrimento. Para isso, encontram na **família**, principalmente nos filhos vivos, a principal motivação para sobreviver à perda e seguir adiante. Neste enfrentamento, a **ocupação** exerce um papel primordial. Para elas, ocupar-se é necessário, tendo em vista que engajar-se em uma atividade produtiva é, ao mesmo tempo, doar-se a algo/alguém significativo e fuga do sofrimento despertado por lembranças dolorosas que insistem em aparecer quando a mente encontra-se ociosa.

Para lidar com a saudade e demais sentimentos, pensamentos e reações que se seguem à morte do filho, a religiosidade surge como um **recurso importante para auxiliar** no manejo de momentos de dor. Neste processo de reorganização frente à ausência do filho,

pertences significativos também se mostraram um recurso relevante. As participantes relatam terem optado por se desfazer da maioria deles, no entanto, alguns foram guardados como forma de manter a presença viva do filho falecido. Dentre roupas e objetos, as fotografias se fazem presente. Ainda que, por vezes, a imagem remeta à dolorosa ausência definitiva, as fotografias são estimadas e guardadas para que sejam revisitadas a qualquer momento. Neste contexto de perda, a **fotografia significa** o registro de instantes significativos, capaz de captar em detalhes diferentes momentos ao longo do ciclo de vida. Por conseguinte, torna-se capaz de eternizar o vivido que, diante da irreversibilidade da morte, passa a ser um **valioso recurso** de acesso às lembranças. Todavia, não há uma regra, cada uma encontra sua própria forma de lidar com as fotografias de um filho falecido. O que se observa em comum às vivências no que se refere à **relação com as fotografias** após a morte do filho é o hábito de dialogar com as imagens registradas em fotografias como forma de transcender a ausência física e manter o laço indissolúvel que é o vínculo estabelecido entre essas mães e seus filhos.

3.3 Descrição das Constituintes Essenciais

No item 3.2.1 acima, destacadas em negrito, podemos observar oito constituintes essenciais encontradas em comum entre as participantes e consideradas indispensáveis para a compreensão do fenômeno estudado. Para melhor descrição e aprofundamento da análise, as vivências serão trabalhadas a partir de cada constituinte separadamente. No entanto, vale ressaltar que esta divisão é apenas uma forma didática de apresentar os dados, tendo em vista que a vivência é fluida, o que traz uma relação de interdependência entre as constituintes que, em vários momentos, se entrelaçam e dialogam entre si.

A seguir, são apresentadas as constituintes essenciais em tópicos e, posteriormente, estas serão descritas:

- 1) A vivência da perda de um filho
- 2) Posicionamento frente à dor
- 3) O Papel da família no enfrentamento da perda
- 4) O papel da ocupação no enfrentamento da perda
- 5) Recursos auxiliares no manejo da dor
- 6) Significados das fotografias do filho falecido na vivência de perda
- 7) Valor atribuído às fotografias
- 8) Relação estabelecida com as fotografias após a morte do filho

As constituintes são denominadas como *essenciais* por conterem os significados mais invariantes, indispensáveis para a compreensão da vivência em questão. Contudo, é importante considerar que, embora comuns, ocorrem variações na forma como cada um vivencia a experiência. As individualidades, denominadas *variações empíricas*, mantêm a essência, portanto, não invalidam o caráter generalizador da Estrutura de Significados, pelo contrário, esclarecem e contribuem para o aprofundamento da compreensão do fenômeno em estudo (GIORGI; SOUSA, 2010). Na sequência da descrição das constituintes essenciais, apresentamos um quadro com as variações empíricas.

3.3.1 A vivência da perda de um filho

A vivência da perda de um filho é descrita em riqueza de detalhes. As participantes falam sobre ser algo absolutamente inconcebível, nunca antes imaginado como possível de ser concretizado, principalmente por se tratar de mortes de rapazes jovens e saudáveis, causadas por circunstâncias externas (mortes por atos de violência e acidentes automobilísticos), alheias à vontade e possibilidade de ser evitada. Mortes dessa natureza contrariam aquilo que é aprendido como o ciclo natural da vida, que compreende a morte apenas como uma circunstância natural do envelhecimento, excluindo a possibilidade de falecimento de filhos antes de seus pais, o que torna esta vivência potencialmente dolorosa.

Eu jamais imaginei estar sofrendo uma dor dessas, jamais imaginei me colocar no lugar de uma mãe que sofreu a dor de um filho, da perda de um filho, mas infelizmente é essa a realidade, não é? Tem que passar por isso... (Maria do Socorro).

O relato de Maria do Socorro ilustra esse momento. Ela relata ser uma ideia nunca antes imaginada e sofre por ter que lidar com essa difícil realidade. Maria de Nazaré também diz nunca ter imaginado que um dia perderia um filho, enfatiza que o caráter imprevisto da morte foi de grande impacto tendo em vista que, num dia, como outro qualquer, o filho veio a falecer e, ainda que as pessoas ao seu redor evitassem falar sobre, refere que pressentia o ocorrido. Para Maria da Graça, a possibilidade de perder um filho era tão impossível que se torna difícil de acreditar que um deles faleceu.

O impacto da perda foi sentido por elas como se parte de si fosse arrancada ou tivesse morrido junto com o filho, trazendo a forte sensação de incompletude. Falam desta

experiência como algo visceral. Diante desta dor, o desejo de não mais viver foi intenso, principalmente nos primeiros meses após a perda.

Eu digo que eles três me completam, meus filhos, então tirou um pedaço de mim, alguma coisa... então está ali, está faltando, tipo um braço, o coraç... sei lá, é um pedaço de mim que não está mais. (Maria da Graça)

(...) Desde que aconteceu (a morte), eu fiquei aérea. Na realidade, a gente só pensa em morrer, eu demorei a entender isso, mas depois eu entendi. No meu pensamento, eu só queria que Deus me levasse. (Maria de Nazaré)

Nazaré relata a sensação de suspensão vivida logo após a morte do filho, bem como a perda de sentido da vida, identificando, ali, o forte desejo de também morrer. Graça fala da sensação de perda de uma parte importante de si, como um órgão vital, portanto, viver e sobreviver à morte de um filho é ser incompleta a partir de então.

Ter que conviver com a ausência de um ente querido, como é o caso de um filho, é ter que lidar com uma dor constante, sem precedentes, capaz de impactar diversos âmbitos da vida. Ainda que o tempo passe e encontrem novos sentidos para viver, Nazaré, Socorro e Graça acreditam que a dor da perda sempre se fará presente, descrevendo-a como uma dor eterna.

(...) a dor da perda da minha mãe que é muito diferente da dor da perda do meu filho e... essa dor é eterna. (Maria de Nazaré)

(...) ela está ali, eu digo que é uma dor que... tem horas que ela está só latejando, levemente, mas tem horas que ela brota e que vem com tudo, “é hoje!”, mas ela está lá, direto... ela está lá. (Maria da Graça)

Por ser uma dor eterna as participantes reconhecem em suas vivências momentos em que estes sentimentos são mais intensos, principalmente a tristeza e a saudade. Quando ocorrem momentos como esse, referem sentir a necessidade de isolar-se como forma de se permitir expressar emoções muitas vezes não aceitas socialmente.

A necessidade de recolhimento não está necessariamente associada a uma causa específica, no entanto, as participantes relatam em diversos momentos ao longo dos depoimentos, a dificuldade de ter esta dor da perda acolhida. Consideram ser uma dor incompreensível por aqueles que as cercam, o que se torna mais evidente com o passar do tempo. Para elas, viver o luto pela morte de um filho se torna uma dor solitária.

Para Nazaré, que convive com a ausência do filho há nove anos, a dor se transforma em saudade com o passar do tempo, ainda assim, nos momentos em que a tristeza

se manifesta, sente necessidade de isolamento e acaba por vivenciar esta dor solitariamente. Todas elas vivenciam a incompreensão social e a não aceitação de que estes sentimentos sejam livremente expressados

Ainda que Socorro e Graça tenham perdido seus filhos há menos tempo (aproximadamente dois anos), a sensação de transformação da dor também é vivida por ambas. Socorro vive essa transformação de forma discreta, o sofrimento ainda é muito presente em sua vivência; enquanto que, para Graça, este se transforma em saudade dia após dia e as lembranças ocupam boa parte de seus pensamentos diariamente.

As lembranças são frequentes, surgem em diversos momentos, trazidas à tona por pessoas, situações, objetos, imagens, dentre outras. O fato é que os filhos são constantemente lembrados por suas mães.

Eu não quero dizer assim “ai, eu não quero olhar aquela foto, eu não quero lembrar!”. Eu gosto de olhar porque eu quero lembrar! Eu preciso lembrar dele todo dia. Eu preciso olhar e agradecer, e respirar e vamos lá! (Maria da Graça)

As lembranças surgem, às vezes, de forma involuntária e, em outros momentos, de forma voluntária, como quando Graça relata ser uma necessidade pessoal. Em alguns momentos, lembranças ruins invadem os pensamentos de forma involuntária, trazendo dor e fazendo reviver momentos de sofrimento. Esses tipos de lembranças são evitados a todo custo, como é evidenciado nos trechos a seguir:

Eu tento apagar ao máximo aquela imagem do caixão. Isso para mim é uma coisa que eu tento... mas vem, vem muito, essa imagem dele no caixão, mas eu tento só ver o lado brincalhão, dele dançar, bater continência, dele pagando dez no quintal, então essas imagens que ficam. (Maria da Graça)

Ainda que lembranças dolorosas, como aquelas que remetem às circunstâncias de morte, sejam evitadas, Nazaré, Socorro e Graça relatam alívio ao ter um espaço para falar sobre suas experiências de vida e vivência de perda. Relatam sentir necessidade de um espaço de escuta, de ter com quem dividir as lembranças e a saudade.

Eu ia mesmo te falar sobre isso, parece que eu estou mais aliviada em conversar com alguém, me abrindo, chorando, talvez eu precisasse disso, dessa conversa, desse choro e que muitas vezes fica entalado aqui dentro, reprimido. Como eu te disse, dificilmente a gente encontra alguém para falar sobre isso. Eu estou me sentindo um pouco mais leve, é como se tivesse um fardo que vai pesando e pesando, chega um dia que... é difícil das pessoas entenderem. (Maria do Socorro)

Nazaré diz ter sido “*não bom*”, Socorro descreve o momento das entrevistas como um “*alívio*” e Graça diz sentir-se bem ao falar do filho. Independente da forma como significaram este momento, todas relatam sentir necessidade de falar de seus filhos, relatar suas experiências de vida e, de alguma forma, tê-las acolhidas.

Para melhor compreensão das nuances das vivências de cada uma das participantes, o quadro a seguir mostra as variações empíricas. Nele a constituinte essencial em análise encontra-se na coluna à esquerda e os fragmentos dos depoimentos nas colunas seguintes à direita. Estes são precedidos por uma numeração que indica a unidade e a entrevista em que foi captado. Por exemplo, Maria da Graça diz: “67.1. *Eu digo mesmo, só quem sabe é quem passa, sabe?!*”. A título de esclarecimentos, a numeração “67” corresponde à posição da unidade de significado descrita na tabela de análise; a numeração “1” aponta a entrevista, neste caso, entrevista 01 de 02 entrevistas realizadas; em seguida, o fragmento do depoimento.

Quadro 1 – Variações Empíricas: A vivência da perda de um filho

Constituintes	Variações Empíricas		
	Maria de Nazaré	Maria do Socorro	Maria da Graça
A vivência da perda de um filho	<p>11.1. (...) <i>olha... Sinceramente ((choro)), eu nunca, nunca, nunca pensei em perder um filho... ((pausa)) e de repente, tudo isso acontecer ((pausa)) de você estar em casa, as pessoas ainda nem me diziam o que tinha acontecido, entendeste? Só que ele foi assaltado e que tinha levado um tiro ((pausa)). Agora você imagina o que é uma mãe à noite, deitada, cedo da noite, e escuta uma notícia dessas, mas... eu pressenti que aquilo não era verdade. (...).</i></p> <p>33.2. (...) <i>a dor da perda da minha mãe que é muito diferente da dor da perda do meu filho e... essa dor é eterna.</i></p> <p>15.1. <i>A partir daí a minha vida mudou com-ple-ta-mente ((fala pausadamente, soletrando a palavra)), tenho certeza, olha, eu me ocupo, eu faço isso, faço aquilo, mas eu nunca mais vou ser a mesma pessoa, nunca mais,</i></p>	<p>74.2. <i>Eu jamais imaginei estar sofrendo uma dor dessas, jamais imaginei me colocar no lugar de uma mãe que sofreu a dor de um filho, da perda de um filho, mas infelizmente é essa a realidade, não é? Tem que passar por isso...</i></p> <p>10.2. (...) <i>o ciclo da vida é você enterrar seus pais e não enterrar filhos e... enterrar meu filho foi muito difícil para mim (...) Eu acho que vai ser (difícil) o resto da minha vida, enquanto eu viver eu vou viver com essa dor.</i></p> <p>25.1. <i>Esses caras não se tocam que eles tiram a vida da pessoa, mas eles matam mesmo é a mãe que fica aqui sofrendo. Porque atirou ali, morreu, acabou, ele não vai sentir essa dor que eu sinto hoje. (...) É um padeço da gente que vai junto com ele, eu morri junto com ele. Com certeza um pedaço de mim morreu junto com ele.</i></p>	<p>8.1. (...) <i>É uma coisa assim que não dá para... (...) é uma coisa assim inacreditável para mim.</i></p> <p>31.2. (...) <i>ela está ali, eu digo que é uma dor que... tem horas que ela está só latejando, levemente, mas tem horas que ela brota e que vem com tudo "é hoje!", mas ela está lá, direto... ela está lá.</i></p> <p>84.2. <i>Eu digo que eles três me completam, meus filhos, então tirou um pedaço de mim, alguma coisa... então está ali, está faltando, tipo um braço, o coraç... sei lá, é um pedaço de mim que não está mais.</i></p> <p>19.1. <i>Todo dia eu choro, todo dia eu choro, todo dia, todo dia, todo dia.</i></p> <p>67.1. <i>Eu digo mesmo, só quem sabe é quem passa, sabe?!</i></p> <p>10.1. <i>Não sei, foi uma coisa</i></p>

Quadro 1 – Continua

Constituintes	Variações Empíricas		
	Maria de Nazaré	Maria do Socorro	Maria da Graça
A vivência da perda de um filho	<p><i>sempre vou ser incompleta.</i></p> <p><i>34.1. (...) Eu digo que essa dor ela fica guardada, ela ameniza, o tempo é nosso melhor amigo. As lágrimas são nossas companheiras de todos os momentos ((esboça sorriso)), a qualquer hora (...). Na medida em que o tempo passa, essa dor ameniza, mas a saudade nunca vai passar. Essa saudade está relacionada às nossas lembranças, então às vezes, embora você não chore, mas você fica pensando assim, sabe?! Não tem um dia que a gente deixe de pensar em um filho que partiu, nem um dia. Um dia, essa dor se manifesta e você fica quietinha lá no canto, você chora, chora no banheiro para ninguém te ver ((choro/pausa)) porque as pessoas não aceitam, elas não aceitam que a gente fique chorando (...).</i></p> <p><i>7.1. (...) Desde que aconteceu (a morte), eu fiquei aérea. Na realidade a gente só pensa em morrer, eu demorei a entender isso, mas depois eu entendi. No meu pensamento, eu só queria que Deus me levasse.</i></p> <p><i>25.1. Isso (circunstâncias da morte) eu procuro não lembrar! Isso que eu acabei de te falar, eu procuro não lembrar ((separa e fala pausadamente a palavra)). Eu procuro lembrar os bons momentos, falar dele sorrindo, brincando, entendeu?! (...).</i></p>	<p><i>13.1. E aí com o tempo as pessoas não querem mais ouvir falar sobre isso e eu acabo ficando com essa dor só para mim, é uma luta interna que eu tenho comigo, até porque eu penso que é uma dor só minha, ninguém vai entender, então eu tenho que lidar com ela sozinha mesmo. Eu tento parecer bem, sorrir para as pessoas, mas só eu sei o que eu passo aqui dentro. Às vezes eu choro sozinha de madrugada, meu marido está lá dormindo para um lado e eu chorando sozinha para o outro. É uma dor lá dentro, só minha, então tento não transparecer para as pessoas (...).</i></p> <p><i>47.2. (...) quando ele morreu, logo depois eu fiquei sem vontade de fazer mais nada, não queria mais sair do quarto, não queria mais sobreviver, eu queria morrer. A minha intenção era morrer.</i></p> <p><i>12.1. Ele era um menino maravilhoso, palhaço sabe?! Ele faz muita falta, lembro dele toda hora.</i></p>	<p><i>horrível, uma sensação de morte, eu nunca morri né? Mas foi uma sensação de morte (...). Eu queria estar no lugar dele, dizia isso o tempo todo, eu queria, era eu para ir, era eu, era eu para estar ali, era eu para estar no lugar dele, o tempo todo eu queria estar lá ((pausa)).</i></p> <p><i>45.2. Eu não quero dizer assim "ai, eu não quero olhar aquela foto, eu não quero lembrar!". Eu gosto de olhar porque eu quero lembrar! Eu preciso lembrar dele todo dia. Eu preciso olhar e agradecer, e respirar e vamos lá!</i></p> <p><i>33.1. Eu tento apagar ao máximo aquela imagem do caixão. Isso para mim é uma coisa que eu tento... mas vem, vem muito, essa imagem dele no caixão, mas eu tento só ver o lado brincalhão, dele dançar, bater continência, dele pagando dez no quintal, então essas imagens que ficam.</i></p>

Fonte: Autoria própria.

3.3.2 Posicionamento frente à dor

Como descrito anteriormente, a dor da perda é complexa e intensa sendo considerada pelas participantes como uma dor eterna. Diante do sofrimento que insiste em se

fazer constantemente presente, relatam que, em algum momento, sentiram a necessidade de posicionar-se voluntariamente frente a dor. Tal decisão é sustentada por vários aspectos que contribuem para o enfrentamento do sofrimento. Estes aspectos serão descritos posteriormente, em outras constituintes. Neste tópico, a constituinte em questão visa descrever como as participantes vivenciaram o momento em que sentiram a necessidade de tomar um posicionamento diante da dor da perda do filho.

(...) eu aceito ou eu morro, é uma das duas (...) eu pretendo viver, viver para ver se eu vejo a minha neta, para poder tê-la perto de mim, para poder ajudá-la (...).
(Maria do Socorro)

Nazaré relata ter sentido a necessidade de buscar motivações internas neste enfrentamento à dor da perda e, ainda que não explicita claramente, manifesta temores em relação a ser tomada pelo sofrimento a despeito do passar do tempo. Socorro, mesmo tomada pela dor que ainda se faz intensa em sua vivência atual, diz ter percebido a necessidade de sobreviver à perda e, diante de uma difícil decisão, escolher viver e encontrar novos sentidos para seguir em frente. Graça revela a necessidade de estar sempre vigilante, teme embarcar em um processo depressivo, então traz a necessidade de policiar-se para não permitir que o desespero tome conta de si.

Independente da motivação que levou cada uma a posicionar-se diante da dor, a escolha por não sucumbir ao sofrimento é comum a todas. Reconhecem a existência de sentimentos difíceis de lidar que constantemente vêm à tona, mesmo assim, mostram-se determinadas a seguir em frente, em busca de novos sentidos que tornem possível o seguimento da vida após uma perda de tamanha magnitude.

Hoje eu penso assim, não posso fazer disso o meu calvário, eu tenho que olhar para o meu filho Luís, tenho que olhar para ele, para minha família e... eu faço tudo isso... ocupada! (Maria de Nazaré)

Encontrar novos sentidos se mostra uma tarefa difícil de ser sustentada diante da dor vivida, no entanto, estas mulheres escolhem não mergulhar unicamente no sofrimento e seguir em busca daquilo que possa dar sentido à vida após a morte de seus filhos.

Abaixo, segue outro quadro das variações empíricas organizado de maneira semelhante ao apresentado anteriormente.

Quadro 2 – Variações Empíricas: Posicionamento frente à dor

Constituintes	Variações Empíricas		
	Maria de Nazaré	Maria do Socorro	Maria da Graça
Posicionamento frente à dor	<p>12.2. <i>A gente... eu tenho que me ajudar porque se eu não me ajudo aí você... mesmo o tempo passando, sabe?!</i></p> <p>35.2. <i>Hoje eu penso assim, não posso fazer disso o meu calvário, eu tenho que olhar para o meu filho Luís, tenho que olhar para ele, para minha família e... eu faço tudo isso... ocupada!</i></p>	<p>70.2. (...) <i>eu aceito ou eu morro, é uma das duas (...) eu pretendo viver, viver para ver se eu vejo a minha neta, para poder tê-la perto de mim, para poder ajudá-la (...).</i></p> <p>40.1. (...) <i>percebi que eu precisava viver. Meus filhos ainda precisavam de mim (...).</i></p>	<p>18.1. <i>Tem dias que eu... logo no início eu fiquei com muita depressão, mas ao mesmo tempo em que eu estava em depressão, eu mesma me dizia "êpa, espera aí! Não é assim". Eu não podia entrar em depressão, ia fazer mal para mim e fazer mal para ele.</i></p> <p>22.2. <i>Te juro, tem dias que bate um desespero, dá vontade de sair na rua andando, "êpa, espera aí!", eu mesma tenho que me policiar, eu mesmo tenho que me chamar atenção "ei! Calma!", porque se não...</i></p>

Fonte: Autoria própria

3.3.3. O papel da família no enfrentamento da perda

Por mais difícil que seja sustentar a escolha de não sucumbir ao sofrimento pela perda de um filho, as participantes revelam que a família tem um papel fundamental neste processo. Para elas, os filhos vivos aparecem como principal motivação para seguir em frente e, em meio à dor, motivam-nas também a encontrar novos sentidos para a suas vidas.

Se hoje eu me levanto todo dia, é por causa deles dois (filhos vivos), mas vontade mesmo, eu não tenho não, minha vontade é sumir, ir embora, mas eu sei que eles ainda precisam de mim e se tem uma coisa que me faz ter forças, são eles dois. Fico imaginando a mãe que só tem um filho. (...) Graças a Deus eu tenho meus dois filhos vivos aqui, mas com certeza uma parte de mim, a parte que eu mais amava, morreu junto com ele (...). (Maria do Socorro)

Nazaré viveu momentos de intenso sofrimento ao longo dos últimos nove anos e diz hoje perceber que, para além da dor que vez ou outra insiste em se fazer presente, percebe que o filho vivo também precisa de sua atenção, sendo ele sua principal motivação para seguir em frente.

Assim como Nazaré, Socorro atribui aos filhos sua principal motivação. Para ela, a existência de seus dois filhos vivos é o que a motiva a levantar todos os dias. Revela que, se dependesse unicamente de sua vontade, não estaria viva, entretanto, sentir que eles ainda precisam de seus cuidados, é o que lhe move e faz com que encontre forças para seguir em frente.

Graça sente que a tristeza pela perda de seu filho Mateus foi intensa, temia um processo depressivo e, por isso, precisava manter-se vigilante e concentrar seus pensamentos em tudo que ainda precisava realizar em sua vida. Assim como as demais, diz ter encontrado nos filhos vivos o principal motivo de manter-se viva, tendo em vista que precisavam de sua presença e cuidados.

Para estas mães, os filhos vivos são a principal fonte de motivação para viver após a morte de parte de si mesma. Para além de suas próprias necessidades inerentes à dor da perda, seguir cuidando dos filhos vivos se torna prioridade, portanto, escolhem seguir em frente.

Quadro 3 – Variações Empíricas: O papel da família no enfrentamento da perda de um filho

Constituintes	Variações Empíricas		
	Maria de Nazaré	Maria do Socorro	Maria da Graça
O papel da família no enfrentamento da perda de um filho	<p>10.2. Depois eu penso que tenho minha família, tenho meu outro filho, aí digo: "ei José para com isso!", eu fico brincando assim com ele, deixa para lá.</p> <p>35.2. Hoje eu penso assim, não posso fazer disso o meu calvário, eu tenho que olhar para o meu filho Luís, tenho que olhar para ele, para minha família e... eu faço tudo isso... ocupada!</p>	<p>26.1. Se hoje eu me levanto todo dia, é por causa deles dois (filhos vivos), mas, vontade mesmo, eu não tenho não, minha vontade é sumir, ir embora, mas eu sei que eles ainda precisam de mim e se tem uma coisa que me faz ter forças, são eles dois. Fico imaginando a mãe que só tem um filho. (...) Graças a Deus eu tenho meus dois filhos vivos aqui, mas com certeza uma parte de mim, a parte que eu mais amava, morreu junto com ele (...).</p>	<p>18.1. (...) logo no início eu fiquei com muita depressão, mas ao mesmo tempo em que eu estava em depressão, eu mesma me dizia "êpa! espera aí! Não é assim!" (...) não permiti porque eu sei que se acontecesse isso, eu ia cair doente (...) então eu mesma não podia me permitir de entrar em depressão, até porque eu precisava seguir minha vida, meus filhos precisavam de mim, tinha a minha mãe, meu trabalho, então isso fez com que... mas não vou te falar que não tinha dias que eu não queria nem sair de dentro do quarto. Eu segurava a roupa dele e cheirava, cheirava muito a roupa dele, o cheiro dele e fotos... chorando.</p>

Fonte: Autoria própria.

3.3.4. O papel da ocupação no enfrentamento da perda

A ocupação é vista como fundamental. Ter uma função, obrigação ou mesmo um objetivo tornou-se algo de grande importância para estas mães após a perda dos filhos. Para elas, ocupar-se, ter uma função, sentir-se útil, ajudar outras pessoas é, ao mesmo tempo, manter a mente ocupada, longe de lembranças dolorosas relacionadas ao filho ausente.

(...) durante todo esse tempo eu procuro estar ocupada com alguma coisa! (...) Agora a minha ocupação é só a celebração, mas depois dela já tem outros eventos para organizamos pela ONG e a gente não pode ficar parada (...) A gente se ocupa, e tem que se ocupar mesmo para não parar para pensar. (Maria de Nazaré)

Para Nazaré, as tarefas que assume junto à ONG que participa foram e são até hoje fundamentais para lidar com a ausência do filho e a dor da perda. Considera que estar ocupada é uma necessidade, se mostra temerosa ao cogitar a possibilidade de viver sem ter uma ocupação, pois ocupar-se é a forma que encontra para não dar espaço aos pensamentos dolorosos.

Socorro também sente necessidade de preencher seu dia com inúmeras atividades. Trabalha, retomou os estudos e diz que prefere manter a cabeça ocupada, considerando que assim não abre espaço para as lembranças do filho que lhe trazem grande sofrimento. A forma que encontra de seguir em frente é ocupando o seu tempo de forma produtiva e, desta maneira, evita tudo que lhe remete à ausência do filho.

Graça fala do trabalho com uma de suas motivações para seguir com sua vida. Além da ocupação formal, também trabalha como voluntária em um centro espírita que considera como o seu alicerce, lugar este onde busca conforto pela fé e, ao mesmo tempo, ajudar outras pessoas em sofrimento. Para ela, ajudar outras pessoas é uma forma de tirar o foco unicamente de seu sofrimento.

Seja para manter a cabeça longe de lembranças ruins ou exercer uma atividade produtiva, ter uma ocupação mostrou-se algo indispensável no enfrentamento da perda. Para além do benefício próprio, ocupar-se em prol de outras pessoas é para essas mães uma ação que desperta grande interesse e bem-estar.

A ONG que participo me fez muito bem, muito bem mesmo! Porque assim, ali nós conversamos com mães que também perderam seus filhos, mães que tem os mesmos sentimentos que nós temos. A dor, é a mesma dor, embora as formas como aconteceram (as perdas) sejam diferentes, mas aquilo ali também é uma terapia para nós. (Maria de Nazaré)

Nazaré e Graça falam sobre os trabalhos voluntários que exercem e da importância de usar de suas experiências para ajudar outras pessoas em sofrimento. Já Socorro, traz o desejo de poder realizar alguma atividade para ajudar jovens em sofrimento, teme ainda não suportar a dor de outras pessoas, pois sua dor ainda é intensa. Apesar disso, planeja fazê-lo um dia.

Quadro 4 – Variações Empíricas: O papel da ocupação no enfrentamento da perda de um filho

Constituintes	Variações Empíricas		
	Maria de Nazaré	Maria do Socorro	Maria da Graça
<p>O papel da ocupação no enfrentamento da perda de um filho</p>	<p>43.1. <i>A ONG que participo me fez muito bem, muito bem mesmo! Porque assim, ali nós conversamos com mães que também perderam seus filhos, mães que tem os mesmos sentimentos que nós temos. A dor, é a mesma dor, embora as formas como aconteceram sejam diferentes, mas aquilo ali também é uma terapia para nós.</i></p> <p>52.1. (...) <i>durante todo esse tempo eu procuro estar ocupada com alguma coisa! (...). Agora a minha ocupação é só a celebração, mas depois dela já tem outros eventos para organizamos pela ONG e a gente não pode ficar parada (...). Se eu vivesse assim, sem fazer nada...</i></p> <p>74.1. <i>A gente se ocupa, e tem que se ocupar mesmo para não parar para pensar.</i></p>	<p>9.1. <i>Mas olha, vou te dizer, eu ocupo a minha cabeça, eu prefiro ocupar a minha a cabeça, se não a gente não dá conta. Eu trabalho, voltei a estudar, faço faculdade (...). Eu te digo que é muito difícil, porque se a gente fica sem fazer nada, vêm as lembranças, aí vem a dor... toda vez que eu via alguma coisa dele, já viu, passava o dia chorando.</i></p> <p>40.1. (...) <i>Ele morreu e eu vou sempre sofrer com isso, mas eu precisava ocupar minha cabeça. Voltei a estudar uns 06 meses depois, eu já tinha começado a faculdade, mas tinha precisado parar. Depois que ele morreu eu decidi que precisava voltar se não era o tempo todo em casa sofrendo.</i></p> <p>59.1. <i>Eu penso muito sobre isso e sobre a vontade de ajudar outros jovens. Eu tenho muita vontade de ajudar outras pessoas, de lutar por esses jovens para que eles vivessem (...). Talvez eu ainda não fiz porque o tempo... o tempo ainda não me deixa. (...) Eu tenho medo de ainda não dar conta, mas quero muito poder fazer isso um dia.</i></p>	<p>18.1. (...) <i>eu precisava seguir minha vida, meu filho precisava de mim, tinha a minha mãe, meu trabalho (...).</i></p> <p>23.1. (...) <i>logo que aconteceu, eu passei quase 15 dias sem trabalhar no centro, eu sou passista, eu frequento o centro, sou trabalhadora da casa.</i></p> <p>29.1. (...) <i>Nossa! O centro foi o meu alicerce, porque eu chego lá, vejo pessoas com câncer, procurando ajuda então eu penso "égua, a minha dor... tem pessoas ali que estão..." então isso me ajuda muito.</i></p> <p>68.1. <i>Teve uma senhora lá do centro que perdeu a filha dela, morreu por causa de doença, enfim, e ela sempre... ela soube que eu tinha deixado, que o Mateus tinha viajado (morrido) e ela foi lá comigo e perguntou "como é que tu consegues? Como é que tu tens essa força? Eu queria ter essa força" (...) eu tento também passar um pouquinho da minha experiência, não é?! Não é tão, mas tento passar para as pessoas que a gente tem que... (...) então é isso, não tem uma coisa assim "ah, por que tu és forte?" mas me falaram... não é, eu preciso.</i></p>

Fonte: Autoria própria.

3.3.5. Recursos auxiliares no manejo da dor

Para lidar com a perda Nazaré, Socorro e Graça lançam mão do que chamaremos aqui de recursos auxiliares no manejo da dor, denominados desta forma por ter papel coadjuvante, mantendo, porém, papel importante no enfrentamento do vazio deixado pelo filho falecido. Revelam que a religiosidade e pertences do filho são recursos que assumem um lugar de destaque neste enfrentamento.

(...) ela (fé) me deixa serena, se não fosse Deus, em primeiro lugar, claro, talvez eu estivesse cheia de remédios, talvez eu não estivesse mais trabalhando, talvez, sabe lá como eu não estava... eu falo mesmo isso, é a verdade. (Maria da Graça)

Para estas mães, independente da crença religiosa, é a Deus que recorrem em busca de forças para enfrentar os momentos difíceis vividos após a perda de seus filhos. Acreditam que a figura divina acolhe a dor e oferece o suporte necessário para que sigam em frente, mesmo diante desta experiência devastadora.

Nazaré se diz uma pessoa bastante religiosa, atribui a Deus a fonte de forças para lidar com momentos mais difíceis já vivenciados. Relata que diante da tristeza, recorre a ele de diferentes formas, como por exemplo, por meio de programas de rádio e televisão. Para ela, tais programas exercem dupla função, ao mesmo tempo em que tomam sua atenção mantendo-a ocupada, também são uma forma de conexão com sua fé. Portanto, a religiosidade acaba se configurando como parte integrante de seu cotidiano no enfrentamento da perda do filho.

Socorro confia no poder divino e na perfeição com que atua em sua vida. Para ela, Deus acolhe, é confidente e o suporte que sustenta suas escolhas, como por exemplo, no que se refere a fazer justiça para com os algozes de seu filho. Acredita que no momento certo ele atua, esclarece e, por mais doído que seja, toma a decisão certa.

Graça tem a fé como seu principal suporte. Acredita que sua crença religiosa é a base para que enfrente a perda com serenidade. Acredita que se não fosse Deus, estaria em profundo sofrimento, sobrevivendo à base de remédios e teria abdicado de aspectos importantes de sua vida.

Independente da relação que estabelecem com a figura divina, acreditar que esta é capaz de acolher e de ser o suporte necessário, tornando possível o enfrentamento da dor vivenciada após a perda, é o que une estas mães. Relatam ainda que lidar com o vazio deixado pela ausência é doloroso e, mesmo que a fé ofereça suporte, a família seja fonte de motivação

e as atividades cotidianas mantêm a mente ocupada, há momentos em que a saudade é avassaladora.

Uma forma que encontram de resgatar a presença do filho é através de pertences significativos guardados como lembrança. Vale ressaltar que não se trata de qualquer objeto. Nazaré, Socorro e Graça afirmam que se desfizeram de grande parte dos pertences de seus filhos, entretanto, escolheram alguns significativos que permaneceriam guardados.

(...) Ai meu Deus aquelas roupas... Eu tenho algumas guardadas ainda, mas algumas coisas eu procurei me desfazer porque a gente fica assim com muitas lembranças (...). Das fotos? Não me desfiz de nenhuma! Nem pensar! Elas são importantíssimas para mim. (Maria de Nazaré)

Tanto Nazaré, quanto Socorro e Graça, fazem questão de guardar pertences significativos, dentre eles as roupas e as fotografias se destacaram em meio a outros objetos guardados pelas mães. Tê-los é uma forma de manter o filho presente, pois sempre que revisitados, trazem à tona lembranças.

Para Nazaré, guardar muitos pertences é manter lembranças dolorosas, por isso optou por guardar apenas algumas coisas, como uniformes do filho, além de fotografias com as quais ela e o marido construíram um álbum que reúne diversos momentos em que o filho esteve presente.

Já Socorro fala da dificuldade em lidar com os pertences do filho. Logo após a morte, optou por se desfazer da maioria dos objetos que pertenciam ao filho, porém, enfatiza ter mantido em sua casa a bicicleta dele, com a qual estabelece uma relação ambivalente, pois vê-la faz despontar lembranças tanto da ausência, quanto presença e do lugar que o rapaz ocupava em sua vida. Por isso, não se sente confortável em se desfazer do objeto.

Graça atribui à crença religiosa a necessidade de se desfazer de pertences, no entanto, se refere aos objetos significativos como um tesouro guardado “*em uma caixinha*”. Destaca as roupas e as fotografias do filho como os principais. Para ela, manter o hábito de cuidar das roupas do filho e estar em constante contato com as fotografias dele é uma forma de mantê-lo vivo, é como se pudesse senti-lo sempre por perto.

Quadro 5 – Variações Empíricas: Recursos auxiliares no manejo da dor

Constituintes	Variações Empíricas		
	Maria de Nazaré	Maria do Socorro	Maria da Graça
<p>Recursos auxiliares no manejo da dor</p>	<p>8.1. [...] <i>Aí depois eu digo: "meu Deus..." eu comecei a ir para a igreja, ir muito para a igreja. Quando eu digo que briguei com Deus é porque eu não aceitava de maneira nenhuma, eu sempre fui católica, meu filho fez tudo, primeira eucaristia, fez tudo, tudo, tudo e, de repente, aquilo acontece na minha vida.</i></p>	<p>36.1. <i>Eu rezei tanto, rezei tanto pedindo a Deus que ele tivesse esse livramento e voltasse para a igreja, mas não foi isso que aconteceu, nem tudo é como a gente quer né? É como Deus quer e foi isso que Deus quis para ele.</i></p>	<p>44.1. <i>Nada daquela coisa de ai... aquele negócio de "ai meu Deus, queria que meu filho estivesse..." não! Não sei se foi a doutrina [espírita] que me ajudou muito... não! Deixa o meu filho quieto lá, deixa ele seguir... desejo todo tempo que ele esteja bem (...).</i></p>
<p>Religiosidade</p>	<p>8.2. <i>ah sim, esses momentos (de tristeza), de vez em quando eles chegam, sabe?! Olha... quando eu estou muito assim, coloco logo a TV na canção nova ((risos)) porque... eu estou ocupada, entendeste? Eu ligo logo a TV na canção nova, ligo o rádio do carro estação de rádio religiosa, só fica nessa estação. Isso nos fortalece, naquele momento principalmente, sabe?! Naquele momento de dor.</i></p> <p>11.2. <i>Peço "ô meu Deus, me dá forças e tal".</i></p>	<p>42.1. [...] <i>eu não gosto de chorar na frente das pessoas, mostrar o que eu estou sentindo, não gosto de mostrar fraqueza para ninguém, gosto sempre de mostrar que eu sou forte, que eu superei, talvez para os outros, mas eu mesma, no meu interior, sei que não é isso. Só eu e Deus sabe. Como te falei, é uma luta solitária</i></p> <p>24.2. [...] <i>e quando a gente faz pelas mãos da gente, Deus não faz, não é? E eu acredito que a justiça dele é melhor que a nossa [...] eu acredito nisso... que o que ele faz é perfeito. Nós não, temos os nossos erros, mas Deus sempre faz as coisas perfeitas, faz as coisas no tempo dele [...]</i></p>	<p>47.1. [...] <i>ela (fê) me deixa serena, se não fosse Deus, em primeiro lugar, claro, talvez eu estivesse cheia de remédios, talvez eu não estivesse mais trabalhando, talvez sabe lá como eu não estava... eu falo mesmo isso, é a verdade.</i></p> <p>49.2. <i>Eu vou te falar com toda sinceridade, todo mundo se preocupou comigo, minha mãe então... devido coisas passadas de depressão que eu já tive, enfim, mas o medo era de cair em depressão e de não querer e aí minha mãe dizia: "minha filha, eu te acho tão forte" então é Deus...</i></p>
<p>Pertences Significativos do filho falecido</p>	<p>62.1. (...) <i>Ai meu deus aquelas roupas... Eu tenho algumas guardadas ainda, mas algumas coisas eu procurei me desfazer porque a gente fica assim com muitas lembranças (...).</i></p> <p>63.1. <i>Das fotos? Não me desfiz de nenhuma! Nem pensar! Elas são importantíssimas para mim.</i></p>	<p>14.1. (...) <i>tudo lembra meu filho, tudo. Algumas coisas eu me desfiz. Na semana seguinte eu tirei as coisas dele, arrumei o quarto, mas ainda tenho algumas roupas, (...) mas têm coisas que não consigo me desfazer, essa bicicleta ((aponta para a bicicleta que está presa na janela pelo lado de fora da casa)) é dele. Tem horas que eu não consigo nem olhar para ela, mas também não consigo me desfazer. Meu marido diz que ela só está ocupando espaço, mas era dele, parece que eu olho para ela e a qualquer momento ele vai entrar por essa porta fazendo uma graça comigo como ele sempre fazia.</i></p>	<p>1.1. (...) <i>Eu guardo em uma caixinha tudo que era dele (...).</i></p> <p>2.1. <i>As roupas dele de militar, eu dei quase todas, porque eu sou espírita, então a gente não pode acumular muitas coisas, eu já doei quase tudo (...) mas eu fiquei com dois uniformes. (...) Ponho, todo sábado eu ponho no sol, cheiro, isso para mim....</i></p> <p>43.1. <i>A roupa dele, como eu te falei, que eu ponho no sol todo sábado, isso para mim é ele ((risos)) para mim é ele ali vestido. Eu fecho os olhos e imagino ele ali vestido.</i></p> <p>79.2. <i>As fotos, as roupas, o cheiro, eu fecho o olho parece que eu estou vendo e sentindo ele...</i></p>

Fonte: Autoria própria.

3.3.6. Significados das fotografias do filho falecido na vivência de perda

As fotografias surgem dentre os pertences significativos guardados após a morte, revelando-se enquanto recurso capaz de reter momentos vividos. Para estas mães, as fotografias significam registros importantes que marcam a existência de seus filhos.

Eu digo, olha... eu tenho uma visão assim do meu filho, boa, muito boa, dele de pé na cozinha, achando graça como se ele estivesse tomando conta de um bolo que estava lá, era do aniversário dele e alguém tirou uma foto e ele está exatamente assim ((risos)). Quer dizer, aquilo que estava na minha cabeça... ficou registrado, sabe?!". (Maria de Nazaré)

As fotografias assumem diversos significados na vivência de cada uma das mães, o que se observa de comum entre elas é ter a fotografia como acesso a lembranças do vivido, sendo assim um registro da existência materializado em imagem.

Nazaré fala claramente sobre as fotografias serem registros do vivido, exemplifica sua compreensão relatando um momento desprezioso do filho que guarda carinhosamente na memória e que foi registrado em foto, materializando aquela lembrança afetiva.

Socorro faz questão de mostrar as fotos que marcaram o crescimento do filho agora falecido. Para ela, naquelas imagens estão registrados momentos importantes da vida do filho e da relação entre eles.

Graça tem fotos que retratam diversos momentos vividos pelo filho, sejam datas importantes ou momentos cotidianos. Ver as imagens lhe faz lembrar não só de situações vividas, mas também de como o filho era, seus hábitos e características. Para ela, ver as brincadeiras do filho registradas em fotografias remete à sua alegria de viver e revisitar tais lembranças lhe faz bem.

Quadro 6 – Variações Empíricas: Significados das fotografias do filho falecido na vivência de perda

Constituintes	Variações Empíricas		
	Maria de Nazaré	Maria do Socorro	Maria da Graça
<p>Significados das fotografias do filho falecido na vivência de perda</p>	<p>61.1. <i>Importantíssimo! Ainda mais que tem fotos de aniversário dele, fotos no sítio da minha irmã, fotos aqui em casa, de passeios. Então tudo sabe... isso aqui, você já pensou eu olhar tudo isso? Recente? Era muito difícil! Hoje não, aliás, hoje as fotos, além delas serem diferentes, elas estão registradas, porque é registro mesmo (...).</i></p> <p>21.2. <i>Eu digo, olha... eu tenho uma visão assim do meu filho, boa, muito boa, dele de pé na cozinha, achando graça como se ele estivesse tomando conta de um bolo que estava lá, era do aniversário dele e alguém tirou uma foto e ele está exatamente assim ((risos)). Quer dizer, aquilo que estava na minha cabeça... ficou registrado, sabe?!</i></p>	<p>54.1. (...) <i>Eu tenho muitas fotos dele aqui, como ele foi o primeiro, o mais velho, todo mês eu tirava foto dele quando era bebê (...) esses são momentos bons que nós passamos, que nós vivemos juntos.</i></p>	<p>59.1. (...) <i>É tanta foto do Mateus que eu tenho aqui... essa aqui é ele com a namorada. Essa são eles com o pai deles. ((risos)). Isso, para mim, eu gosto, eu gosto de ver isso ((mostra foto do filho fazendo caretas)). Ele era assim, alegre, muito alegre, o tempo todo alegre.</i></p>

Fonte: Autoria própria.

3.3.7. Valor atribuído às fotografias

O registro fotográfico captura um momento, tornando-se um recurso capaz de eternizar o vivido. Por compreender as fotografias dos filhos deste modo, Nazaré, Socorro e Graça consideram importante manter estas imagens, pois, através delas, é possível fazer um mergulho em suas lembranças e reviver o passado que, diante da ausência física atual, faz com que o filho permaneça vivo na memória.

Aqueles momentos que eu estava presente, que eu estava junto... claro, tem momentos que ele estava sozinho, outros que ele está com os amigos, esses eu só vejo, mas os que eu estava presente, eles vêm à tona [...]. Eu lembro dos detalhes, quer dizer, aquele momento eu estava lá, eu vi! Aquele momento eu vi, ele estava aqui e agora está ali ((aponta a foto)), eu sei que aquele ali é momento vivido... e registrado, aí eu sempre fico folheando lá... de vez em quando eu dou uma olhada,

sabia?! Pego aqui, vou lá naquelas fotos... tem muita coisa que eu não estou lá, mas tem muitos que eu estava lá. (Maria de Nazaré)

Nazaré relata que o contato com as imagens lhe faz reviver o momento registrado e que, vê-lo ali eternizado, traz a certeza que existiu e que pode ser revivido sempre que revisitado.

Socorro, por sua vez, fala sobre a dificuldade em revisitar as imagens do filho, justamente por trazer-lhe lembranças que atualmente são vividas de forma dolorosa. Ainda assim, considera importante guardá-las, pois acredita que os momentos ali registrados jamais serão vividos novamente.

Graça, ao contrário de Socorro, está constantemente em contato com as imagens do filho já que sente a necessidade de manter as lembranças dele sempre presentes. Para além de favorecer o acesso às memórias, considera que as fotografias são o que lhe restou do filho após a morte, portanto, faz questão de mantê-las em seu cotidiano, tornando possível a convivência com o filho mesmo em sua ausência física.

Quadro 7 - Variações Empíricas: Valor atribuído às fotografias

Constituintes	Variações Empíricas		
	Maria de Nazaré	Maria do Socorro	Maria da Graça
<p>Valor atribuído às fotografias</p>	<p>58.1. [...] e quando você vê uma foto, aquele momento vem na sua cabeça [...]. A gente olha a foto e sabe que aquele momento existiu.</p> <p>22.2. Hoje para mim, ver as fotos dele, é muito bom porque eu vivo aquilo que está registrado.</p> <p>39.2. Aqueles momentos que eu estava presente, que eu estava junto... claro, tem momentos que ele estava sozinho, outros que ele está com os amigos, esses eu só vejo, mas os que eu estava presente, eles vêm à tona. [...] Eu lembro dos detalhes, quer dizer, aquele momento eu estava lá, eu vi! Aquele momento eu vi, ele estava aqui e agora está ali</p>	<p>51.1. Como te falei, tenho muitas fotos dele ainda bebê, criança, fotos de grande eu tinha no meu celular, mas passei para o computador. Olhando essas fotos eu tenho uma recordação muito boa. Olha como ele tinha o sorriso bonito?! Meu filho era muito alegre! Eu não gosto mesmo de olhar as mais recentes, mas essas eu não olho também não. Deixo guardadas.</p> <p>54.1 É muito importante sim guardar essas fotos, porque eu sei que são momentos que não voltam mais, ele não vai ter outros [...].</p>	<p>42.1. [...] essas fotos significam a minha alegria, sabe? Quanto eu estou triste eu olho, eu acho graça, eu brinco com ele (pausa). Se você entrar na minha casa, nossa! É foto dele para todo lado, são muitas fotos dele pela casa. Em geral deles, sempre juntos, na sala, no meu quarto tem fotos. As pessoas, às vezes, acham estranho. Tem pessoas que chegam lá e ficam "nossa! Isso não te deixa deprimida?", eu digo "não! O contrário!". Para mim é o contrário, me deixa viva, até porque a única coisa que eu tenho é a foto dele, é... enfim...</p> <p>45.2. E: e me parece que as fotografias têm um papel</p>

Quadro 7 - Continua

Constituintes	Variações Empíricas		
	Maria de Nazaré	Maria do Socorro	Maria da Graça
Valor atribuído às fotografias	((aponta a foto)), <i>eu sei que aquele ali é momento vivido... e registrado, aí eu sempre fico folheando lá... de vez em quando eu dou uma olhada, sabia?! Pego aqui, vou lá naquelas fotos... tem muita coisa que eu não estou lá, mas tem muitos que eu estava lá.</i>		((Graça interrompe e completa)) <i>P3: Muito importante!</i> <i>E: nessa lembrança?</i> <i>P3: sim, sim! Muito, muito, muito, muito, muito! Eu não quero dizer assim "ai, eu não quero olhar aquela foto, eu não quero lembrar!". [...] eu gosto de olhar porque eu quero lembrar! Eu preciso lembrar dele todo dia. Eu preciso olhar e agradecer, e respirar e vamos lá!</i> <i>79.2. P3: as fotos, as roupas, o cheiro, eu fecho o olho parece que eu estou vendo e sentindo ele...</i>

Fonte: Autoria própria.

Legenda: E = Entrevistadora; P3 = Maria da Graça.

3.3.8. Relação estabelecida com as fotografias após a morte do filho

A relação que estabelecem com as fotografias dos filhos após a morte destes se revelou como algo muito particular, no entanto, foi possível observar um ponto em comum dentre os relatos analisadas. As particularidades serão descritas mais adiante e aqui falaremos sobre o que se repete nas vivências de Nazaré, Socorro e Graça.

Conforme descrito anteriormente, as fotografias registram e eternizam momentos, favorecendo o acesso a lembranças do vivido. Independente dos sentimentos despertados pelo contato com as imagens, as fotos se revelaram como parte do dia a dia destas mães e, de alguma forma, representam o filho ausente no cotidiano. De formas diferentes, e ao mesmo tempo comuns, Nazaré, Socorro e Graça falam sobre o hábito de dialogar com as fotografias, como se estivessem conversando com o próprio filho.

Depois fui me acostumando, hoje em dia eu olho e converso com ele. Geralmente eu sou a última a sair para trabalhar, aí falo com ele, me despeço, digo: "a mãe já vai

tá, filho? Fica com Deus!" ((choro)). Olho para ele aí ((na foto do banner pendurado na sala de sua casa)) e lembro com tristeza. (Maria do Socorro)

A minha casa é cheia de fotos, é uma necessidade minha, de acordar de manhã, ligar o meu celular e a foto dele está lá, de dar bom dia, de mandar um cheiro, de noite nas minhas orações, conversar com ele: "meu filho, receba a benção da sua mãe", "meu filho, receba um buquê de flores e um abraço", então é uma maneira que eu tenho dele sentir meu amor também porque eu sei que ele sente minha falta [...]. (Maria da Graça)

Nazaré e Graça se aproximam na forma de lidar atualmente com as imagens. Apesar de Socorro diferir da maneira como as outras duas mães lidam com as imagens, o hábito de dialogar aparece em sua vivência, como pode ser observado no trecho acima. Nazaré considera que atualmente as fotos do filho fazem parte da sua vida e o representam em sua ausência física. Para ela, dialogar com as imagens é como se estivesse conversando com o filho quando vivo.

Para Socorro, o contato cotidiano com a imagem do filho lhe desperta tristeza, porém, mantém um banner com a foto do rapaz na sala de sua casa. Revela que precisou se acostumar e, atualmente, conversa com ele todos os dias ao olhar para sua foto exposta na sala.

Graça fala sobre a necessidade de estar sempre em contato com o filho e as fotos espalhadas pela casa são uma ponte para o diálogo que ocorre diariamente de diferentes formas. Considera que mantê-lo presente em seu cotidiano é uma forma dele sentir seu amor e assim, manter-se ligada a ele.

Quadro 8 - Variações Empíricas: Relação estabelecida com as fotografias após a morte do filho

Constituintes	Variações Empíricas		
	Maria de Nazaré	Maria do Socorro	Maria da Graça
Relação estabelecida com as fotografias após a morte do filho	28.1. Raramente eu vou ver uma foto, só se alguém perguntar ou se for para explicar algo, e eu vou chorar, eu me acostumei com elas! Elas fazem parte da minha vida, assim, por exemplo, eu tenho duas fotos dele bem grandes ali. À noite, quando eu passo por elas, realmente é como se fosse ele, eu digo: "boa noite meu filho, bom descanso para você, fique com Deus, peça permissão para Deus	23.1. Depois fui me acostumando, hoje em dia eu olho e converso com ele. Geralmente eu sou a última a sair para trabalhar, aí falo com ele, me despeço, digo: "a mãe já vai tá, filho? Fica com Deus!" ((choro)). Olho para ele aí ((na foto do banner)) e lembro com tristeza.	7.2. Meu filho já me pegou conversando com ele, "com quem a senhora está conversando?", eu digo "meu filho, estou conversando com o teu irmão", aí eles respeitam esse meu lado, eles não são de estar falando, mas eles respeitam, sabe? Só quando eu já estou demais que eles me chamam atenção [...]. 36.2. A minha casa é cheia de fotos, é uma necessidade

Quadro 8 – Continua

Constituintes	Variações Empíricas		
	Maria de Nazaré	Maria do Socorro	Maria da Graça
Relação estabelecida com as fotografias após a morte do filho	<i>aí, só um pouquinho, faz tanto tempo que eu não sonho contigo.</i> ((risos)).		<i>minha, de acordar de manhã, ligar o meu celular e a foto dele está lá, de dar bom dia, de mandar um cheiro, de noite nas minhas orações, conversar com ele: "meu filho, receba a benção da sua mãe", "meu filho, receba um buquê de flores e um abraço", então é uma maneira que eu tenho dele sentir meu amor também porque eu sei que ele sente minha falta [...].</i>

Fonte: Autoria própria

3.3.9 Particularidades nas relações estabelecidas com as fotografias após a morte do filho

É importante ressaltar que as relações que estas mães estabelecem com as fotografias de seus filhos falecidos apresentam variações significativas e, ainda que não sejam consideradas passíveis de generalização, são dados importantes a serem descritos e analisados. Para compreender estas vivências, faz-se necessário compreender como estas mães lidam com a perda de seus filhos.

Nazaré perdeu o filho há aproximadamente nove anos e relata que ao longo desse período, as fotografias do filho já foram significadas de diferentes formas, revelando uma relação ambivalente com as imagens. Conta que inicialmente eram vistas com imenso pesar e, portanto, evitadas já que revisitar momentos vividos registrados em imagens lhe remetia à ausência e dor da perda. Entretanto, sentia necessidade de ver o filho e insistia em rever as fotografias com frequência até que se adaptasse a vê-las sem que lhe causasse sofrimento. Atualmente, considera as fotos do filho como parte importante em seu cotidiano. Para ela, vê-lo através de fotografias é uma forma de tê-lo sempre presente.

Socorro vive uma relação difícil tanto com a perda do filho quanto com as fotografias deste. Perdeu o filho há aproximadamente dois anos em uma situação que lhe causa grande revolta e intenso sofrimento. Para ela, ter as imagens dele presentes em seu cotidiano é reviver a dor pela ausência, portanto, revela uma relação de evitação às fotografias. Relatou situações em que involuntariamente se percebia chorando ao ver fotos do

filho e, para evitar a tristeza, evita o contato com lembranças e fotografias. Paradoxalmente, por insistência dos filhos vivos, concordou em manter na sala de sua casa um banner feito homenagem ao filho que contém frases e fotos. Apesar da dor, tal fotografia passou a fazer parte do cotidiano de Socorro que, assim como Nazaré e Graça, dialogar com a imagem se tornou um hábito.

Graça vive com a ausência do filho há aproximadamente dois anos, no entanto, diferente de Socorro, não evita as fotografias, pelo contrário, sente necessidade de estar em contato com as imagens constantemente, revelando relação de dependência para com as fotografias do filho. Elas estão espalhadas por toda parte, seja no telefone celular, nas redes sociais e em diferentes ambientes de sua casa. Para ela, as fotos são recordações importantes da existência do filho e faz questão de inclui-lo em seu cotidiano. Dialogar com o filho através das imagens é algo imprescindível para Graça que, ainda que sofra com a ausência e privação da presença física do filho, considera que este permanece vivo em sua lembrança e presente em seu cotidiano.

Quadro 9 - Particularidades

Constituintes	Particularidades		
	Maria de Nazaré	Maria do Socorro	Maria da Graça
Relação com as fotografias	<p><i>Relação ambivalente ao longo do tempo</i></p> <p>31.1 [...] Antes quando eu olhava, eu já sabia que ele não estava aqui e era muito difícil eu relacionar a foto à presença dele, sabe?! Então hoje [pausa] a gente se vê muito bem.</p> <p>58. Porque é meio difícil a gente pensar naqueles momentos todos de uma... e quando você vê uma foto, aquele momento vem na sua cabeça, e por isso que era difícil antigamente olhar essas fotos. Então hoje, quando eu olho [pausa] eu já vejo de</p>	<p><i>Relação de evitação</i></p> <p>24.1. Eu tinha muitas fotos dele recentes no meu celular, essas eu prefiro não ver. Eu preferi tirar tudo e colocar no computador porque eu ia no ônibus sem fazer nada e, de repente, me pegava olhando as fotos dele e aquilo me dava uma tristeza que eu começava a chorar. Ai preferi tirar, acho que assim eu consigo ficar melhor, não pensar tanto nele o tempo todo, ocupo a minha cabeça e vou levando.</p> <p>7.2. [...] de vez em quando eu abro minha rede social e vejo foto dele [choro/pausa]... eu abro fotos que os meninos postam, os amigos dele, às</p>	<p><i>Relação de dependência cotidiana</i></p> <p>40.1.[as fotos] representam a minha vida, representam o ar que eu respiro. Como eu te falei, de manhã é a primeira coisa que eu vejo é a foto dele, é essa foto aqui [mostra a foto do filho na tela de fundo do celular]. É essa foto dele que eu vejo já acordo dizendo "bom dia meu amor!" e faço minha oração e... [...].</p> <p>45.2. Eu não quero dizer assim "ai, eu não quero olhar aquela foto, eu não quero lembrar!". Eu gosto de olhar porque eu quero lembrar! Eu preciso lembrar dele todo dia. Eu preciso</p>

Quadro 9 - Continua

Constituintes	Particularidades		
	Maria de Nazaré	Maria do Socorro	Maria da Graça
<p>Relação com as fotografias</p>	<p><i>uma forma mais tranquila no meu coração, aquele momento existiu, sabe?! A gente olha a foto e sabe que aquele momento existiu (...) Era só a ausência dele, mas hoje é a presença. Antes, nossa... a gente pensa logo que nunca mais vai ver aquela pessoa, nunca mais você vai tirar nenhuma foto</i></p> <p><i>16.2. Antigamente quando eu via essas fotos, eu chorava muito... Hoje eu me acostumei com elas, sabe?! Tem mãe que não olha foto do filho, que não quer ver, mas eu não! Eu pego, eu vejo, fico olhando, fico curtindo ele quando ele era pequeno... (...) Faz parte do meu dia a dia sim!</i></p>	<p><i>vezes, claro que eles não fazem para magoar, não é? Mas... [...] não me magoa, mas vem uma tristeza, não é? Lembrar que ele não está mais aqui com a gente</i></p> <p><i>19.1. Eu não gosto nem de ver. Quando eu olho uma foto dele eu começo logo a chorar e me vem uma lembrança tão doída que eu prefiro nem ver. Acho que quando eu vejo eu sofro mais. Estão ali guardadas [aponta para o armário], mas eu não gosto nem de olhar.</i></p>	<p><i>olhar e agradecer, e respirar e vamos lá!</i></p>

Fonte: Autoria própria.

4 AMPLIANDO OLHARES SOBRE A COMPREENSÃO DAS VIVÊNCIAS

Em relação às vivências de Maria de Nazaré, Maria do Socorro e Maria da Graça, pude perceber que, para elas, relatar a dor vivida pela perda do filho foi a parte mais intensa em todos os depoimentos. Falar sobre o que sentiram naqueles momentos que sucederam a morte de seus filhos fez surgirem lágrimas, expressões faciais e gestos de dor, evidenciando que, independentemente do tempo decorrido após a perda, ela se faz presente ao acessar lembranças dolorosas, principalmente aquelas associadas às circunstâncias de morte do filho. Ainda que estas lembranças sejam evitadas, a possibilidade de falar sobre elas nas entrevistas foi significada como alívio diante da escassez de espaços de escuta e acolhimento na sociedade em geral.

Nazaré, Socorro e Graça foram unânimes em descrever a dor da perda como uma dor eterna e constante. Caracterizam esta vivência como devastadora, capaz de provocar sentimentos nunca antes imaginados que poderiam ser vivenciados. A dor é vivida como visceral, traz a forte sensação de ter perdido parte de si e é descrita em detalhes dolorosamente revividos a cada lembrança.

O luto é singular, tendo em vista a unicidade do ser humano, no entanto, a despeito das variações e particularidades, é uma experiência que se caracteriza como uma dolorosa e intensa prova que alguém pode viver (CORREA, 2012). A forma como as participantes descrevem e significam a dor da perda de seus filhos vem a corroborar os achados de outros pesquisadores acerca desta temática (FREITAS; MICHEL, 2014; FRANQUEIRA, 2013; PANDOLFI, 2012; RANGEL, 2008; CASELLATO, 2002; MARTINS, 2001).

Para Freitas (2018), o luto não é uma experiência que se supera, e sim que se incorpora no existir, portanto, a questão não é esquecer, mas se permitir a descoberta de novas possibilidades, ressignificações e transformações ao longo do processo, tornando possível o enfrentamento da ausência presente do ser amado e perdido.

Frankl (1989) afirma que, apesar do senso comum julgar como inútil o choro ou o arrependimento, há uma profunda sabedoria nas emoções humanas que precede qualquer racionalidade. Emoções aparentemente inúteis guardam consigo um sentido que só se realizará na história pessoal daquele que sofre, ou seja, a dor do luto é plena de sentidos para o enlutado que vivencia a perda de um ente querido. Sofrer esta dor faz com que, de algum modo, aquele que se foi se mantenha presente.

Diante da possibilidade de realizar sentidos em pleno sofrimento, é possível observar nos relatos que a dor se transforma, assim, passa a ser vivida como saudade. Em alguns momentos ela é imersa em lembranças boas e, em outros, acompanhada de tristeza e dor ao defrontar-se com a ausência do filho. O fato é que evitá-las é uma tarefa impossível. O que se observa é que manter as lembranças sempre presentes é uma forma de honrar a existência do filho, mantendo-o vivo independente da presença ou ausência física.

Para as mães entrevistadas, seus filhos estão vivos de diferentes formas. Trazer à tona lembranças e reviver momentos, ainda que dolorosos, é para elas uma forma de ratificar a existência do filho amado e que não mais está fisicamente presente. É através de suas memórias que os filhos permanecem vivos, ou seja, no passado vivido, que é eternizado em lembranças. Para Frankl, ainda que o objeto de amor tenha sido objetivamente perdido no tempo empírico – neste caso por morte – permanece vivo subjetivamente, no tempo interior (FRANKL, 1989). Aquilo que foi vivido no passado, ninguém é capaz de arrancar, portanto, permanece eternizado na existência (FRANKL, 2015; CORREA, 2012).

A escolha por manter o filho vivo em memórias e encontrar maneiras de conviver com a ausência é uma forma de posicionar-se frente à dor. É possível observar que esta é uma escolha significativa, ainda que a perda seja devastadora e o lugar do filho jamais possa ser preenchido, estas mães percebem um chamado da vida a sobreviver à morte do filho. Relatam que, mesmo nos momentos de dor intensa, sentem que precisam seguir em frente e que entregar-se ao sofrimento não é uma opção, portanto, escolhem viver.

Apenas ao enfrentar um sofrimento verdadeiramente inevitável, como a morte de um filho, é possível dizer que há a realização plena de sentidos. Encontrar novos sentidos é o que permite sobreviver à dor da perda (FRANKL, 1989; 2015). Neste contexto, é possível considerar a possibilidade de superação do sofrimento. Vale destacar que, em casos de luto, a superação não significa dizer que o enlutado se tornará insensível perante a dor profunda causada pela perda de um ente querido; significa dizer que esta realidade é imutável e continuará a existir, logo, a descoberta de um sentido para a dor abre espaço para a possibilidade de transformá-la (CORREA, 2012).

O que as participantes relataram evidencia o que Frankl chama de liberdade última do ser humano. Para o autor, quando nada mais é possível fazer para mudar um destino trágico, a pessoa ainda guarda consigo a liberdade de escolher um posicionamento alternativo frente ao sofrimento (FRANKL, 2015). Nazaré, Socorro e Graça posicionam-se perante a morte inesperada de seus filhos optando por, mesmo na dor, encontrar novos sentidos para suas vidas.

É possível perceber que o amor existente nos vínculos familiares é o que sustenta e motiva a busca de novos sentidos para seguir em frente e não sucumbir à dor. Os relatos chamam atenção para a força do vínculo entre mães e filhos que se torna a principal motivação para permanecerem vivas. Para Frankl (1989) esta seria a única forma de entender que o amor é mais forte que a morte, ao passo que o ser amado permanece vivo na existência. Os laços firmados pelo amor permanecem a despeito da ausência, evidenciando que a capacidade humana de amar, ou seja, a autotranscendência, é mais forte que a morte, pois independe da presença física para ser realizada.

Isso se torna ainda mais claro ao constatar que Nazaré, Socorro e Graça revelam que, mesmo destruídas pela dor da perda, concentram suas forças nas necessidades dos filhos sobreviventes. Para elas, o amor pelo filho morto permanece e será eterno e, para além dele, o amor pelos filhos vivos é um chamado para a sobrevivência. Dedicar-se àqueles que amam é o que impulsiona estas mães enlutadas a seguir em frente, pensam na necessidade dos filhos vivos, no lugar que ocupam no grupo familiar e um futuro que ainda precisa ser vivido.

Autotranscender à dor em razão do amor aos filhos vivos e demais familiares é um desafio. Frankl assegura que dedicar-se a uma causa ou um ser amado como forma de transcender o sofrimento torna aquele que sofre ainda mais humano e pleno de sentidos (FRANKL, 2015). Para o autor, quanto mais a pessoa se dedica a uma causa ou a amar outra pessoa, mais humana e realizada será.

Para Moreira e Holanda (2010) existe sempre algo ou alguém que mereça esta árdua luta pela sobrevivência, o desafio é decidir entregar-se sem resistência à dor ou assumir uma postura ativa de luta por este motivo digno do sofrimento vivido. Os sentidos estão no mundo e, ao encontrá-los, a pessoa atribui sentido às suas vivências, tornando possível seu enfrentamento. Escolher viver e dedicar-se aos filhos é claramente uma forma de realizar sentidos através de valores vivenciais.

Para além da realização de valores vivenciais, no luto também é possível encontrar sentido através de valores criativos. No que tange à ocupação, esta pode assumir diferentes sentidos para cada uma delas e todas consideram que ocupar-se é fundamental na vivência da perda de um filho. O que chama atenção é a dupla função que a ocupação exerce na vida destas mulheres. Optam por manter-se ocupadas, pois, além de ter um lugar e uma função no mundo parcialmente destruído após a morte de seus filhos, é uma forma de evitar a dor avassaladora que constantemente se faz presente.

Nazaré traz a experiência de usar de sua dor como o mote para ajudar outras pessoas enlutadas através do trabalho que desenvolve em uma ONG. Socorro opta por voltar a

estudar e concluir a faculdade, ainda que esta decisão tenha sido motivada, inicialmente, exclusivamente como fuga da dor, frequentar a faculdade tornou-se uma oportunidade de transformar a vida sem motivações em algo possível de ser enfrentado. Graça fala sobre sua experiência de trabalho em um centro espírita como algo que já exercia antes da morte do filho e que, após o fato, ganhou um novo sentido. Sua disponibilidade e fé, juntas, fizeram com que relativizasse sua dor e, assim como Nazaré, percebesse que é possível usar de sua vivência como subsídio para ajudar outras pessoas em sofrimento.

Ao oferecer algo ao mundo por meio de uma tarefa, neste caso, tarefas criadas a partir da dor da perda, estas mães optam por sair de si em busca de novos sentidos para dor através da tarefa realizada e, por consequência, provocam transformações no ambiente e em pessoas que estão a sua volta (FRANKL, 1989; SANTOS, 2016).

O que as participantes trazem como ponto de destaque é que, mesmo em sofrimento, é possível criar, amar e posicionar-se como forma de encontrar novos sentidos para a vida que segue sem uma parte importante – o filho ausente. Viver a dor da perda é essencial para que a experiência seja ressignificada e possa ser transformada. Neste processo, outros dois aspectos se mostram importantes e merecem destaque: a religiosidade e a manutenção de pertences do filho falecido.

A religiosidade é um dos pilares fundamentais. Nazaré é católica, Socorro é evangélica e Graça é espírita e, independente do credo, todas falam da importância da fé no processo de enfrentamento da perda. Deus é fonte de “forças” para todas elas. Esta força se refere à coragem de atravessar cada momento difícil vivido após a morte do filho, assim como a certeza de que, com o suporte divino, é possível enfrentá-la.

Para Frankl, a vivência religiosa funciona como uma “âncora espiritual” capaz de prover um sentimento de segurança impossível de ser vivenciado em outras experiências que não fossem a relação com o divino (FRANKL, 2011 p. 179). A fé é uma forma de seguir acreditando que há um sentido para a experiência vivida, mesmo em circunstâncias que fogem às compreensões racionais. Aquino (2013) considera que a religiosidade também se configura enquanto um fenômeno especificamente humano, sendo ela a expressão mais autêntica de busca para um sentido da existência no mundo. Freitas e Michel (2014) afirmam que a espiritualidade manifestada através de crenças religiosas no processo de luto surge como um elemento favorecedor da ressignificação da relação com filho falecido por atenuar a dor da perda e trazer esperanças de um possível reencontro.

Quanto aos pertences, estes se revelam como uma forma de manter o filho vivo, estabelecendo um canal de acesso às lembranças. Preservar objetos que eram significativos

para eles em vida é uma forma de manterem-se ligadas aos filhos, independente da ausência física. Revelam que ter algo material que pertenceu ao filho é certificar-se de sua existência. Portanto, preservá-los se mostra como algo importante para estas mães. Tal necessidade já havia sido identificada por outros pesquisadores como Casellato (2002), Pandolfi (2012), Franqueira (2013) e Freitas e Michel (2014) que descrevem este hábito como uma forma de buscar a manutenção do vínculo com o ente querido falecido, trazendo a possibilidade de serem úteis na ressignificação da perda sofrida.

Neste contexto, as fotografias surgem como uma das formas de manter este laço entre mães e filhos, transcendendo a ausência física após a morte. São recursos que significam muito mais do que um registro objetivo de uma imagem. Subjetivamente, carregam consigo afetos, relações e lembranças (RUBY, 2001). Para Franqueira (2013) é um recurso carregado de significados. Desta forma, contribui para que o passado se mantenha eternizado na memória e na existência daqueles que compartilharam momentos registrados em imagens (MOREIRA LEITE, 2001; MOTA; PACHECO, 2005; KOURY, 2017).

Frankl (2015) constata que, em meio as piores situações vividas nos campos de concentração, a contemplação amorosa da imagem espiritual da pessoa amada que possui internamente é uma forma de realizar-se, ao passa que o amor nada tem a ver com a presença física do ser amado. Desta forma, a imagem, seja aquela existente na memória, seja aquela ao alcance das mãos, é capaz de favorecer a transcendência da dor e a vivência do amor.

Como afirmam D'Abronzo e Souza (2006), as fotografias se constituem como uma via importante de acesso às lembranças, ora relacionada à presença que acalenta, ora à ausência que emerge acompanhada de inúmeros sentimentos relacionados à perda. Independente daquilo que despertam, as imagens eternizadas em fotografias se tornam um meio de manter o laço indissolúvel que é a relação entre mães e filhos que, a despeito da ausência física, se mantém vivo e se transforma em meio à dor.

A relação que estabelecem com as imagens não é algo generalizável, cada um sente, percebe e significa as fotografias de maneira singular, como já explicitado anteriormente. É interessante observar que a forma como lidam com a morte é similar à forma como lidam com tudo aquilo que permaneceu e remete ao filho. Enquanto Socorro opta por excluir as imagens de seu cotidiano como forma de evitar a dor intensa e constante que remete à ausência do filho, Nazaré e Graça optam por incluir as imagens como parte importante do dia a dia. Para as duas últimas, ver o filho por meio de fotos é uma forma de mantê-lo presente no convívio familiar. Independente de incluir ou excluir do cotidiano, todas três revelam considerar importante ter fotografias dos filhos e optam por preservá-las.

Para Soares (2007), a representação em imagem do ente querido assume um papel importante no trabalho de luto, pois se apresenta como uma forma de resistir à ameaça assustadora que cerca a todos os indivíduos: o esquecimento. Esta ideia é corroborada por Freitas e Michel (2014) ao constatarem, em pesquisa com mães enlutadas, a ânsia pela perpetuação da memória de seus filhos.

O amor permanece, transcende a ausência e independe da temporalidade, portanto, tudo aquilo que pode favorecer a transformação da dor se faz importante. A partir do mergulho feito nas vivências destas mães que perderam seus filhos de maneira trágica e inesperada, foi possível perceber que ter fotografias por perto é uma oportunidade de defrontar-se com a realidade da ausência e, ainda que por vezes de forma dolorosa, conviver com as fotografias pode ser favorável à vivência do luto e à resignificação da vivência de perda. Diante disso, as fotografias se revelam como importante recurso terapêutico capaz de favorecer transformações neste processo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perder um filho precocemente e de forma inesperada é uma vivência que se constitui como um enorme desafio, tanto no que se refere ao enfrentar a dor da perda, quanto em sobreviver a ela. O fato da morte ter sido causada por circunstâncias não naturais é uma experiência extremamente dolorosa para estas mães, sendo observado que a maior parte de seus relatos giraram em todo da descrição, em detalhes, das circunstâncias de morte do filho e as reações, sentimentos e pensamentos que seguiram-se a esse momento. Ainda que doloroso, relatam que falar sobre este assunto durante as entrevistas lhes trouxe sensação de alívio e bem-estar.

Isso revela que a escuta oferecida acaba por exercer dupla função: coleta de dados e escuta terapêutica. Nazaré, Socorro e Graça foram unânimes em relatar que ter um espaço para falar sobre suas dores fez com que se sentissem acolhidas. Início, assim, estas considerações falando sobre este assunto, por constatar o quão urgente é a necessidade de se refletir sobre a importância de ampliação de espaços de escuta, acolhimento e trocas para enlutados, tendo em vista que esta é uma dor constante e eterna, e, na maioria das vezes, vivida de maneira solitária.

A partir das vivências destas mães enlutadas, foi possível observar que o luto pode envolver uma vivência insuperável, mas passível de ressignificações e transformações, conforme é apontado por pesquisas recentes acerca desta temática. A busca de novos sentidos acontece de forma natural através da realização de valores criativos, vivenciais e de atitudes.

Elas escolhem viver, ainda que a vida pareça destruída e destituída de sentidos, todas se mostram dispostas a não sucumbir ao sofrimento. Nesta busca por novos propósitos em meio a dor do luto, optam por dedicar-se à família, principalmente aos filhos sobreviventes e ao trabalho, deixando claro que podemos sucumbir ao sofrimento, mas também que novos sentidos podem construir novas possibilidades de existir.

Em meio a este processo de reconstrução de vida, a fotografia surge como uma possibilidade de manutenção de um laço indissolúvel: o vínculo entre mãe e filho. Esta relação não se desfaz com a morte, ela se transforma e se reinventa. A saudade é descrita como um sentimento eterno e, diante da necessidade de manter-se ligada ao filho falecido, estas mães falam sobre a importância de guardar pertences e registros fotográficos.

A fotografia se revela nestes relatos como um recurso capaz de acessar memórias, reacender afetos e revisitar o passado ali eternizado. Este achado corrobora o que outros autores já haviam constatado ao pesquisar sobre fotografia e a morte em outras áreas do

conhecimento. Psicologicamente, a fotografia se mostrou um recurso capaz de assumir funções terapêuticas no processo de luto.

Ao tratá-la como recurso terapêutico, enfatizo suas potencialidades em favorecer a vivência do luto, preservar memórias e reafirmar a existência daquele que se faz, ao mesmo tempo, ausente e presente na vida destas mães enlutadas. Ao despertar sentimentos, ora de saudade que acalenta, ora dor e tristeza, as imagens fotográficas favorecem que o enlutado possa se defrontar com a realidade da perda e, desta forma, buscar novos sentidos e significados para esta vivência.

No que se refere à relação que estas mães estabelecem com as fotografias dos filhos, observamos que a mesma se dá de maneira singular. Cada uma encontra uma forma de lidar com as imagens, portanto, impossível de ser generalizada. O que se revela comum entre as três participantes é o hábito de dialogar com as imagens como forma de transformar a relação com os filhos e os manter presentes no cotidiano familiar.

O que é indiscutível, tanto nestes achados, quanto na literatura, é que o amor transcende a ausência física e, como destaca Frankl (2015), independe da presença para se realizar. Tudo aquilo que for capaz de fortalecer este laço e ratifica a existência desta relação se revela como importante para estas mães. Tal qual a existência que é única e singular, o processo de luto também será, portanto, cada uma encontra suas próprias formas de viver, sobreviver e significar a experiência de perda de um filho.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDER, K. V. The one thing you can never take away. **MCN Am J Matern Child Nurs.**, v. 26, n. 3, p. 123-127, may-jun 2001. Disponível em <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed>>. Acessado em 17 nov. 2016.
- ALVES, E. G. R. A morte matada: luto por violências. In SANTOS, F. S. **Tratado brasileiro sobre perdas e luto**. São Paulo: Atheneu, 2014. pp. 131-136
- ALMEIDA, E. J.; GARCIA-SANTOS, S.; HAAS, E. I. Padrões especiais de luto em mães que perderam filhos por morte súbita. *Revista de Psicologia da IMED*, v. 3, n. 2, p.606-616, 2011. Disponível em:< <https://seer.imed.edu.br/index.php/revistasico/issue/view/14>>. Acessado em: 27 de set. 2016
- AMATUZZI, M. M. Pesquisa fenomenológica em psicologia. In BRUNS, M. A. T. e HOLANDA, A. F. (Orgs.), **Psicologia e fenomenologia: reflexões e perspectivas**. Campinas: Alínea, 2ª Ed. 2011. pp. 17-25
- ANDRADE, C. C.; HOLANDA, A. F. Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. **Estudos de Psicologia**. Campinas, v. 27, n. 2, p.259-268, Jun. 2010. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2010000200013>. Acessado em: 13 de out. de 2015.
- AQUINO, T. A. A.; SERAFIM, T. D. B.; SILVA, H. D. M.; BARBOSA, E. L.; CIRNE, E. A.; FERREIRA, F. R.; DANTAS, P. R. S. Visões de morte, ansiedade e sentido da vida: Um estudo correlacional. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 28, n. 63, p. 289-302, out./dez.2010. Disponível em: < <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/issue/view/1745>>. Acessado em: 07 de out. de 2018.
- AQUINO, T. A. A. **Logoterapia e análise existencial: uma introdução ao pensamento de Viktor Frankl**. São Paulo, 2013.
- AQUINO, T. A. A.; VÉRAS, A. S.; BRAGA, D. O. L.; VASCONCELOS, S. X. P.; SILVA, L. B. Logoterapia no contexto da psicologia: reflexões acerca da análise existencial de Viktor Frankl como uma modalidade de psicoterapia. **Revista Logos & Existência**, v. 4, n. 1, p.45-65, 2015. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/le/issue/view/1569/showToc>>. Acessado em: 04 de out. de 2018.
- ARIÈS, P. **A História da Morte do Ocidente**. Lisboa: Teorema, 2ª ed., 1989.
- BARTHES, R. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BLOOD, C.; CACCIATORE, J. Parental Grief and Memento Mori Photography: Narrative, Meaning, Culture, and Context. **Death Studies**. v. 38, p. 224–233, 2014. DOI: 10.1080/07481187.2013.788584. Disponível em <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed>>. Acessado em 17 nov. 2016.
- BORGES, D. R. Relações entre morte e fotografia: usos do retrato em ritos fúnebres pelas

famílias de Bela Vista de Goiás. In: **I Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e cultura Visual**, 2008, Goiânia, GO. Anais (on-line). Disponível em: <<https://seminarioculturavisual.fav.ufg.br/p/23254-anais>>. Acessado em: 25 de set. de 2018.

BRUNS, M. A. T. e HOLANDA, A. F. (Orgs.). **Psicologia e fenomenologia: reflexões e perspectivas**. Campinas: Alínea, 2ª Ed., 2011

CAMPOS, I. S. A ótica do inevitável: reflexões sobre o fim da aura na fotografia mortuária brasileira. **Mediação**. Belo Horizonte, v. 12, n. 11, jul. / dez. 2010. Disponível em <<http://www.periodicos.capes.gov.br/>>. Acessado em: 14 nov. 2016

CASELLATO, G. Luto pela perda de um filho: a recuperação possível diante do pior tipo de perda. In FRANCO. M. H. P. (Org.). **Uma Jornada sobre o Luto: A Morte e o Luto sob diferentes olhares**. São Paulo: Livro Pleno, 2002. pp. 11-21.

CAVALCANTI, M. E. P. O luto em Artes Plásticas. In: SANTOS, F. S. **Tratado brasileiro sobre perdas e luto**. São Paulo: Atheneu, 2014. pp. 37-46.

CERQUEIRA, D., LIMA, R. S., BUENO, S., NEME, C., FERREIRA, H., COELHO, D., ALVES, P. P., PINHEIRO, M., ASTOLFI, R., MARQUES, D., REIS, M., MERIAN, F. **Atlas da Violência 2018 – IPEA/ FBSP**, 2018. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/>>. Acessado em: 09 de out. de 2018.

CORREA, D. A. Do luto ao sentido: aportes da logoterapia no espaço psicoterapêutico. **Psicologia Teoria e Prática**, v. 14, n. 3, p. 180-188, dez. 2012. São Paulo. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872012000300015&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em: 30 de set. de 2018.

DARTIGUES, A. 1973. **O que é a Fenomenologia?** São Paulo: Eldorado.

D'ABRONZO, T. H.; SOUZA, M. I. P. O. Para salvar do esquecimento: da fotografia ao teatro da morte de Tadeusz Kantor. **Discursos Fotográficos**, v. 2, n. 2, p.237-253, dez. 2006. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.gov.br/>>. Acessado em: 14 nov. 2016.

FRANCO, M. H. P. Luto: a morte do outro em si. In FRANCO, M. H. P.; KOVÁCS, M. J.; CARVALHO, M. M. M. J.; CARVALHO, V. A. **Vida e Morte Laços da Existência**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2ª ed., 2011. p. 99-121.

FRANCO, M. H. P. (Org.). **Formação e rompimento de vínculos: O dilema das perdas na atualidade**. São Paulo: Summus, 2010.

FRANKL, V. E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 38ª ed., 2015.

_____. **A vontade de sentido: Fundamentos e aplicações da logoterapia**. São Paulo: Paulus, 2011.

_____. **Psicoterapia e Sentido da vida: Fundamentos da Logoterapia e análise existencial**. São Paulo: Quadrante, 1989.

FERREIRA JUNIOR, A.; PEREIRA, M. E. Cuidados na Divulgação da morte por suicídio e por homicídio: uma perspectiva crítica. In: FUKUMITSU, K. O. (Org.). **Vida, morte e luto: atualidades brasileiras**. São Paulo: Summus, 2018. pp. 257-268.

FRANQUEIRA, A. M. R.; MAGALHAES, A. S.; FERES-CARNEIRO, T. O luto pelo filho adulto sob a ótica das mães. **Estudos de Psicologia**. Campinas, v. 32, n. 3, p. 487-497, Set. 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103166X2015000300487&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 25 de out 2016.

FRANQUEIRA, A. M. R. **Destruídas ou transformadas: O luto pelo filho adulto sob a ótica das mães**. 131f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC RJ, Rio de Janeiro, 2013.

FREITAS, N. K. **Luto materno e psicoterapia breve**. São Paulo: Summus, 2000.

FREITAS, J. L.; MICHEL, L. H. F. A maior dor do mundo: o luto materno em uma perspectiva fenomenológica. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 19, n. 2, p. 273-283, jun. 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722014000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 24 mar. 2016.

FREITAS, J. L. Luto, pathos e clínica: uma leitura fenomenológica. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 50-57, jan. 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0103-656420160151> >. Acessado em: 22 de set. de 2018.

_____. Luto e fenomenologia: uma proposta compreensiva. **Revista Abordagem Gestalt**. Goiânia, v. 19, n. 1, p. 97-105, jul. 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000100013&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em 28 set. 2016.

FUJISAKA, A. P. **O familiar cuidador e o processo de fim de vida e morte de seu ente querido: uma compreensão fenomenológica**. 490f. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia, Universidade de São, 2014.

GIORGI, A.; SOUSA, D. **Método fenomenológico de investigação em Psicologia**. Lisboa: Fim de Século, 2010.

GOMES, S. S. et al. O processo de luto pela perda de um filho em uma idosa cuidadora de um paciente crônico. **Psicologia Hospitalar**. São Paulo, v. 13, n. 1, p. 64-90, jan. 2015 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-74092015000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 24 out. 2016.

GONZALES REY, F. L. **Pesquisa qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios**. 1ª Ed. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

HOLANDA, A. F. Pesquisa fenomenológica e psicologia eidética: elementos para um entendimento metodológico. In: BRUNS, M. A. T. e HOLANDA, A. F. (Orgs.), **Psicologia e Fenomenologia: reflexões e perspectivas**. Campinas: Alínea, 2ª Ed., 2011. pp.41-64

HOLANDA, A. Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. **Análise**

Psicológica, Lisboa, v. 24, n. 3, jul. 2006. Disponível em <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?pid=S0870-82312006000300010&script=sci_arttext>. Acessos em 25 out. 2015.

KOVÁCS, M. J. Morte, separação, perdas e o processo de luto. In KOVÁCS. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 5ª Ed., 3ª reimpressão, 2015. pp. 153-169

_____. Prefácio. In. RANGEL, A. P.. F. N. **Amor infinito**: Histórias de pais que perderam seus filhos. São Paulo: Vetor, 2008.

_____. Educação para a morte. **Psicologia Ciência e Profissão**. Brasília, DF, v. 25, n. 3, p. 484-497. set. 2005.

KOURY, M. G. P. Fotografia e memória. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 16, n. 47, p. 75-81, ago. 2017. Disponível em: < <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/> > Acessado em: 25 de set. de 2018.

_____. Fotografia e Sociedade: representações sociais da fotografia mortuária em João Pessoa – PB. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 15, n. 43, p. 11-25, abril 2016. Disponível em: < <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html> > Acessado em: 25 de set. de 2018.

_____. O luto no Brasil no final do século XX. **Caderno CRH**. Salvador, v. 27, n.72, p.593-612, Dez. 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792014000300010&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 13 nov. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792014000300010>.

_____. O imaginário urbano sobre fotografia e morte em Belo Horizonte, MG, nos anos finais do século XX. **Varia História**. Belo Horizonte, v. 22, n. 35, p. 100-122, jun. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752006000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 26 out. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-87752006000100007>>

_____. **Amor e dor**: ensaios em antropologia simbólica. Recife: Bagaço, 2005.

_____. Sofrimento íntimo: individualismo e luto no Brasil contemporâneo. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**. João Pessoa, v. 1, n. 1, p.77-87, abril de 2002. ARTIGO ISSN 1676-8965. Disponível em <<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>>. Acessado em: 13 nov. 2016

_____. **Imagem e memória**: ensaios em Antropologia visual. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

MANDER, R; MARSHALL, R. K. An historical analysis of the role of paintings and photographs in comforting bereaved parents. **Midwifery**, v. 19, n.3, p. 230-42, sep. 2003. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed>>. Acessado em 17 nov. 2016

MANFRINATO, M. G. **Psicologia e DSM**. 32f. Monografia (Curso de Aprimoramento) –

Instituto 4 Estações – São Paulo, 2011. Disponível em:

<http://www.4estacoes.com/pdf/publicacoes/psicologia_e_dsm.pdf>. Acessado em: 17 de maio de 2016.

MARTINS, G. **Laços atados**: A morte do jovem no discurso materno. Curitiba: Moinho do Verbo, 2001

MARTINS, J., BICUDO, M.A.V. **A pesquisa qualitativa em Psicologia**: fundamentos e recursos básicos. 1ª Ed. São Paulo: Editora Moraes, 1989.

MAZORRA, L. **A construção de significados atribuídos à morte de um ente querido e o processo de luto**. 265 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC SP, São Paulo, 2009.

MEREDITH, R.; RODRIGUES PEREIRA, R.; SCHUT, H. A.; STROEBE, M. S. Photographs of deceased newborn infants as documentation and as aid in mourning process for parents. **Ned Tijdschr Geneesk.**, v. 150, n. 24, p. 1331-5. Review. Dutch., jun. 2006. Disponível em <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed>>. Acessado em 17 nov. 2016.

MOREIRA LEITE, M. **Retratos de Família**: Leitura da Fotografia Histórica. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 3ª ed., 2001.

MOREIRA, N.; HOLANDA, A. Logoterapia e o sentido do sofrimento: convergências nas dimensões espiritual e religiosa. **Psico-USF**, v. 15, n. 3, p. 345-356, set./dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712010000300008>. Acessado em: 19 de jul. de 2018.

MOTA, A.; PACHECO, D. C. **Escola em Imagens**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE – OMS. **Acidentes de trânsito** (Folha Informativa), 2016. Disponível em: <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5147:acidentes-de-transito-folha-informativa&Itemid=779>. Acessado em: 12 de out. de 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE - OMS. **Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde – CID 10**. 10ª rev, v. 1, 2008. Disponível em: <http://www.datasus.gov.br/cid10/V2008/WebHelp/cid10.htm>. Acessado em: 10 de maio de 2018.

PANDOLFI, A. **O que a morte não destruiu daquele que partiu**: A construção de significados no processo de luto materno. 137 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC SP, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.4estacoes.com/>>. Acesso em: 14 de fev. 2017.

PARKES, C. M. **Amor e Perda**: as raízes do luto e suas complicações. São Paulo: Summus, 2009.

_____. **Luto**: estudos sobre a perda na vida adulta. São Paulo: Summus, 1998.

RANGEL, A. P. F. N. Luto Parental: A Difícil Jornada da Continuidade. In: SANTOS, F. S.

Tratado brasileiro sobre perdas e luto. São Paulo: Atheneu, 2014. pp. 177-190.

RANGEL, A. P. F. N. **Amor infinito:** Histórias de pais que perderam seus filhos. São Paulo: Vetor, 2008.

RICHES, G.; DAWSON, P. Lost children, living memories: the role of photographs in processes of grief and adjustment among bereaved parent. **Death Stud.**, v. 22, n. 2, p. 121-140, 1998. Disponível em <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed>>. Acessado em 17 nov. 2016.

RUBY, J. Retratando os mortos. In: KOURY, M. G. P. **Imagem e memória:** ensaios em Antropologia visual. Rio de Janeiro: Garamond, 2001. pp. 95-112.

SANTOS, C. J. **O corpo, a morte, a imagem: a invenção de uma presença nas fotografias memoriais e post-mortem.** 289f. Tese (Doutorado em Artes) – Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Minas Gerais, 2015.

SANTOS, D. M. B. Logoterapia: Compreendendo a teoria através de mapa de conceitos. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 68, n.2, p. 128-142, 2016. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v68n2/v68n2a11.pdf>>. Acessado em: 03 set. 2018.

SMART, L. S. Parental Bereavement in Anglo American History. **Omega (Westport)**, v. 28, n. 1, p. 49-61, feb. 1994. Disponível em < <https://doi.org/10.2190/GXW8-N24M-E9W4-QH7M> >. Acessado em 22 nov. 2016.

SOARES, M. A. P. **Representações da morte: fotografia e memória.** 149 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC RS, Rio Porto Alegre, 2007. Disponível em < <http://www.periodicos.capes.gov.br/>>. Acessado em: 14 nov. 2016.

SOUZA, A. M., MOURA, D. S. C., PEDROSO, J. S. Instrumento de avaliação do luto e suas funções terapêuticas: a experiência em um serviço de pronto atendimento ao enlutado. In: FRANCO, M. H. P. (Org.). **Formação e Rompimento de Vínculos:** O dilema das perdas na atualidade. São Paulo: Summus, 2010. pp. 123-144.

SOUZA, E. A.; GOMES, E. S. A visão de homem em Frankl. **Revista Logos & Existência**, v. 01, n. 01, p. 50-57, 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/le>>. Acessado em: 06 set. 2018.

SOUZA, J. L. et. al. A Fotografia de bebês no momento da morte: uma referência à sua história e memória na elaboração do luto. Trabalho apresentado em **II Encontro Internacional sobre Luto e Cuidados Paliativos/ V Jornada Paulista sobre Luto**, 2007. Disponível em <http://www.4estacoes.com/publicacoes_online.asp>. Acesso em: 16 nov. 2016.

VAILATI, L. L. As fotografias de "anjos" no Brasil do século XIX. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, v. 14, n. 2, p. 51-71, dez. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142006000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 26 out. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-47142006000200003>.

WAISELFISZ, J. J. **Mapa da Violência 2016: Homicídios por arma de fogo no Brasil**. Brasília, 2016. Disponível em: < <https://www.mapadaviolencia.org.br/> >. Acessado em: 13 de set. 2018.

_____. **Os Jovens do Brasil: Mapa da Violência 2014**. Brasília, 2014. Disponível em <<https://www.mapadaviolencia.org.br/>>. Acessado em 17 nov. 2016.

WHITE, C.; FESSLER, D. M. Evolutionizing grief: viewing photographs of the deceased predicts misattribution of ambiguous stimuli by the bereaved. **Evolutionary Psychology**. (??), v. 11, n. 5, p. 1084-1100, dec. 2013. Disponível em <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed>>. Acessado em 17 nov. 2016.

ZANELLA, F. P. A decadência dos sentidos póstumos: transumância devotada à memória em um dia de visitas aos mortos. **BIBLOS**. Rio Grande, v. 23, n. 1, p. 155-169, abril 2009. Disponível em: < <http://www.periodicos.capes.gov.br/> >. Acessado em: 24 nov. 2016

APÊNDICE - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezada participante,

Meu nome é Rebecca Barata Moreira, sou psicóloga e estou desenvolvendo uma pesquisa de mestrado vinculada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará (UFPA) sob orientação da Prof.^a Dr.^a Airle Miranda de Souza.

A pesquisa é intitulada "As fotografias do(a) filho(a) falecido(a) no processo de luto materno: desvelando vivências" e tem como objetivo principal compreender os significados das vivências de mães enlutadas e suas relações com as fotografias de filhos já falecidos.

Caso tenha interesse em colaborar com o estudo, é importante saber que sua colaboração consistirá em conceder uma entrevista na qual poderá contar livremente sobre sua experiência de perda do(a) seu(a) filho(a), assim como sobre os significados que as fotografias dele(a) possuem dentro dessa vivência. Ao longo da entrevista, poderei intervir com algumas perguntas, sendo que essas estarão relacionadas aos temas já apontados em seu relato. A entrevista poderá acontecer em qualquer local, desde que seja previamente acordado entre nós, que haja privacidade e você se sinta confortável para falar sobre sua experiência.

Havendo consentimento, o seu depoimento será gravado para facilitar a compilação das informações. Comprometo-me com a garantia do sigilo em relação à realização e ao conteúdo da entrevista, assumindo a responsabilidade de omitir nomes e quaisquer dados que permitam identificação. As transcrições destes dados serão utilizadas para fins acadêmicos, ou seja, para elaboração da minha dissertação de mestrado, artigos a serem publicados em periódicos científicos, trabalhos em congressos e relatório técnico a ser apresentado ao Comitê de Ética da Instituição, não havendo qualquer possibilidade de divulgação em outros meios de comunicação.

Sua colaboração será totalmente voluntária, o que significa dizer que você não precisa fornecer informações que não queira, além de ter liberdade para interromper sua participação a qualquer momento, sem prejuízo a si mesma ou qualquer penalização. Vale ressaltar que esta pesquisa será realizada com meus próprios recursos, observando que você não terá despesas pessoais nem receberá qualquer forma de ganho financeiro ou material pela sua participação.

Esta pesquisa apresenta risco mínimo à sua integridade física e/ou psicológica, visto que se trata de uma entrevista que foi elaborada com objetivo de favorecer a livre expressão acerca de suas experiências de vida. Como benefício deste estudo, haverá a possível contribuição para compreensão dos significados das vivências de mães em relação às fotografias de filhos já falecidos

Coloco-me à sua disposição para esclarecimento de dúvidas, assim como prestar maiores informações sobre sua participação nesta pesquisa a qualquer momento, mesmo após o término da entrevista. Os contatos estão listados abaixo. Além disso, se houver necessidade de apoio e/ou orientação psicológica, ou encaminhamento a outros profissionais, assumo a responsabilidade de prestar tal assistência também a qualquer tempo, mesmo após o término de sua participação.

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será emitido em duas vias, que deverão ser assinadas por você, como colaboradora, e por mim, como pesquisadora. Uma das vias será entregue a você e a outra ficará sob minha responsabilidade.

Atenciosamente,

Rebecca Barata Moreira - CRP 10/3510

Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UFPA

e-mail: rebeccamoreira@gmail.com Tel.: (91) 98116-4225

Airle Miranda de Souza

Pesquisadora Orientadora - Docente do Programa de Pós-graduação em Psicologia - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UFPA

e-mail: airlemiranda@gmail.com Tel: (91) 98862-1121

Secretaria de Pós-graduação em Psicologia - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UFPA

Rua Augusto Corrêa - Campus Universitário, nº 01, Guamá

Emil: secppgp@ufpa.br Tel: 3201-7782

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará (CEP-ICS/UFPA)

Complexo de Sala de Aula/ICS - Sala 13 - Campus Universitário, nº 01, Guamá. CEP: 66.075-110 - Belém-Pará.

E-mail: cepccs@ufpa.br Tel/Fax. 3201-7735

Declaração de Consentimento Livre e Esclarecido

Declaro ter sido suficientemente informada e compreendi o que li a respeito desta pesquisa. Estão claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, a garantia de confiabilidade e quaisquer esclarecimentos. Concordo, voluntariamente, em participar deste estudo e estou ciente da possibilidade de retirar meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo. Declaro ainda que possuo uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Assinatura da participante



Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido desta pessoa para a participação neste estudo.

Pesquisadora: Rebecca Barata Moreira

Belém, ____ de _____ de _____.

ANEXO 1
Transcrições/ Unidades de significados/Expressões de caráter psicológico
Entrevistas de Maria de Nazaré (P1)

Entrevista 01

Transcrição/Unidades de significado	Expressões de caráter psicológico
<p>1. P1: quando você me falou que a gente poderia combinar o local da entrevista, eu pensei em um lugar... Entrevistadora (E): que lugar seria esse?</p> <p>P1: eu pensei lá no cemitério [risos] é um lugar muito tranquilo, a gente fica à vontade.</p> <p>E: existiria essa possibilidade, desde que a gente combinasse.</p> <p>P1: pois é, nós fomos domingo lá... para ele também estar presente, mas ele está aqui presente, não está? [risos]. Mas aí pensei que tu não irias topa, aí preferi não dizer nada. Fiquei com receio porque não combinei com você antes. Porque lá é tranquilo, muito tranquilo, tem o canto dos pássaros, eles colocam um toldo... fiquei imaginando a gente lá, sabia?! Já fizemos duas celebrações lá, a primeira foi na capela, mas eu queria uma lá na lápide, deu mais de 50 pessoas, eles deram todo o apoio, foi muito legal!</p> <p>E: e como seria para você se fosse lá a entrevista?</p> <p>P1: seria tranquilo também. Lá a minha cabeça pensa na presença física dele [risos] besteira não é?</p> <p>E: não me parece besteira. Parece-me que quando você diz ser besteira, seria porque muitas pessoas veriam essa escolha com estranheza</p> <p>P1: isso, é isso mesmo.</p> <p>E: mas para você, tem um significado.</p> <p>P1: tem mesmo. As pessoas sempre veem com estranheza, até eu ir até lá até hoje.</p>	<p>1. P1 inicia seu depoimento manifestando interesse velado em realizar a entrevista no local onde o filho está enterrado, como uma forma de incluí-lo na entrevista. Refere que o local lhe transmite tranquilidade, e principalmente, por estar diante do que considera a presença física dele. Ainda que sinta a necessidade de estar ali, sente-se tola diante do julgamento social que vai de encontro às suas necessidades emocionais frente à ausência do filho morto. Enfatiza que a despeito da opinião de outras pessoas e do tempo decorrido desde o falecimento, estar no cemitério onde o filho está enterrado é algo que lhe faz bem.</p>
<p>2. E: quanto tempo faz desde o falecimento dele? P1: 9 anos, 8 meses e poucos dias. Foi dia 24 né? Todo mês eu peço uma celebração até hoje, todo mês! Faço uma celebração, vou à missa, em qualquer lugar que eu esteja. No mês de julho eu estava fora, justamente com uma parte da minha família que são adventistas. A minha sobrinha mora em frente a uma igreja, mas a igreja no momento não estava funcionando. Onde eu ia conseguir uma celebração? Fora do Brasil? Mas eu falei para eles "olha gente, eu gostaria que hoje a gente tirasse um momento do dia para que fizéssemos um momento oração", independente de ser em uma igreja ou não. Foi a primeira vez, nesses 9 anos que não acontece a celebração, mas tivemos um momento de oração.</p>	<p>2. P1 refere a quantidade de dias, meses e anos de falecimento do filho, sinalizando ser impossível esquecer a data de falecimento do filho. Enfatiza fazer questão de manter rituais de homenagem a ele independentemente do local em que se esteja, sente a necessidade de marcar a data do falecimento com momentos de oração.</p>
<p>3. Então eu acho assim, para mim faz bem, se as pessoas falam ou se não falam, eu não estou nem aí, eu continuo indo lá, o meu marido me acompanha, eu acertei com o meu filho [filho vivo] que eu faria a visita uma vez por mês. Ele chegou, chorou comigo na mesa, me falou, me pediu porque ele ficou sabendo que eu ia lá toda semana lá e aí eu falei para ele que eu ia de 15 em 15 dias, mas uma vez ou outra dava uma fugida, aí depois eu combinei com ele que eu iria 1 vez por mês, mas quando eu preciso ir, eu vou.</p>	<p>3. P1 refere neste trecho o bem estar que sente ao ir ao cemitério visitar o local onde o filho está enterrado, independente do julgamento alheio e conflitos familiares gerados por este hábito que, apesar de tudo, vivencia como refúgio.</p>
<p>4. Desde que tudo aconteceu, a minha prima me deu um livro chamado "Palavras de consolo para momentos de dor". É um livro de autoajuda, mas excelente. Sempre que eu vou ao cemitério, eu levo o livro, levo a liturgia da nossa igreja católica, fazemos a nossas orações, eu abro em uma página e leio. É interessante que em todas as páginas tem algo a ver com a gente. São mensagens boas e que a gente se sente bem.</p>	<p>4. P1 falar sobre recursos que lhe foram de grande importância para lidar com o sofrimento da perda do filho, um livro de autoajuda e sua religiosidade. Destaca a importância da identificação com o que está descrito nas páginas do livro e que</p>

	esta leitura lhe faz bem.
<p>5. Então quando eu vou lá, eu me sinto bem. Ah, você chora? Às vezes sim, muitas vezes sim, mas... quando vou me despedir "tchau meu filho, fique com Deus" faz de conta que estou me despedindo dele ali naquele momento, "bom descanso para você e tal" e saio dali aliviada, eu fui lá, fiz uma visita para ele, na casinha dele, sabe?! Isso me faz bem. Troco as flores constantemente. E para mim, digo assim "gente, hoje meus gastos com ele são flores e velas" então é isso que eu faço.</p>	<p>5. P1 retoma a questão das idas ao cemitério, enfatizando o bem-estar que sente ao estar neste local, ainda que a tristeza e as lágrimas se façam presentes. Refere fantasiar sobre a convivência com o filho falecido, revelando o desejo de mantê-lo vivo em seu cotidiano, mantendo contato e suprimindo o que considera como suas necessidades atuais.</p>
<p>6. P1: Você conhece esse livro?</p> <p>E: Não conheço, mas pelo que você me diz, foi muito importante para você nesses anos todos, não é?</p> <p>P1: muito, muito, muito importante! Olha... sempre que alguém me fala alguma coisa, eu digo "procura onde tem, se você não encontrar em uma livraria, pede pela internet", é muito importante. Tem uma parte do livro que ele diz que os vales não duram para sempre, ele explica as fases do luto que você vai tendo. Tudo que eu entendi lá, eu passo para outras pessoas, porque tem mães que acham que nunca vão sair dali. Bom, tem umas que se entregam e que ficam vivenciando aquilo e acaba virando uma doença. Eu conheço varias. Nas minhas redes sociais o que mais tem são mães de anjos, muitas mesmo. É assim que a gente chama as mães que perderam filhos. Muitas se entregam mesmo, ficam no fundo do poço, principalmente as mães que perdem o filho único. Ela acha que perdeu tudo na vida, como perdeu mesmo, e não tem mais porque viver se entregou e só quer morrer. É muito triste a gente ver as mães assim. Ai, em determinado momento a gente, eu, comecei a entender.</p>	<p>6. P1 refere que a leitura do livro de autoajuda serviu para melhor compreender o sofrimento vivenciado durante o processo de luto, destacando que sentiu necessidade de transmitir o conhecimento adquirido para ajudar outras mães que vivenciam perdas como a sua. Traz o seu entendimento sobre perder um filho a partir da sua experiência de vida e experiência de outras mães, revelando que perder um filho faz a vida perder o sentido e que isso pode ser insuportável para algumas mães.</p>
<p>7. Muitas pessoas chegavam para mim e diziam: "você está esquecendo o seu filho", meu outro filho, o Luís. "você está esquecendo, ele está sentindo, ele está percebendo que você não liga para ninguém, não liga para família", mas realmente eu não queria. Acho que não é nem que eu não quisesse, acho que aquilo faz parte daquele momento, sabe?! Desde que aconteceu, eu fiquei aérea. Na realidade a gente só pensa em morrer, eu demorei a entender isso, mas depois eu entendi. No meu pensamento, eu só queria que Deus me levasse.</p>	<p>7. P1 fala e descreve momentos vividos após a morte do filho, revela sensação de perda de sentido da vida e desinvestimento na família e desejo de morte.</p>
<p>8. A princípio, eu briguei com ele [Deus], com tantos por quês sem resposta. Depois eu comecei a... bom, depois que eu falo é depois de um bom tempo, né?</p> <p>E: você diz isso de uma maneira cronológica? Você me fala sobre vários momentos vividos e o que você sentiu após a partida dele, é isso?</p> <p>P1: Não, não, digo dos vários momentos que eu passei ao longo desses anos. Ai depois eu digo: "meu Deus..." eu comecei a ir para a igreja, ir muito para a igreja. Quando eu digo que briguei com Deus é porque eu não aceitava de maneira nenhuma, eu sempre fui católica, meu filho fez tudo, primeira eucaristia, fez tudo, tudo, tudo e, de repente, aquilo acontece na minha vida.</p>	<p>8. P1 segue descrevendo momentos vividos após a morte do filho. Revela vivência de conflitos com a sua fé e a figura divina. Inicialmente significa a morte como punição, sente-se injustiçada. Diz ter seguido todos os ensinamentos de sua religião, portanto não aceitava ser possível viver tamanho sofrimento.</p>
<p>9. P1: Eu fazia várias comparações: minha rotina era assim, assim, e dia de domingo eu saía para fazer isso e aquilo e tudo mudou. Eu tinha que ir para delegacia, tinha que ir para fórum criminal que eu nem sabia onde era, ir para ministério público... eu fazia questão de ir, fazia questão de ir mesmo!</p> <p>E: para você aquilo era importante?</p> <p>P1: Era muito importante, eu fazia questão de acompanhar aquilo tudo porque eu achava... não sei se você sabe como tudo aconteceu, nos jornais sempre publicavam, e publicavam bastante, e sempre na manchete dizia que ele havia sido morto por engano, quer dizer, as pessoas chegavam para mim e perguntavam "como por engano?" e ai eu contava mais ou menos a história, dizia que o rapaz que foram matar tinha características físicas diferentes do meu filho. "Mas como que foi por engano?" então eu me sentia na obrigação de provar a inocência do meu filho, e eu só poderia provar a inocência dele se tivesse um julgamento e os</p>	<p>9. P1 fala sobre a necessidade de mudanças repentinas em sua rotina e que, apesar do desconhecido, fazia questão de se fazer presente em tudo que tivesse qualquer relação com a morte do filho. Provar sua inocência tornou-se um objetivo de vida.</p>

<p><i>caras confessassem como foi confessado dentro do tribunal. Se não, qual a outra maneira que eu ia provar? Não tinha como. Eu tinha que provar tudo isso. Eu, graças a Deus, em menos de um ano foram julgados, condenados, e têm dois presos, dois mortos. Os que estão mortos morreram porque morreram, um em assalto, outro porque mataram mesmo e os presos foram julgados e condenados. Então, eu, graças a Deus, consegui provar a inocência do meu filho, quer dizer, não era ele para ser morto.</i></p>	
<p><i>10. Mas hoje eu tenho um pensamento um pouco diferente, embora talvez até seja uma contradição, eu sempre falo o seguinte, o perdão ainda está um pouco longe de mim, sabe? Sei lá, a gente escuta tanta coisa sobre perdão, e coisas tão boas que realmente fazem um bem para a gente... mas eles peçam perdão a Deus, não a mim, de jeito nenhum porque meu filho não vai voltar. Então eles pedem perdão a Deus pelo que eles fizeram se é que um dia irão pedir, porque eles não sabem nem o que eles causaram na minha vida, mas assim, eu...</i></p>	<p>10. P1 fala sobre conflitos internos sobre o perdão, entre aquilo que acredita ser o certo e aquilo suporta fazer diante da dor inexplicável de perder um filho.</p>
<p><i>11. E: E o que é que eles causaram na sua vida? Como você descreveria isso?</i></p> <p><i>P1: Pois é... [pausa] olha... Sinceramente [choro], eu nunca, nunca, nunca pensei em perder um filho... [pausa] e de repente, tudo isso acontecer [pausa] de você estar em casa, as pessoas ainda nem me diziam o que tinha acontecido, entendeste? Só que ele foi assaltado e que tinha levado um tiro [pausa]. Agora você imagina o que é uma mãe à noite, deitada, cedo da noite, e escuta uma notícia dessas, mas... eu pressenti que aquilo não era verdade. Até porque, eu não sei te dizer, na hora mesmo em que aconteceu, eu estava deitada e senti uma dor muito forte no meu corpo, eu falei assim: "égua, meu corpo está todo dolorido" puxei minhas pernas para alongar, disse para o meu marido: "estou com muita dor no meu corpo". Logo depois ligaram para o telefone dele. Ele foi ficando pálido, eu perguntei: "Pedro, o que foi que aconteceu?" ele disse: "não, não foi nada", eu disse: "Pedro, o que foi que aconteceu? Fala o que aconteceu" [em tom mais enérgico]. Ele disse: "ta bom, eu vou te falar. O José. foi assaltado, deram um tiro nele" [pausa/choro].</i></p>	<p>11. P1 fala sobre a ideia inconcebível de perder um filho. Segue falando sobre o impacto da notícia, descreve sensações físicas sentidas no momento em que acredita ser o momento exato em que o filho foi baleado. Refere pressentimentos sobre a gravidade do ocorrido e, ao falar sobre, traz à tona emoções vividas no momento em que recebeu a notícia.</p>
<p><i>12. Ai passa assim... mil coisas na cabeça da gente, como ele está, o que ele sentiu, um monte de coisas ao mesmo tempo. Eu vesti rápido uma roupa e descí. Eu gritava tanto, tanto, tanto, nessa casa aqui, correndo, gritava, gritava, gritava. Tinha uma prima aqui comigo, eu dizia que eu sabia que ele não estava mais aqui, ela dizia: "minha prima, pelo amor de Deus, não diz isso" e eu dizia: "mas eu estou sentindo, eu sei que ele não está mais aqui". Eu sentia, entendeste? Horrível, horrível, horrível! Porque ficou aquela lacuna, ninguém queria me falar nada.</i></p>	<p>12. P1 descreve a angústia vivenciada após receber a notícia de que o filho havia sido baleado. Destaca sensações e angústia que lhe fizeram sentir que o filho já estava morto, ainda que ninguém, até então, houvesse dito que ele havia falecido.</p>
<p><i>13. E: pelo que você diz, sentia que algo estava errado, é isso?</i></p> <p><i>P1: eu sentia, sentia sim. É uma ligação muito grande, sabe? E... eu deitada aqui em uma cama, acho que eu pesava não sei quantos quilos, eu não tinha mais condições de levantar dali. Fiquei, fiquei, fiquei, ai começaram a chegar os parentes, uma irmã minha que é médica, ai eu perguntei para ela: "Mana, me fala a verdade", ela disse: "tu ainda não sabes?", eu disse: "não, mas eu quero que tu me fale". Eu sabia... aquele monte de gente aqui em casa, o que que é isso? Mas eu precisava que alguém me dissesse [pausa/ choro]</i></p>	<p>13. P1 segue descrevendo os momentos de angústia vividos antes da confirmação da morte do filho. Destaca nesta unidade a ligação com o filho, descrevendo como algo grandioso que faz sentir em si algo que talvez o filho estivesse sentindo. Ao retomar os fatos, recorda que a movimentação em sua casa corroborava aquilo que sentia, ainda assim, necessitava que alguém verbalizasse o que estava ocorrendo.</p>
<p><i>14. Eu não sabia onde era, o que era, como era, não sabia de nada, não sabia nem onde tinha acontecido. Também, sei lá, eu acho que tive um bloqueio, um choque, não sei te dizer o que é, mas eu acho que não conseguiria sair daqui para lugar nenhum.</i></p>	<p>14. P1 fala sobre o choque após a notícia e os fatos que se sucederam a ela, descreve como uma sensação de imobilidade, bloqueio diante do que estava acontecendo a seu redor.</p>
<p><i>15. A partir daí a minha vida mudou com-ple-ta-mente [fala pausadamente, soletrando a palavra], tenho certeza, olha, eu me ocupo, eu faço isso, faço aquilo, mas eu nunca mais vou ser a mesma pessoa, nunca mais, sempre vou ser incompleta.</i></p>	<p>15. Enfatiza a(s) mudança(s) ocorrida(s) em si e em sua vida após a morte do filho e, ainda que tente camuflar tal ausência ocupando-se, ela sempre se fará</p>

	presente, tornando-a para sempre incompleta.
<p>16. Na medida em que o tempo vai passando, as pessoas vão esquecendo, mas... eu não esqueço. Até nos bons momentos, reuniões de família, ele sempre vai esta faltando, até porque ele era um palhaço, sabe?</p> <p>E: você me diz que a ausência dele sempre é sentida, ainda que os outros não percebam, pelo menos por você, é sentida.</p> <p>P1: sempre, sempre, sempre. Sempre ele está ausente.</p>	16. P1 fala sobre a impossibilidade de esquecer a ausência do filho, independente do passar do tempo, a falta do filho será sempre sentida por ela.
<p>17. Eu andava essa casa inteira [alonga a palavra 'inteeeeeira'] à noite, esperando que ele aparecesse para mim porque todo mundo diz que quando parte, vem e que a gente vai ver. Nunca [alonga a palavra nuuunca], nunca, nunca vi. O que eu mais queria era vê-lo, mas nunca aconteceu.</p>	17. Ainda sobre a ausência do filho, refere que seu maior desejo era reencontrá-lo e, portanto, alimentava a esperança de que seria possível ter contato com ele após a morte.
<p>18. E: você está me dizendo sobre como foi para ti perder o José, não é?</p> <p>P1: ah... sim.</p> <p>E: percebo que quando você fala sobre esse momento, as lembranças doem demais...</p> <p>P1: eu não gosto nem de falar, estou falando porque é para você. Quando as pessoas vêm assim, querem conversar, eu digo: "olha gente, é só você procurar nas minhas redes sociais, procurar pelo nome do meu filho que vai encontrar todo o meu relato". Bom, agora porque que isso tudo aconteceu. Era quase 21h da noite, uma amiga estava aqui. Quando cheguei, ele ainda estava aqui, eu falei com ele e com a Bianca [namorada]. Eles já viviam juntos há alguns anos, ela vinha fazer um exame aqui perto da minha casa, eu disse para eles: "hoje vocês não vão para casa, não é?". Moravam perto. Ela disse "pior que vamos, o José quer ir lá em casa, ele quer ver uns e-mails, não sei mais o que". Ele estava deitado no antigo quarto dele, ela me disse que estava um pouco gripado, com dor de cabeça, preferi deixar ele lá descansando e disse para ela "Deixa ele lá, mas convence ele para não ir". Fui tomar um banho e quando saí, procurei, eles já não estavam mais. Ai eu disse: "égua, eles foram embora e nem me avisaram!". Justamente porque eu não queria que fossem se não eu ainda ia tentar convence-los a ficar. Troquei minha roupa, descii, peguei o telefone, trouxe até aqui perto [gesticula como se trouxesse o telefone próximo do rosto] para ligar e perguntar para ele se vinha para minha casa, ou se era melhor ficar lá [casa dele], mas pensei que poderia já estar deitado e preferi não incomodar [pausa]. Coisas de Deus! Porque se eu dissesse para ele vir para minha casa, pois o exame era aqui perto, eu iria me sentir culpada, não é? Porque eu ainda pedi para eles virem para minha casa. E foi na hora que o José saiu de casa, ela [a namorada] ainda não tinha visto os caras armados nem nada. Ele que estava vendo tudo, disse para ela: "não reage que eles estão armados".</p> <p>[a partir deste ponto, relata detalhes do ocorrido. Para preservar informações que poderiam revelar a identidade da colaboradora, parte deste relato foi suprimido].</p>	18. P1 refere evitar falar sobre a perda, visto que lembrar implica em trazer à tona sofrimento que prefere evitar. Mesmo assim, espontaneamente decide falar sobre a noite em que o filho veio a falecer.
<p>19. Eles [assassinos] confessaram no tribunal que atiraram exatamente pela cor do carro, onde já se viu atirar em uma pessoa pela cor de um carro? Não tinham placa, não tinham nada, não conheciam o cara que tinham ido matar, a única referência era que a pessoa tinha um carro e uma moto vermelha.</p>	19. P1 relata com indignação o que motivou a morte do filho.
<p>20. Hoje, como eu te falei da minha contradição, perdão longe de mim, mas... por outro lado, são coisas de Deus [pausa] eu não queria que o meu filho fosse, ele viveu pouco e... aquela história de que estava na hora errada, no lugar errado, são coisas nossas [choro] porque a gente acha que tem a nossa missão aqui por um tempo determinado, infelizmente foi dessa forma, sabe?! [pausa] mas poderia ser de outra forma, naquele momento, sabe?!</p>	20. P1 retoma a fala sobre contradições relacionadas à figura divina e suas crenças. Relata a crença na existência de um propósito na vida de cada ser humano e, ainda que a missão de seu filho tivesse chegado ao fim, lamenta a forma como o filho morreu, desejando que fosse de

	outra forma.
21. <i>[pausa] eu não sei se foi doloroso para ele, mas para mim, dói até hoje [pausa/ choro]. Eu não sei se essa forma tão rápida como tudo aconteceu, se é bom para a pessoa que parte, não sei te explicar, são vários tipos de morte...</i>	21. P1 sofre ao falar da dor vivida desde a morte do filho, busca explicações na tentativa de compreender o sofrimento vivido diante da morte inesperada.
22. <i>E: São coisas que de alguma forma te confortam? Tentar buscar uma explicação para o que aconteceu?</i> <i>P1: é... hoje eu já penso que essa missão da gente, quando nasce, já vem com dia e hora de partir, sabe?! E que a gente cumpre a nossa missão por aqui, ele cumpriu a dele, mas...</i> <i>Eu: Essa missão dele te trouxe uma dor muito grande, não é?</i> <i>P1: muito grande, muito grande, muito grande [alonga a palavra muuuito] mesmo [pausa].</i>	22. P1 atribui à crença da existência de uma missão de cada ser humano ser a fonte de conforto, tornando possível o enfrentamento da dor da perda, sendo esta uma dor de dimensões inimagináveis.
23. <i>Ele não bebia, ele não fumava, nunca foi de fazer farra, era um internauta de primeira, a nível nacional, ele gostava de brincar aqueles joguinhos online, tanto que os amigos dele desses jogos ficaram de luto não sei quanto tempo. Muitos amigos dele me procuraram depois.</i>	23. P1 relata qualidades do filho que tornariam injustificada a forma de morte.
24. <i>E: Parece-me que até hoje você se pergunta por que. É isso mesmo?</i> <i>P1: Por que?! Eu meu pergunto sim. Depois eu conversei com o padre, ele me disse: "minha filha, não se pergunte por que, pois só Deus sabe responder", então é... é realmente, muito doloroso</i>	24. Relata a busca constante de explicações para morte do filho. Nesta unidade fala sobre a busca por explicações espirituais.
25. <i>E: você me disse que sempre sente a ausência dele, nas reuniões de família, no dia a dia, seja nas celebrações, seja falando dele, apesar de ser muito difícil lembrar como tudo aconteceu e o que causou na tua vida...</i> <i>P1: Isso eu procuro não lembrar! Isso que eu acabei de te falar, eu procuro não lembrar [separa e fala pausadamente a palavra]. Eu procuro lembrar os bons momentos, falar dele sorrindo, brincando, entendeu?! Aqui dentro de casa.</i> <i>Eu: e as fotografias são uma forma de lembrar, não é?</i> <i>P1: sim! Dos momentos...</i>	25. P1 fala sobre a evitação em lembrar sobre o dia da morte do filho e do sofrimento vivido. Tenta manter vivas as lembranças de momentos de felicidade
26. <i>E: como é a tua relação com as fotografias dele? Como você lida com elas?</i> <i>P1: essas fotografias hoje [pausa] eu vejo de forma diferente... mas antes...</i> <i>E: conta para mim como que é</i> <i>P1: Antes [pausa] cada foto que eu via, eu chorava muito. Olha essa foto aqui era uma das preferidas dele [mostra imagem do filho] ele adorava o exercito, foi oficial temporário. Eu chorava, chorava, chorava, chorava, às vezes conversava com a namorada dele porque ela adorava tirar fotos, por isso tem muitas fotos aqui. Ai pensava "meu Deus, eu vou chorar eternamente olhando essas fotos, tenho que parar de ver essas fotos".</i>	26. P1 descreve sua relação com as fotografias do filho, destacando que ao longo dos anos após a morte dele, passou diversos momentos e diferentes formas de lidar com as imagens. Inicialmente, o contato com elas lhe trazia forte emoção, sentimento de tristeza e por isso, temia não conseguir vê-las sem se emocionar. Pensou em evitar este contato como forma de evitar a dor.
27. <i>Depois eu comecei a entrar em conflito comigo mesma, sabe?! Porque eu também via muito as fotos no computador, tem uma foto ai que eu olho e ele está me olhando, ele está me olhando, me olhando com um olhar penetrante, sabe?! Ai que eu chorava mesmo, pensando "meu Deus, ele está me olhando!". Depois eu comecei a pensar "eu tenho que ver essas fotos, eu tenho que insistir" [fala em tom mais enérgico], porque eu tinha que me acostumar, porque se eu parasse de ver, acho que hoje eu não veria mais... Então, essas fotos hoje eu vejo de forma diferente como eu via antes, pois eu chorava muito e queria deixar de vê-las porque eu sabia que toda vez que eu visse, eu ia continuar chorando. Ai depois eu comecei a ver, de vez em quando eu pego, eu olho, olho, fico vendo, na minha rede social tem um álbum com mais de 100 fotos dele... Hoje eu vejo diferente, como te</i>	27. Nesta unidade P1 transita entre dois momentos, trazendo novamente o tema conflito interno. Em um primeiro momento, relata que olhar as imagens do filho lhe causava dor e tristeza, ainda assim, sentia necessidade ora de evitar, ora de insistir em vê-las, pois sentia nelas a presença do filho. Atualmente descreve essa relação com as imagens como diferente,

<p>falei.</p> <p><i>Eu: e o que é esse diferente? O que mudou de lá para cá?</i></p> <p><i>P1: Ah sim, muita coisa [mudou], só de eu não chorar quando eu vejo, para mim já mudou muito!</i></p>	<p>revelando que olhá-las não lhe causa a mesma dor.</p>
<p><i>28. Raramente eu vou ver uma foto, só se alguém perguntar ou se for para explicar algo, e eu vou chorar, eu me acostumei com elas! Elas fazem parte da minha vida, assim, por exemplo, eu tenho duas fotos dele bem grandes ali. À noite, quando eu passo por elas, realmente é como se fosse ele, eu digo: "boa noite meu filho, bom descanso para você, fique com Deus, peça permissão para Deus aí, só um pouquinho, faz tanto tempo que eu não sonho contigo" [risos]</i></p>	<p>28. Quanto às mudanças de sua relação com as fotos do filho, P1 refere tê-las incluído em seu cotidiano, lida com as imagens como se fosse a presença do filho, conversa com elas como se estivesse falando diretamente com ele.</p>
<p><i>29. As meninas dizem que eu sou doída [risos] que eu fico por aí falando besteira. Eu digo que não [risos] que eu estou sendo sincera porque faz tempo que eu não sonho com ele e eu não sei por que, antigamente eu sonhava muito, muito com ele. Algumas pessoas me dizem "olha, é porque ele está em outro plano". Que outro plano nada [risos] diz para descer um pouco mais nesse plano para eu sonhar com ele.</i></p>	<p>29. P1 fala sobre o julgamento e opiniões de outras pessoas quanto a sua relação com filho e, a despeito destas, mostra-se confortável com seus sentimentos e desejos, colocando os sonhos como uma forma de aliviar a saudade.</p>
<p><i>30. Então, assim como eu vejo essas que estão aqui [aponta para uma pasta cheia de fotos do filho].</i></p> <p><i>E: independente dessas, de outras, como você vê as fotos do José de forma geral?</i></p> <p><i>P1: Olha... hoje eu vejo bem, de um modo geral eu vejo bem, elas me fazem bem! Recordar, eu ver, me faz bem, mas antes elas me faziam muito mal, mal mesmo. Mas hoje nós nos identificamos, é como se fosse eu e ele [aponta para a imagem do filho em foto] sabe?!</i></p>	<p>30. Nesta unidade, P1 polariza entre bem e mal a sua reação diante das fotos do filho. Revela que atualmente existe uma identificação da imagem com a presença física do filho falecido.</p>
<p><i>31. E: você me diz então que em um primeiro momento, olhar para as fotos fazia lembrar que ele não estava mais aqui.</i></p> <p><i>P1: ah, era... muito ruim, era muito ruim</i></p> <p><i>E: e hoje você olha como se ele estivesse aqui</i></p> <p><i>P1: como se ele estivesse aqui [fala junto comigo], é exatamente isso! Antes quando eu olhava, eu já sabia que ele não estava aqui e era muito difícil eu relacionar a foto à presença dele, sabe?! Então hoje [pausa] a gente se vê muito bem.</i></p>	<p>31. P1 descreve sua relação com as imagens do filho em dois momentos. Em um primeiro momento, logo após a perda, ver as imagens remetia à sua ausência e despertava sofrimento. Em um segundo momento, mais atual, as imagens remetem a presença do filho, trazendo sensação de bem-estar e conforto.</p>
<p><i>32. Eu não sei, às vezes dizem para mim que é verdade, que eu não sonho mais tanto com ele porque ele está em outro plano, não sei o que... mas eu sonhava muito, muito, muito com ele, conversando muito pouco, sempre ocupado, com a roupa do exército, muitos sonhos com a roupa do exército. Ele: "mãe, estou muito ocupado" com uma agenda na mão e uma caneta. Já sonhei ele fazendo gracinha, varando paredes, fazendo graça, "varando parede, olha" e eu: "menino, o que é isso? Pelo amor de Deus!". Olha... no começo eu sonhava com ele e quando acordava eu chorava, chorava, chorava, eu entrava em desespero, aí meu marido dizia: "égua Nazaré, tu passaste tanto tempo pedindo para sonhar com o menino e quando sonha tu chora tanto, amanhece o dia chorando". Hoje não, eu sonho e fico pensando, pensando, pensando, fico lacrimejando, mas não é aquele choro de desespero que eu tinha, de saber que só aquele sonho. Então, hoje quando sonho eu já fico feliz só de ver, não precisa nem ele falar comigo, só de ver eu já fico feliz.</i></p>	<p>32. Fala sobre a sua relação com os sonhos em que vê o filho, da mesma forma como lida com as fotografias, inicialmente o desejo de vê-lo era grande, porém, despertava sofrimento. Atualmente vê-lo lhe traz bem-estar</p>
<p><i>33. Eu: A imagem dele é importante para ti, é isso?</i></p> <p><i>P1: é importante, muito importante! Só de ver eu já fico feliz</i></p>	<p>33. Ao ser questionada, refere que a imagem do filho é importante e vê-lo lhe causa sensação de felicidade.</p>
<p><i>34. Agora já tem 09 né?! 09 anos que para as pessoas já faz muito tempo, mas</i></p>	<p>34. P1 descreve o processo de luto e suas formas de lidar com tudo</p>

<p><i>para mim não faz tanto não [pausa]</i></p> <p><i>E: Você falando desses 09 anos, a impressão que passa é que independente do tempo que passa, a dor ainda é muito viva, não é?</i></p> <p><i>P1: é sim! Eu digo que essa dor ela fica guardada, ela ameniza, o tempo é nosso melhor amigo. As lágrimas são nossas companheiras de todos os momentos [esboça sorriso] a qualquer hora. Às vezes eu estou dirigindo, penso alguma coisa e aí sem querer, do nada, elas estão descendo, embora você não queira, mas elas estão descendo. Agora... Na medida em que o tempo passa, essa dor ameniza, mas a saudade nunca vai passar. Essa saudade está relacionada às nossas lembranças, então às vezes, embora você não chore, mas você fica pensando assim, sabe?! Não tem um dia que a gente deixe de pensar em um filho que partiu, nem um dia. Um dia, essa dor se manifesta e você fica quietinha lá no canto, você chora, chora no banheiro para ninguém te ver [choro/pausa] porque as pessoas não aceitam, elas não aceitam que a gente fique chorando, dizem: "mas já faz tanto tempo", eu não digo nada, não argumento, porque o livro que eu leio está tudo escrito lá. Vou lá, dou uma lida nele, fico lá com ele e pronto, pode enxugar os olhos que já está amenizado [risos] sabes?!</i></p>	<p>aquilo emerge a partir deste. Refere que a despeito do tempo, a dor e saudade sempre se fazem presentes, fala das lágrimas e da saudade como companheiras, associadas principalmente às lembranças. Traz ressentimento ao falar da incompreensão de outras pessoas quando se trata da dor de perder um filho, como se socialmente fosse esperado que, com o passar dos anos, a dor da perda deixasse de fazer parte do cotidiano de uma mãe enlutada. Sinaliza mais uma vez a importância de um recurso de suporte, neste caso, o livro de autoajuda que fala sobre luto.</p>
<p><i>35. E: pelo que você me fala, percebo que esse livro é muito importante para te ajudar a entender o que às vezes as pessoas não entendem.</i></p> <p><i>P1: as pessoas não entendem</i></p> <p><i>E: é aquilo que você sente e às vezes fica sem amparo, me parece que esse livro ele é como teu conselheiro, ele sempre está ali te dando uma palavra de conforto...</i></p> <p><i>P1: É isso mesmo.</i></p>	<p>35. P1 fala da importância de ter sua dor acolhida e, em seu caso, encontrou este acolhimento em um livro.</p>
<p><i>36. Agora é assim, logo que tudo acontece você pode estar rodeado de pessoas, amigos, parentes, todo mundo do teu lado, mas parece que a gente está só, sabe? Parece que a gente fica sozinho, isolado das pessoas.</i></p>	<p>36. Fala sobre o momento inicial do luto em que a solidão se fez presente, ainda que houvesse pessoas disponíveis a ampará-la, sentia-se solitária.</p>
<p><i>37. Até porque a cabeça da gente acabou, não tem concentração nenhuma, sabe?! Eu lembro que eu queria... pegava uma folha dessas para ler, eu começava a ler e quando chegava aqui pelo meio eu já nem sabia o que eu tinha lido aqui em cima. Televisão para ver... pensava: "meu Deus eu estou ficando doida! Não estou conseguindo associar mais nada". Eu não tinha vontade de comer, as pessoas falam, conversam e tudo, mas... aquilo ali, faz de conta... Depois que a gente vai tomando consciência dessas coisas, sei lá, as coisas vão melhorando, mas... nessa fase inicial do luto a gente não consegue ter esse tipo de percepção do relacionamento, essas coisas todas.</i></p> <p><i>E: você me diz que no momento em que acontece não dá muito para saber, mas depois, olhando para trás, você consegue identificar o que aconteceu. É isso mesmo?</i></p> <p><i>P1: É... tudo isso que eu estou te falando, depois eu fui ler no livro, aí realmente tive a noção de que isso aí são fases do luto.</i></p>	<p>37. Nesta unidade, P1 descreve os momentos subsequentes à perda do filho, revela como vivenciou o momento de torpor, em que a sensação era de estar alheia a este mundo, sem se dar conta o que estava acontecendo, traz temores de estar enlouquecendo. Mais uma vez, destaca a importância de encontrado acolhimento nas páginas de um livro que esclareceu sobre o sofrimento vivido enquanto fases de um processo de luto.</p>
<p><i>38. E: ver tudo isso no livro significa o que para você?</i></p> <p><i>P1: que fazia parte daquele momento, mas que isso iria passar. Quando eu li, realmente já estava passando. Muita coisa, tudo que aconteceu, pensava "poxa, o cara para escrever um livro desses, ele deve ter consultado muitas pesquisas".</i></p> <p><i>E: é como se ele te desse uma explicação para o que você estava sentindo e não via sentido naquilo. É isso?</i></p> <p><i>P1: Exatamente! Porque não via sentido, pensava que estava pirando. A sensação é de que a gente não está normal. E eu acho que não está mesmo...</i></p> <p><i>E: e não está mesmo né?</i></p>	<p>38. P1 fala sobre dar sentido a dor vivenciada enquanto um processo que envolveu mudanças, e ao tomar consciência de é uma vivência natural, sente-se acolhida.</p>

<p>P1: com certeza não</p>	
<p>39. E: você me diz que a vida mudou completamente, não é?</p> <p>P1: tu acreditas que eu passei três anos sem me mexer? Até hoje, eles dizem que eu estou virando beata [risos] até hoje eu escuto estação de rádio religiosa e... mas hoje não. Posso ir para uma festa, pode tocar a música que tocar se tocar eu danço, mas eu não dançava, eu nem me mexia, não me mexia para nada, nada! Porque a música não soava bem nos meus ouvidos. Ah, tem um aniversário, colação? Vamos! Ia lá, esperava o jantar, mas começou a festa eu dizia: "olha gente, preciso ir, tenho não sei o que lá em casa e tal". Meu marido sabia, eu dizia para ele que os meus ouvidos não escutavam bem aquelas músicas. Foram três anos que eu não me mexia, se tocasse uma música, eu não me mexia.</p> <p>Eu: não se mexia... como assim?</p> <p>P1: eu não sentia vontade, a música me incomodava, eu pensava que... eu não devia mais fazer isso, não fazia mais parte da minha vida.</p>	<p>39. P1 fala sobre mudanças significativas em sua vida após a morte do filho. Revela que por um período de tempo não se sentia à vontade em situações de lazer como festas, descreve a sensação de inadequação, não se sentia no direito de vivenciar momentos de diversão na ausência do filho.</p>
<p>40. Eu achava que nunca mais ia fazer e de repente, quando eu vi, já estava em outra fase, outro momento. Aí veio aquilo "é, realmente as coisas vão acontecendo gradativamente".</p>	<p>40. P1 segue falando sobre as mudanças que, mesmo sem ter percebido claramente naquele momento, seguiram um curso natural e, ao se tomar consciência disso, volta a sentir-se confortável com seus sentimentos e reações à perda do filho e com a possibilidade de seguir sua vida.</p>
<p>41. Agora assim, tem uma coisa que ainda está entre aspas. A Bianca [namorada] depois disso, poucos meses depois ela arrumou uma pessoa e, é loucura mesmo da minha cabeça né? Eu falo sempre com a Bianca, ela já tem um bebê, está com ele até hoje, está formada, o sonho do José era ver a Bianca formada e... o que acontece agora, com essa pessoa? [pausa] Até hoje, eu nunca consegui nem me aproximar dele, porque eu acho que eu vou trair meu filho [risos] eu sei que a Bianca não traiu meu filho, não foi traição, nem que fosse um dia depois, dois meses, três meses, ela não traiu porque já tinha acontecido, né? Mas eu não consigo me aproximar dele. Ele acha que eu não gosto dele, ela mesma me disse. Eu disse: "Bianca, não é que eu não goste dele, é que eu acho que vou trair o José, meu sentimento é diferente do teu. Tu gostas dele, não é que eu não goste dele, pode ser que um dia, eu peça até desculpas para ele por eu agir desta forma, mas mesmo pedindo desculpas, não sei se vou ter um relacionamento com ele porque eu acho que o José. não vai gostar [risos]".</p>	<p>41. P1 relata que, apesar de se sentir em paz com seus sentimentos, existem questões que não estão emocionalmente resolvidas. Traz pensamentos e sentimentos relacionados a pessoa que namorava seu filho e seu atual companheiro. Sente que deve fidelidade ao filho.</p>
<p>42. Ela era alucinada pelo meu filho, pensa em uma mulher que... ela era... nossa! Eu dizia: "menina, tu estás ficando barraqueira! Para com isso Bianca, ninguém pode olhar para o José! Tu estás doida?". Realmente ele era um rapaz bem bonito, sabe?! Um rapaz alto, vistoso, todo sarado mesmo e ela ficava louca, nenhuma amiga dela se aproximava dele.</p>	<p>42. Fala da relação do filho com a namorada</p>
<p>43. mas depois graças a Deus eu consegui enxergar muita coisa! A ONG que participo me fez muito bem, muito bem mesmo! Porque assim, ali nós conversamos com mães que também perderam seus filhos, mães que tem os mesmos sentimentos que nós temos. A dor, é a mesma dor, embora as formas como aconteceram sejam diferentes, mas aquilo ali também é uma terapia para nós.</p>	<p>43. P1 fala sobre sua participação em um espaço onde pode trocar experiências com outras pessoas que também viveram perdas e descreve o valor desse espaço como terapêutico devido à possibilidade de troca e mútuo acolhimento.</p>
<p>44. O meu marido sempre vai comigo no cemitério, a gente sempre faz a leitura do livro juntos, ele diz "égua, isso aqui tudo é verdade, né?" [risos]. Porque ele viveu tudo comigo!</p>	<p>44. Fala da importância de ter alguém como suporte, em seu caso, o marido.</p>
<p>45. Eu não dormia, eu não conseguia dormir! Eu deitava na minha cama e ficava pensando "Meu Deus por que, por que isso, por que aquilo" e chorava, chorava, chorava, acho que quando eu estava cansada de tanto chorar que eu conseguia adormecer, sabe?!</p>	<p>45. Nesta unidade P1 fala sobre uma das dificuldades vivenciadas após a perda do filho, a dificuldade para dormir. Considera que os autoquestionamentos relacionados à</p>

<p><i>E: por cansaço mesmo?</i></p> <p><i>P1: eu era vencida pelo cansaço. Isso já era lá por 1h, 2h da manhã porque eu não conseguia... eu ficava, rolava, chorava, eu descia, subia de novo.. meu Deus!</i></p>	<p>perda lhe causavam inquietação e dificultavam seu descanso.</p>
<p><i>46. Aí ele com toda paciência, me aturando, porque tu sabes que muitos maridos não aguentam a barra e deixam a mulher. Aí ele com toda paciência comigo e eu na minha choradeira.</i></p>	<p>46. P1 fala sobre o marido, descrevendo como é compreensivo diante de suas reações emocionais vivenciadas após a morte do filho.</p>
<p><i>47. E: mas pelo que você me diz, mesmo com toda dor, foi necessário, de alguma forma, viver e perceber que o que você viveu era verdade, não era loucura e que a dor era tão grande, tão intensa que foi difícil viver tudo isso com tranquilidade</i></p> <p><i>P1: eu digo que essa dor, é a dor da alma. Sabe por quê? Porque... é uma dor que tu sentes, é uma angústia, eu não sei te dizer o que é exatamente esse sentimento. Eu penso "meu Deus isso é uma dor lá na minha alma".</i></p>	<p>47. P1 descreve a dor frente à perda como a "dor da alma", de difícil explicação, sentida com intensidade e profundidade.</p>
<p><i>48. Eu não conseguia pensar em outra coisa, só conseguia pensar naquilo e ele chorava junto comigo. Quando a minha prima estava comigo, ela perguntava assim: "o que é que tu sentes, por que tu choras tanto?" e eu dizia: "eu não sei... eu sinto um negócio horrível, horrível".</i></p>	<p>48. P1 refere que seus pensamentos e sentimentos ficaram totalmente voltados para a perda, descrevendo-a como um sentimento inexplicável, algo horrível de ser sentido.</p>
<p><i>49. Porque também, na minha cabeça passava assim... o que ele sentiu naquela hora porque era muito recente.</i></p>	<p>49. Ao aprofundar relato acerca de seus pensamentos, revela sentir preocupações com o que o filho sentiu no momento de sua morte.</p>
<p><i>50. Outra coisa que também me incomodou muito, muito, muito, era mês de muita chuva, e o José qualquer coisa ele morria de frio, olha só, e quando eu via chover eu chorava, chorava, chorava e só passava na minha cabeça "meu Deus, meu filho está com frio, está com frio, está com frio". Égua [choro] aquilo ali me incomodava muito, olha! Incomodava muito mesmo, pensando que ele estava com frio lá dentro. Meu marido dizia: "Nazaré, para com isso...", e eu: "não! Eu sei que ele está com frio ali dentro", mas são coisas de mãe né?</i></p> <p><i>E: Parece-me que é como se você sentisse em si aquilo que ele poderia estar sentindo.</i></p> <p><i>P1: Que ele poderia estar sentindo e que eu não poderia fazer nada, porque eu ia... cobrir meu filho, sabe? Era horrível, era horrível! A cabeça da gente pira com essas coisas</i></p>	<p>50. P1 relata angústia diante da impotência enquanto mãe que, diante de coisas que incomodavam o filho em vida, nada podia fazer para sanar incômodo, caso estivesse ocorrendo após sua morte. Fala sobre a sensação de estar enlouquecendo frente a suas demandas emocionais decorrentes da perda.</p>
<p><i>51. mas... de repente, depois que eu comecei a ir para a igreja de novo, eu dizia para mim mesma: "Não! Eu tenho que ir para a igreja, eu não posso ficar afastada!" eu ia às missas só mas mesmo assim sem muita concentração. Pensava "eu vou voltar para a igreja, vou voltar a ser assídua, vou ficar lendo esse livro, vou começar a fazer..." e já estava participando da ONG né?! Aí as coisas começaram a clarear</i></p>	<p>51. P1 fala sobre estratégias utilizadas por ela para o enfrentamento do sofrimento vivido pela perda do filho. Diz ter sentido necessidade de reconciliar-se com Deus e sua religiosidade. Revela que sentia necessidade de uma reaproximação. Fala também sobre seu engajamento em uma ONG como outro ponto importante neste enfrentamento e mudança de atitude diante da dor vivida.</p>
<p><i>52. mas mesmo assim, durante todo esse tempo eu procuro estar ocupada com alguma coisa! Por exemplo, agora eu já estou organizando a celebração deste mês. Começou assim, todo mês eu peço uma celebração para ele, aí eu disse "esse ano, a celebração de 24 de dezembro vai ser lá na frente de casa porque é natal e... eu não quero ficar assim.... já vai fazer o que? 5 anos? [tempo em que a celebração acontece em frente à sua casa], eu não quero... eu amo o natal, mas ele não é mais aquela coisa</i></p>	<p>52. P1 segue falando sobre as estratégias de enfrentamento, destacando a ocupação como algo primordial para lidar com a tristeza, independente do passar do tempo.</p>
<p><i>53. Eu amo o natal, mesmo, de todo coração! É família, essas coisas e ele sempre vai estar faltando, quando meu outro filho está aqui, eu sempre faço alguma coisa,</i></p>	<p>53. Fala sobre a importância de datas comemorativas e do</p>

<p><i>mas não como era antes.</i></p>	<p>significado destas em sua vida. Após a perda do filho, a ausência será sempre sentida por P1 e a data não voltará a ser celebrada da mesma forma como era antes da morte dele.</p>
<p>54. <i>Agora a minha ocupação é só a celebração, mas depois dela já tem outros eventos para organizamos pela ONG e a gente não pode ficar parada</i></p> <p><i>E: Te ocupar faz bem né?</i></p> <p><i>P1: sim! Muito bem. Se eu vivesse assim, sem fazer nada...</i></p>	<p>54. P1 fala do papel fundamentação da ocupação em sua vida. Diz sentir a necessidade de estar sempre ocupada.</p>
<p>55. <i>e viajar! Eu vou embora para lá com o meu filho. Meu filho também, acho que ele pensa "viagem faz bem para minha mãe!". Eu acho que viajar me faz bem, eu saio um pouco daqui, isso aí me faz muitíssimo bem! Chegando lá eu vou visitar as igrejas, sou catita das igrejas [risos] são lugares lindos! Tudo isso são coisas que contribuem para melhorar</i></p>	<p>55. Nesta unidade, P1 destaca a importância de um hábito, viajar, como algo que ocupa lugar importante em sua vida, lhe traz bem-estar e contribui para o manejo da dor da perda, descrita por ela como eterna.</p>
<p>56. <i>E: você me diz que por um determinado tempo foi muito difícil viver e que essa dor, é uma dor forte e que a saudade vai sempre trazer as lembranças</i></p> <p><i>P1: sempre! Ela [dor] é eterna</i></p> <p><i>E: e as lembranças precisam ser guardadas em algum lugar para que no dia a dia o sofrimento não seja muito grande, não é? E é isso que você está me dizendo agora, não é? E que lembrar disso dói mas não é só a dor que vive, as lembranças boas também estão vivas, hoje você consegue ter ocupações que trazem coisas boas, as viagens são importantes.. parece-me que são as formas que você encontrou de continuar vivendo mesmo com essa incompletude</i></p> <p><i>P1: é exatamente isso! Sempre vai ser incompleto</i></p>	<p>56. P1 confirma a compreensão da entrevistadora sobre seu relato e enfatiza a incompletude vivenciada após a perda.</p>
<p>57. <i>E: e as fotos do José são de alguma forma uma lembrança que em algum momento foi difícil de olhar para elas, mas que hoje elas tem um outro lugar, hoje você conversa com elas como se fosse a presença dele, é isso mesmo?</i></p> <p><i>P1: ah sim, com certeza! Antes era muito difícil, sem dúvida, hoje elas são importantes sim</i></p> <p><i>E: qual o lugar delas no teu processo de luto após a perda dele? Conta para mim</i></p> <p><i>P1: Foram muitíssimo importante [pausa] vou fazer só uma comparação. Eu já vi mãe falar assim "poxa vida! Eu não tenho tantas fotos do meu filho como você tem e essas que eu tenho, olha como elas são meio que apagadas". Quer dizer, para ela, as fotos fazia falta, então para mim, você já pensou se eu não tivesse registrado tantos momentos assim?</i></p>	<p>57. P1 fala sobre a importância das fotografias no processo de luto pela perda do filho. Faz uma comparação entre dois momentos em estabeleceu diferentes formas de se relacionar com as imagens, independente dos sentimentos que lhe despertaram ao longo do tempo, traz o autoquestionamento sobre como seria lembrar os momentos vividos sem o registro fotográfico.</p>
<p>58. <i>Porque é meio difícil a gente pensar naqueles momentos todos de uma... e quando você vê uma foto, aquele momento vem na sua cabeça, e por isso que era difícil antigamente olhar essas fotos. Então hoje, quando eu olho [pausa] eu já vejo de uma forma mais tranquila no meu coração, aquele momento existiu, sabe?! A gente olha a foto e sabe que aquele momento existiu.</i></p>	<p>58. P1 coloca a fotografia como recurso favorecedor de acesso a lembranças vividas e, exatamente por isso, houve momentos em que foi difícil vê-las, ao passo que, atualmente, ver tais imagens lhe provocam sensação de alívio por saber que o momento foi vivido e registrado.</p>
<p>59. <i>E: parece que eu algum momento lembrar que aquele momento existiu, só levava a mente a pensar na ausência dele e hoje é a presença</i></p> <p><i>P1: isso! Era só a ausência dele, mas hoje é a presença. Antes, nossa... a gente pensa logo que nunca mais vai ver aquela pessoa, nunca mais você vai tirar</i></p>	<p>59. P1 fala sobre os diferentes significados atribuídos à fotografia, ora ausência, ora presença. Faz comparações entre os dois momentos, destacando que anteriormente olhar as imagens</p>

<p><i>nenhuma foto</i></p>	<p>despertava a dor e sentimento dolorosos de perda, evidenciando a irreversibilidade desta.</p>
<p>60. <i>e por conta disso, acho que eu passei a tirar mais fotos [risos]</i></p>	<p>60. P1 revela que ao perceber a importância das imagens em seu processo de luto, adotou nova postura diante das fotografias, passando a fazê-las com mais frequência</p>
<p>61. <i>E: você diz que ao longo do tempo, deu um significado diferente para essa lembrança física [aponto para as fotografias impressas do filho falecido] é isso? Não são só as fotos que lembram, não é? Mas de alguma forma...</i></p> <p><i>P1: importantíssimo! Ainda mais que tem fotos de aniversário dele, fotos no sítio da minha irmã, fotos aqui em casa, de passeios. Então tudo sabe.... isso aqui, você já pensou eu olhar tudo isso? Recente? Era muito difícil! Hoje não, aliás, hoje as fotos, além delas serem diferentes, elas estão registradas, porque é registro mesmo,</i></p>	<p>61. P1 significa a fotografia como registro do vivido.</p>
<p>62. <i>mas tem outras coisas que a gente vê que também são diferentes</i></p> <p><i>E: o que, por exemplo?</i></p> <p><i>P1: As roupas. Quando eu via aquelas roupas eu chorava, chorava, principalmente o uniforme de trabalho, que ele vestia todo dia. Ai meu Deus aquelas roupas.... Eu tenho algumas guardadas ainda, mas algumas coisas eu procurei me desfazer porque a gente fica assim com muitas lembranças. O quarto... ele dormia muito aqui em casa, apesar de não morar aqui, eles dormiam muito aqui [pausa] tudo diferente! Não tem mais nada!</i></p>	<p>62. Nesta unidade P1 fala sobre outros objetos, lugares e coisas que remetem a lembranças do filho.</p>
<p>63. <i>E: você se desfez de fotos?</i></p> <p><i>P1: Das fotos? Não me desfiz de nenhuma! Nem pensar! Elas são importantíssimas para mim. Às vezes eu procuro uma "cadê, cadê aquela foto?". Olha essa foto aqui, por exemplo, nós tiramos no dia das mães na igreja um ano antes. Olha a diferença de altura dele para mim?! Por isso que ele dava beijo na minha testa [risos]. Quando eu olhava para essa foto, meu Deus! Porque nesse dia nós fomos para o altar, ele me abraçou e nessa época ele estava entregando currículo para um novo emprego, aí eu ficava lembrando que ele me abraçou, ele me beijou, me deu selinho, aí eu chorava, chorava, chorava, sabe? De vez em quando eu pego, olho, às vezes posto na rede social, mas... hoje... nós estamos juntinhos aqui [aponta para foto]. Poxa... fico aqui olhando... são tantas fotos....</i></p> <p><i>E: são muitos momentos vividos, não é?</i></p> <p><i>P1: Muitos!</i></p>	<p>63. P1 coloca as imagens em um lugar de importância em sua vida, relembra momentos vividos ao ver imagem, sendo estas um recurso para lidar com a saudade.</p>
<p>64. <i>P1: Isso aqui tudo eu ficava olhando e chorando, hoje não, eu vejo bem diferente.</i></p> <p><i>E: como é esse diferente?</i></p> <p><i>P1: no meu coração é... mais aliviado. A forma como eu vejo é outra. Embora eu lembre o momento, mas eu não tenho aquela dor que eu tinha de olhar essas fotos assim, nossa! Quando eu olhava isso aqui e lembrava... essa foto aqui, dia da colação do meu outro filho, aí eu ficava lembrando não só da foto, mas, do que a gente estava conversando, de que estávamos todos felizes, aquele momento... Aquilo ali me angustiava muito, entendeste? Hoje, já não é... eu vejo aqui o José olhando assim com essa barba dele, a foto tem muito significado que hoje não é de dor, não é mais aquela dor!</i></p> <p><i>Eu: você consegue me dizer que significado é esse?</i></p> <p><i>P1: olhando aqui quando ele era pequenino. Vamos lá no significado. Como eu lembro dele aqui... um menino muito danado, muito sapeca, danado mesmo, já lia,</i></p>	<p>64. P1 relembra de situação do passado em que olha fotografias do filho e isso lhe trazia sentimentos dolorosos. Reafirma que atualmente o sentimento é de alívio e que, olhar as mesmas imagens já não lhe causa a mesma dor, remetem boas lembranças vividas.</p>

<p><i>aqui ele tinha uns 6 anos e [pausa] eu olho para ela e só lembro de coisas boas, não tem aquela dor. Essa foto da festa me lembra coisas boas, os bons momentos, eu já não tenho aquele pensamento que antigamente eu tinha que eu chorava, chorava, chorava. Não! Esse momento foi um momento bom que nos vivemos.</i></p> <p><i>E: Você me diz então que em algum momento elas lembravam a dor de ter perdido ele, mas que agora elas te lembram como se fosse algo bom de ter vivido com ele, é isso?</i></p> <p><i>P1: exatamente! Não é mais aquele sentimento horrível que eu tinha. [olha fotos e conta as histórias vividas pelo filho e suas lembranças]. Égua! Pensa em uma mulher que chorava quando eu via essas coisas aqui... acho que isso deve estar todo sujo de lágrimas [risos]</i></p>	
<p><i>65. E: mas pelo que você me diz, hoje essas lágrimas não são necessariamente de dor.</i></p> <p><i>P1: Não, hoje não, hoje eu vejo de forma bem diferente, mas eu vi muito isso para me acostumar.</i></p> <p><i>E: você precisou se acostumar a olhar as fotos</i></p> <p><i>P1: As pessoas chegavam aqui, ah quando eu ia mostrar essas coisas aqui, ai dizia "olha isso aqui foi lá no aniversário do primo" pronto! Ai chorava, chorava, chorava. Tudo você tem que se acostumar, tudo!</i></p>	<p>66. P1 fala da necessidade de insistir no contato com as fotografias para se adaptar a vê-las sem que despertassem unicamente dor e sofrimento.</p>
<p><i>66. E o meu Luís, tadinho, ficava muito dolorido, porque ele achava que eu dava atenção pro José e estava esquecendo ele</i></p>	<p>67. P1 fala sobre sentimentos de seu outro filho em relação ao irmão falecido após sua morte.</p>
<p><i>67. E: é interessante ver o lugar que elas ocupam hoje na tua vida, de ter sido em algum momento algo muito difícil e que você conseguiu coloca-las em outro lugar na tua vida com o passar do tempo, de não ser só o de dor, mas ter também lembranças boas, poder olhar e confortar o coração</i></p> <p><i>P1: elas fazem parte do meu amor</i></p> <p><i>Eu: fazem parte do teu amor</i></p> <p><i>P1: fazem! Do amor da minha vida!</i></p>	<p>68. P1 revela que as fotografias ocupam lugar importante em sua vida, atribui a elas o sentimento de amor.</p>
<p><i>68. E: Parece-me ser um significado muito maior do que uma palavra</i></p> <p><i>P1: é verdade! Quando você olha para cá [foto], você mesma dá palavras para esses momentos. Isso aqui, eu olho e dou um significado para tudo isso aqui. Hoje eu olho isso aqui como eu estou lhe falando, olho com amor, analiso cada detalhe.</i></p>	<p>69. P1 revela que seu olhar amoroso para as imagens do filho falecido fazem com que analise cada detalhe do registro eternizado.</p>
<p><i>69. Lembrar do que aconteceu naquele dia, faz parte do meu amor por ele. Porque antes quando eu olhava isso aqui... naquela fase... meu Deus! Eu nunca mais vou viver um momento desses com ele, quer dizer, era dor de perda mesmo! Ai depois olhava, olhava, olhava e pensava "não! eu tenho que olhar essas fotos!"</i></p>	<p>70. P1 inclui as lembranças dolorosas como parte do seu amor pelo filho e que ver fotografias dele também fez e parte de seu processo de luto ao longo dos anos.</p>
<p><i>70. E: E pelo que você diz, é uma dor de não poder construir novas lembranças, novos registros, não poder viver novas coisas, mas que hoje você olha para elas, não pensando no que foi perdido, mas no que foi vivido, é isso mesmo?</i></p> <p><i>P1: vivido, vivido e muito vivido! Tudo isso aqui são momentos. E eu te digo, dou graças a Deus por ter esses momentos registrados.</i></p>	<p>71. P1 revela, apesar a dor da perda, sentimento de gratidão pelos momentos vividos com filho e registrados em imagens fotográficas.</p>
<p><i>71. Eu acho que teria sido muito difícil também se eu não tivesse, porque ia ficar uma lacuna muito grande na vida. Aqui eu enxergo meu filho, através das fotos, mas eu estou enxergando. Isso aqui para mim é muito importante, já pensou se nós não tivéssemos registrado essas coisas todas?! As fotos são muito importantes</i></p>	<p>72. P1 imagina como seria seu enfrentamento da perda se não tivesse fotografias, significa essa possibilidade como uma lacuna, pois através das imagens enxerga o filho, remetendo suas lembranças à presença dele em um momento do</p>

	passado.
<p>72. E: Como foi para você falar sobre tudo isso?</p> <p>P1: desculpa as lágrimas que desceram hoje [risos] já fazia algum tempo que elas não caíam assim, mas é porque realmente, a gente lembrar aqueles momentos, eles são difíceis, mas é preciso falar para você. Eu não costumo falar muito sobre o momento, eu falo assim, aconteceu assim, assim, mas superficialmente. Acho que a gente tinha que falar sobre isso hoje, era importante.</p> <p>E: e como foi para você falar sobre tudo isso?</p> <p>P1: hum... não bom [risos] mas eu precisava falar, já fazia muito tempo que não falava sobre isso mas falar sempre é doloroso</p>	<p>73. Sobre ter dado seu depoimento, P1 refere não ter se sentido plenamente confortável por tratar de lembranças dolorosas, ainda sim, sentiu necessidade de abordá-los em entrevista.</p>
<p>73. E: Quando você diz assim "não bom" eu compreendo quão difícil é trazer essas lembranças à tona, mas que de alguma forma você sentiu necessidade de falar sobre isso para me contar a história da tua vida e do teu filho.</p> <p>P1: exatamente! Dói no momento sim, agora já passou [risos]. Mas é um esforço muito grande, muito grande para você conseguir. Eu falo isso porque tem mãe que não consegue, aí precisa de uma ajuda mesmo.</p>	<p>74. Reafirma a dor ao lembrar e relatar o momento difícil vivido com a perda do filho, enfatizando a importância de falar sobre; e compara sua vivência com a de outras mães que também perderam filhos.</p>
<p>74. A gente se ocupa, e tem que se ocupar mesmo para não parar para pensar.</p>	<p>75. P1 revela que ocupar-se tem um papel importante na vivência do luto, evitar consumir-se em pensamentos relacionados à perda.</p>
<p>75. Depois disso tudo, a gente chega até a uma conclusão que Deus nos deu uma missão e essa missão nós temos que usa-la para o bem, o bem dos outros e o nosso próprio bem, então vamos cumprir a nossa missão com o pai nos ajudando, porque só pode ser isso, não pode ser outra coisa, a missão de ser mãe de anjo. Missão árdua, mas Deus sabe por que nos deu essa missão, ele escolhe... hoje eu acho que ele escolhe a dedo, você, você, você. Acho que ele sabe que nós vamos fazer algo bom em prol de outras pessoas, então esme aqui [risos].</p>	<p>76. P1 refere ter chegado uma conclusão sobre a experiência de ter perdido um filho. Significa essa vivência como uma missão, de difícil enfrentamento, ainda sim, atualmente sente-se preparada para seguir com o seu propósito.</p>

Entrevista 02

Transcrição/Unidades de significado	Expressões de caráter psicológico
<p>1. E: Hoje o objetivo dessa nossa conversa de hoje é fazer um fechamento do seu relato, trago algumas coisas sobre a minha compreensão a partir daquilo que você me disse naquela nossa primeira entrevista, mas antes de qualquer coisa, gostaria de te ouvir sobre como foi para você falar sobre o seu filho através das fotos</p> <p>P1: olha, sempre quando a gente conversa com uma pessoa, sempre que a gente fala do meu caso, do caso do meu filho... é... a gente desabafa, a pessoa nos escuta e isso é muito bom.</p>	<p>1. P1 inicia seu depoimento falando sobre como se sente ao falar sobre o filho, descreve como desabafa, sinalizando bem-estar ao ser ouvida e ter sua história acolhida</p>
<p>2. Tenho... são poucas amigas, mas que muitas vezes elas vem aqui e a gente fica conversando sobre várias coisas e de repente, José, aí uma diz: "ah, eu lembro do José assim, disso, daquilo outro" e a gente começa a lembrar muitas coisas boas, como ele era danado, é... alguma coisa assim de quando eles eram crianças. Então as meninas vêm para cá e a gente começa a conversar, uma pergunta, ou então, conversando só com uma,</p>	<p>2. P1 fala sobre um grupo restrito de pessoas com quem conversa abertamente sobre suas vivências relacionadas à vida e a morte do filho.</p>
<p>3. elas falam: "égua Nazaré como tu estás hoje?". Lógico que hoje eu não poderia ficar vivendo aquele momento tão dolorido, eu digo: "olha mana, o que eu posso te dizer é que hoje eu estou bem melhor", claro!</p> <p>E: Considerando tudo que você já passou, não é?</p> <p>P1: E se eu não tivesse, com certeza eu estaria no fundo do poço. Eu estaria deitada ali em uma rede só esperando que me trouxessem água e um pouco de</p>	<p>3. Refere que vez ou outra, em conversa com amigas, surge o questionamento sobre seu estado emocional atual. Diz, sem muita segurança, que se sente melhor comparando com momentos de sofrimento vivenciados logo após a perda do filho. Refere que se não tivessem ocorridos mudanças em</p>

<p><i>comida esperando a hora da morte.</i></p>	<p>seu estado emocional, certamente estaria prostrada, apenas esperando a hora da morte.</p>
<p><i>4. Então, hoje eu acho assim que nos temos que ter, pedir a Deus, força para a gente começar a se recuperar, pelo menos uma parte, nunca vai ser completo, claro que não, é impossível, sempre vai ser incompleto.</i></p>	<p>4. Descreve sensação de incompletude permanente após a perda e que sua crença em Deus é fundamental para recuperar o que for possível após o ocorrido.</p>
<p><i>5. E: isso que você está me falando foi algo que me chamou muita atenção em seu relato inicial. Você me disse que pode às vezes não ser bom, às vezes dói, mas o quanto é importante para ti falar dele, lembrar dele, de manter os rituais de homenagem, de mantê-lo vivo sempre de alguma forma</i></p> <p><i>P1: ah sim, com certeza, para mim ele está sempre vivo [risos/pausa].</i></p>	<p>5. P1 confirma compreensão da entrevistadora e refere crença pessoal de que o filho está sempre vivo.</p>
<p><i>6. E: e outra coisa que também me chamou atenção foi o seu interesse em se manter ocupada, ativa, participativa de várias formas, mas que aquela dor te acompanha porque está sempre incompleto, não é?</i></p> <p><i>P1: as lágrimas são nossas companheiras inseparáveis!</i></p> <p><i>E: você me disse que essa dor é uma dor da alma e não tem uma explicação, é muito profunda para ter palavras para descrever, é isso mesmo?</i></p> <p><i>P1: não tem! Não tem, não tem nenhuma explicação. É verdade, verdade mesmo e é assim, ela fica guardada, mas tem um momento...</i></p>	<p>6. P1 escolhe falar sobre a dor, afirma ser persistente e se revela através das lágrimas que denomina como companheiras inseparáveis. Diz não haver explicação capaz de descrever esta dor e, por mais que atualmente permaneça guardada na maior parte do tempo, há momentos em que ela se manifesta.</p>
<p><i>7. Um dia desses eu estava... disse para o meu marido: "eu quero ficar sozinha, deixa eu ficar sozinha" fui para o quarto da minha irmã, final de ano!!! Pensei: "deixa eu ficar aqui sozinha", fiquei lá sozinha, chorei o que tinha que chorar, pensei o que eu tinha que pensar... agora eu vou descer, vou fazer o café, vou botar a mesa para todo mundo e pronto acabou-se!</i></p>	<p>7. Conta situação exemplificando os momentos em que a dor da perda se manifesta. Fala sobre sua necessidade de vivê-la, então respeitou desejo de isolar-se por um tempo para ficar sozinha com seus pensamentos e sentimentos e, posteriormente, ao se sentir pronta, retomar suas atividades cotidianas.</p>
<p><i>8. E: e como que é para você ter esses momentos? Momento seu, momento seu com ele...</i></p> <p><i>P1: ah sim, esses momentos de vez enquanto eles chegam, sabe?! Olha... quando eu estou muito assim, coloco logo a TV na canção nova [risos] porque... eu estou ocupada, entendeste? Eu ligo logo a TV na canção nova, ligo o rádio do carro estação de rádio religiosa, só fica nessa estação.</i></p>	<p>8. Fala sobre a sazonalidade dos momentos de tristeza e dor e, ao perceber que estão intensos, opta por recorrer a canais de TV e rádio religiosos. Refere que desta forma mantém-se ocupada, desviando o foco do sofrimento.</p>
<p><i>9. Isso nos fortalece, naquele momento principalmente, sabe?! Naquele momento de dor.</i></p>	<p>9. Refere que estar em contato com a sua fé, lhe fortalece, principalmente nos momentos de dor.</p>
<p><i>10. Depois eu penso que tenho minha família, tenho meu outro filho, aí digo: "ei José para com isso!", eu fico brincando assim com ele, deixa para lá.</i></p>	<p>10. Além da fé, P1 diz também pensar em sua família, principalmente no filho, como motivação para não sucumbir à dor.</p>
<p><i>11. Peço "ô meu Deus, me dá forças e tal".</i></p>	<p>11. Refere recorrer à sua fé e poderes Divinos em busca de forças para enfrentar a dor da perda.</p>
<p><i>12. A gente... eu tenho que me ajudar porque se eu não me ajudo aí você... mesmo o tempo passando, sabe?! Nossa, é muito triste ver aquelas famílias, você vê a dor ali espelhada naquelas pessoas, estampada não é? Na cara daquelas pessoas, a gente fica... aquilo te passa também</i></p>	<p>12. Diz ter consciência que precisa ter atitudes para ajudar a si mesma, posicionando-se frente à dor, independentemente do tempo decorrido desde a perda. Dá exemplos de situações vividas por</p>

<p>E: Passa?</p> <p>P1: passa! Aí eu digo "ai, eu não quero mais chorar" [risos] porque elas ficam falando assim, a gente fica imaginando como está o coração, tu já pensastes? Uma mãe ter o filho morto por agressão? O que essa mãe fica pensando que esse filho sentiu? [faz expressões faciais e corporais de dor] durante aquele momento, sabe?! Eu nem conversei com ela direito [abaixa o tom de voz]... porque é muito, muito, muito dolorido. [parte do relato suprimida por se tratar de exemplos dados pela participante acerca da experiência de terceiros que também vivenciaram perdas].</p>	<p>outras mães, comparando à sua própria vivência e, ao mesmo tempo em que se sente tomada pelo sofrimento alheio, sente necessidade de distanciar-se também.</p>
<p>13. Mas vamos voltar aqui, o que é mesmo que você quer saber?</p> <p>E: Eu disse para você que nesse momento nós iríamos conversar sobre como havia sido para você a primeira entrevista, é para saber também como foi o depois, como que foi falar sobre ele usando as fotografias naquele dia. Você me disse que falar dele é um desabafo, ainda que venha a tristeza junto...</p> <p>P1: Desabafa mesmo, mas no fundo é bom.</p>	<p>13. Refere o desabafo sobre a perda, pode ser positivo e trazer bem-estar.</p>
<p>14. E: e usando as fotos dele? Você me diz que os assuntos sobre ele sempre vêm, quando você conversa com as amigas, mas e quando a gente fala pelas imagens dele? Como que foi para você?</p> <p>P1: Pois é... o Luís não gosta... mas... bom, tem duas fotos dele lá na cozinha, quando eu vou dormir a noite [risos] eu paro lá, dou um beijo nele, dou boa noite para ele, digo: "olha, pede licença para Deus para eu sonhar contigo" [risos], ai é... na minha cama, tem tipo uns... como chama? Adesivos com as fotos dele, aí eu, eu não, o meu marido pregou alguns, então o Luís fica meio assim... ele resiste... bom, mas cada um tem o seu jeito, esse é o dele não é?</p> <p>E: mas e para você?</p> <p>P1: Para mim eu acho ótimo, eu estou sempre vendo.</p>	<p>14. P1 direciona foco de sua fala para a relação que a família estabelece com as fotografias do ente querido falecido. Relata que o filho Luís demonstra incômodo, P1 costuma dialogar com as imagens como se fosse com o filho; o marido apoia e também lida com as imagens do filho de maneira tranquila. P1 diz sentir-se bem em ver fotos do filho constantemente</p>
<p>15. Como te falei, ele está sempre vivo para mim, então olhar as fotos, tem fotos que eu olho e parece que ele está me olhando assim, sabe?! Parece que ele está de verdade ali naquele lugar, então...</p>	<p>15. Reafirma acreditar que o filho está sempre vivo, não deixa claro de que forma seria esse estar vivo, ainda sim, sentir a presença dele ao olhar determinadas fotos.</p>
<p>16. Antigamente quando eu via essas fotos, eu chorava muito... Hoje eu me acostumei com elas, sabe?!</p>	<p>16. Traz lembrança de um passado em que olhar fotos do filho lhe causavam dor e lágrimas. Descreve a relação com as imagens como uma necessidade de se adaptar a vê-las.</p>
<p>17. Tem mãe que não olha foto do filho, que não quer ver, mas eu não! Eu pego, eu vejo, fico olhando, fico curtindo ele quando ele era pequeno...</p>	<p>17. Compara sua vivência com a de outras mães que não possuem fotos ou não gostam de vê-las. Diz ser diferente, pois gosta de estar em contato com as imagens. Para P1 é uma forma de reviver momentos do passado.</p>
<p>18. E: Então é de alguma forma algo que faz parte do teu dia a dia?</p> <p>P1: Faz parte do meu dia a dia sim!</p>	<p>18. Refere que as imagens fazem parte de seu cotidiano.</p>
<p>19. E tem um detalhe, sabes que aqueles momentos, eles marcam a vida da gente e só dele ficar aqui [aponta para a cabeça] eles podem desaparecer, mas a foto, ela deixa ele gravado, entendeu?!</p>	<p>19. P1 compara formas de registrar o vivido, diz que quando apenas memorizados, podem se perder, ao passo que se fotografados, ficam gravados, concretizados.</p>
<p>20. Por exemplo, um vídeo desse aqui [aponta para o telefone celular] eu posso</p>	<p>20. Nesta unidade, P1 compara</p>

<p><i>perder, a foto [impressa] é muito difícil a gente perder uma foto, ela pode ficar muito velha, mas se a gente tiver cuidado, ela sempre fica boa.</i></p>	<p>vídeos e fotografias. Refere que vídeos feitos em aparelhos digitais podem ser perdidos, no entanto, considera ser mais difícil perder uma fotografia impressa e se bem cuida, permanece em bom estado para ser contemplada por muito tempo.</p>
<p><i>21. Eu digo, olha... eu tenho uma visão assim do meu filho, boa, muito boa, dele de pé na cozinha, achando graça como se ele estivesse tomando conta de um bolo que estava lá, era do aniversário dele e alguém tirou uma foto e ele está exatamente assim [risos]. Quer dizer, aquilo que estava na minha cabeça... ficou registrado, sabe?!</i></p>	<p>21. Resgata memórias do filho em situação cotidiana que seria facilmente esquecida, no entanto, ao ser registrada em fotografia, foi eternizada e funciona como ponte de acesso à essas memórias afetivas.</p>
<p><i>22. Hoje para mim, ver as fotos dele, é muito bom porque eu vivo aquilo que está registrado.</i></p>	<p>22. P1 refere sentir-se bem ao ver fotografias do filho, pois revive o momento ali registrado.</p>
<p><i>23. Engraçado, ele não era, antes, muito chegado a fotos, mas a Bianca [namorada] era viciada em fazer fotos, de tudo que era jeito, então ele acabou absorvendo isso.</i></p>	<p>23. P1 relata que o filho passou a fazer mais fotos a partir do incentivo da namorada que gostava de fazer fotos.</p>
<p><i>24. E: lembro que você me falou que isso acabou fazendo com que hoje você fizesse mais fotos, registrasse mais momentos.</i></p> <p><i>P1: Exatamente! Às vezes o pessoal fica até me censurando por conta disso, justamente por isso. Porque, sei lá, eu sei que vou deixar muita coisa registrada, muita coisa, muita coisa mesmo! Eles não sabem nem que foto eles vão escolher, para alguma coisa elas vão servir.</i></p>	<p>24. Refere que a partir do hábito adquirido pelo filho, P1 também passou a fazer mais fotos. Diz ser repreendida por algumas pessoas, mas acredita que o hábito de fazer fotos lhe permitirá deixar inúmeros momentos registrados para a posteridade. Acredita que serão uteis para alguma coisa.</p>
<p><i>25. E: O que você me diz é que essas fotos que foram feitas lá atrás, sem a intenção necessariamente de ser algo e hoje elas representam uma coisa muito importante para ti que é a presença dele, não é?!</i></p> <p><i>P1: Tu já pensaste se eu não tivesse essas fotos? Como tem mãezinha que chora dizendo: "eu não tenho quase fotos do meu filho, só tenho essas três aqui, olha", um homem! E ela só tem aquelas fotos... Eu já tinha corrido atrás dos colegas dele [risos] já teria corrido atrás dos colegas dele para saber se alguém tinha fotos dele.</i></p>	<p>25. P1 traz um questionamento retórico sobre como seria se não tivesse fotografias do filho após sua morte. Compara sua vivência com a de outras mães que não possuem a mesma quantidade de fotos dos filhos quanto ela. Diz que se caso tivesse vivido essa experiência, teria ido em busca de imagens com amigos do filho.</p>
<p><i>26. E: isso que você me diz, é bem importante. É como se muitas coisas, como as fotos, pudessem fazer parte desse momento de perda e que cada um vai lidar com essas coisas de uma maneira muito própria. O que você me diz, é que na sua vivência, é algo que precisa ser cotidiano, precisa estar ali todos os dias, precisa olhar sempre, é isso?</i></p> <p><i>P1: Ah sim, olho todo dia! Sempre! Eu acho que eu nunca vou deixar de olhar essas fotos... nunca, nunca, nunca!</i></p>	<p>26. Fala sobre sua relação cotidiana com as fotos do filho. Diz acreditar que nunca deixará de vê-las.</p>
<p><i>27. E: Elas têm um lugar importante para ti, não é?</i></p> <p><i>P1: Tem! Nunca vou deixar! Aqui na minha rede social tem um álbum que deve ter umas 100 fotos, só dele, só dele, só dele mesmo!</i></p>	<p>27. P1 corrobora a compreensão da entrevistadora e afirma que as imagens têm lugar importante em sua vida. Relata que mantém um álbum com mais de cem imagens do filho em sua rede social.</p>
<p><i>28. Quando alguém me pergunta alguma coisa, eu venho aqui e mostro "olha está aqui, tem um álbum só dele".</i></p>	<p>28. Relata que ao invés de repetir sua história toda vez que é questionada sobre o ocorrido com o filho, prefere pedir que a pessoa</p>

	veja fotos do filho em sua rede social
<p>29. E: <i>É isso, eu te agradeço viu? Imensamente! Seu relato vai ser muito importante para minha pesquisa</i></p> <p>P1: <i>eu que agradeço, obrigada! É tão bom falar dele!</i></p>	29. P1 refere gratidão por participar da pesquisa, sinalizando bem-estar diante do espaço disponibilizado para falar sobre o filho.
<p>30. <i>Eu quero que tu vejas as meninas lembrando das danças dele que eu nem sabia [risos], ele era danado! Elas contam coisas que eu nem sabia [risos] ele aprontava, olha! Ele brincando com as primas, eles aprontavam muito e muitas coisas elas só me contavam depois de acontecido. Égua, mas ele era muito danado</i></p> <p>E: <i>isso que você me diz é interessante de pensar o quanto que as histórias às vezes se perdem porque não são contadas</i></p> <p>P1: <i>Isso! Verdade!</i></p> <p>E: <i>e a memória às vezes falha. Você me fala de momentos cotidianos, de pequenas coisas que gostaria de registrar de forma que nunca esquecesse</i></p>	30. P1 traz lembranças sobre relatos de amigas sobre situações vividas pelo filho, destacando características da sua personalidade.
<p>31. <i>e, eu percebo que você gostaria de ter muito mais tempo para falar dele, muitas outras oportunidades pois nem todo mundo está disposto a ouvir, não é?</i></p> <p>P1: <i>Ah é, com certeza, eu gostaria sim! Até porque na medida em que o tempo passa, as pessoas dizem: "égua, mas já vai fazer 10 anos" como se a pessoa tivesse que esquecer, e falam mesmo! Eu digo logo: "mana, para todas as pessoas faz muito tempo, o tempo passou, mas para a gente não!"</i></p>	31. Sobre a disponibilidade de espaços e pessoas para ouvir sobre a vivência de perda, P1 afirma que gostaria que houvesse mais espaços para isso. Diz que com o passar do tempo, as pessoas demonstram incomodo em ter que ouvir novamente sobre o filho falecido. Demonstra indignação ao relatar atitudes comumente ouvidas ao falar de assuntos relacionados ao filho e afirma que a vivência de perda independe do tempo cronológico.
<p>32. <i>Normalmente ele passa, o tempo passa mesmo e a gente não pode perder um segundo dele porque ele já está passando, mas isso que aconteceu, isso nunca vai passar [fala pausadamente, separando em sílabas "isso nunca vai passar"]. Isso aí é real, ele fica marcado.</i></p>	32. Fala sobre a diferença entre o tempo cronológico e o tempo emocional. Afirma veementemente que viver a perda do filho é algo que nunca irá passar. Diz ser real, algo que fica marcado na vida de quem vivencia tal experiência.
<p>33. <i>Agora, por exemplo, no caso... o meu, eu sei que meu espírito ficou preparado para um dia eu perder meu pai que faleceu muito cedo, minha mãe com 80 anos, não é?! É realmente uma dor muito grande, ainda mais porque eu não tinha mais pai, quer dizer, minha mãe tinha 80 anos, eu cuidava dela e tudo, mas ela andava, sabe? E, de repente, ela adoeceu, faleceu, mas é a dor da perda da minha mãe que é muito diferente da dor da perda do meu filho e... essa dor é eterna.</i></p>	33. P1 diz ter preparado de alguma forma para perder os pais e refere ser uma dor muito grande, porém completamente diferente da dor da perda do filho, descrevendo-a com uma dor eterna.
<p>34. <i>Eu sonho muito com a minha mãe, eu digo que a minha mãe fica me colocando no colo, sabe?! [sorri] Porque ela deve saber, será que ela sabe? [risos]</i></p> <p>E: <i>ela era viva quando o seu filho faleceu?</i></p> <p>P1: <i>não, não, já era falecida. Eu fico pensando "será que a mamãe sabe?" eu sonho tanto com ela. Às vezes eu sonho com a mamãe e fico com aquilo na cabeça "eu sonhei com a mamãe, não lembro o que, mas eu sonhei". Eu sonho com ela sempre carinhosa comigo, por isso eu digo que é como se ela estivesse me colocando no colo.</i></p>	34. Relata situações relacionadas a sonhos com a mãe já falecida, diz sentir que esta lhe transmite carinho e colo. Traz autoquestionamentos sobre a possibilidade de sua mãe ter ciência sobre o ocorrido e se por esse motivo lhe transmite sensação de acolhimento.
<p>35. <i>Hoje eu penso assim, não posso fazer disso o meu calvário, eu tenho que olhar para o meu filho Luís, tenho que olhar para ele, para minha família e... eu faço tudo isso... ocupada!</i></p>	35. Refere sua compreensão acerca da vivência de luto pela perda do filho. Refere posicionar-se diante desta dor impedindo-se de sucumbir a ela, tornando-a seu calvário. Traz

	a família como principal motivo para seguir em frente.
<p>36. <i>E: você sente como uma obrigação, uma necessidade?</i></p> <p><i>P1: eu faço porque eu gosto de fazer, sabe?! E que se não eu ia ficar deitada e pronto acabou-se.</i></p>	36. Refere cuidar por prazer, aliado ao fato de que sem essa motivação, estaria prostrada.
<p>37. <i>E: Já tenho informações suficientes. Esses dados do seu depoimento serão usados para pesquisa, como já conversamos, não é? Tudo bem?</i></p>	37. Fala da entrevistadora para encerrar entrevista
<p>38. <i>P1: e é engraçado, não é? A gente tem um álbum de fotos e ele fica guardado, vez ou outra chega uma visita aí você vai buscar, mostra "olha, isso aqui foi no casamento da fulana, essa aqui no aniversário da fulana; olha quem está aqui? Lembra da fulana, amiga nossa antiga e tal?", aí foi embora, guarda de novo, mas depois que aconteceu isso [a perda do filho], a primeira coisa que o meu marido fez, pegou todas as fotos onde estava o José e botou só em um álbum, tirou de tudo que era álbum e reuniu só as que ele estava. Desde daí, primeiro eu não queria ver, depois eu pensei que eu tinha que começar a ver... de vez em quando eu vou lá e pego.</i></p> <p><i>E: parece-me que reunir essas fotos é uma forma de mantê-lo materializado, juntos e não fiquem espalhados</i></p>	38. P1 traz reflexão sobre formas habituais de lidar com fotografias de forma geral e como isso foi alterado em sua família após a morte do filho. Relata que o esposo, como primeira atitude após a morte do filho, reuniu todas as fotos em que o rapaz aparecia em um único álbum. Descreve as mudanças ocorridas com o passar do tempo em sua relação com essas fotografias e revela o hábito de revisita-las com frequência.
<p>39. <i>P1: Aqueles momentos que eu estava presente, que eu estava junto... claro, tem momentos que ele estava sozinho, outros que ele está com os amigos, esses eu só vejo, mas os que eu estava presente, eles vêm à tona</i></p> <p><i>E: e o que vem à tona?</i></p> <p><i>P1: é o que a gente vive. Eu lembro dos detalhes, quer dizer, aquele momento eu estava lá, eu vi! Aquele momento eu vi, ele estava aqui e agora está ali [aponta a foto], eu sei que aquele ali é momento vivido... e registrado, aí eu sempre fico folheando lá... de vez em quando eu dou uma olhada, sabia?! Pego aqui, vou lá naquelas fotos... tem muita coisa que eu não estou lá, mas tem muitos que eu estava lá.</i></p>	39. Sobre o álbum de fotografias do filho, diz que lá estão reunidos muitos momentos e, aqueles em que esteve presente, despertam memórias e são revividos em detalhes sempre que as imagens são vistas. Para P1, as imagens guardam o registro de momentos vividos.
<p>40. <i>Tinha um fotografo das forças armadas que tirava as fotos, eu dizia "pode...", parece uma coisa, "pode trazer o álbum" eu sempre... sabe?!</i></p>	40. Traz memórias sobre momentos registrados em imagens fotográficas
<p>41. <i>É interessante, as tuas fotografias despertou [risos] despertou aqui na minha cabeça a importância delas, não é?!</i></p> <p><i>E: é bastante significativo mesmo</i></p> <p><i>P1: é!</i></p>	41. Revela perceber que falar sobre as fotografias para esta pesquisa, lhe despertou à consciência a importância delas em sua vida.
<p>42. <i>Eu fico muito triste quando vejo uma mãe, eu nunca tinha atentado para esse detalhe, sabe? Tem mãe que chega e diz que só tem uma foto... uma outra que só tinha três... e é só aquela. [Conta histórias de outras pessoas que passaram por perdas e que teve contato ao longo de sua vida].</i></p> <p><i>Eu: Agradeço a participação e ofereço orientações sobre serviços de assistência psicológica na cidade e me coloco a disposição para maiores informações, se necessário.</i></p>	42. Relata empatia por mães que vivenciaram perdas e sofrem por não ter fotos de seus filhos falecidos.

ANEXO 2

**Transcrições/ Unidades de significados/Expressões de caráter psicológico
Entrevistas de Maria do Socorro (P2)**

Entrevista 01

Transcrição/Unidades de significado	Expressões de caráter psicológico
<p>1. <i>Observo que na sala de sua casa tem um banner com a foto do filho com a frase "ninguém morre enquanto permanece vivo no coração de alguém". Comento com P2 sobre o tema da pesquisa e faço a observação de que existem fotos de seu filho na sala.</i></p> <p>P2: "as fotos estão por todo lugar"</p>	<p>1. P2 emite um comentário sobre a existência de fotografias do filho falecido na sala de sua casa. Nele revela sua percepção sobre as imagens, é enfática em dizer que estão por toda parte.</p>
<p>2. <i>E: Conta um pouquinho para mim como foi a experiência de perder seu filho?</i></p> <p>P2: <i>foi horrível. Ninguém espera perder um filho. Meu filho morreu no dia das mães [choro]. Ele veio almoçar comigo, passou o dia por aqui, depois saiu para ir para um aniversário de um amigo e de madrugada só veio a notícia.</i></p>	<p>2. P2 fala sobre a vivência de perda, contextualiza em que momento a morte do filho ocorreu, trazendo sentimentos de sofrimento diante da perda em si, assim como, sobre o caráter imprevisível desta. Demonstra sofrimento potencializado pelo filho ter falecido em data significativa, o dia das mães.</p>
<p>3. <i>A gente nunca espera, porque não é o certo uma mãe enterrar um filho, o certo é o filho enterrar a mãe, não é?! E olha que eu já enterrei mãe, irmãos, sobrinho, mas é diferente... nunca imaginei que iria passar por isso.</i></p>	<p>3. Reafirma o sofrimento diante da imprevisibilidade da perda, destacando o sofrimento vivido pela inversão do que considera a ordem natural da vida, no que se refere a perder um filho.</p>
<p>4. <i>E outra, meu filho não estava doente, porque quando está doente, a gente acompanha, vai para hospital, imagina que pode perder, mas o meu filho não estava não; quando está doente a gente se prepara, vai se despedindo. Meu filho estava bonzinho, veio aqui almoçar comigo, meu abraçou, pediu para tirar uma foto comigo, [chorando] fez uma postagem com uma homenagem para mim e no meio da noite eu fico sabendo que ele foi baleado?!</i></p>	<p>4. P2 compara as circunstâncias da morte do filho com outros tipos de morte, enfatizando que a morte inesperada, sem qualquer possibilidade de preparação prévia, em sua vivência, é de difícil compreensão e aceitação.</p>
<p>5. <i>Na hora que me contaram e que me disseram que tinham levado ele para o hospital, eu acreditei que ele ia viver, que ia se recuperar, mas não... meu filho viveu só mais algumas horas.</i></p>	<p>5. Fala sobre a esperança de reencontrar o filho com vida após ser informada sobre o ocorrido</p>
<p>6. <i>Ele é o filho que eu mais amei, não que eu não ame os outros, eu amo, mas ele era o mais velho, o filho que eu mais esperei, que eu mais amei, sabe?! Aquele filho que eu esperei muito, ele era uma pessoa maravilhosa, o filho que toda mãe quer ter.</i></p>	<p>6. P2 fala sobre o papel afetivo que o filho falecido exercia em sua vida. Diz ter desejado a sua chegada e destaca qualidades deste, reafirmando seu amor por ele.</p>
<p>7. <i>Sempre cuidei muito bem dos meus filhos, eles não eram de ficar sujos pela rua, sempre fui muito cuidadosa com eles, foi difícil porque sempre cuidei deles sozinha, separei logo do pai deles, tinha que trabalhar, então tudo era eu. Fazia esforço, mas dava o que eles queriam.</i></p>	<p>7. Traz aspectos sobre sua história de vida, mais especificamente, das dificuldades vividas na maternidade e dos esforços para suprir as necessidades dos filhos.</p>
<p>8. <i>Meu filho era maravilhoso e aí acontece isso com ele?! É muito difícil perder um filho assim.</i></p>	<p>8. Retoma vivência de perda, destacando as circunstâncias de morte como causa de sofrimento.</p>

<p>9. <i>Mas olha, vou te dizer, eu ocupo a minha cabeça, eu prefiro ocupar a minha a cabeça, se não a gente não dá conta. Eu trabalho, voltei a estudar, faço faculdade,</i></p>	<p>9. P2 traz a importância da ocupação que, em sua vivência, funciona como forma de evitar o sofrimento de perda.</p>
<p>10. <i>mas logo que aconteceu isso com ele eu não tinha vontade de fazer nada, mas de repente me dava uma vontade de fazer alguma coisa na cozinha. Eu gosto, sempre gostei de cozinhar, fazer salgados, doces, para mim mesmo, sabe? Aí era o pão caseiro, todo dia era pão caseiro, cheguei a enjoar de pão caseiro de tanto que eu fiz. Tinha dias que essa casa ficava cheia de pão caseiro, mas era porque eu senti que precisava me ocupar, fazer alguma coisa. Depois bolo, e olha que eu nem gosto de bolo, mas eu fazia para eles. Aí era assim, de repente me vinha uma vontade de fazer um bolo eu ia ali ao supermercado, comprava as coisas e fazia. Era muita coisa, mas era porque eu precisava me ocupar, ocupar minha cabeça, se não a gente pira. Eu te digo que é muito difícil, porque se a gente fica sem fazer nada, vem as lembranças, aí vem a dor... toda vez que eu via alguma coisa dele, já viu, passava o dia chorando.</i></p>	<p>10. Retoma vivência de perda, fala sobre a ambivalência entre apatia e a necessidade de ocupar-se com atividades específicas de forma exacerbada, a qual surgia aparentemente sem motivo, no entanto, percebe tal forma de ocupar-se logo após a perda como estratégia para não sucumbir ao sofrimento, comparando-o com a loucura.</p>
<p>11. <i>E: eu percebo que quando você fala do seu filho, a dor é muito grande, não é? E que foi muito difícil não poder se despedir dele, é isso mesmo?</i></p> <p><i>P2: isso, eu não pude me despedir dele. Como eu te falei, ele não estava doente, aí a gente nunca espera. Ele passou o dia comigo, mas como eu ia saber que isso ia acontecer? Receber uma ligação no dia das mães dizendo que meu filho tinha sido atirado foi horrível.</i></p>	<p>11. Retoma conteúdo de despedida relacionado à perda e P2 reafirma dificuldades em lidar com a impossibilidade de preparar-se e despedir-se do filho. Enfatiza novamente o fato de o filho ter falecido em data significativa. Descreve sentimento vivido como horrível.</p>
<p>12. <i>Ele era um menino maravilhoso, palhaço sabe?! Ele faz muita falta, lembro dele toda hora.</i></p>	<p>12. P2 fala de qualidades do filho, da saudade que sente e do quanto permanece presente em sua memória.</p>
<p>13. <i>E aí com o tempo as pessoas não querem mais ouvir falar sobre isso e eu acabo ficando com essa dor só para mim, é uma luta interna que eu tenho comigo, até porque eu penso que é uma dor só minha, ninguém vai entender, então eu tenho que lidar com ela sozinha mesmo. Eu tento parecer bem, sorrir para as pessoas, mas só eu sei o que eu passo aqui dentro. Às vezes eu choro sozinha de madrugada, meu marido está lá dormindo para um lado e eu chorando sozinha para o outro. É uma dor lá dentro, só minha, então tento não transparecer para as pessoas,</i></p>	<p>13. Nesta unidade, P2 fala sobre questões enfrentadas em sua vivência de perda. Destaca a dificuldade de ter sua dor acolhida com o passar do tempo, referindo que pessoas, de uma maneira geral, já não se disponibilizam a ouvi-la. Descreve sua dor como solitária e de difícil compreensão e, diante disso, sente necessidade de escondê-la e se utiliza de estratégias para não transparecer o sofrimento relacionado à perda do filho.</p>
<p>14. <i>mas tudo lembra meu filho, tudo. Algumas coisas eu me desfiz. Na semana seguinte eu tirei as coisas dele, arrumei o quarto, mas ainda tenho algumas roupas, algumas eu dei para o irmão, outras não iam caber então me desfiz, mas têm coisas que não consigo me desfazer, essa bicicleta (aponta para a bicicleta que está presa na janela pelo lado de fora da casa) é dele. Tem horas que eu não consigo nem olhar para ela, mas também não consigo me desfazer. Meu marido diz que ela só está ocupando espaço, mas era dele, parece que eu olho para ela e a qualquer momento ele vai entrar por essa porta fazendo uma graça comigo como ele sempre fazia.</i></p>	<p>14. Fala sobre as lembranças do filho falecido e, ainda que tenha se desfeito de algumas coisas, guarda pertences como forma de mantê-lo presente. Revela ambivalência na relação com tais objetos e dificuldades em lidar com eles já que estão associados a muitas lembranças.</p>
<p>15. <i>Ele era muito alegre, muito palhaço. Onde ele estava animava as pessoas. Ele era muito moleque sabe?! De fazer brincadeiras sem ter muita noção. Uma vez ele estourou uma bombinha no meio da sala em pleno aniversário da minha sobrinha. Ele ria demais, achou que todos iam correr, se assustar e tudo bem, mas olha... naquele dia eu quis matar ele [risos] como ele apronta uma dessas no meio do aniversário? Mas ele era assim, muito divertido, animado, todo mundo gostava dele.</i></p>	<p>15. Descreve o bom humor do filho e o quanto era querido pelas pessoas.</p>

<p>16. No velório dele foram 3 ônibus, eu me surpreendi, não imaginada que ele era tão querido, mas foram 3 ônibus só de gente que gostava dele.</p>	<p>16. Reafirma o quanto o filho era querido e tinha muitos amigos.</p>
<p>17. Mas eu não consigo nem olhar para os amigos dele, para a moça que era namorada dele, me dá uma tristeza tão grande.</p>	<p>17. Relata dificuldades em lidar com pessoas que conviviam com o filho devido despertarem em P2 grande tristeza.</p>
<p>18. Hoje eu me apego à filha dele. Ele tem uma filhinha de 6 anos, é um pedaço dele que está aqui, vivo, aí invisto nela, tudo é para ela. Minha filha, Camila, morre de ciúmes da Ana (neta), às vezes ela diz: “tudo é para a Ana, até uma bicicleta nova ela tem e a gente nunca teve” [risos]. Eu digo que faço por ela o que não pude fazer por eles [filhos].</p>	<p>18. P2 fala da relação com a neta, filha de seu filho falecido. Refere relação de apego e dedicação à menina como forma de manter o filho vivo e presente em sua vida. Revela que tal relação desperta ciúmes.</p>
<p>19. E: lembranças, pertences, alguns você me diz que se desfez, não é? E as fotografias? Como lida com as fotografias?</p> <p>P2: ah, eu não gosto nem de ver. Quando eu olho uma foto dele eu começo logo a chorar e me vem uma lembrança tão doída que eu prefiro nem ver. Acho que quando eu vejo eu sofro mais. Estão ali guardadas [aponta para o armário], mas eu não gosto nem de olhar.</p>	<p>19. Ao ser questionada, P2 fala sobre sua relação com as fotografias do filho. Revela incômodo e preferência por não ter contato frequente com as imagens, devido despertar emoções ligadas à dor da perda. Acredita ter seu sofrimento exacerbado ao ver as fotografias, por isso, prefere mantê-las guardadas.</p>
<p>20. Eu sonho muito com ele, muito mesmo, mas sempre com ele pequenino [choro], mas eu queria sonhar com ele de agora, ele me dizendo que está bem, que não é para eu me preocupar, mas eu só sonho com ele pequeno. Ai quando eu sonho com ele choro demais. O meu marido até fala: “mas tu pede tanto para sonhar com ele e quando sonha fica assim, chorando?”.</p>	<p>20. Fala sobre outra forma de ter contato com a imagem do filho, através de sonhos, no entanto, estes trazem apenas dele enquanto criança e despertam emoções. Revela desejo de vê-lo em sonho com imagem atual, trazendo-lhe mensagem de conforto.</p>
<p>21. Ele não entende que eu queria ver ele agora, que é uma tristeza imensa, é por isso que eu te digo que é uma luta interna, só minha e que ninguém vai entender.</p>	<p>21. P2 retoma a incompreensão externa quanto a sua dor da perda, fazendo com que seu luto seja vivido de forma solitária. Descreve essa como tristeza imensa</p>
<p>22. E: você me diz que não gosta de olhar as fotos dele, que isso faz sofrer mais. Conta para mim como é olhar para essa foto dele que está aqui na tua sala?</p> <p>P2: esse banner [com a foto do filho falecido] foi uma polêmica. Demorou muito para eu pendurar ele aqui na sala. Logo que a gente fez, foi uma briga, a irmã queria colocar no quarto dela, o irmão no quarto dele, eles eram muito ligados, aí ficaram brigando para ver quem ia ficar com o banner, foi quando eu disse que não ia ficar no quarto de ninguém porque eu ia colocar na sala, mas ele ficou um tempão ali encostado no cantinho. Meu filho sempre perguntava por que eu não deixei ficar com ele para pendurar na sala, mas não pendurava. Ele não entendia que era difícil para mim, até que eu aceitei, mas olha... não foi fácil. No início, sempre que olhava chorava, é uma tristeza muito ruim, sabe?! É ele ali, me olhando, sorrindo. Parece que eu olho e lembro que ele não está aqui, que não vai voltar.</p>	<p>22. P2 fala da dificuldade de se defrontar com as imagens do filho em fotografias, ainda que faça questão de tê-las por perto, revela que olhá-las lhe traz sofrimento e tristeza. A imagem do filho em fotos, na vivência de P2, remete à ausência deste, assim como, a irreversibilidade da morte.</p> <p>Mais uma vez, fala da incompreensão dos outros quanto a sua dor.</p>
<p>23. Depois fui me acostumando, hoje em dia eu olho e converso com ele. Geralmente eu sou a última a sair para trabalhar, aí falo com ele, me despeço, digo: "a mãe já vai ta, filho? Fica com Deus!" [choro]. Olho para ele aí [na foto do banner] e lembro com tristeza.</p>	<p>23. P2 fala de uma mudança ocorrida na forma de lidar com uma imagem específica do filho, aquela está na sala de sua casa. Diz que com o passar do tempo precisou se acostumar a olhá-la com frequência e que atualmente conversa com a imagem como se conversasse com o filho. Ainda sim, ter que lidar com esta</p>

	convivência (ela e a imagem) lhe traz sofrimento e lembranças tristes.
24. <i>Eu tinha muitas fotos dele recentes no meu celular, essas eu prefiro não ver. Eu preferi tirar tudo e colocar no computador porque eu ia no ônibus sem fazer nada e, de repente, me pegava olhando as fotos dele e aquilo me dava uma tristeza que eu começava a chorar. Aí preferi tirar, acho que assim eu consigo ficar melhor, não pensar tanto nele o tempo todo, ocupo a minha cabeça e vou levando.</i>	24. P2 diz evitar ver fotos recentes como forma de evitar lembranças e o sofrimento. Revela relação ambivalente com as imagens, pois ao mesmo tempo em que prefere evitar vê-las, refere necessidade de acessar imagens mesmo de forma involuntária. Refere mais uma vez a ocupação como forma de evitar lembranças, pois dessa forma desvia o foco do sofrimento.
25. <i>Esses caras não se tocam que eles tiram a vida da pessoa, mas eles matam mesmo é a mãe que fica aqui sofrendo. Porque atirou ali, morreu, acabou, ele não vai sentir essa dor que eu sinto hoje. Eles matam mesmo é a mãe, a família que fica viva e sofrendo, mas antes tirar logo a vida da mãe também. É um pedaço da gente que vai junto com ele, eu morri junto com ele. Com certeza um pedaço de mim morreu junto com ele.</i>	25. Descreve a vivência de perda como a sua própria morte remetendo ao intenso sofrimento vivido tanto por ela, mãe, quanto pela família sobrevivente à perda. Diz sentir como se a morte do filho fosse uma parte de si que morre junto com ele.
26. <i>Se hoje eu me levanto todo dia, é por causa deles dois [filhos vivos], mas vontade mesmo, eu não tenho não, minha vontade é sumir, ir embora, mas eu sei que eles ainda precisam de mim e se tem uma coisa que me faz ter forças, são eles dois.</i>	26. Revela que sua vontade é de sumir, morrer para essa vida de sofrimento após a morte do filho, ainda sim, traz como motivação para permanecer viva a existência de seus dois outros filhos que considera ainda necessitarem de seus cuidados.
27. <i>Fico imaginando a mãe que só tem um filho. Tenho uma vizinha que perdeu um tempo desses o único filho que ela tinha, a gente olha para ela e vê que hoje ela é uma mulher vazia. Imagina?! Graças a Deus eu tenho meus dois filhos vivos aqui, mas com certeza uma parte de mim, a parte que eu mais amava, morreu junto com ele. Quando eu encontro ela na rua me dá uma pena, prefiro nem parar para conversar porque eu sei que a gente vai chorar e isso vai me fazer sofrer.</i>	27. Compara sua dor com a dor de outras mães que perderam filhos únicos. Traz o exemplo de uma pessoa conhecida, descrevendo sua percepção do sofrimento alheio. Considera que ter outros filhos é de grande importância para seguir em frente, ainda sim, destaca que uma parte significativa de si morreu junto com o filho.
28. <i>É uma dor muito grande perder um filho, e ainda mais eu filho que era uma pessoa boa, não era bandido, todo mundo gostava tanto dele, ele não merecia isso que fizeram com ele.</i>	28. Descreve a dor da perda de um filho como algo grandioso, potencializado pelas circunstâncias de morte. Diz acreditar que, devido o ser uma pessoa boa, não merecia ser assassinado.
29. <i>Ele era tudo para mim, o filho que eu mais esperei. Ele me respeitava muito, não dizia um ai para mim, eles [os outros dois filhos] ainda respondem, enfrentam, ele não, eu dizia alguma coisa e ele respeitava.</i>	29. Traz aspectos de sua relação com o filho falecido, destacando suas qualidades.
30. <i>Eu lembro que eu saía para trabalhar e os dois menores ficam na responsabilidade dele, era o mais velho, ele cuidava direitinho. Eles aprontavam, eram crianças, não é?! Mas ele sempre era muito cuidadoso com os irmãos. Eu fazia de tudo por eles, tudo mesmo. Eles me pediam uma coisa, um brinquedo, eu dava um jeito e comprava, não era o novo, mas comprava e eles tinham.</i>	30. Traz lembranças do passado familiar no qual o filho falecido exerceu um papel importante no cuidado com os irmãos mais novos.
31. <i>Às vezes me sinto culpada por ter dado tanta responsabilidade a ele [choro], como ele era o mais velho, ele ficava responsável pelos irmãos porque eu precisava sair para trabalhar... [pausa] e eu fico pensando se devia ter feito isso com ele. Às vezes eu penso que ele não precisava ter feito isso por mim, ele fazia</i>	31. P2 revela sentimento de culpa por ter atribuído ao filho responsabilidades que considera além das responsabilidades condizentes à sua idade em um

<i>questão de me ajudar, cuidava de mim, me ajudava em tudo mesmo.</i>	determinado momento da vida.
<p>32. E: <i>Era um companheiro para ti</i></p> <p>P2: <i>era sim, ele era o meu filho mais amado, me respeitava, não respondia um ai, estava sempre comigo, tudo que eu precisava ele estava ali, ele podia não gostar, mas não respondia nada. Ele já não morava comigo, mas estava sempre por aqui, por isso que quando eu olho para essa bicicleta, eu tenho a impressão que a qualquer hora ele vai aparecer aqui na minha casa.</i></p>	32. Descreve a relação com o filho, colocando-o no lugar de filho mais amado respeitoso e companheiro.
33. <i>Essa casa é do meu esposo, me mudei para cá faz uns dois anos. Como ele e o irmão já eram adultos, chamei os dois e conversei, perguntei se queriam vir comigo ou ficar na nossa antiga casa. A menina era menor então veio comigo, mas eles dois preferiram ficar lá, deixei tudo para eles, só trouxe as minhas roupas mesmo. Eles cuidavam direitinho da casa, agora eu não aguento nem passar perto de lá, acho que vou vender aquela casa, toda vez que eu passo na rua da nossa antiga casa eu sofro demais, até porque foi perto de onde tudo aconteceu. Eu prefiro nem andar por lá.</i>	33. P2 traz questões sobre a história familiar. Refere que após o ocorrido, não suporta estar próximo de sua antiga casa, onde o filho morava, pois traz lembranças sobre a perda e circunstâncias desta.
34. <i>Eu fico pensando que eu não devia ter deixado ele sair daqui naquele dia, mas ele era adulto, como eu ia fazer isso?</i>	34. P2 manifesta autoquestionamentos sobre sua responsabilidade quanto a possibilidade de evitar o ocorrido.
35. <i>E naquele dia eu estava tão feliz, a gente tinha ido ao culto de manhã, culto de dia das mães, a pastora veio falar comigo, disse que não era para eu me preocupar com ele porque ele teria um encontro com Deus. A igreja estava cheia, mas ela veio duas vezes falar comigo e disse a mesma coisa que não era para eu me preocupar porque ele teria um encontro com Deus. Eu fiquei muito feliz, como ele estava afastado da igreja, eu pensei que era um sinal de que ele iria voltar. Por isso que quando me ligaram dizendo que ele tinha sido atirado, eu respirei fundo, vesti uma roupa e fui confiante para o hospital, pedindo a Deus que o livrasse e permitisse que ele voltasse para a igreja. Eu tinha certeza que o meu filho ia sair dessa, certeza! Para mim, aquilo que a pastora tinha me dito de manhã era um aviso de que ele teria um livramento.</i>	35. Rememora o último dia de vida do filho, traz detalhes de situações vividas. Diz ter recebido uma mensagem durante um culto religioso. Diz ter compreendido tal mensagem de uma forma que lhe deixou confiante quanto a possibilidade do filho sobreviver ao ocorrido.
36. <i>Eu rezei tanto, rezei tanto pedindo a Deus que ele tivesse esse livramento e voltasse para a igreja, mas não foi isso que aconteceu. Nem tudo é como a gente quer né? É como Deus quer e foi isso que Deus quis para ele.</i>	36. P2 fala de sua fé, dos pedidos feitos a Deus para que salvasse seu filho. Mostra-se decepcionada por não ter tido seus pedidos atendidos. Atribui à vontade de Deus a morte do filho.
37. <i>Horas depois o meu filho morreu, ele ainda chegou a ser atendido, mas não resistiu por muito tempo. Nossa, ali eu me acabei.</i>	37. Fala sobre os momentos logo após a perda. Afirma que naquele momento sentiu forte abalo, sentido como se sua vida também tivesse chegado ao fim.
38. <i>Depois que ele morreu eu adoeci, adoeci de verdade. Eu não levantava da cama, era uma tontura muito forte, passei muito mal, era labirintite.</i>	38. P2 fala de reações físicas sentidas após a perda do filho. Enfatiza que o adoecimento era real e a impedia de realizar suas atividades cotidianas
39. <i>Foi nessa época que eu encontrei a primeira pessoa que realmente se importou comigo. Foi uma médica na unidade de saúde, muito boa sabe?! Ela me examinou e disse que estava tudo em ordem e perguntou como estava o meu lado sentimental, aí contei para ela do meu filho, nesse dia eu chorei muito, contei tudo que estava acontecendo. Ela me disse que a labirintite tem esse fator sentimental né? Disse que eu precisava cuidar desse lado meu, deu até um encaminhamento para eu ir com a psicóloga, mas precisava ir marcar e na época eu preferi não ir.</i>	39. P2 revela que neste momento de adoecimento encontrou alguém que se mostrou interessado genuíno em sua dor, descreve como sendo a primeira a demonstrar interesse real por ela. Refere que a médica se preocupou em examinar além do sintoma e ofereceu escuta a dor de sua perda. P2 refere ainda ter recebido orientações sobre a necessidade de procurar um

	psicólogo, porém escolheu não ir em busca deste atendimento.
40. <i>Fui melhorando e aos poucos voltei a me ocupar, nunca me esqueço dele, mas percebi que eu precisava viver. Meus filhos ainda precisavam de mim. Ele morreu e eu vou sempre sofrer com isso, mas eu precisava ocupar minha cabeça. Voltei a estudar uns 06 meses depois, eu já tinha começado a faculdade, mas tinha precisado parar. Depois que ele morreu eu decidi que precisava voltar se não era o tempo todo em casa sofrendo.</i>	40. P2 enfatiza a necessidade de ocupa-se para não sucumbir ao sofrimento pela perda do filho. Diz que ao se sentir melhor, percebeu a necessidade de retomar atividades significativas para si. Revela posicionamento diante da dor da perda. Refere que o sofrimento sempre estará presente, ainda sim, percebe necessidade de seguir vivendo, sinalizando como motivação os filhos vivos.
41. <i>No início foi muito difícil, eu não tinha a menor vontade de ir, eu ia porque precisava mesmo, as colegas tentavam me ajudar, mas só eu sabia o que eu estava passando. Tinha dias que eu começava a chorar do nada, no primeiro dia de aula quando a professora perguntou por que estávamos ali, eu desabei a chorar e ninguém entendeu nada e eu chorei muito mesmo. Mas voltar pra faculdade foi uma forma de esquecer. Eu estava procurando uma forma de ajuda, uma forma de esquecer isso tudo que eu estou passando. Eles me ajudaram muito, as amigas que eu construí. Devido isso, as pessoas chegavam, conversavam, me davam apoio.</i>	41. Fala sobre o retorno às suas atividades e do quanto era difícil lidar com suas emoções, ainda sim, sentia necessidade de insistir em ocupar-se como forma de evitar lembranças e sofrimento, assim como, engajar-se em atividades produtivas. Reafirma que a dor da perda é de difícil compreensão e, por isso, sentia-se solitária em seu sofrimento. Sinaliza que apesar de não compreenderem o que passava, o apoio dos colegas foi de grande importância.
42. <i>No dia que ele estava fazendo 09 meses de morto [choro] eu estava indo para a faculdade, esse dia foi terrível porque eu ia chorando muito. Eu não queria ficar em casa porque eu não queria mostrar para ninguém o que eu estava sentindo, eu precisava sair, mas também não queria ir para a faculdade para ninguém me ver, a forma como eu estava sofrendo. Eu parei no meio do caminho, desci do ônibus chorando muito, aí fiquei no meio da rua chorando muito. Vieram algumas pessoas me ajudar, perguntaram se eu estava sentindo alguma coisa, se tinha sido assaltada, eu estava chorando tanto que não conseguia nem falar porque eu não conseguia dizer que naquele dia meu filho estava fazendo 09 meses de morto.</i> <i>E: Você só precisava chorar, não é?</i> <i>P2: Eu só precisava chorar [choro] longe de todo mundo, mas era impossível, as pessoas viam alguém chorando no meio da rua e vinham querer ajudar, queriam saber o que a pessoa estava passando, querendo ajudar de alguma forma. Eu só não queria chorar aqui na frente do meu marido, dos meus filhos. Porque é assim, eu não gosto de chorar na frente das pessoas, mostrar o que eu estou sentindo, não gosto de mostrar fraqueza para ninguém, gosto sempre de mostrar que eu sou forte, que eu superei, talvez para os outros, mas eu mesma, no meu interior, sei que não é isso. Só eu e Deus sabemos. Como te falei, é uma luta solitária.</i>	42. P2 relata situação vivida em uma data significativa, dia em que o filho completava nove meses de falecimento. Descreve sua vivência revelando dificuldades em lidar com seus sentimentos. Relata que ao mesmo tempo em que sentia necessidade de chorar, sentia também necessidade de esconder sua dor. P2 associa a expressão de sentimentos à fraqueza e diz que prefere se mostrar forte, ainda que a dor se faça presente. Descreve o enfrentamento do luto como uma luta solitária.
43. <i>Tem uma coisa que as pessoas dizem e agora eu tenho certeza que não é verdade. Isso de que só o tempo, que com o tempo passa e hoje eu sei que isso é balela. Não é verdade porque quanto mais o tempo passa, mais eu sofro. O tempo não cura mesmo. Queria eu saber que tempo é esse que faz passar esse sofrimento, queria mesmo saber se um dia essa dor que eu sinto vai passar porque até agora só piorou.</i>	43. P2 contesta dito popular, refere que em sua vivência, a passagem do tempo faz com que seu sofrimento cresça ao invés de curá-lo. Traz questionamentos quanto a possibilidade de viver um dia sem o sofrimento vivenciado naquele momento.
44. <i>Tudo que eu vejo dele me faz chorar, tem dias que eu passo o dia chorando. Às vezes eu vou lavar roupa e tem alguma camisa dele que o irmão ficou, ou aquela que a gente fez de homenagem sabe?! Com nome e a foto dele. Ah, eu olho aquela camisa e choro tanto... o irmão dele joga bola com essa camisa, de vez em quando vou lavar roupa e ela está lá. Ai é um chororô. Eu fico pensando que não era para ele estar ali naquela foto, era para ele estar vivo, não queria que ele precisasse de</i>	44. P2 refere que tudo aquilo que lembra o filho lhe provoca vontade de chorar e que difícil defrontar-se com pertences e a imagem do filho. Vê-los lhe faz pensar em sua ausência que até o momento, é de

<p><i>homenagem, preferia que ele tivesse vivo aqui comigo. Por isso que eu não gosto de ver essas fotos recentes dele, as antigas tudo bem, mas essas recentes eu prefiro nem ver porque eu sei que vou sofrer mais.</i></p>	<p>difícil aceitação. Justifica que por esse motivo, não gosta de ver fotos do filho, principalmente fotos recentes.</p>
<p><i>45. E: Como você me diz, parece ser muito difícil passar por toda essa dor sozinha. Percebo que tua vivência ainda é de muita dor, toma a tua vida como um todo.</i></p> <p><i>P2: Como um todo mesmo. É como se eu tivesse muitas pessoas, mas estivesse só ao mesmo tempo.</i></p>	<p>45. P2 refere sentir-se sozinha em seu luto e que este ainda ocupa grande de sua vida.</p>
<p><i>46. Olha, ontem foi um momento que eu estava assim arrasada. Fui para a faculdade, voltei, eu estava quietinha. Meu marido sabe que eu falo muito, converso, mas ontem eu cheguei calada, na ponta do pé, deitei, fiquei quieta, mas a minha vontade era de chorar. Ele perguntou o que eu tinha e eu disse que não tinha nada, mas ele sabia que tinha algo porque eu estava muito quieta. Ai quando foi mais tarde ele perguntou de novo e eu disse que estava um com um pouco de dor de cabeça. Eu digo que não era nada porque para mim ele não vai entender. Primeiro porque o filho não era dele.</i></p>	<p>46. Fala sobre a vivência solitária do sofrimento pela perda do filho. Refere preferir fechar-se em si, pois acredita que outras pessoas não seriam capazes de entender sua dor.</p>
<p><i>47. E: E o que você estava sentindo de verdade?</i></p> <p><i>P2: [choro] saudade dele. Quando eu sinto muita saudade dele eu fico assim, quieta.</i></p>	<p>47. Emocionada, P2 refere sentimentos de saudade do filho e descreve como se comporta quando se vê diante deste sentimento.</p>
<p><i>48. Às vezes até na faculdade eu estou assim quieta. Alguém pergunta se eu estou bem e digo que sim, porque pra mim, não adianta falar para os outros que eles não vão entender. Ai digo que estou bem, procuro conversar de novo, mostrar que estou bem para que as pessoas não fiquem perguntando, mas terminou a aula eu saio de mansinho. A minha vontade mesmo é de ficar só, em um canto.</i></p>	<p>48. P2 retoma a crença quanto a impossibilidade de outras pessoas compreenderem sua dor. Quando se vê em sofrimento, diz preferir se isolar.</p>
<p><i>49. Vou te dizer que se eu não tivesse esses meus dois filhos, eu não sei... acho que eu tinha entrado em uma depressão. Não sei se isso é um início, ou se sou eu que não me deixo levar, porque eu não sei de fato o que é uma depressão. A minha vontade mesmo era mesmo de me isolar, de ficar deitada e não me levantar nunca mais.</i></p>	<p>49. P2 refere temores quanto ao risco de depressão, sinalizando que desejo era de permanecer isolada, sem vontade de viver, no entanto, seus filhos são sua principal motivação para não se deixar sucumbir pelo sofrimento decorrente da perda.</p>
<p><i>50. Ai penso no meu filho, que ele vai sair pra trabalhar e quando voltar vai estar com fome, o que ele vai comer? Ai penso que eu tenho que trabalhar, se não chega o final do mês e eu não tenho dinheiro para receber, ai me levanto, tento buscar forças, vou para o trabalho, mas a vontade mesmo, eu não tinha não. Mas a gente tem que continuar.</i></p>	<p>50. P2 fala de suas motivações para seguir investindo em viver. Traz os filhos e o trabalho como motivações importantes. Revela necessidade de seguir em frente, ainda que a vontade tenha sido escassa em alguns momentos.</p>
<p><i>51. E: Hoje a gente falou sobre a sua experiência e de como você lida com as fotos dele. Sobre a entrevista, acredito que já temos as informações necessárias [ela interrompe]</i></p> <p><i>P2: Mas tu queres ver fotos dele?</i></p> <p><i>E: Não precisa, você disse que é muito sofrido para você olhar as fotos dele.</i></p> <p><i>P2: Não tem problema, eu te mostro, já falei bastante sobre ele, não tem problema te mostrar as fotos [levanta e vai até o móvel da sala onde estão os álbuns com fotos antigas].</i></p> <p><i>E: Você quer mostrar as fotos dele?</i></p> <p><i>P2: Aqui ó. [mostra fotos dele criança, desde bebê, passa por fotos de aniversários infantis, fotos com os irmãos e amigos] Como te falei, tenho muitas fotos dele ainda bebê, criança, fotos de grande eu tinha no meu celular, mas passei para o</i></p>	<p>51. P2 demonstra interesse em mostrar fotos do filho, ainda que isso lhe cause incômodo, faz questão de mostrar fotos antigas, dos tempos de criança. Sobre estas, diz ter recordações boas.</p>

<p>computador. Olhando essas fotos eu tenho uma recordação muito boa. Olha como ele tinha o sorriso bonito?! Meu filho era muito alegre!</p>	
<p>52. Eu não gosto mesmo de olhar as mais recentes, mas essas eu não olho também não. Deixo guardadas.</p>	<p>52. Reafirma que prefere não ver fotos recentes. Diz que prefere evitar ver fotografias do filho, sejam elas recentes ou antigas, preferindo mantê-las guardadas.</p>
<p>53. E: Tem alguma em especial que você goste?</p> <p>P2: Tinha no meu celular. Aquela última foto que ele bateu comigo no dia das mães. Olha, como eu te falei, essa foto são eles no parque, eles eram muito unidos, muito juntos mesmo. [mostra fotos de diferentes momentos na infância]</p>	<p>53. Revela ter fotos preferidas, dentre as recentes, no entanto, rapidamente desvia o foco deste assunto e retoma a fala sobre fotos antigas.</p>
<p>54. E: é importante pra ti guardar essas fotos antigas?</p> <p>P2: É muito importante sim guardar essas fotos, porque eu sei que são momentos que não voltam mais, ele não vai ter outros. Eu tenho muitas fotos dele aqui, como ele foi o primeiro, o mais velho, todo mês eu tirava foto dele quando era bebê.</p>	<p>54. P2 considera importante guardar fotografias, ainda que prefira não as ver, diz saber que são momentos que não se repetirão e que o filho não poderá ter novos momentos a serem registrados.</p>
<p>55. E: O que essas fotos representam para ti?</p> <p>P2: São recordações boas, esses são momentos bons que nós passamos, que nós vivemos juntos. Eles foram crianças, eles viveram a infância. Eu dava um jeito e dava as coisas para eles. Olha, ele era meu mais velho [mostra fotos antigas]. Mas eu preferia não lembrar que ele não vai voltar. [continua a mostrar várias imagens].</p>	<p>55. Para P2, as fotografias antigas representam boas recordações de momentos vividos em família. Ao mesmo tempo em que fazem lembrar a ausência irreversível do filho.</p>
<p>56. Sabe, eu sofro muito com a falta dele, muito mesmo, mas eu precisava falar. Quando eu vi a sua pesquisa eu pensei logo que queria participar porque eu precisava falar. A gente não encontra muito espaço para falar sobre isso, as pessoas já não querem mais ouvir falar, não entendem quando a gente chora. Eu te agradeço viu?!</p>	<p>56. Nesta unidade, P2 fala sobre sua necessidade de falar sobre vivência de perda. Diz sofrer com a ausência do filho e que não encontra espaços e pessoas disponíveis a ouvir e acolher esta dor. Agradece a escuta.</p>
<p>57. E: como é que você está depois de falar sobre tudo isso?</p> <p>P2: eu ia mesmo te falar sobre isso, parece que eu estou mais aliviada em conversar com alguém, me abrindo, chorando, talvez eu precisasse disso, dessa conversa, desse choro e que muitas vezes fica entalado aqui dentro, reprimido. Como eu te disse, dificilmente a gente encontra alguém para falar sobre isso. Eu estou me sentindo um pouco mais leve, é como se tivesse um fardo que vai pesando e pesando, chega um dia que... é difícil das pessoas entenderem.</p>	<p>57. Diz sentir-se aliviada em falar sobre sua vivência de perda e sofrimento. Refere que muitas vezes os sentimentos ficam reprimidos e precisava falar sobre eles. Reafirma a dificuldade alheia em compreender a dor por ela vivida.</p>
<p>58. O que me conforta nessa morte do meu filho é saber que eles estão presos, um já foi condenado e outro está preso e vai a julgamento. Talvez para mim, isso seja uma vitória. Minha maior vontade é vê-los presos mesmo.</p>	<p>58. Refere que o que lhe traz conforto é saber que os agressores foram punidos. Sente isso como uma vitória</p>
<p>59. Eu penso muito sobre isso e sobre a vontade de ajudar outros jovens. Eu tenho muita vontade de ajudar outras pessoas, de lutar por esses jovens para que eles vivessem. Nossos jovens estão se perdendo muito cedo no mundo das drogas. Talvez eu ainda não fiz porque o tempo... o tempo ainda não me deixa. Essa vontade de resgatar os jovens que estão perdidos, desperdiçando a sua vida nesse mundo das drogas, do crime. Eu tenho medo de ainda não dar conta, mas quero muito poder fazer isso um dia.</p> <p>Eu acho que falar sobre tudo isso hoje foi mais uma ajuda pra mim do que pra você, eu estava precisando disso [risos].</p> <p>E: A gente falou aqui sobre a sua experiência, né? Eu que agradeço imensamente a sua disponibilidade, acredito que já temos informações suficientes por hoje. Fico feliz em saber que esse espaço foi importante para você</p>	<p>59. P2 fala sobre planos de ajudar outras pessoas, principalmente jovens para que não desperdicem suas vidas. Justifica o adiamento deste desejo devido à falta de tempo, revela temores de não dar conta de sustentar esta ação. Reafirma a importância de ter sido ouvida e ter sua dor acolhida.</p>

Entrevista 02

Transcrição/Unidades de significado	Expressões de caráter psicológico
<p>1. . E: Como combinamos, eu voltei hoje para conversarmos um pouquinho sobre como foi para você aquela primeira entrevista e fazemos um fechamento, tudo bem? E também, saber se aquilo que compreendi sobre o seu relato está ok</p> <p>P2: sim, eu lembro que você falou que seria assim</p>	<p>1. Nesta unidade, iniciamos a entrevista reafirmando o contrato previamente estabelecido em TCLE</p>
<p>2. E: para começar, gostaria de saber como você ficou após aquela nossa primeira conversa?</p> <p>P2: a gente conversou aquele dia e, como te falei, naquele dia eu estava mesmo precisando de alguém para conversar, porque nem sempre tem alguém disponível para estar te ouvindo, principalmente para falar desse assunto que é um assunto muito complicado para a gente que perdeu um filho e a gente se sente assim, mais aliviada.</p> <p>E: você se sentiu aliviada? É isso?</p> <p>P2: sim, alivia um pouco ter alguém para conversar, se abrir para falar do assunto... À vontade, não é?</p>	<p>2. P2 fala sobre o que sentiu durante a após a primeira entrevista, descreve a sensação de alívio em poder falar livremente sobre a perda do filho. Destaca sua necessidade, naquele momento, de falar sobre sua vivência, sinalizando escassez de espaços e pessoas para dialogar sobre o assunto.</p>
<p>3. E: Sobre a nossa primeira conversa, você me diz que fez você se sentir um pouco mais aliviada, você sentia necessidade de falar sobre isso?</p> <p>P2: Sim, ela me deu um alívio com certeza! Eu sinto necessidade de falar sobre o meu filho.</p>	<p>3. Reafirma sensação de alívio e fala sobre sua necessidade de falar sobre o filho falecido</p>
<p>4. E: O que eu percebi na nossa primeira entrevista é que a sua dor ainda é muito intensa, muito presente, é isso mesmo?</p> <p>P2: É... muito, muito, muito! É muito sensível, um assunto muito sensível para se falar.</p> <p>E: E é importante tocar nesse assunto com muito cuidado, percebo que ele desperta dor, tristeza em você...</p> <p>P2: Isso...</p>	<p>4. Refere que assunto da perda é um assunto delicado por despertar tristeza e sofrimento ao aborda-lo.</p>
<p>5. Ontem a filha dele estava aqui comigo, na verdade ela passou essa semana toda aqui, ia embora só semana que vem, mas precisou ir ontem porque tinha uma consulta hoje.</p> <p>E: e como foi passar esses dias com ela?</p> <p>P2: ah, é bom, ela me traz um alívio, me traz um conforto, de saber que tem um pedaço dele vivo e um pedaço dele que nunca vai morrer, assim, dentro de mim, não é? Que é ela viva, perto de mim.</p>	<p>5. P2 traz a presença da neta, filha de João, seu filho falecido, também como promotora de alívio e conforto do sofrimento. Revela que a presença da criança lhe traz a certeza da continuidade da vida, por ser um pedaço vivo do filho.</p>
<p>6. Ela é muito, muito agarrada comigo, muito mesmo! Ela disse para mim: "vó, eu vou me consultar amanhã, mas tu podes ir logo me buscar?", eu disse: "não filha, não dá porque a vovó já vai voltar a trabalhar", ela não queria, mas aceitou e foi embora.</p>	<p>6. Fala sobre aspectos de sua relação com a neta. Descreve esta como uma relação de forte apego.</p>
<p>7. E: Uma das coisas que marcou muito no seu relato é que, para você, foi importante manter algumas coisas que fazem a presença dele continuar viva, como por exemplo, a bicicleta que está ali apoiada na janela, as roupas, a sua neta, mas que ainda é muito difícil ver as fotos dele porque dependendo da foto, pode te trazer uma memória boa do passado ou uma tristeza muito grande, se for uma imagem recente, é isso mesmo?</p> <p>P2: É... de vez em quando eu abro minha rede social e vejo foto dele [choro/pausa]... eu abro fotos que os meninos postam, os amigos dele, às vezes, claro que eles não fazem para magoar, não é? Mas...</p> <p>Eu: E magoa?</p> <p>P2: não, não me magoa, mas vem uma tristeza, não é? Lembrar que ele não está mais aqui com a gente</p>	<p>7. P2 se emociona ao falar sobre seu contato com fotos recentes do filho falecido. Revela que vê-las lhe desperta tristeza por remeter à sua morte por evidenciar ausência do convívio familiar.</p>
<p>8. e que era novo, tinha tudo pela frente para viver e a vida dele foi tirada de uma forma muito brusca... por uma pessoa que poderia estar protegendo a gente e, ao invés de proteger, ela tira a vidas, então isso me deixa muito magoada.</p>	<p>8. P2 fala sobre sua vivência de perda e lamenta a morte do filho ainda jovem e nas circunstâncias em que aconteceram. Revela mágoa diante das</p>

	circunstâncias de morte do filho.
9. <i>Estou fazendo de tudo para que ele seja punido, porque... me traz um conforto, o conforto de saber que outras mães não vão chorar a mesma dor, de sentir que é uma coisa muito, muito triste [choro] muito dolorida de se falar de...</i>	9. Traz em seu discurso o desejo de justiça e que o acusado de matar seu filho seja punido como forma de evitar sofrimentos futuros de outras mães. Fala sobre sua dor com tristeza e diz que saber que pode evitar tal sofrimento, lhe traz conforto.
10. <i>... de saber que o ciclo da vida é você enterrar seu pai e não enterrar filhos e...enterrar meu filho foi muito difícil para mim</i> <i>E: e me parece que é difícil sempre, não é?</i> <i>P2: sempre, sempre! Eu acho que vai ser o resto da minha vida, enquanto eu viver eu vou viver com essa dor.</i>	10. Segue relatando sofrimento em viver a perda que considera antinatural. Revela ter sido difícil passar pela experiência de enterrar um filho. P2 acreditar que sentirá esta dor por toda sua vida.
11. <i>Eu tenho uma tia que perdeu um filho e, às vezes, eu até não gostava de conversar com ela porque toda vez que a gente ia conversar, ela chorava falando do filho e eu pensava "égua, não acredito que, 10 anos atrás e essa mulher ainda chora por esse filho, eu não acredito!". Eu achava até que era falsidade e hoje você vê que dor, ela não importa se já tem 10 anos, 30 anos... conheço uma senhora que perdeu o filho há 13 anos e até hoje quando fala desse assunto ela chora, ainda sente, ela ainda relembra das coisas e... é uma coisa muito difícil para a gente. Hoje eu vim entender a minha tia, ela já é falecida, eu vim entender o porquê ela chorava toda vez que ela tocava nesse assunto e toda vez que ela falava dele, hoje eu entendo, na época eu ficava sem entender, pensava mesmo que era falsidade, mas... não é não, é uma dor que uma mãe sente pela falta de um filho.</i>	11. P2 exemplifica sua compreensão sobre a dor da perda não ter fim através da experiência de outras mães de seu convívio que também perderam filhos. Refere que não compreendia a dor de sua tia enlutada até viver a perda de João. Revela que sua vivência a fez repensar seu entendimento sobre luto e relativizar o tempo de sofrimento pela perda de um filho.
12. <i>E: Eu me lembro de você me perguntar, na verdade, se perguntar se essa dor um dia iria passar, não é? Porque você sentia essa dor tão forte e muito intensa, mas como uma dor só sua que outras pessoas tinham dificuldades para entender.</i> <i>P2: as pessoas não entendem mesmo</i> <i>E: e agora você me falando do exemplo da sua tia, me diz que acaba, hoje em dia, se colocando no lugar dela e aquela dor que naquele momento você não entendia...</i> <i>P2: [interrompe e completa] e hoje eu passo a entender de uma realidade que eu estou vivendo</i>	12. P2 fala sobre a dificuldade que vivencia em ser sua dor compreendida, assim como relatou anteriormente não entender a dor de uma mãe enlutada. Refere que somente ao vivencia a dor da perda do filho, foi capaz de entendê-la.
13. <i>e que a gente jamais imagina que vai acontecer com a gente, a gente acha inclusive que vai acontecer com os outros, mas nunca vai acontecer com a gente e quando você vê, se depara com aquela situação que nem sabe como resolver, não sabe como vai passar por ela.</i>	13. Descreve a dor da perda como inimaginável, ainda que a ideia de acontecer com outras pessoas seja aceitável, P2 diz nunca imaginar que poderia vive-la um dia. Descreve sua vivência também como sendo de difícil enfrentamento por não saber como atravessá-la.
14. <i>É uma dor assim muito intensa, todo dia, não tem um minuto, um dia sequer que eu não lembre dele, das coisas dele, as brincadeiras que ele fazia [choro]... a irreverência dele... o menino que ele era.</i>	14. Segue descrevendo a dor de sua perda. Diz ser intensa e constante e se revela em lembranças constantes sobre o filho falecido, seja através de seus pertences, características de personalidade, hábitos de vida.
15. <i>Eu dizia para ele assim, ele tinha um metro e pouco, quase dois metros de altura e eu dizia: "meu filho, quando é que tu vais crescer?" e ele dizia: "mas mãe, mais do que eu já sou grande? A senhora quer que eu cresça mais?" e eu dizia: "mas é da tua cabeça, meu filho, da tua cabeça, quando é que tu vais te colocar no lugar de homem, te ver como um pai de família que não precisa mais estar nessa brincadeira?!", mas ele era muito irreverente, muito moleque, muito menino</i>	15. Traz lembranças sobre diálogos com o filho sobre sua imaturidade, descrita por ela como irreverência de um menino brincalhão.
16. <i>e hoje eu vim entender quando ele foi pai aos 16 anos, eu não aceitava aquilo porque meu filho não tinha nada, ele não trabalhava, não fazia nada então eu não queria aquilo e hoje eu vim entender porque que tudo veio assim... rápido na vida dele. Quando ele foi pai com 16 anos, eu não queria de jeito nenhum, eu dizia para ele: "tu vais te virar sozinho que eu não vou te ajudar em nada, não mandei tu fazeres filho por ai" e... fiquei meio revoltada, não é? Mas hoje eu entendo porque, hoje Deus me fez entender o porquê que aquilo foi feito prematuro.</i> <i>E: você acha que hoje tem um sentido para que as coisas tenham acontecido de forma muito</i>	16. Segue relatando lembranças sobre o filho. Diz que vivenciar a sua morte lhe fez compreender os sentidos de fatos ocorridos na vida de João de maneira precoce, como adocimentos e ser pai. Refere que apesar de sentimentos de incompreensão e revolta no momento da descoberta, atualmente, P2 acredita que tudo aconteceu como deveria acontecer. Refere que sua compreensão

<p><i>rápida na vida dele?</i></p> <p><i>P2: tudo! Tudo, tudo, tudo! Tudo que tinha que acontecer assim com ele, ele operou duas vezes, a primeira vez foi de hérnia quando tinha uns 10 anos, aí com uns 12 anos ele operou de apêndice e eu ficava dizendo: "meu filho, acho que quando tu crescer, tu fores rapaz, não tem mais nada para acontecer contigo, porque tudo acontece só contigo"... e hoje eu vim entender, não é?! Hoje eu entendo o porquê da filha dele, hoje ela está com 7 anos, completou 7 anos aqui em casa, fizemos o aniversário dela.</i></p>	<p>atual é desta forma graças a intervenções divinas.</p>
<p><i>17. Então tudo que eu faria por ele, hoje eu faço por ela para ela não sentir a falta do pai, para ela não ter que estar pedindo as coisas para os outros, então tudo que ela quer, tudo que ela tem vontade de fazer eu faço, eu tento realizar dentro das minhas possibilidades. Ela disse para mim assim: "vó, eu quero te pedir um presente, quero um tablete" e eu disse: "mas um tablete? Nem eu tenho um tablete. Para que você quer um tablete?" e ela disse que era para jogar e eu disse que quando recebesse compraria um de presente de aniversário e ela disse: "então tá, vó, eu vou esperar". Toda hora ela perguntava: "vó, quando você vai receber?" e eu dizia para ela que ainda não sabia e quando soubesse, avisaria. Ela foi embora dizendo "vó, não esquece de, quando você receber, comprar meu tablete" e eu prometi que ia comprar.</i></p>	<p>17. Relata que a dedicação anteriormente direcionada ao filho, hoje é direcionada à neta para que a criança não sinta a ausência do pai. Dentro de suas possibilidades, P2 diz buscar atender todos os pedidos da neta.</p>
<p><i>18. E: e aí tudo que você pode fazer, você faz por ela, como você me disse que fazia pelos seus filhos na infância. Lembro de você dizer que tudo que eles queriam, eles tinham, mesmo com as dificuldades, mesmo que não fosse um brinquedo novo, mas eles tinham, não é?</i></p> <p><i>P2: tudo, tudo! Tudo eles tinham, tudo na infância deles, eles viveram.</i></p>	<p>18. P2 reafirma compreensão da entrevistadora, e acrescenta, demonstrando certeza, que os filhos viveram uma boa infância.</p>
<p><i>19. Quando era época do Círio que vinha o parque de diversões, eu era sozinha, mãe e pai deles, mas eu trabalhava e fazia minhas economias para eles irem todo ano ao parque, nem que fosse para andar em dois ou três brinquedos, mas eles iam. Às vezes eu ia para o shopping com eles, nem que fosse para passear porque eu sabia que aquilo ia passar, que aquela fase de criança ia passar, então eu dizia para eles: "olha, a gente vai para o shopping agora, mas não me peçam nada, vocês já vão merendados daqui, nós vamos só para passear, tá bom?". Até hoje eles falam sobre isso, aí eles iam, brincavam, às vezes época de natal que a gente ia para ver o papai Noel e a decoração do shopping; às vezes, no máximo dava para comprar um sorvete e eles vinham embora para casa, satisfeitos. Tudo que era coisa de criança que eu pude fazer por eles, eu fiz, tudo, tudo!</i></p>	<p>19. Traz lembranças da infância dos filhos, fala sobre suas dificuldades em exercer os papéis de mãe e pai sem suporte do genitor e, ainda sim, ter proporcionado aos filhos experiências que, enquanto crianças, deveriam vivenciar.</p>
<p><i>20. E hoje eu estou tentando punição pra esse cara, não está sendo fácil, está sendo difícil porque não tenho dinheiro para pagar advogado, mas eu estou fazendo de tudo.</i></p> <p><i>E: você me diz que fazer justiça é forma de ter um conforto, não é?</i></p> <p><i>P2: é um conforto porque outras mães não vão chorar, não vão sentir essa dor que a gente sente, não é? Que eu sinto.</i></p>	<p>20. Retomara a questão da punição ao acusado de matar seu filho, enfatizando dificuldades e seu esforço para alcançar tal objetivo.</p>
<p><i>21. Então a justiça vem para isso, apesar da gente saber que essa justiça não é totalmente uma justiça, não é? Pois eles têm os direitos, possibilidade de redução de pena, benefícios e etc.. Então isso não é justiça... a mãe dele ainda tem condições de vê-lo na cadeia, e eu que não vou poder nunca mais ver meu filho?</i></p>	<p>21. Relata suas considerações sobre a justiça. Demonstra indignação ao falar que, ao contrário da mãe do acusado, P2 nunca mais poderá ver seu filho.</p>
<p><i>22. E: e isso te dói bastante, não é? Tudo que lembra que você não vai mais poder ver seu filho. Pelo que você me diz, essa dor não tem um tempo determinado, não é? Como você me deu o exemplo da sua tia que era difícil de entender naquela época o choro pela perda do filho dela, mesmo 10 anos depois. Em todo caso, você me diz também que tenta encontrar formas de lidar com essa ausência dele, buscando justiça, fazendo coisas que te tragam um certo conforto</i></p> <p><i>P2: já me deu muita raiva assim de pensar em fazer justiça com as próprias mãos, mas ao mesmo tempo pensava que Deus era maior e não deixaria eu me sujar com isso que, graças a Deus, nós somos pessoas de bem.</i></p>	<p>22. P2 fala sobre sentimentos vivenciados após a perda do filho. Descreve raiva e pensamentos sobre fazer justiça com as próprias mãos, no entanto, sua fé e sua índole a fizeram declinar destes pensamentos.</p>
<p><i>23. Passava pela minha cabeça que eu ia me sujar e aí os meus filhos? Eu ainda tenho mais dois filhos que, querendo ou não, ainda estão sob meu poder, ainda vivem comigo e eu acho que não era isso que ele queria [filho falecido], que eu me envolvesse nisso, então Deus se encarrega de fazer por mim;</i></p>	<p>23. Segue falando sobre fazer justiça com as próprias mãos e, nesta unidade, destaca motivações para não a fazer. Refere ter pensado em seus filhos, inclusive sobre o que João pensaria sobre tal atitude. Diz acredita que Deus se encarrega de fazer a justiça que deseja para o acusado.</p>
<p><i>24. e quando a gente faz pelas mãos da gente, Deus não faz, não é? E eu acredito que a justiça dele é melhor que a nossa</i></p>	<p>24. Segue falando sobre fazer justiça com as próprias mãos, pontuando crença na justiça divina, considerando-a melhor que a justiça dos homens.</p>

<p><i>E: você acredita nisso?</i></p> <p><i>P2: eu acredito nisso... que o que ele faz é perfeito. Nós não, temos os nossos erros, mas Deus sempre faz as coisas perfeitas, faz as coisas no tempo dele, dizem que Deus tarda, mas não falha, eu não acredito nisso, acredito que Deus não tarda, ele faz as coisas no tempo certo e na hora certa, pode até parecer que tarda para a gente, não é? Mas no tempo dele não, é tudo perfeito.</i></p>	<p>Refere acreditar no tempo de Deus, considerando-o perfeito.</p>
<p><i>25. E: por mais que seja difícil de lidar com esse tempo dele, não é? Por mais que às vezes seja difícil esperar, entender uma decisão que foge ao seu controle, não é?</i></p> <p><i>P2: é difícil</i></p> <p><i>E: eu lembro que você contou que quando aconteceu tudo isso com seu filho, você acreditava que ele iria sobreviver que era para ser um livramento, não é?</i></p> <p><i>P2: eu pensei que fosse</i></p> <p><i>E: e que foi difícil de lidar com essa decisão que era de Deus e não sua, não é?</i></p> <p><i>P2: é difícil</i></p>	<p>25. Nesta unidade, P2 não aprofunda conteúdo, limita-se a confirmar a compreensão da entrevistadora acerca de sua vivência, sinalizando dificuldades vividas.</p>
<p><i>26. E: mas me parece que de alguma forma, você acredita nesse poder dele de fazer a coisa certa, então isso te motiva a seguir em frente, é isso? E que existem coisas que te predem nessa vida, você me falou dos seus filhos, da sua família, do seu trabalho, não é? A dor continua, mas que existem coisas que te fazem levantar todos os dias e enfrentar as dificuldades, é isso mesmo?</i></p> <p><i>P2: é isso mesmo</i></p>	<p>26. Nesta unidade, P2 não aprofunda conteúdo, limita-se a confirmar a compreensão da entrevistadora sobre sua religiosidade e motivações.</p>
<p><i>27. E: Lembro que você me falou também do quanto era importante para você ocupar sua cabeça</i></p> <p><i>P2: é! E esse período que estou de férias do trabalho e da faculdade é muito difícil. De manhã e de tarde eu fico sozinha, a minha filha está lá em cima, mas está dormindo, então é o mesmo que se eu estivesse sozinha. Então estou por aqui fazendo as coisas, quando tem alguma coisa para fazer eu faço, mexo no celular, mando mensagens e aí no fim da tarde, graças a Deus, meu filho chega, todo mundo chega e aí eu não fico só.</i></p>	<p>27. Sobre ocupar-se, P2 fala da sua importância ao dizer o quanto é difícil estar sem suas ocupações de rotina durante período de férias, assim como, sobre seu incômodo em estar só em casa, ainda que existam pessoas por perto, refere desconforto diante da sensação de solidão.</p>
<p><i>28. . E: e como que é ficar só?</i></p> <p><i>P2: é ruim, é difícil porque querendo ou não, você lembra, eu olho para a foto dele e me lembro, é como se eu tivesse...</i></p>	<p>28. Segue descrevendo a sensação de solidão. Revela que, mesmo involuntariamente, as lembranças do filho falecido vêm à tona quando está sozinha, principalmente ao olhar a foto do rapaz.</p>
<p><i>29. Ontem a minha neta estava sentada aqui [na sala] aí eu falei para ela:</i></p> <p><i>P2: olha Ana, ele está te olhando [se refere ao banner com a foto do filho que está na sala de sua casa].</i></p> <p><i>Ana: não vô, ele está olhando para você.</i></p> <p><i>P2: não, ele está te olhando, está dizendo: "olha Ana, cuidado, não vai fazer besteira, vai obedecer teus professores, presta atenção na escola, tua mãe..."</i></p> <p><i>Ana: é, vô?</i></p> <p><i>P2: é!</i></p> <p><i>P2: [continua] às vezes ela está aqui, olha para o céu e me pergunta: "olha vô, tem uma estrela, será que é o meu pai olhando para mim?". É que eu falo para ela que ele virou uma estrela, não é? Aí eu disse: "é minha filha, deve ser o teu pai que está te olhando, está te protegendo". E ela respondeu: "ah... ta bom, ta bom".</i></p>	<p>29. Relembra situações recentes vividas com a neta em que o filho foi o assunto do diálogo. Em uma delas, a foto do rapaz exposta na sala de sua casa foi o ponto de partida da conversa em que falou para a neta coisas que o filho diria. Em outra situação, relata o interesse da criança em buscar a presença do pai, ainda que através de fantasias criadas para explicar sua ausência.</p>
<p><i>30. E: sobre o banner, eu lembro que você me disse que no início foi muito difícil, ele demorou a ser colocado nesta parede.</i></p> <p><i>P2: demorou, demorou muito.</i></p> <p><i>E: E as fotos mais recentes que você tinha no celular, prefere não ver.</i></p> <p><i>P2: não! Eu excluí as fotos dele do meu celular, quando eu preciso de fotos dele para alguma</i></p>	<p>30. P2 fala sobre incômodo e evitação em ver fotos do filho, principalmente imagens recentes. Relata que preferiu tira-las de seu alcance e quando precisa de alguma delas, pede para outra pessoa que envie foto específica.</p>

<p>coisa, eu peço para o meu filho me mandar...</p>	
<p>31. <i>mas é difícil, é muito difícil, para a gente que perde filho, só a gente quem sabe mesmo... uma pessoa pode imaginar, mas não sente a dor.</i></p>	<p>31. P2 fala sobre sentir-se incompreendida quanto à sua vivência de perda. Diz que outras pessoas podem imaginar, mas apenas quem vivencia a perda de um filho é capaz de compreender a dor.</p>
<p>32. <i>Tenho uma amiga que perdeu um filho [choro/pausa], fui lá vê-la e eu fui arrasada, eu que fui arrasada, assim, porque ela era muito minha amiga, os meninos cresceram junto com meus filhos. Quando eu fui lá na casa dela, eu senti ela muito segura, sabe? A gente que ia chorando e ela que confortava a gente, eu não entendia aquilo, meu Deus do céu, o filho dela também foi morto assim... por conta de um desentendimento, por ciúme. Eu disse para ela "eu não acredito que tu... com toda essa for...", achei ela muito fria, muito segura, muito confiante, sabe? No dia do velório dele eu não a vi chorando, se lamentando e a gente chorava porque via o menino ali. Hoje ela é falecida, mas ela chegou a perdoar o cara que matou filho dela, ela me falou que ela foi na cadeia, eu disse para ela: "não entendo, como é que tu podes ter tanto sangue frio, de dizer que tu perdoastes! Fostes lá na cadeia perdoar ele?", e ela disse: "sim, eu fui lá na cadeia dar o perdão a ele".</i></p>	<p>32. Traz relato de vivência de perda de uma amiga. Demonstra estranheza diante de uma reação diferente da sua. Faz comparações entre o que viveu e o que a amiga viveu, diz não entender o posicionamento desta diante da perda do filho, assim como, no que se refere a perdoar o agressor.</p>
<p>33. <i>E hoje, isso assim... vem tudo para mim, não é? Por que como é que eu vou fazer? A bíblia diz que nós temos que perdoar e perdoar nossos inimigos que é mais difícil. Então, fazer uma coisa aqui e dizer "ah, eu te perdo" tá, tudo bem, mas perdoar alguém que fez um mal para ti assim tão grande?! Como é que tu te sentes em uma situação dessas? É difícil.</i></p> <p><i>E: você se sente cobrada a perdoar?</i></p> <p><i>P2: não olha... no momento, no momento eu não posso te dizer que eu ia liberar perdão para ele agora porque ainda está muito recente, ainda está muito... eu não sei no dia do júri popular,</i></p>	<p>33. Diante do relato da vivência da amiga, traz o foco para si no que se refere à possibilidade de perdão aos agressores de seu filho. Refere autocobrança velada, tendo como base ensinamentos religiosos.</p>
<p>34. <i>porque no dia do júri, o promotor disse que iria me indiciar para falar, me colocar para dar meu depoimento, quem sabe nesse dia eu não possa olhar bem para a cara dele lá... porque eu só falei com o coautor, eu falei não, eu vi, não é? Ele ficou o tempo todo de costas e não tive a oportunidade de falar, mas agora que eu vou falar, como o promotor me disse, eu vou ter que ficar frente a frente com o bandido que matou meu filho... ai eu não sei te dizer como vai ser... eu estou pedindo a Deus que neste dia abra meu coração, quem sabe que possa liberar o perdão para ele que é difícil mas... para Deus não é impossível e é... complicado... [pausa]</i></p>	<p>34. Ainda sobre possibilidade de perdão, fala sobre a oportunidade de estar frente a frente com os agressores que tiraram a vida de seu filho e, ainda que não saiba o que esperar deste encontro, pede intervenção divina e se mostra dividida entre o que considera certo e a dificuldade de perdoá-los.</p>
<p>35. <i>E: quando você me fala dessa dor, me parece que é uma dor muito viva, muito intensa em você, não é? Que não dá para saber se um dia ela vai amenizar, se ela vai passar... o que a gente percebe é que é muito difícil para você, conviver com a ausência dele, não é? E o perdão, cada um vai lidar com isso de uma forma diferente e que para você, é muito difícil pensar nessa possibilidade, ainda dói bastante, é importante respeitar que é difícil, a ferida ainda está muito...</i></p> <p><i>P2: [interrompe e completa] muito, muito, muito! Ainda está muito aberta [choro/pausa]</i></p> <p><i>Eu: E existem coisas que te confortam, existem pessoas que te confortam e te ajudam a enfrentar essa ferida aberta, mas ela dói bastante então por que não respeitar o tempo dela? A gente não tem como dizer por quanto tempo vai...</i></p> <p><i>P2: Acho que o luto de uma mãe é eterno, ele nunca passa, ele vai... enquanto a pessoa viver ela vai ficar com aquele pensamento, aquela ausência, hoje, daqui a vinte ou trinta anos, se eu estiver viva, não sei, tu vais ficar imaginando como é que seria o teu filho, como é que ele estaria agora, se tu terias outros netos, se ele teria uma família, como ele ia estar, é tudo isso que a gente imagina, não é? [chorando]</i></p>	<p>35. P2 se emociona ao falar da dor da perda que considera intensa, como uma ferida aberta. Descreve como luto eterno a dor de uma mãe que perde um filho, acredita que enquanto viver sofrerá com a ausência de seu filho. Fala de sua vivência em terceira pessoa, ainda sim, revela divagações acerca de um futuro interrompido pela morte precoce.</p>
<p>36. <i>O tempo vai se passando, quando ele morreu estava com 22 anos, hoje era para estar com 24 e às vezes eu me lembro, vejo como se ele fosse entrar aqui com essa bicicleta, tudo isso ainda está muito vivo na memória.</i></p>	<p>36. Traz lembranças sobre o filho, diz que algumas memórias estão muito vividas, trazendo-lhe a sensação de um possível encontro com ele a qualquer momento.</p>
<p>37. <i>Como te disse naquele dia, eu não fico chorando porque tem pessoas que não entendem, entende? Meus filhos, eu tenho um casal de filhos ainda, tem o meu marido e tudo isso, mas eu choro, choro quando eu estou só, às vezes a noite, meu marido está deitado de um lado, eu do outro, eu estou chorando sem ele perceber, assim... não sei se é por vergonha, não sei se é... não sei se vão entender, não sei se é isso, mas eu ainda tenho os meus momentos em que eu fico pensando e</i></p>	<p>37. P2 refere sentir necessidade de conter emoções diante da incompreensão alheia, inclusive de familiares próximos. Revela momentos de choro solitário, como justificativa, interroga vergonha e crença de que não serão capazes de entender sua dor.</p>

<p>38. às vezes aquilo me dá uma revolta, tanta gente má que poderia morrer e está aí fazendo mal para as pessoas todo dia matando, todo dia tirando vida de alguém e... eu fico pensando por que meu filho? Meu filho não fazia mal para uma mosca, era um menino bom, um menino saudável.</p>	<p>38. Traz sentimento de revolta quanto ter sido ela a perder o filho diante de tantas outras pessoas que cometerem atos ilícitos e violentos e poderiam ter morrido no lugar de seu filho que considera não merecedor da morte que teve.</p>
<p>39. Talvez se ele fosse uma pessoa do mal, eu pensasse "ah, Jesus, graças a Deus que tu levaste meu filho porque ele não está sofrendo ou me fazendo sofrer" como tem determinadas mães que estão sofrendo e eu não... meu filho não merecia isso... [pausa]</p> <p>E: Eu percebo que é isso que torna difícil, não é? Difícil pensar que ele não merecia isso e, eu lembro de você dizer que era muito difícil não poder ter se despedido dele, por ter sido algo...</p> <p>P2: muito rápido... foi uma assim muito rápida...</p>	<p>39. Especula a possibilidade de melhor aceitação da perda se o filho fosse uma má pessoa. Reafirma que João não era merecedor da morte que teve.</p>
<p>40. E: te dói não ter se despedido dele?</p> <p>P2: muito, muito, muito, muito! Eu tenho uma amiga que há pouco tempo morreu o filho dela, acho que deve ter quase um mês que morreu o filho dela, ele estava doente, ela estava cuidando dele, um rapaz novo, devia ter uns 24 anos. Eu fui lá no dia do velório dele, falei com ela, até chorei junto com ela porque eu também me lembrei do meu filho, falei para ela "mana, não te culpa por nada, tu tiveste tempo de ficar com teu filho, tiveste tempo para se despedir do teu filho, tu cuidastes dele, fostes para o hospital cuidar dele pelo tempo que ele precisou, tenho certeza tu passastes noites acordada, passou o tempo que... mas tu cuidaste do teu filho", ela sacudiu a cabeça e me disse: "é, realmente, pensando nisso..." e eu disse: "pois é, e eu que não tive essa oportunidade? Quando meu filho entrou, ele só fez tomar a benção de mim e saiu, depois foi só a notícia. Como eu iria saber que aquela benção era a última que eu estava dando para ele? Quando ele entrou no hospital eu não tive mais como... meu filho saiu de lá morto" eu falei para ela... "e tu não, tu cuidaste dele, tu estavas lá", talvez se meu tivesse ficado uns dias a mais vivo, eu tivesse ido, acompanhado, ficado com ele, era uma outra coisa, talvez eu me sentisse mais aliviada, mas não tive essa oportunidade de ficar com ele esse tempo, de cuidar dele, me despedir dele... [pausa]</p>	<p>40. P2 fala sobre a dor diante da impossibilidade de se despedir do filho, frente à imprevisibilidade de sua morte. Faz comparações de suas vivências com a vivência de uma amiga que perdeu o filho por adoecimento. Refere que a oportunidade de cuidado e despedida talvez lhe trouxesse alívio ao sofrimento desencadeado pela morte.</p>
<p>41. E: Parece-me que ter sido tudo tão rápido e inesperado foi difícil para você, não é?</p> <p>P2: Muito, muito, muito!</p> <p>E: Como você me diz, a perda inesperada se tornou muito difícil de enfrentar, é isso mesmo?</p> <p>P2: isso é muito difícil.</p>	<p>41. Enfatiza dificuldade em lidar com a imprevisibilidade e rapidez com que o filho veio a falecer.</p>
<p>42. Agora, faz pouco tempo, mataram um outro amigo dele, eram quatro que andavam juntos, era ele, esse rapaz que morreu e mais dois que estão vivos ainda, eram os quatro inseparáveis, foram criados juntos, são amigos de infância; e agora esse rapaz também morreu, também foi tiro</p>	<p>42. Traz o exemplo de outro rapaz, conhecido da família que veio a falecer, assim como seu filho, de forma inesperada, vítima de ferimento por arma de fogo.</p>
<p>43. Eu fico pensando por que tanta violência, por que tanta violência? Eu sempre falo, eles não matam a pessoa, eles tiram a vida delas, eles matam é a gente, a mãe. Acho que uma pessoa dessas que pensa em matar uma pessoa, eles matassem logo a mãe, "vou matar a mãe deles e pronto, depois mato eles", mas matasse logo a mãe, porque eles tiram a vida, mas matam mesmo é a gente... [pausa]</p> <p>E: que continua viva, sofrendo bastante, é isso?</p> <p>P2: é isso</p>	<p>43. P2 refere autoquestionamentos sobre a situação social de violência exacerbada que a cerca. Relembra fala anterior sobre sua vivência de perda, descrevendo-a como própria morte diante do intenso sofrimento vivido. Acredita que se morresse antes, seria poupada do sofrimento de perder um filho para a violência.</p>
<p>44. E: eu percebo que a minha compreensão sobre o que conversamos na primeira entrevista e hoje até aqui, você me confirma sobre essa dor intensa, essa dor que parece que ninguém vai entender...</p> <p>P2: não entende mesmo</p>	<p>44. P2 reafirma a compreensão da entrevistadora sobre a dificuldade em ter sua dor compreendida.</p>
<p>45. E: ... E o quanto que é difícil lidar com essa ausência, então tudo que te lembra da presença dele, ao mesmo tempo em que faz bem também te traz uma tristeza muito doída, não é? Uma saudade doída e que essa dor, a gente não tem como prever quanto tempo ela dura...</p> <p>P2: essa dor vai durar para sempre...</p>	<p>45. P2 menciona sua compreensão sobre o seu luto como uma dor eterna</p>

<p>46. E: <i>o que a gente percebe hoje é que você busca encontrar formas de lidar com essa ausência, não é?</i></p> <p>P2: <i>isso!</i></p>	<p>46. P2 reafirma a compreensão da entrevistadora sobre sua forma de lidar com a dor da perda</p>
<p>47. E: <i>Você me fala dos seus filhos, do seu trabalho, a faculdade. A minha impressão é como se você tivesse encontrado novos sentidos para essa vida continuar porque parece que com a ida do João, parte de você foi junto, e parte da tua vontade de viver também. É isso mesmo?</i></p> <p>P2: <i>foi... porque quando ele morreu, logo depois eu fiquei sem vontade de fazer mais nada, não queria mais sair do quarto, não queria mais sobreviver, eu queria morrer. A minha intenção era morrer,</i></p>	<p>47. P2 fala sobre o estado deprimido que viveu logo após a perda de seu filho, passando pela apatia e desejo de morrer.</p>
<p>48. <i>Tanto que hoje eu não tenho medo da morte, para mim, a morte é uma coisa natural, para mim, para mim, natural! Se Deus me levasse hoje eu não ficaria "ai eu vou morrer!", eu não tenho problema de morte, entendeu?</i></p>	<p>48. Expressa sua compreensão e relação com a morte após o falecimento do filho. Acredita ser algo natural, diz não ter medo de morrer e que a hora será determinada por Deus. Considera tal compreensão como não ter problemas com a morte.</p>
<p>49. <i>Então aquilo quando ele morreu, eu senti vontade de ficar só... eu queria só ficar no quarto, não queria mais viver, eu não queria mais sobreviver, queria mesmo era morrer,</i></p>	<p>49. Reafirma seu desejo de morrer após falecimento do filho</p>
<p>50. <i>mas quando vieram os filhos chorando, eu sabia que a minha filha dependia de mim que ela ainda precisava de uma mãe, já que não tinha pai por perto, a ausência dele é constante porque ele não é um pai presente. Eles já não tinham pai e viver sem mãe ia ser pior, ai tive que tirar forças de onde eu não tinha para poder... para poder levantar e agir por eles. Na verdade, a questão d'eu me levantar não foi por mim mesma, foi motivada por eles.</i></p>	<p>50. P2 revela o que lhe motivou a posicionar-se diante do sofrimento da perda. Descreve em que momento percebeu a necessidade de seus filhos vivos, principalmente a caçula, e se viu diante da necessidade de buscar forças, até então desconhecidas, para reagir.</p>
<p>51. <i>Talvez se eu tivesse só ele [filho falecido] eu não tinha mais... acho que hoje eu não estaria mais falando contigo</i></p> <p>E: <i>você me diz que se o João fosse filho único você não sabe o que seria de você, não é? Lembro de você falar sobre mães que perderam seus filhos únicos e imaginar a dor delas</i></p>	<p>51. Veicula a possibilidade de ter morrido em decorrência do sofrimento vivido após a morte de João, caso ele fosse seu único filho.</p>
<p>52. P2: <i>eu vejo uma amiga que perdeu o filho dela antes do meu, era só ele, eu vejo que ela anda assim... acho que ela vegeta, ela não vive mais aquela vida, até no olhar dela tu percebes que ela tem um olhar triste.</i></p>	<p>52. P2 explica sua percepção acerca da dor da perda de um filho único dando o exemplo de uma amiga. Refere perceber que esta pessoa não expressa vontade de viver.</p>
<p>53. <i>Dia das mães, que foi o dia que aconteceu com meu filho, eu estava muito arrasada também porque isso para mim já perdeu o sentido, ai encontrei com ela, quando a vi do outro lado da pista eu nem quis falar com ela, tentei fazer de tudo para não falar com ela porque eu vi a tristeza no coração dela, eu sabia que se eu encontrasse com ela pessoalmente, se falasse com ela a gente ia chorar junto como a gente já tinha chorado, eu tentei nem falar com ela para poder ela não sentir mais... eu sei porque eu entendo a dor dela, era só ele de filho que ela tinha.</i></p>	<p>53. Segue relatando situação vivenciada em data comemorativa (dia das mães) que, para P2, perdeu o sentido após a morte do filho. Diz ter encontrado a amiga citada anteriormente e evitado o contato por acreditar que poderia despertar tristeza e sofrimento ao resgatarem lembranças de seus filhos mortos.</p>
<p>54. E: <i>Você me disse que às vezes evita que as outras pessoas te vejam triste, não é?</i></p> <p>P2: <i>eu evito, eu evito! Porque tu não me conheces, assim... eu... falando dele que ele era irreverente, eu também sou muito brincalhona, também gosto de estar brincando, fazendo palhaçada, gosto sempre de estar fazendo as pessoas rirem, então, os meus amigos que me conhecem, sabem como eu sou no meu dia a dia, é o tempo todo naquela brincadeira, então eu não queria que as pessoas me vissem diferente, eu quero que me vejam sempre da forma... e até ele mesmo, se tivesse vivo, não ia querer me ver triste</i></p>	<p>54. Fala sobre seu incômodo em ser vista triste. Refere percepção de si mesma como uma pessoa alegre e brincalhona. Ainda que tenha vivenciado mudanças emocionais após a morte do filho, diz sentir necessidade de não parecer diferente, prefere aparentar felicidade. Destaca que o filho morto também não gostaria de vê-la triste.</p>
<p>55. E: <i>você pensa nisso, em como ele iria querer lhe ver?</i></p> <p>P2: <i>penso. Quando eu fico triste, penso que ele não gosta, pela irreverência que ele tinha, pela brincadeira que ele tinha que talvez tenha puxado um pouco para mim, nesse sentido, então acho que ele não ia querer me ver desse jeito triste [pausa]</i></p> <p>E: <i>você acha que ele não iria gostar de te ver triste?</i></p>	<p>55. P2 refere que a evitação da tristeza tem forte ligação com o que o filho pensaria sobre isso. Refere pensar sobre como ele gostaria de vê-la.</p>

<p>P2: não, nem um pouco, com certeza não!</p>	
<p>56. Quando ele não tinha o que fazer, ficava me fazendo cócegas e eu não gostava, dava chinelada nele porque eu não suportava ninguém me fazendo cócegas, eles me jogavam no chão, os três, ah, aquilo me dava tanta raiva, tanta raiva, mas eles insistiam me fazer achar graça, ele era muito irreverente, mas eu não gostava, dizia que eles tinham que me fazer rir, mas sem precisar me fazer cócegas, mas eles me jogavam no chão e... [pausa/choro] e hoje eu não tenho mais isso, hoje ele... não está mais aqui para fazer isso...</p> <p>E: eu percebo que até as coisas que na época te chateavam, hoje te fazem falta, não é?</p> <p>P2: me fazem falta... [pausa/choro] até hoje, se fosse para fazer tudo diferente, eu faria tudo diferente, iria pedir que eles fizessem, não ia me chatear com isso.</p>	<p>56. Relata lembranças sobre sua convivência com os filhos. Refere reprovação de certas brincadeiras feitas por eles e que atualmente sente falta. Demonstra tristeza ao falar sobre perdas secundárias à morte (hábito) e ausência do filho. P2 demonstra arrependimento em seu discurso.</p>
<p>57. Eu sempre digo para minha filha: "Camila, a pior coisa é quando tu...", eu não tenho mais a minha mãe, mas ela nunca teve problema com os filhos, de dizer... eu... por exemplo, nós éramos 10 filhos e ter a consciência pesada de dizer: "poxa a minha mãe morreu e eu não fiz tal coisa para ela, por que eu não fiz tal coisa para minha mãe?". Como tem muitos filhos que a mãe morre e fica se perguntando se não poderia ter feito mais por ela.</p>	<p>57. P2 segue falando sobre arrependimentos, mas nesta unidade, voltado à relação com sua mãe, utilizada como exemplo para a filha.</p>
<p>58. Eu acho que devia ter feito mais pelo meu filho, não sei se eu falhei alguma vez em ser mãe... na ausência, sei lá, não sei porque, como éramos só eu e eles três, eu precisava trabalhar fora de casa, eu precisava ganhar o alimento para eles, eu precisava dar o que eles precisavam, eu precisava dar o conforto dentro de casa, então era mãe e pai, tinha muita ausência, muita, muita! Talvez se hoje [choro], Deus me permitisse voltar no tempo que é difícil, é impossível, não sei se eu faria diferente, talvez para a sobrevivência deles eu... não sei se eu iria trabalhar menos porque eu trabalhava mais, eu saía de casa de manhã e chegava só a noite, às vezes eu chegava em casa de noite e eles estavam deitados no sofá todo sujo, eu ia dar banho neles, limpava eles, procurava saber se já tinham jantado... não sei se eu faria diferente hoje...</p> <p>E: percebo que naquele momento era o melhor que você podia fazer por eles, não é?</p> <p>P2: naquele momento eu achava que era o certo,</p>	<p>58. P2 segue falando sobre arrependimentos, nesta unidade enfatiza preocupações relacionadas a possíveis erros cometidos no passado devido sua ausência decorrente da necessidade de trabalhar.</p>
<p>59. eu tinha que trabalhar para eles não ficarem com fome, eu tinha que ter o dinheiro para eles merendarem à tarde, dinheiro para comprar o almoço deles, então tudo era eu, tudo era eu e eu me redobrava para que eles não passassem necessidade, podiam até passar, mas eu não queria que eles passassem necessidade, como eu te disse, tudo que eles queriam ter de brinquedo eles tinham tudo que eles queriam ter de diversão, de lazer, que eu podia dar eu dava.</p>	<p>59. P2 fala sobre a sobrecarga de ter que exercer os papéis de pai e mãe para atender às necessidades dos filhos durante a infância.</p>
<p>60. Não sei se falhei em algum momento como mãe, se eu tive oportunidade de pedir perdão para ele, para dizer "meu filho, me perdoa se eu falhei em algum momento, se falhei contigo", com ele, com os meus outros filhos, não sei se eles têm alguma coisa para reclamar de mim, não é?</p>	<p>60. Ainda sobre arrependimentos, P2 refere desejo de pedir perdão aos filhos pelo que considera como erros do passado</p>
<p>61. Porque a gente não tem um manual de ser mãe, ninguém chega e diz "olha, tem que seguir essa regra aqui para poder ser mãe", não existe esse manual, então a gente vai aprendendo com a vida e ensinando também com o que a gente aprende [pausa]</p> <p>E: essa é a sua experiência de ser mãe, não é? Aprendendo e ensinando com a vida.</p> <p>P2: é. Eu sempre quis dar o melhor para eles.</p>	<p>61. Fala sobre dificuldades da maternidade impossíveis de serem previstas e ensinadas em manuais. Refere ter aprendido com a vida a ser mãe.</p>
<p>62. Eu nunca gostei de... eu sempre gostei das pessoas virem na minha porta e dizerem "tu tens tal coisa?" e eu dizer "tenho, toma", nunca gostei de estar mandando meus filhos pedir coisas na casa de ninguém. "ah meu filho, não tem tal coisa, vai ali pedir na casa do teu tio" e nós morávamos todos em família, era uma vila de casa só de família, mas eu nunca gostei de pedir porque para mim... era humilhante viver ali e estar pedindo as coisas na casa dos outros, então para mim, como vivíamos só eu e eles era humilhante ficar pedindo. Às vezes eles vinham me dizer "mamãe, fulano pediu tal coisa" e eu dizia "meu filho, se tiver em casa, pode dar. Eu não quero que vocês estejam pedindo nada para ninguém, mas se tiver em casa, pode dar, mesmo que eu não esteja em casa, pode dar e quando eu chegar não vou brigar não, pode dar". Eu sempre gostei assim, como te falei, achava humilhante como eu morava só, não queria os outros falando "olha, lá está o menino pedindo as coisas para os outros", por isso que eu trabalhava, para que não houvesse a necessidade de ficar pedindo coisas para os outros, apesar de ser família, não é? Mas eu não gostava.</p>	<p>62. P2 segue falando do passado. Relembra regras pessoais que ensinava aos filhos, como ajudar necessitados que batessem à sua porta, porém jamais pedir ajuda desta forma por acreditar que atitudes como esta eram humilhantes.</p>
<p>63. E: Outra coisa que conversamos também foi sobre a busca por atendimento psicológico, não é? De que nem todo mundo vai precisar de atendimento psicológico, lembra? Em todo caso, diante da necessidade é importante procurar. Eu me lembro de você ter falado de uma médica que chegou a lhe indicar acompanhamento psicológico, mas que por vários motivos</p>	<p>63. Sobre a busca por atendimento psicológico, P2 reafirma o que havia dito na primeira entrevista sobre ter recebido encaminhamento médico,</p>

<p><i>você acabou não agendando atendimento</i></p> <p><i>P2: sim, eu lembro. Verdade, ela me indicou mesmo, mas eu acabei não procurando.</i></p> <p><i>E: sim, sim e percebo que, por mais que seja difícil falar sobre todo esse seu sofrimento, foi também um alívio falar do seu filho naquela nossa primeira entrevista, não é?</i></p> <p><i>P2: sim!</i></p> <p><i>E: eu não sei agora, mas de alguma forma, por mais doloroso que seja, percebo que falar sobre isso também te ajuda a organizar pensamentos, sentimentos...</i></p> <p><i>P2: é...</i></p> <p><i>E: então eu trago esse assunto para lembrar que se você sentir necessidade de falar mais é importante buscar um espaço seu onde você possa cuidar dos seus sentimentos e das suas emoções falar dele ou sobre qualquer outra coisa no seu tempo.</i></p>	<p>porém não chegou a buscar tal acompanhamento. Nesta unidade. P2 limita-se a confirmar compreensão da entrevista, sem demonstrar interesse em aprofundar conteúdos.</p>
<p><i>64. Como você me disse, apesar de ter muitas pessoas por perto, é como se estivesse sozinha nesta dor, como se ninguém fosse capaz de compreender seu sofrimento</i></p> <p><i>P2: só, muito só. :</i></p> <p><i>E que apesar de conhecer outras mães que também perderam filhos, você se sente muito só na sua dor, não é? E como você é muito alegre, muito irreverente como seu filho, é difícil para as pessoas te ver triste. O que me parece é que as pessoas "pedem" isso e você acaba por corresponder a essa necessidade e aí você pode até parecer alegre, sorridente e estar sempre brincando, mas lá dentro existe aquela dor que está bem viva, pulsando...</i></p> <p><i>P2: só eu sei...</i></p>	<p>64. P2 reafirma compreensão da entrevistadora sobre a sensação de solidão em seu sofrimento.</p>
<p><i>65. E: tem horas que ela é mais forte, não é? Mas também tem horas que ela fica bem quietinha e aí dá para seguir a vida, sorrir, brincar, dá para comemorar algumas datas como o aniversário da sua neta, ainda sim, a tristeza e a saudade está sempre ali...</i></p> <p><i>P2: é... eu chorei muito no aniversário da minha neta porque eu filho pegou o banner [com a foto do filho falecido] colocou ela lá perto e bateu uma foto dela com o banner, foi a hora que eu chorei mais porque lembrei dele, senti a falta dele, não é?</i></p>	<p>65. Relata situação vivida no aniversário da neta em que o contato com a foto do filho lhe despertou fortes emoções e sentimento de tristeza. P2 refere que ver a foto lhe remeteu à sua ausência.</p>
<p><i>66. E: e lidar com as fotos é algo bem complicado para você, não é? Lembro de você dizer que são formas de guardar alguns momentos importantes, registrar alguns momentos que não vão mais poder ser vividos</i></p> <p><i>P2: não...</i></p> <p><i>E: E ao mesmo tempo que é importante tê-las ali guardadas, é muito difícil olhar para elas</i></p> <p><i>P2: difícil, difícil...</i></p> <p><i>E: tudo bem ser difícil, se aquilo te machuca, te causa dor, não é?</i></p> <p><i>P2: é...</i></p>	<p>66. P2 se limita a confirmar compreensão da entrevistadora acerca de sua relação com as fotografias do filho.</p>
<p><i>67. E: é importante ficar atenta ao que você sente e buscar ajuda se a sua dor permanecer muito intensa e te fizer sofrer por muito tempo. Como você me disse, é uma dor que não tem um prazo de validade, não é?</i></p> <p><i>P2: não tem mesmo</i></p> <p><i>E: Pode ser que seja para sempre. E aí como vai ser esse para sempre? Você me diz que tem exemplos de outras mulheres que também perderam filho e fica se perguntando se essa dor será para sempre, não é? O que você me diz é difícil ter com quem falar e às vezes é difícil, inclusive, seguir a vida</i></p> <p><i>P2: é isso mesmo, é difícil</i></p> <p><i>E: Então seria importante pensar se não seria o caso de buscar acompanhamento psicológico, ok? Isso é uma avaliação pessoal</i></p>	<p>67. P2 se limita, novamente, a confirmar a compreensão da entrevistadora sem aprofundar conteúdo sobre tempo de sofrimento após a perda vivida e a possibilidade de busca por atendimento psicológico.</p>
<p><i>68. P2: às vezes eu venho do trabalho chorando no ônibus, olhando coisas que me lembram dele... eu choro...</i></p> <p><i>E: esse choro me parece ser muito frágil, não é? Sempre que algo traz à tona as memórias</i></p>	<p>68. P2 escolhe falar sobre o sofrimento vivido de forma solitária. Refere que ao ver coisas que lembram o filho, ou mesmo tocar em assuntos que remetam</p>

<p>dele...</p> <p>P2: muito, muito, muito! Se tocar no assunto eu choro, toda vez eu choro e... [choro/pausa]</p>	<p>à lembrança dele, o choro é inevitável.</p>
<p>69. E: Como é para você tocar nesse assunto hoje? Falar sobre tudo isso de novo para mim?</p> <p>P2: saudade, não é? Muita saudade dele, da ausência dele, a falta que ele me dá e... aceitar a realidade, a realidade é essa, eu tenho que aceitar... eu aceito ou eu morro, é uma das duas</p>	<p>69. Descreve sensação de falar sobre o filho em entrevista como saudade frente à ausência deste. Diz ter consciência sobre sua realidade atual, porém ainda encontra dificuldades em aceita-la.</p>
<p>70. E: e o que você pretende fazer?</p> <p>P2: eu pretendo viver, viver para ver se eu vejo a minha neta, para poder tê-la perto de mim, para poder ajudá-la, porque o pai não está mais para ajudar, ele não pode mais fazer, a mãe é meio complicada, tudo que ela precisa ela me liga, é como se eu fosse a mãe dela [mãe da neta], só que quem cuida é outra, entendeu? Talvez pela ausência do pai dela, a mãe deve achar que eu tenho obrigação de cuidar dela e eu tenho realmente, tenho essa obrigação de cuidar dela. Infelizmente não posso trazê-la para morar comigo, eu cuido dentro das minhas possibilidades, tudo que eu posso eu pago para ela. A responsabilidade financeira com ela ficou toda para mim, o que seria dele [do filho], como ele não está mais, eu tenho que cuidar. Eu cuido dela com prazer, eu cuido porque eu gosto muito dela, amo muito minha neta, Deus o livre! Ela gosta muito de mim, se fosse para vir morar comigo, ela nem pensava duas vezes. Eu pergunto para ela se ela gostaria de morar comigo e ela sempre diz que sim, pergunta quando eu vou busca-la [risos].</p>	<p>70. P2 relata escolha de viver. Traz como motivação principal ver a neta crescer e poder participar deste processo fazendo o que o pai falecido faria pela criança.</p>
<p>71. E: e como é para você falar sobre tudo isso hoje?</p> <p>P2: hoje? Como eu te disse, a saudade hoje é... eu falo o que tem que falar, infelizmente aconteceu, eu tenho que aceitar e... eu não posso fazer outra coisa que não seja aceitar, aceitar e... hoje eu falo com tristeza, falo com dor, uma dor que não passa, não vai passar</p> <p>E: ela é muito presente, não é?</p> <p>P2: muito, muito, muito! Agora fez um ano e 8 meses... [pausa]</p>	<p>71. P2 demonstra irritação discreta sobre sentir-se na obrigação de aceitar a realidade da perda. Refere sentimentos de tristeza e dor, que considera eterna, ao falar sobre sua vivência.</p>
<p>72. Eu: acredito que sobre a entrevista, já temos as informações necessárias. Tem algo que você gostaria de dizer?</p> <p>P2: não, não</p> <p>Eu: a gente pode encerrar a entrevista?</p> <p>P2: pode sim. Eu só queria agradecer a tua presença, não é? De estar aqui, estar me ouvindo, isso tudo já é um alívio, um conforto de saber que tem pessoas que se interessam por isso, em saber o que acontece com uma mãe quando passa por esse determinado problema, infelizmente não vou ser só eu, não vou ser a última a sofrer, tem outras mães que hoje estão sofrendo, amanhã vão sofrer e... infelizmente é isso.</p>	<p>72. Ao finalizar entrevista, P2 refere gratidão pela escuta recebida, diz sentir-se aliviada e confortada ao saber que existem pessoas interessadas em oferecer este espaço para a dor da perda também vivida por ela.</p>
<p>73. Eu jamais imaginei estar sofrendo uma dor dessas, jamais imaginei me colocar no lugar de uma mãe que sofreu a dor de um filho, da perda de um filho, mas infelizmente é essa a realidade, não é? Tem que passar por isso...</p> <p>E: infelizmente faz parte da sua realidade, não é?</p> <p>P2: Infelizmente, infelizmente...</p>	<p>73. Relata dificuldades em lidar com sua realidade atual de mãe enlutada devido ser inimaginável a possibilidade de viver a perda de um filho.</p>
<p>74. Participei de uma caminha pelo fim da violência esses dias, eu estava sozinha sentada ali olhando, fiquei pensando "Meu Deus o que eu estou fazendo aqui? Não era para eu estar aqui, isso não era para mim, não era para eu estar aqui, meu Deus, não era para eu estar aqui, era para eu estar assistindo isso na televisão, estar lamentando essas mães que perderam seus filhos ou seus parentes e eu estou aqui, estou aqui!" E eu sentada sozinha, não é? Observando todo mundo lá, aquele movimento, e pensando "eu estou aqui! Eu também estou aqui no meio de todo mundo, de todo esse pessoal que perderam filhos, maridos, eu estou aqui, meu Deus, eu perdi meu filho!" eu fiquei pensando, não é? Não era para eu estar desse jeito, mas o que eu posso fazer?</p> <p>E: não era o que você gostaria de fazer, não é?</p> <p>P2: não, jamais!</p> <p>E: Entendi.</p>	<p>74. P2 relata situação vivida em que se percebeu em desespero ao ver participando de um evento com outras pessoas que perderam entes queridos. Revela que ali precisou defrontar-se com a sua realidade de ser uma mãe enlutada.</p>

<p>75. Então, essa nossa segunda entrevista encerra a sua participação na pesquisa, mas eu permaneço a disposição caso você precise de alguma orientação, caso precise de algum suporte, orientar a melhor forma de fazer isso, ok? Se você precisar, tem o meu contato, pode chamar.</p> <p>P2: ta bom. Ok, eu tenho sim.</p> <p>E: agradeço imensamente sua disponibilidade!</p> <p>P2: eu que agradeço você ter vindo aqui, não é, espero ter contribuído com o seu trabalho. Acho que quando eu estiver fazendo meu TCC também vou precisar fazer entrevistas, não é? Não dessas, jamais! Não vou querer falar desse assunto, mas com certeza vou precisar de pessoas que estejam disponíveis a me ajudar, não é? Eu espero ter contribuído para que o trabalho de vocês aconteça. Quando quiser voltar ou quiser me indicar para outras pessoas que precisem falar sobre isso, eu estou disponível.</p>	<p>75. Ao finalizar entrevista. P2 reafirma sua disponibilidade em participar de pesquisas e gratidão pelo espaço de escuta.</p>
<p>76. E: mais uma vez, eu sinto muito por sua perda...</p> <p>P2: eu sei, eu sei, eu acredito.</p> <p>Eu: desejo que você sempre tenha com quem partilhar essa sua dor e cuidar desse coração. É importante dividir esse peso, não é?</p> <p>P2: não precisa nem falar, não é? E quando você fala, tira de dentro de ti aquela coisa que só entra, só entra que você tem que estar engolindo, disfarçando então aquilo vem tudo para dentro e isso faz mal, faz muito mal, faz mal para dentro da gente, não é? A gente pode até adquirir uma doença interna por conta disso, por só ter que estar botando para dentro sem poder botar para fora porque as pessoas não vão te entender, não vão te ouvir e fazer igual como eu fazia com a minha tia, quando ela começava falar, sempre tinha gente perto, quando eu via que ela não estava olhando, eu fazia assim [faz gesto tapando os ouvidos] e saía porque eu sabia que ia ter choro, ela ia voltar a falar daquele mesmo assunto, mas de repente ela só queria ser ouvida, não é? E hoje eu vim entender isso</p> <p>E: Você me diz que é difícil entender o sofrimento de uma mãe que perde um filho</p> <p>P2: é difícil, muito difícil</p>	<p>76. P2 fala sobre sua percepção acerca de espaços de escuta e diálogo. Descreve como espaços capazes de aliviar sofrimento que sufoca e muitas vezes não encontra espaço para sair. P2 acredita no risco de desenvolvimento de doenças físicas decorrentes do sofrimento contido por falta de compreensão externa.</p>
<p>77. E: é por isso que eu lhe disse sobre a importante de ter um lugar, não só para "deixar entrar" mas também um lugar para "deixar sair" e o acompanhamento psicológico é isso, é um lugar em você pode falar abertamente sobre essas coisas que estão te... [ela completa a frase]</p> <p>P2: te sufocando, não é?</p> <p>E: exatamente! E perceber o momento de buscar essa ajuda é muito importante, porque em terapia você vai poder desabafar sim e também vai mexer em coisas que podem doer, vai precisar cuidar daquelas feridas [ela completa a frase]...</p> <p>P2: das feridas abertas, não é?</p> <p>E: isso mesmo! E a gente sabe que com as feridas do corpo, é preciso lavar muito bem com água e sabão, mexer nelas para que possam curar e assim também acontece com feridas nas nossas emoções, as feridas do coração, às vezes, precisamos tocar, mexer para que se possa encontrar um caminho para cura-las. [observo participante pensativa]. Você quer dizer algo?</p> <p>P2: não</p> <p>E: ok então, te agradeço novamente por sua disponibilidade</p> <p>P2: eu que agradeço.</p>	<p>77. Entrevistadora reafirma importância do espaço da psicoterapia. P2 demonstra concordar com o que é dito, porém sem demonstrar interesse em busca-lo.</p>

ANEXO 3
Transcrições/ Unidades de significados/Expressões de caráter psicológico
Entrevistas de Maria da Graça (P3)

Entrevista 01

Transcrição/Unidades de significado	Expressões de caráter psicológico
<p>1. P3: ... Eu guardo em uma caixinha tudo que era dele, e ela não tem nada, aí ela me perguntava "e como tu consegues?", isso? Eu tenho que acordar e olhar, eu tenho que ver as fotos, eu me sinto bem.</p>	<p>1. P3 inicia seu depoimento falando sua necessidade de ver fotos do filho. Diz que estar em contato com as imagens diariamente lhe traz bem-estar</p>
<p>2. As roupas dele de militar, eu dei quase todas, porque eu sou espírita, então a gente não pode acumular muitas coisas, eu já doei quase tudo. O irmão mesmo ficou com algumas coisas dele, outras eu doei para uma instituição, uniformes dele, eu dei para o pai dele, ele tinha vários uniformes das forças armadas, mas eu fiquei com dois uniformes.</p>	<p>2. No que se refere a outros pertences, P3 relata que doou boa parte. Guarda algumas peças que considera significativas. Enfatiza que sua crença religiosa lhe orienta para esta atitude de não acumular pertences de um ente querido falecido.</p>
<p>3. Então todo sábado eu ponho no sol. A vizinha da frente diz "cadê teu filho que é militar?" aí eu digo "ele está morando lá..." [aponta para cima como se apontasse para o céu]. "aí vizinha me perdoe, é porque eu vejo a senhora colocar a roupa dele no sol". Ponho, todo sábado eu ponho no sol, cheiro, isso para mim....</p>	<p>3. P3 fala de hábitos que manteve mesmo após o falecimento do filho. Mesmo de forma sutil, revela a importância de mantê-lo como forma de manter-se ligada ao filho.</p>
<p>4. brigo com ele! Briiiiiigo com ele!</p> <p>E: como assim você briga com ele?</p> <p>P3: por que ele fez isso comigo, não é? Por que ele me deixou? Então é isso.</p>	<p>4. P3 relata sentimentos de raiva e ressentimento diante da vivência de abandono decorrente da morte do filho.</p>
<p>5. P3: Olha, vou te contar desde o início... Vou tentar puxar um pouquinho da infância. Ele foi o meu último filho, meu filho mais novo, quando eu me separei ele tinha 08 anos, então ele se revoltou e tudo. Então ele sempre falava "mãe, quando eu crescer, vou lhe dar uma casa para a gente morar" e quando ele entrou para as forças armadas, ele disse que a primeira coisa que ia fazer era comprar, nem que seja um lugarzinho para mim e ele conseguiu. Ele me deixou, esse apartamento que eu moro, foi ele que tirou para mim e a gente fazia muitos planos, ele queria logo morar lá. Ele amadureceu muito rápido, todos eles na verdade.</p> <p>E: Ele tinha quantos anos?</p> <p>P3: 22 anos. Então, um filho maravilhoso, não tenho do que me queixar. Claro que na parte da adolescência ele deu um pouquinho de trabalho, mas fora isso não. Ele teve alguns probleminhas, nasceu de 07 meses, sofreu um acidente que quebrou a perna em 04 partes, usou ferro quando tinha 15 anos, essas coisas do Mateus já vem, sabe?! Ele teve tétano em 2013, ficou internado, em coma, quase morre afogado. Eu dizia para ele "meu filho para de me dar susto", então ele era assim. Os irmãos e eu, sabe tipo aquela mãe que fica "tu já comestes? Onde tu estás?" e ele dizia: "mãe, deixa eu respirar" mas ele falava de uma maneira bem sutil, então todas essas coisas que já aconteceram com ele... Quando aconteceu o tétano em 2013 que ele ficou em coma, eu me perguntava "gente... o que ainda falta acontecer com o Mateus? Só que graças a Deus ele saiu do coma, eu tenho até fotos dele no hospital que ele fez questão de ir na UTI, fez questão de falar com os médicos, fez questão de falar de um por um, até o rapaz que limpa o quarto, ele foi lá! Ele dizia: "ei mãe, vamos subir para falar com a galera", eu disse: "Vamos meu filho". O faxineiro que limpa a UTI, chorou o rapaz, ele disse "não te falei guerreiro que tu ias sair?!". Abraçou o Mateus, ele abraçou ele, as enfermeiras. Foi uma coisa linda, eu fiquei emocionada pelo jeito dele, pela humildade dele. Eu pensava "égua, o Mateus é especial mesmo" [risos].</p>	<p>5. Relata aspectos da história de vida do filho, planos, objetivos alcançados, situações de superação, características de personalidade, enfatizando sua força e qualidades. Descreve o filho como alguém especial. Sobre os acontecimentos de saúde, P3 revela temores de morte relacionados a situações em percebeu o filho em perigo e mostra-se orgulhosa diante da superação de riscos.</p>
<p>6. P3: A minha cunhada fala que eu sou forte, pergunta: "como é que tu</p>	<p>6. P3 fala sobre a visão de outras</p>

<p><i>consegues" e eu digo: "mana, eu tenho que ver, eu tenho gravações, tenho que escutar a voz dele".</i></p>	<p>peessoas diante da sua forma de lidar com a ausência do filho. Relata sentir necessidade de manter contato com ele.</p>
<p>7. <i>Outro dia desses eu estava em casa lavando louça... qual é a tua religião?</i></p> <p><i>E: independente da minha religião disso, o que você gostaria de dizer?</i></p> <p><i>P3: Eu pergunto por que tem gente né?! Então, eu estava lavando louça ai senti aquele cheiro. Ele usava um único perfume, dizia que era a marca registrada dele e ai de quem tocasse no perfume dele. Eu até tenho um vidro desse perfume em casa que uso assim... ai eu senti aquele cheiro, passou e eu estava sozinha, fiquei me perguntando "Égua, será que sou eu? Mas eu não usei ele hoje", ai passou de novo aquele cheiro, ai eu disse: "seu moleque seco veio, tu estás aqui!", ai fiquei pensando "meu filho, Deus te abençoe...".</i></p>	<p>7. Relata situação vivida que descreve como contato sobrenatural com o filho.</p>
<p>8. <i>P3: Eu nunca fui assim "meu Deus, por que tu fizeste isso?" eu nunca me revolttei, a não ser assim, na hora. Na hora eu falei muita besteirinha, na hora do velório... que tinha que ser primeiro eu, tem que ser sempre primeiro os pais. Por que ele? Por quê? Mas depois eu pedi perdão para Deus, até porque a gente não pode dizer os porquês da vida, não é?! E... é isso. É uma coisa assim que não dá para... Deixa ver se eu tenho uma foto aqui [olha o celular em busca de fotos do filho].</i></p>	<p>8. P3 fala de sua relação com Deus nos momentos que se seguiram à perda do filho. Refere que houveram momentos de revolta e questionamentos sobre a motivação para o ocorrido diante da inversão do que seria a ordem natural da vida, ainda sim, revela que não cultivava sentimento de revolta</p>
<p>9. <i>P3: É uma coisa assim inacreditável para mim</i></p>	<p>9. Para P3 a ideia de perder o filho é algo inconcebível, descreve como algo inacreditável.</p>
<p>10. <i>E: como é que foi para ti perder o Mateus?</i></p> <p><i>P3: foi assim, de manhã... eu vou te falar com toda sinceridade, eu pensei que ia morrer [risos] te juro! Porque quando me ligaram, ele estava voltando do local onde faziam um curso, ele e minha filha. Na volta, um motorista de um micro-ônibus cortou a frente dele, enfim... Eu tinha ido para o centro e quando eu cheguei a Marina me chama: "mãe, venha aqui rápido que aconteceu um acidente". Só que como eu percebi a voz dela tremula, perguntei: "e o Mateus, e o Mateus?" e ela disse: "não mãe, está tudo bem". Acho que ela queria me acalmar na hora e eu peguei um taxi, pior que eu cheguei lá e não levei nem dinheiro, parece uma doida, o motorista até me entendeu. Quando cheguei lá no local do acidente, eu vi ela em pé e fiquei pensando "égua, se ela está em pé, ele está bem" aquela coisa assim, rápido passou, só que ele já estava na ambulância e a moto estava parcialmente debaixo do ônibus. Ela me segurou e disse: "mãe, mãe, está tudo bem"; eu: "e o Mateus?", ela disse: "não mãe, está tudo bem" e ele estava sendo atendido dentro da ambulância já. Eu queria entrar só que não deixaram. Na hora, vou te falar, parece assim que eu fiquei sem chão, fiquei sei lá. Eu falei para o rapaz: "ele tem plano de saúde, ele tem plano, leva ele para o hospital do plano" e ele me perguntou quem eu era e disse que tinha que levar para a unidade de urgência mais próxima. Chegando lá, ele foi para atendimento lá dentro e começaram a chegar as pessoas, pessoas do centro, familiares. Foi questão de 15 minutos e para mim foi uma eternidade. O médico sai de lá e me chama: "quem é o responsável do Mateus?", me apresentei e ele disse: "a senhora pode entrar aqui comigo?". O médico pálido, pálido, a minha filha do meu lado, tremendo, eu perguntei: "e ai doutor, meu filho? Me diga coisa boa, por favor me diga uma coisa boa, pelo amor de Deus!", ele disse: "Infelizmente..." eu não deixei nem ele terminar de falar, eu segurei assim no jaleco deste homem, eu até pedi desculpas para ele depois, e eu dizia: "não, tu estas mentindo, é mentira tua, é mentira, é mentira!". Ele falou: "fizemos tudo", falou as técnicas lá "ele chegou com isso, não sei o que, não sei o que... infelizmente". Querida... me deu uma diarreia [pausa para ela atender telefone]... só sei te falar que na hora eu cai no chão, me deu uma diarreia tão grande, febre, do nada uma febre de quase 40°, a minha cunhada me pegava e eu estava ardendo em febre. Eu não sabia se eu chorava, se ia para o banheiro, vomitei, tudo foi no hospital, tudo ao mesmo tempo. Não sei, foi uma coisa horrível, uma sensação de morte, eu nunca morri né? Mas foi uma sensação</i></p>	<p>10. Conta detalhes do ocorrido, tanto dos momentos anteriores, como posteriores a morte do filho. Descreve a sensação de choque ao saber que o filho estava ferido; a percepção distorcida de tempo no intervalo entre dar entrada no hospital e receber a notícia do óbito; e reações de choque e negação diante da constatação da morte.</p> <p>P3 descreve ainda reações físicas sentidas na sequência dos fatos, como um mal-estar sem explicações lógicas. Descreve a sensação de perder o filho como a vivência da própria morte.</p>

de morte	
<p>11. E: <i>Me parece que era o que naquele momento você queria, não é?</i></p> <p>P3: <i>verdade! [pausa] Eu queria estar no lugar dele, dizia isso o tempo todo, eu queria, era eu para ir, era eu, era eu para estar ali, era eu para estar no lugar dele, o tempo todo eu queria estar lá [pausa].</i></p>	11. Refere desejo de ter morrido no lugar do filho, diz ter verbalizado isto inúmeras vezes.
<p>12. P3: <i>Eu não dormi, não dormi nada. Ele viajou, digo que ele viajou, não gosto de dizer que ele morreu.</i></p>	12. Refere incômodo em verbalizar que o filho morreu, por isso, prefere dizer que este viajou.
<p>13. <i>Ele viajou era mais ou menos 22:30h para as 23h, eu não dormi nada, nada. É uma noite assim de espanto, de levantar, de não acreditar, eu não acreditei! Para mim, eu ia ver ele entrando de uniforme e alguém iria dizer que isso tinha sido uma brincadeira, uma pegadinha, eu queria escutar isso o tempo todo, eu queria.... que tinha sido uma brincadeira, de muito mal gosto, mas uma brincadeira.</i></p>	13. Segue descrevendo os momentos subsequentes à notícia de falecimento do filho. Diz não ter conseguido descansar durante a noite que descreve como noite de espanto. Refere reação de negação frente a dificuldade de acreditar no que estava acontecendo atrelada a crença de que era tudo uma brincadeira
<p>14. P3: <i>Até hoje eu tenho a impressão que eu vou ver ele entrando em casa com uniforme, dando continência, me chamando de baixinha, "pague 10 aí mãe", "bora pagar 10 aí, paga 10". Eu vou ver ele entrando...</i></p> <p>E: <i>era como ele brincava com você?</i></p> <p>P3: <i>era! Ele brincava desse jeito...</i></p>	14. Revela ambivalência de sentidos relacionados à perda, pois ainda tenha consciência da irreversibilidade da perda, diz ainda ter esperanças de ver o filho entrando em casa, com atitudes e posturas comuns de quando estava vivo.
<p>15. <i>Então para mim, depois que aconteceu o velório, depois de uma semana, não, uns três dias... eu não dormia nada. Tomei muito remédio natural, não tomei nada de remédio de farmácia, até porque eu não queria, fizeram muito reike em mim, o pessoal do centro fez muito passe em mim...</i></p>	15. P3 descreve sua vivência de luto logo após a perda. Destaca a dificuldade para dormir como representação do sofrimento, sendo necessário receber ajuda para enfrenta-lo.
<p>16. P3: <i>E aí assim, quando o Mateus estava de serviço, eu entrava no quarto dele, limpava, trocava os lençóis e ele tinha um lençol dele vermelhinho que ele só dormia com aquele lençol e nesse dia do nada eu me levantei de manhã, fui para o quarto dele, arrumei, tirei os lençóis, botei as roupas dele no sol, botei o sapato, eu só chamava de sapato, bota e ele sempre brigava comigo "não é bota é coturno". E aí nesse dia me levantei, fiz a minha rotina normal, entrei no quarto dele, botei tudo para lavar, aí o Marcos, meu filho mais velho, ficou me olhando, observando aquilo e disse "mãe, o que a senhora está fazendo?" e eu disse "não, eu tenho que aproveitar que o Mateus está no quartel, deixa eu...". Parece que eu me desliguei e realmente... eu disse: "tenho que aproveitar que teu irmão está no quartel para lavar esse cheiroso dele". Eu fui, lavei, ele começou a chorar e realmente eu estava... parece que eu tinha desligado totalmente. E aí ele me disse "mãe, pare com isso, a senhora esqueceu?" e eu "o que Marcos, o que?". Sei lá, parece que eu caí de novo, a realidade, eu tinha fugido, para mim eu tinha esquecido tudo aquilo</i></p> <p>E: <i>é como se você tivesse apagado aquele dia da tua cabeça?</i></p> <p>P3: <i>exatamente! Naquele momento era... estava a vida cotidiana. Ai pronto, eu caí em choro, sabe?! Muito choro e me perguntava "por que isso? Por que comigo? Meu filho amado, meu filho querido..."</i></p>	16. P3 relata situação ocorrida após a morte do filho, no entanto, agiu como se ele estivesse vivo. Descreve sensação como um desligamento da realidade, uma fuga em que apagou da memória o dia da morte do filho e que, ao se dar conta de suas atitudes, vive profundo sofrimento permeado de autoquestionamentos sobre a motivação para o ocorrido.
<p>17. P3: <i>Eu digo para qualquer um, eu vivo um dia de cada vez.</i></p>	17. P3 afirma que busca viver apenas o momento presente.
<p>18. P3: <i>Tem dias que eu... logo no início eu fiquei com muita depressão, mas ao mesmo tempo em que eu estava em depressão, eu mesma me dizia "êpa, espera aí! Não é assim". Eu não podia entrar em depressão, ia fazer mal para mim e fazer</i></p>	18. P3 fala sobre a vivência do processo de luto. Relata momentos em que se viu diante de uma tristeza

<p><i>mal para ele [pausa para algo do trabalho]. Então é isso</i></p> <p><i>E: você disse que no início ficou com muita depressão, mas não se permitia...</i></p> <p><i>P3: Fiquei. Não permitia de jeito nenhum, não permiti porque eu sei que se acontecesse isso, eu ia cair doente, eu ia... eu já tive depressão há uns 4 anos atrás então o Mateus foi uma pessoa que sempre dizia: "mãe a senhora é forte, a senhora não precisa tomar remédio de tarja preta, não precisa tomar remédio" e foi um dos filhos que sempre me apoiou de não tomar remédio, então eu mesma não podia me permitir de entrar em depressão, até porque eu precisava seguir minha vida, meus filhos precisavam de mim, tinha a minha mãe, meu trabalho, então isso fez com que... mas não vou te falar que não tinha dias que eu não queria nem sair de dentro do quarto. Eu segurava a roupa dele e cheirava, cheirava muito a roupa dele, o cheiro dele e fotos... chorando.</i></p>	<p>profunda que descreve como depressão e, mesmo diante da dor, diz não ter se permitido deprimir. Traz como motivação para não se deixar sucumbir ao sofrimento o filho, sua mãe e seu trabalho. Revela que nos momentos de grande tristeza e saudade, buscava os pertences do filho, seu cheiro e suas fotos.</p>
<p><i>19. P3: Todo dia eu choro, todo dia eu choro, todo dia, todo dia, todo dia.</i></p>	<p>19. P3 revela que, mesmo seguindo em frente, todos os dias vivencia momentos em que os sentimentos e emoções transbordam em lágrimas.</p>
<p><i>20. P3: Teve uma vez que eu passei mal, que eu fui para o hospital porque me deu pressão baixa, fiquei realmente mal. O médico falou que realmente era emocional mesmo, ele achou que eu estava até muito bem porque têm pessoas que logo no início dá depressão bem forte, ele comentou e.... sabe,</i></p>	<p>20. Relata situação em que precisou buscar assistência médica devido sintomas físicos de mal-estar que foram avaliados como de sendo de origem emocional. Demonstra espanto diante da fala do médico que a considerou bem emocionalmente diante da perda vivenciada.</p>
<p><i>21. P3: eu vou te falar, ainda não caiu a ficha para mim. Para mim, meu filho está vivo, para mim ele está vivo, entendeu? Vivo, vivo mesmo.</i></p>	<p>21. Revela dificuldades em aceitar a perda e acreditar que o filho está vivo.</p>
<p><i>22. P3: E eu não tenho muito com quem me abrir, eu converso muito... minha filha conversa pouco, meu filho também conversa muito pouco sobre esse assunto porque... talvez para não me deixar mais triste. Eu converso muito com a minha mãe, eu e ela somos muito apegadas</i></p> <p><i>E: e você sente necessidade de conversar sobre ele?</i></p> <p><i>P3: eu tenho necessidade de falar sobre ele, eu tenho, para mim, eu tenho que falar. Então com quem eu converso muito é com a namorada dele, a Amanda, até porque ela também gosta de falar sobre ele; e a minha outra nora, a Paula, uma nora minha que é uma pessoa muito... e as pessoas do centro, são poucas as que eu falo, muito poucas as que eu tenho essa intimidade de falar. Até porque eles acham que se tocar, vão me machucar, eles têm todo esse melindre comigo e eu gosto de saber, eu preciso saber notícias do Mateus [pausa]</i></p>	<p>22. P3 fala sobre sua necessidade de falar sobre o filho e, ao mesmo tempo, a dificuldade de encontrar espaços de diálogo sobre a perda vivida, principalmente dentre as pessoas mais próxima, com exceção da mãe, com quem diz ter forte apego.</p> <p>Refere encontrar acolhimento em outras pessoas, não familiares, mas que de alguma forma demonstram interesse em dialogar sobre o filho. Pontua como possível justificativa para a evitação em falar no assunto da perda a preocupação das pessoas lhe causar sofrimento.</p>
<p><i>23. E: como assim você precisa saber notícias dele?</i></p> <p><i>P3: porque como nós somos espíritas, não é? Sempre comentam e já me falaram que viram ele do meu lado lá no centro, até porque ele também era trabalhador da casa e logo que aconteceu, eu passei quase 15 dias sem trabalhar no centro, eu sou passista, eu frequento o centro, sou trabalhadora da casa. Logo que aconteceu, eu fiquei uns 15 dias afastada, só em tratamento de passe e quando eu voltei, eu estava na janela encostada e aí uma das trabalhadoras se aproximou de mim e perguntou se podia me dar um abraço. Ela me abraçou forte assim, sabe? E disse: "eu queria só lhe dar esse abraço". Depois de um tempo, ela contou para a minha nora, a Paula, que o Mateus estava lá do meu lado, ela viu ele todo com uma roupa branca e ele estava assim tipo querendo me acariciar... e ele pediu para ela me abraçar, por isso que ela me abraçou. Égua, chega me deu... Ela me disse que queria me falar na hora, mas não disse com medo de me fazer chorar e</i></p>	<p>23. P3 fala da necessidade de manter contato com o filho pós morte e, a partir de sua crença religiosa e vivência, acredita ser possível. Descreve situação ocorrida logo após a morte do filho em que foi possível fazer contato com o filho.</p>

<p>tudo.</p>	
<p>24. E: e como que é isso para ti?</p> <p>P3: <i>saber notícias dele? [pausa] é um misto de felicidade com emoção, mas sempre tem a parte emocional, não é? Eu sou chorona mesmo, mas é essa mistura. Saber que ele está bem, eu creio que ele está bem, eu acredito que ele está bem, eu acredito nisso! Mas ao mesmo tempo é a saudade, não é? Até porque a gente está aqui ainda, olha [aperta seu próprio braço como se fizesse menção a ser de carne e osso]</i></p>	<p>24. Sobre manter esse contato, P3 descreve como uma mistura de emoções que desperta felicidade e também lágrimas devido sentir saudade. Revela ser importante para ela saber que o filho está bem. Expressa toques demonstrando a concretude humana como forma de justificar sua vulnerabilidade diante das emoções sentidas.</p>
<p>25. E: você sente a necessidade dessa presença física, não é?</p> <p>P3: <i>eu preciso da presença física dele... muita necessidade!</i></p>	<p>25. P3 fala de sua necessidade de manter o filho vivo de forma concreta</p>
<p>26. E: você está me dizendo que viver a perda do seu filho foi algo muito impactante, não é? Que te fez sentir muitas coisas...</p> <p>P3: <i>Tudo! Foi muita coisa, um turbilhão de coisas ao mesmo tempo. Os por quês...</i></p>	<p>26. P3 descreve a vivência de perda como um turbilhão em que vivenciou muitas coisas ao mesmo tempo</p>
<p>27. P3: <i>Uma coisa que eu até já tirei um pouco, até porque as pessoas que conversam comigo dizem para eu tirar isso da minha cabeça, eu me culpar, "será que eu fui uma boa mãe?" essa culpa, "por quê? O que será que eu errei, será que eu errei alguma coisa?", eu não sei se as outras mães sentem isso, mas eu sinto "por quê? O que eu errei? Será que eu fui uma boa mãe? Será que eu fiz pouco? Por que não fiz mais?" ficam esses por quês, às vezes acho que podia ter feito mais por ele. Estou tentando tirar isso aos poucos</i></p>	<p>27. P3 relata como parte da vivência de perda do filho o sentimento de culpa revelado a partir de autoquestionamentos sobre possíveis erros cometidos no papel materno. Questiona se este é um sentimento comum a outras mães que vivenciam situação semelhante. Revela autocobrança de ter sido uma mãe melhor.</p>
<p>28. E: apesar da culpa e dos sentimentos ruins, você me diz que tenta encarar tudo isso de uma forma positiva, não sei se essa seria a palavra, mas talvez de uma forma mais serena, é isso mesmo?</p> <p>P3: <i>sim, sim, sim! Teve momentos de revolta sim, mas vinha aquele "êpa, espera ai!" eu sempre dou um "espera ai!" em mim, quando eu estou demais, eu mesma me freio, quando eu sinto que estou muito triste, eu mesma "não, espera ai, ele não quer me ver triste" então eu vou, tento fazer coisas diferentes, escuto músicas, é uma coisa que me corta um pouco de deprimir e ficar nessa melancolia. Eu tento que é para poder... porque se eu cair nessa onda, eu afundo mesmo. Eu escuto música... e engraçado...</i></p> <p>E: <i>a música é importante para você, não é?</i></p>	<p>28. P3 fala sobre sua escolha em não se deixar dominar por sentimentos ruins inerentes ao processo de luto pela perda do filho. Diz ter vivido momentos de revolta e viver momentos de tristeza e, ao se perceber tomada por tais sentimentos, opta em buscar formas de contorná-los. Utiliza da música como estratégia; teme deprimir. Sinaliza como motivação para esta atitude, a possível vontade do filho e o que ele pensaria diante de tais situações.</p>
<p>29. E: E o que mais te ajuda?</p> <p>P3: <i>sim, escutar músicas, conversar, adoro shopping, isso também me ajuda, o centro foi... nossa! O centro foi o meu alívio, porque eu chego lá, vejo pessoas com câncer, procurando ajuda então eu penso "égua, a minha dor... tem pessoas ali que estão..." então isso me ajuda muito [ênfatisa o muito].</i></p>	<p>29. Fala de estratégias que utiliza como forma de driblar o sofrimento. Destaca a importância do centro espírita, descrevendo-o como seu alívio em meio a dor do luto. Refere que ter contato com a dor de outras pessoas faz relativizar a sua</p>
<p>30. E: você ia falar algo sobre as músicas</p> <p>P3: <i>música! As músicas que ele gosta.</i></p>	<p>30. P3 fala sobre músicas significativas. Fala do filho no presente.</p>
<p>31. Ele gosta, porque ele está vivo, mas não está aqui.</p>	<p>31. Seguindo a fala da unidade anterior, enfatiza a forma de chamar o filho no presente, diz acreditar que ele permanece vivo, ainda que não esteja fisicamente presente.</p>

<p>32. <i>Reggae, músicas assim... e tem umas em particular do Diogo Nogueira, porque eu vendia empada antes, então eu fazia as empadas, arrumava e ele me ajudava a pincelar porque ele também levava para o quartel para vender. Eu botava muito Diogo Nogueira e ai marcou porque ele dançava no meio da cozinha, ficava dançando e brincava dizendo "égua mãe, Diogo Nojeira de novo?", então esse cantor marcou a minha vida também. Porque quando eu ponho eu acho graça, vejo ele dançando na sala e isso me alegra, eu choro? Choro! Mas isso me alegra, ver ele dançando. Essa imagem fica na minha mente.</i></p>	<p>32. Retoma a fala sobre músicas que o filho gostava. Destaca as músicas de um cantor específico, pois trazem lembranças sobre situações vividas no passado. P3 diz tais músicas a remetem a memórias afetivas de momentos felizes vividos com o filho. Afirma que imagens do filho feliz ficam registradas em sua mente</p>
<p>33. <i>E: você gosta de ter essa imagem dele bem vivo, não é?</i></p> <p><i>P3: Sim, vivo! Eu tento apagar ao máximo aquela imagem do caixão. Isso para mim é uma coisa que eu tento... mas vem, vem muito, essa imagem dele no caixão, mas eu tento só ver o lado brincalhão, dele dançar, bater continência, dele pagando dez no quintal, então essas imagens que ficam.</i></p>	<p>33. Sobre imagens significativas, P3 refere tentativa de apagar aquelas que remetem à morte do filho, ainda sim, estas são intrusivas. Busca manter viva a lembrança de imagens do filho vivo, alegre, como ela descreve que o rapaz era.</p>
<p>34. <i>P3: Ele era um menino, só era tamanho... era um meninão;</i></p>	<p>34. Fala sobre características do filho, o descreve com um menino, destaca aspectos infantis de sua personalidade.</p>
<p>35. <i>P3: e as músicas que ele gosta, eu sempre escuto, os reggaes que ele sempre gostou [pausa] é isso...</i></p>	<p>35. Retoma rapidamente a questão das músicas preferidas do filho e diz sempre ouvi-las.</p>
<p>36. <i>E: e as fotografias, o que elas significam para ti nesse processo?</i></p> <p><i>P3: preenche! Preenche esse... não vou te falar que não ficou esse... buraco assim que... um buraco que... eu estou tentando preencher mas tem horas que não dá, sabe? Parece que está faltando, eu ainda não...</i></p>	<p>36. P3 fala sobre o vazio sentido após a perda do filho. Descreve este como um buraco. Em sua vivência, as fotografias são uma forma de preencher parcialmente esse buraco.</p>
<p>37. <i>P3: olha, está chegando o Natal, chegando o ano... nossa! Eu sei, o meu filho fala: "mãe, a vida segue. Mãe, vamos enfeitar". Era ele que me ajudava a enfeitar, era ele que fazia, adorava fazer rabanada, ele gostava de fazer, comida mais do que fazia, mas me ajudava. Essas coisas marcam a vida da gente, esses detalhezinhos de Natal [pausa] é.. e é isso</i></p>	<p>37. Traz questão sobre datas comemorativas, como as festas de final de ano. Diz não se sentir à vontade para comemora-las como fazia anteriormente a morte do filho, este ocupava um papel importante nos preparativos para as celebrações e, após sua morte, deixou um vazio na dinâmica familiar relacionada a tais datas. P3 considera as situações vividas com o filho nestas datas são marcas importantes em sua vida.</p>
<p>38. <i>E: quando você diz assim "preenche" o que você quer dizer com esse preenche?</i></p> <p><i>P3: esse vazio que ficou, esse vazio que está</i></p> <p><i>E: ele existe, não é?</i></p> <p><i>P3: muito! Nossa! Tem horas que eu paro... aqui no trabalho, várias vezes eu parei e as lagrimas estavam escorrendo porque é uma sensação assim... como eu posso te dizer, é um pedaço meu que eu não tenho mais, é um pedaço meu que eu não tenho mais... por mais que eu ainda tenha duas coisas maravilhosas ali [filhos vivos];</i></p>	<p>38. P3 fala sobre o vazio deixado pela morte do filho, o descreve como um pedaço de si que se foi, algo que desperta emoções fortes e lágrimas. Relata que, ainda que tenha dois filhos vivos, o lugar do filho falecido ficou vazio e é insubstituível.</p>
<p>39. <i>P3: até a minha chefe me perguntou "mas Graça, teus outros filhos não ficam com ciúmes?". Não, eles não ficam porque eles também tentam... eles sabem que eu não vou conseguir preencher esse lado, eles estão conscientes disso.</i></p>	<p>39. P3 fala sobre questionamentos acerca de reação de seus filhos vivos frente à vivência do luto materno. É questionada sobre ciúmes e se mostra tranquila ao</p>

	afirmar que os filhos tem consciência do vazio deixado pela morte do irmão.
<p>40. <i>E: como você lida com as fotos dele?</i></p> <p><i>P3: em que sentido assim?</i></p> <p><i>E: como você se relaciona com as fotos do Mateus, o que elas representam para ti?</i></p> <p><i>P3: representam a minha vida, representam o ar que eu respiro. Como eu te falei, de manhã é a primeira coisa que eu vejo é a foto dele, é essa foto aqui [mostra a foto do filho na tela de fundo do celular]. É essa foto dele que eu vejo já acordado dizendo "bom dia meu amor!" e faço minha oração e...</i></p>	<p>40. Na vivência de P3, as fotografias ocupam lugar importante, descreve estar importância como o ar que respira. Diz sentir necessidade de ver fotos do filho todos os dias ao acordar. Dialoga com a imagem como se fosse com o filho.</p>
<p>41. <i>ficou gravado uma coisa que ele sempre dizia "mãe, a senhora é forte, a senhora não é fraca" ele falava muito isso; e outra coisa que ele falava "mãe, viva hoje". Ele sempre viveu muito o hoje então isso eu aprendi muito com o Mateus</i></p>	<p>41. P3 relembra frases de incentivo ditas pelo filho, diz que ficaram marcadas e servem como ensinamento e motivação.</p>
<p>42. <i>e essas fotos significam a minha alegria, sabe? Quanto eu estou triste eu olho, eu acho graça, eu brinco com ele [pausa]. Se você entrar na minha casa, nossa! É foto dele para todo lado, são muitas fotos dele pela casa. Em geral deles, sempre juntos, na sala, no meu quarto tem fotos. As pessoas, às vezes, acham estranho. Tem pessoas que chegam lá e ficam "nossa! Isso não te deixa deprimida?", eu digo "não! O contrário!" para mim é o contrário, me deixa viva, até porque a única coisa que eu tenho é a foto dele, é... enfim...</i></p> <p><i>Eu: você me diz que após a partida dele, as fotos ficaram como uma lembrança que traz a presença dele, então você busca mantê-las sempre próximas, é isso?</i></p> <p><i>P3: sim, a presença dele é constante!</i></p>	<p>42. P3 descreve sua relação com as fotografias do filho. Para ela, as imagens significam sua alegria, são uma forma de manter a presença do filho em seu ambiente cotidiano. Refere que dialogar com as fotos do filho lhe trazem alegria. Destaca a estranheza de outras pessoas diante da sua escolha de manter fotos do filho expostas, em resposta, afirma que o contato com as imagens lhe causa bem estar e é uma forma de manter o vínculo com o filho.</p>
<p>43. <i>A roupa dele, como eu te falei, que eu ponho no sol todo sábado, isso para mim é ele [risos] para mim é ele ali vestido. Eu fecho os olhos e imagino ele ali vestido.</i></p>	<p>43. P3 segue falando sobre sua relação com os pertences do filho, para além das imagens, objetos também representam a presença do filho, como suas roupas. Diz fazer questão de manter hábitos que reafirmam a vida do filho.</p>
<p>44. <i>Nada daquela coisa de ai... aquele negócio de "ai meu Deus, queria que meu filho estivesse..." não! Não sei se foi a doutrina [espírita] que me ajudou muito... não! Deixa o meu filho quieto lá, deixa ele seguir... desejo todo tempo que ele esteja bem,</i></p>	<p>44. P3 fala sobre a sua compreensão acerca da morte do filho. Demonstra ter consciência e aceitação quanto a irreversibilidade desta e que esta postura está pautada em suas crenças religiosas.</p>
<p>45. <i>sinto a presença dele às vezes sim, sinto sim, o cheiro eu sinto. Já me falaram que ele já foi me visitar, mas devido eu ainda estar muito a flor da pele, ele não se manifestou, então eu deixo.</i></p>	<p>45. Refere sentir a presença do filho de várias formas. Acredita ser possível manter contato com o filho mesmo após a morte</p>
<p>46. <i>P3: Eu não quero... a gente que é espírita, não pode interferir na evolução deles. Por mais que, às vezes, no início eu interferia muito porque eu chorava muito, eu sei que se eu fico triste, ele também fica triste, entendeu?</i></p>	<p>46. P3 descreve sua forma de lidar com a morte do filho pautada em suas crenças religiosas</p>
<p>47. <i>E: eu percebo que o que você me diz sobre a sua crença, sua fé, é que ela não fez ficar menos difícil, mas ela te ajuda a lidar com isso de uma forma mais serena, é isso?</i></p> <p><i>P3: é isso mesmo! Você acertou, é isso mesmo. Isso que você disse é bem verdade, ela me deixa serena, se não fosse Deus, em primeiro lugar, claro, talvez eu estivesse cheia de remédios, talvez eu não estivesse mais trabalhando, talvez sabe</i></p>	<p>47. P3 corrobora compreensão da entrevistadora sobre seu posicionamento diante da perda. Diz sentir-se serena com o suporte de sua fé e crenças religiosas. Acredita que sem isso, provavelmente estaria</p>

<p><i>lá como eu não estava... eu falo mesmo isso, é a verdade.</i></p>	<p>emocionalmente adoecida.</p>
<p>48. P3: <i>E como eu te falei, ele também era trabalhador da casa, e ele também gostava muito de ajudar o próximo, então eu tento pensar "o Mateus não ia querer... ele não iria querer que eu ficasse assim. O Mateus não ia querer fizesse isso", então sempre... para mim ele está presente sempre na minha vida, eu sempre penso "será que ele iria gostar?"</i></p>	<p>48. Relata que suas atitudes diante do sofrimento pela perda são influenciadas por possíveis opiniões e preferências do filho. Revela que pensar desta forma, faz sentir o filho presente em sua vida.</p>
<p>49. E: <i>a presença dele é muito viva na tua vida, não é?</i></p> <p>P3: <i>Nossa! Muito, muito, muito! [risos] olha... [mostra as tatuagens que tem em homenagem ao filho - duas tatuagens nos braços] eu ainda vou fazer uma aqui, o rostinho dele.</i></p>	<p>49. P3 afirma que a presença do filho é muito forte em sua vida, mostra tatuagens feitas em homenagem a ele e refere desejo de tatuar o rosto do rapaz como forma de homenagear sua existência.</p>
<p>50. P3: <i>Os meninos, às vezes eu me pergunto se estou sendo uma mãe ausente para os dois, mas eu tento também... eles precisam de mim. Várias pessoas me disseram "Graça, eles precisam de ti, eles também estão sentindo, não é só tu, não seja egoísta", me chamaram até de egoísta. A minha irmã me disse "mana, acorda, tu tens dois não seja egoísta, eles precisam, estão sofrendo também. Tenta te aproximar",</i></p>	<p>50. P3 fala sobre sua preocupação em uma mãe ausente para seus filhos vivos já que se vê absorta em sua vivência de perda. Refere ter sido taxada de egoísta</p>
<p>51. <i>isso porque teve uma época que eu fazia muitas comparações, já parei mais, já parei [risos]. Eu dizia "porque se fosse o Mateus, ele não faria isso, isso, isso". O Marcos, eu sentia que ele ficava triste. Depois eu fui ver, e disse: "não meu filho, me perdoa", cada um é o seu cada um, aí eu parei com essa comparação. Eu dizia muito "se fosse o Mateus ele não ia deixar acontecer isso comigo. Se fosse o Mateus isso, isso, isso" então eu percebi que isso estava machucando meus filhos, isso não é bom, não é? Claro! Isso não é bom para mim, não é bom para eles. Graças a Deus a gente tenta... quando eu vou querer... épa! Não, não vou. Eu corto na hora! Até porque cada um tem o seu temperamento, o Mateus tem o dele, o Marcos tem o dele, cada um tem, não é? Então cada um no seu cada um. Até o Mateus era o mais... que a gente tinha aquele cuidado, o Marcos, o mais velho, teve que amadurecer mais rápido para cuidar da gente porque quando eu me separei ele era muito novo</i></p>	<p>51. P3 fala sobre momentos vividos durante o processo de luto, em que fazia comparações entre aquilo que o filho morto faria e posturas adotadas pelos filhos vivos. Diz ter percebido o incomodo de seus filhos vivos, principalmente do mais velho e, diante disso, sentiu a necessidade de pedir perdão por suas atitudes, reconhecendo a individualidade de cada um e atentando-se para evitar novas comparações.</p>
<p>52. E: <i>Quantos anos tem seus filhos?</i></p> <p>P3: <i>o Marcos tem 25, a Marina 24 e o Mateus 22 anos. Então o Marcos é como se fosse o chefe da casa, então ele teve esse lado de assumir o papel que o pai deixou. Na hora do velório, de tudo, ele que teve que correr atrás de tudo, ele que foi o responsável por tudo, até porque o pai não teve condições de fazer nada e eu falei: "meu filho chora" eu falava, olhava ele duro ali, e ele dizia: "não mãe, não posso, a senhora precisa de mim, a Marina e o papai também".</i></p>	<p>52. Segue falando sobre a individualidade dos filhos e a necessidade de amadurecimento destes após a separação dos genitores. Refere que o filho mais velho assumiu o papel de chefe da casa desde então. Relembra situação vivida no velório do filho falecido em que o irmão mais velho ficou responsável por resolver tudo que fosse necessário. Diz que o filho se sentiu na obrigação de assumir tal papel.</p>
<p>53. P3: <i>Égua, eu sentia ele... mas eu já vi ele chorando dentro do banheiro, já escutei ele no quarto chorando... brigando com o Mateus, "por que tu me deixastes sozinho?", "por que tu me deixou para cuidar da minha mãe?", "por que tu fizestes isso, Mateus?". Isso logo no início, não é? Eu deixava.</i></p> <p>E: <i>e pelo que você me conta, você também teve esse momento, não é?</i></p> <p>P3: <i>e a Marina também, nós tivemos...</i></p>	<p>53. Segue falando sobre a postura do filho mais velho e sua percepção acerca da dificuldade deste em expressar suas emoções em público. Revela ter presenciado secretamente momentos em que este pôde expressar seus sentimentos relacionados à perda de maneira solitária. Mostra-se respeitosa diante da forma como cada um opta em expressar seus sentimentos.</p>
<p>54. <i>e ela se culpa até hoje. Eu já tentei tirar isso da cabeça dela, mas ela se culpa.</i></p>	<p>54. Relata sentimentos vivenciados</p>

<p><i>Ela diz: "para que serve enfermeira? Para que eu vou ser enfermeira se eu não consegui fazer nada pelo meu irmão?". Eu digo: "para com isso, minha filha!" ela não queria mais fazer o curso de enfermagem, queria parar. Graças a Deus nós conseguimos, ela foi aos poucos...</i></p> <p><i>E: E ela trabalha na área da saúde?</i></p> <p><i>P3: trabalha. Ela está trabalhando até, justamente na Unidade que ele... tu tens noção como é que fica a cabeça?</i></p>	<p>pela filha mais nova que sobreviveu ao acidente que matou o irmão. Refere que a filha alimenta sentimento de culpa e autoquestionamentos sobre escolhas profissionais já que sua formação não foi suficientemente capaz de salvar o irmão. Relata que após insistência familiar, a moça concluiu o curso e hoje trabalha na unidade de saúde em que o irmão veio a falecer.</p>
<p><i>55. P3: Eu quero te mostrar um vídeo... foi o último vídeo, foi um momento antes dele sair do curso, uma coleguinha dele que filmou. Por que assim, aquelas sacanagenzinhas e ela filmou para depois encarnar nele e por incrível que pareça, essa foi a última cena dele. Ela me diz: "Dona Graça, foi uma coincidência". Essa cena dele foi um videzinho bem curtinho e ela mandou para mim.</i></p>	<p>55. P3 desvia o foco da vivência da filha ao lembrar que gostaria de mostrar um vídeo do filho feito pouco antes dele morrer. Diz que nas imagens filmadas, ele aparece alegre, fazendo brincadeiras. Recebeu o vídeo de uma colega que as filmou sem a intenção de ser o último registro dele em vida.</p>
<p><i>56. P3: mostra fotos] Esse aqui é o pai deles, meu ex marido, aqui é ele, a minha filha e o Marcos.</i></p>	<p>56. P3 não acha o vídeo que gostaria de mostrar e opta por mostrar fotos de seu arquivo pessoal em aparelho celular em que o filho aparece na companhia de outros familiares</p>
<p><i>57. P3: Esse aqui então [ex-marido]... está assim... se era apegado... ele não era tão apegado, agora ele está assim por causa desses dois, ele quer a presença, o tempo todo quer a presença, até eu ele quer a presença, ele diz: "Vem para cá" ele mora em outra cidade com a companheira dele, "vem para cá almoçar aqui". Isso mexeu muito com ele, ele vai para o cemitério. Eu já disse para ele não ficar fazendo isso o tempo todo, ele vai quase todo domingo para lá, chora, chora muito, e limpa, acende vela, sabe?! Põem flores. Ele me diz "Graça, eu preciso!".</i></p>	<p>57. Ao ver fotos da família, fala sobre mudança de atitudes do ex-marido após a perda do filho para com familiares vivos, assim como, com o filho morto e sua vivência de luto.</p>
<p><i>58. P3: Então cada um tem uma maneira, não é? Se aquela é a maneira dele ficar ali, não é? [pausa]</i></p>	<p>58. P3 conclui que, a partir de sua vivência, percebe que cada um tempo uma forma própria de lidar com a perda e o sofrimento decorrente desta. Mostra-se respeitosa diante disso.</p>
<p><i>59. P3: queria te mostrar o videzinho. É tanta foto do Mateus que eu tenho aqui... essa aqui é ele com a namorada [mostra foto]. Essa são eles com o pai deles. [risos] isso para mim eu gosto, eu gosto de ver isso [mostra foto do filho fazendo caretas]. Ele era assim, alegre, muito alegre, o tempo todo alegre.</i></p>	<p>59. Retoma a questão do vídeo feito momentos antes do filho vir a falecer e, mais uma vez não o encontra e segue mostrando fotos do filho. Revela gostar de ver estas fotos em que o filho aparece sorrindo e fazendo brincadeiras.</p>
<p><i>60. E: e o que você não gosta de ver?</i></p> <p><i>P3: eu tento não lembrar da hora do... do acontecido. Esse momento é um momento que eu tento... eu tento cortar, eu tento cortar mas vem, sempre vem, por que será que vem? Tu podes me dizer um motivo de vir?</i></p> <p><i>E: será que existe um motivo para isso?</i></p> <p><i>P3: De ver ele dentro do caixão, sabe?! Aquela cena para mim foi a pior de todas as cenas da minha vida [pausa]</i></p> <p><i>Eu: é difícil dizer um motivo, não é? É uma imagem muito chocante para você?</i></p>	<p>60. Sobre imagens que não gosta de ter recordações, reafirma não gostar de lembrar-se de imagens do momento do acidente, da morte, ainda sim, diz serem lembranças intrusivas e inesquecíveis. Descreve essas cenas como as piores de sua vida.</p> <p>Questiona sobre o porquê acontecem desta forma.</p>

<p>P3: <i>é difícil! É MUITO difícil apagar da memória!</i></p>	
<p>61. <i>Na hora que deram a notícia lá no hospital, eu ia lá ver o corpo, aí uma senhora do centro pediu para eu não ir. Ela disse "não, não vai ver, fica com... não vai ver..."; e para arrumar o corpo dele? O pai dele mandou um amigo arrumar ele, sabe?! Então... é...</i></p>	<p>61. Retoma lembranças sobre o momento da notícia da morte do filho. Relata ter recebido a sugestão e acatado a opção de não ver o corpo. Refere ainda a dificuldade de familiares em lidar com a preparação corpo sem vida do filho para o velório.</p>
<p>62. <i>E: isso você não gosta de lembrar</i></p> <p>P3: <i>não! Da noite que não acabava, do velório, do enterro, são coisas assim pra mim, essa cena... e olhar, vê-lo no caixão, por mais que aquela cena me matava, ele estava muito sereno, sabe? Parecia que ele estava dormindo. Ele não ficou machucado, ele teve hemorragia interna, então foi tudo dentro, entendeu? [pausa]</i></p>	<p>62. Reafirma o incômodo em lembrar da noite em que o filho morreu, a descreve como a noite que não acabava. Diz que apesar de todo sofrimento vivido, guarda a lembrança do filho parecer sereno, como se estivesse adormecido no caixão.</p>
<p>63. <i>Músicas que me lembram muito ele...</i></p> <p><i>E: tem alguma música preferida, alguma foto preferida?</i></p> <p>P3: <i>Tem!!! Música ou foto?</i></p>	<p>63. P3 desvia o foco das lembranças ruins e traz para as músicas que trazem boas lembranças</p>
<p>64. <i>E: Foto</i></p> <p>P3: <i>[pausa/ mostra uma foto dela com o filho, abraçados] essa foto... o aniversário do Mateus, esse dia ele estava tão feliz, tão feliz que... ele foi, viajou em junho e esse aniversário dele foi em março. Ele estava chateado porque ninguém ia fazer nada, porque eu tirei a moto, tudo isso a moto, ele queria porque queria uma moto [pausa para fazer coisas de trabalho] [mostra mais fotos do filho]</i></p>	<p>64. P3 mostra foto que considera preferida, dentre outras. Ao olhar fotos, descreve como se sentiam no momento em que a imagem foi registrada. Traz lembranças sobre o momento de vida em torno da imagem.</p>
<p>65. <i>E: Parece-me que você gosta de vê-lo sempre alegre, não é?</i></p> <p>P3: <i>sempre alegre, sempre alegre [continua mostrando fotos do filho sorrindo, fazendo caretas] Ele gostava de fazer essas coisas, mandava para a namorada, mandava para mim [pausa]</i></p>	<p>65. Fala sobre a preferência em ver fotos em que o filho aparece alegre, fazendo brincadeiras. Diz que essa era uma característica marcante dele</p>
<p>66. <i>E: e como que é para você falar dele através das fotos?</i></p> <p>P3: <i>olha... é uma mistura de alegria, porque ele sempre foi alegre [pausa para fazer coisas de trabalho] eu queria te mostrar o vídeo que foi a última cena dele... mas o que é mesmo que você quer saber?</i></p> <p><i>Eu: como que é para você falar dele através das fotos. Você me disse que é uma mistura</i></p> <p>P3: <i>é uma mistura de alegria e ao mesmo tempo de saudade, muita saudade e ao mesmo tempo... como é que eu posso dizer... é o que me... me dá um... me dá um ânimo, uma injeçãozinha todos os dias [pausa].</i></p>	<p>66. P3 fala sobre sua experiência de falar do filho utilizando as fotos. Descreve como uma mistura de sentimentos de alegria e saudade. Refere que ver as fotos do filho é o que lhe anima todos os dias.</p>
<p>67. <i>Eu digo mesmo, só quem sabe é quem passa, sabe?!</i></p>	<p>67. Menciona a dificuldade de ter sua dor compreendida, com exceção daqueles vivenciam situações semelhantes.</p>
<p>68. <i>Teve uma senhora lá do centro que perdeu a filha dela, morreu por causa de doença, enfim, e ela sempre... ela soube que eu tinha deixado, que o Mateus tinha viajado e ela foi lá comigo e perguntou " como é que tu consegues? Como é que tu tens essa força? Eu queria ter essa força" eu digo: "é Deus e a gente precisa... tua filha era como?", eu perguntei e ela me disse: "era uma pessoa alegre, por mais que ela estivesse com câncer, era uma pessoa otimista", aí eu disse: "pois é, então tenta te apegar a esse lado positivo da tua filha que tu vais..." e ela: "mas eu não tenho forças, eu estou assim... não quero sair de casa", ela perdeu até o emprego</i></p>	<p>68. P3 relata situação em que usou de sua experiência de perda para ajudar outras pessoas em situações semelhantes, oferecendo conselhos a partir do que foi significativo em sua vivência.</p>

<p><i>por causa disso, eu disse para ela que a filha não vai querer isso, então é isso, eu tento também passar um pouquinho da minha experiência, não é?! Não é tão, mas tento passar para as pessoas que a gente tem que...</i></p> <p><i>E: mas é a tua experiência, não é?</i></p> <p><i>P3: [risos/pausa] então é isso, não tem uma coisa assim "ah, por que tu és forte?" mas me falaram... não é, eu preciso</i></p>	
<p><i>69. E: o que me parece é que você sempre tenta focar no que ele gostaria que você fizesse</i></p> <p><i>P3: exatamente! Eu penso "o Mateus não gostaria que eu estivesse assim", "o Mateus ia ficar triste se eu ficasse assim", então eu tento fazer o que ele queria e como eu ficasse. Claro, como eu te falei, tem dias que não dá...</i></p>	<p>69. Fala sobre suas atitudes diante do sofrimento pela perda do filho. Diz optar por atitudes que o filho aprovaria e/ou gostaria que adotasse. Evita aquilo que possivelmente entristeceria o filho.</p>
<p><i>70. olha, amanhã é um dia, amanhã é um dia para mim... Nossa! Todo dia 8 do mês... eu posto umas coisas na minha rede social, no início eu botava mais coisas, mas agora eu posto bem pouco</i></p> <p><i>E: dia 8 é um dia importante para ti?</i></p> <p><i>P3: muito! É o dia que ele fez a viagem dele, dia 8 de cada mês... então é... é uma data assim para mim... não dá. Eu choro... eu tento... eu posto, eu faço umas poesias e tento colocar, umas coisas dele; sempre tem alguma música que eu tento escutar nesse dia, as músicas alegres, claro, porque ele gosta de música alegre</i></p>	<p>70. Relembra proximidade com data significativa, dia da morte do filho. Relata que todo mês, vivencia grande sofrimento. Nesta data e busca lembrar a existência do filho por meio de homenagens nas redes sociais.</p>
<p><i>71. E: você me diz que tenta se manter alegre?</i></p> <p><i>P3: sim! Mesmo com toda dor, com o coração doendo assim... chega parece que o coração fica apertado, parece que estão esmagando ele [pausa].</i></p>	<p>71. Refere que apesar de toda dor vivida, descrita como forte aperto, busca manter-se alegre.</p>
<p><i>72. Eu estou tentando passar para ti [risos], está ficando bem claro, não é? [risos]</i></p> <p><i>E: sim, você está falando para mim como você vive essa experiência, como você vem vivendo essa experiência desde o momento em que ele partiu, seja pela dor, pela alegria, ou por aquilo que mantém ele vivo para ti, é sobre isso que você está me falando, não é?</i></p>	<p>72. Mostra-se preocupada em ser clara nas informações prestadas e ter sua vivência compreendida</p>
<p><i>73. E: E pelo que você me traz, as fotos tem um papel importante nessa vivência</i></p> <p><i>P3: muito, muito!!</i></p>	<p>73. Reafirma a importância das fotografias em sua vivência após a perda do filho.</p>
<p><i>74. E: eu percebo que é muito difícil viver sem a presença dele, mas me parece que ele está vivo em tudo para você</i></p> <p><i>P3: em tudo!!! [risos]</i></p>	<p>74. Corroborar a compreensão da entrevistadora sobre sua necessidade de manter o filho presente em seu cotidiano</p>
<p><i>75. E: Eu agradeço seu depoimento. A gente conseguiu falar sobre os temas da pesquisa...</i></p> <p><i>P3: [risos] que bom!</i></p>	<p>75. Refere satisfação em ter colaborado para a pesquisa</p>
<p><i>76. A Amanda foi a namor... é a namoradinha dele, foi dois anos e meio, um amor assim... ele era um amor de flores, o Mateus era muito romântico, é muito romântico, de flores e... era um verdadeiro cavalheiro. Então, eu tento falar com ela, dizer que a vida segue, se ela... porque ela é nova, tem 20 anos também e ela não gosta que eu toque no assunto de outra pessoa, ela diz que não é o momento, ela não pensa nisso... e ela é... eu vendo ela, estou vendo ele, eu adoro estar perto dela, sabe?! Eu gosto muito de estar perto dela. Ela também traz a presença do Mateus, porque eu vi, eu presenciei esse amor, principalmente da parte dele, ele ficou assim muito apaixonado por ela, os olhos dele brilhavam. Ele dizia: "égua mãe, essa é para casar, mãe!" [risos].</i></p> <p><i>E: e tudo que te traz a presença dele é importante para ti, não é?</i></p>	<p>76. Traz lembrança sobre a namorada do filho, referindo-se a ela no presente, como se fosse a atual namorada. Fala sobre a relação do casal e descreve o filho como romântico apaixonado. Relata interesse em manter-se próximo a moça, pois a convivência com ela remete a presença do filho.</p>

P3: muito!	
77. E: eu te agradeço pela entrevista, imensamente! P3: que bom! [risos] te ajudei? E: com certeza sim! Seu depoimento será muito importante para a pesquisa.	77. Demonstra interesse em saber se as informações prestadas foram úteis para a pesquisa
78. P3: foi muito bom falar dele para ti, sabia? Eu gosto, eu me sinto... eu preciso falar do Mateus, é uma necessidade que eu tenho. Eu pensei que fosse chorar muito hoje, eu pensei "meu Deus, será que eu vou conseguir falar?" mas eu consigo falar, eu consigo falar. É que eu sempre puxo para o lado da alegria dele, mas o nó na garganta... [risos]. Eu te agradeço, foi muito bom essa entrevistazinha foi... falar do Mateus para mim é tudo!!	78. Finaliza seu depoimento falando sobre o como foi a experiência de falar sobre o filho nesta entrevista. Relata ter sido positivo para ela, pois sente necessidade de falar sobre o filho. Fala sobre suas expectativas quanto a se emocionar ao falar sobre a perda vivida e diz ter se surpreendido por conseguir relatar sua vivência sem ceder às lágrimas.

Entrevista 02

Unidades de significado	Expressão de caráter psicológico
Ao chegar, cumprimento a participante, digo que voltei para que fizéssemos a segunda parte da entrevista e pergunto como ela está. Ela pede que eu aguarde um pouco para iniciarmos a entrevista enquanto finaliza uma atividade, no entanto, começa a falar sobre o filho e sua vivência no último final de ano [período recente].	
1. P3: eu estou bem, tu podes esperar um pouco? Só preciso terminar umas coisas aqui, é o tempo que ela termina também [sua chefe estava de saída] e aí a gente pode conversar com mais calma. E: tudo bem, eu aguardo sim. P3: como foi de final de ano? E: foi tranquilo, e o seu?	1. Dialogo inicial.
2. P3: foi bom, mas sei lá, o Natal não é mais a mesma coisa, pode ser que no futuro mude, quando vierem os netos talvez... mas por enquanto...	2. Antes mesmo de iniciar formalmente a entrevista, P3 começa a falar sobre questões relacionadas à perda do filho. Nesta unidade, revela que datas comemorativas, como o Natal, não são mais celebrados como antes.
3. E eu sinto assim essa necessidade que... eu tenho que falar do Mateus eu preciso falar! É uma coisa que me dá combustível, é aquilo que me dá aquele "ei! Vamos lá, vamos seguir!",	3. Relata sua necessidade de falar sobre o filho, descrevendo estar como um combustível para seguir em frente.
4. . mas tem dias que eu estou mesmo... se eu pudesse... nem sair de dentro do quarto eu não saía. É, é aquele nó, aquele nó direto, aí eu vou, olho para a foto dele, "ei moleque!", brigo com ele [risos].	4. Nesta unidade falar sobre as oscilações vividas. Refere que há momentos em que se sente desanimada. Descreve esse momento como um nó. Destaca a fotografia como um recurso importante no enfrentamento de momentos difíceis.
5. . Olha, passou uma entrevista em um programa de TV, uma mãe que recebeu uma carta psicografada do filho e ela falou que ela briga com ele, aí o psicólogo até comentou que isso é bom porque, de alguma maneira, tu não tens que te relacionar com ele como se fosse o coitadinho e eu sou assim, eu brigo com ele,	5. Utiliza exemplos publicamente conhecidos para justificar como aceitáveis sua atitude de expressar

<p><i> digo "porque tu fizeste isso comigo? Por que tu me deixaste, seu moleque?" eu brigo com o Mateus,</i></p>	<p>raiva pela ausência/morte do filho.</p>
<p><i>6. mas ao mesmo tempo, eu digo "coitado! Meu filho, eu sei que você não teve culpa, se fosse por sua vontade, você estaria aqui com a gente", então fica aquele conflito eu e ele.</i></p>	<p>6. P3 revela ambivalência de sentimentos relacionados a ausência do filho. Nesta unidade diz ter consciência da isenção de culpa do filho em sua morte.</p>
<p><i>7. Meu filho já me pegou conversando com ele, "com quem a senhora está conversando?", eu digo "meu filho, estou conversando com o teu irmão", aí eles respeitam esse meu lado, eles não são de estar falando, mas eles respeitam, sabe? Só quando eu já estou demais que eles me chamam atenção,</i></p>	<p>7. Relata já ter sido flagrada dialogando com o filho falecido. Diz que, apesar dos filhos se comportarem de maneira diferente quanto a ausência do irmão, respeitam estes momentos de P3.</p>
<p><i>8. porque como nós somos espíritas, querendo ou não, a gente sabe que acaba interferindo, porque o mesmo sofrimento que eu tenho, no espiritismo a gente acredita que eles sofrem também. Sofrem com a saudade, com a ausência, eles sofrem... é uma coisa nova para eles, de repente eles acordam e "Êpa!..." é tudo novo para eles, então eu tenho medo de interferir nessa parte espiritual dele.</i></p>	<p>8. Traz aspectos de sua crença religiosa que embasam sua forma de lidar com filho falecido e sua ausência. Refere temores quanto ao risco de seu sofrimento atual interferir no processo espiritual do filho.</p>
<p><i>9. Licença [toca o telefone e ela precisa atender].</i></p> <p><i>O que era mesmo que a gente estava falando? Dessa necessidade de estar falando e às vezes quando eu estou demais, os meninos me dão uma freada, não é?</i></p>	<p>9. Interrompe por necessidades de trabalho e retoma depoimento em seguida.</p>
<p><i>10. E: Pelo que você me diz da sua experiência, é tudo muito recente, não é? Para algumas pessoas pode ter passado muito tempo, mas me parece que para você, é tudo muito recente</i></p> <p><i>P3: é isso mesmo, eu falo mesmo isso para as pessoas.</i></p>	<p>10. P3 compreensão da entrevistadora quanto ao tempo de perda ser relativo. Confirma que, em sua vivência, a perda é algo recente, independentemente do tempo cronológico.</p>
<p><i>11. Olha, aconteceu uma situação no centro, tem um rapaz lá que é um dos trabalhadores, aí ele tinha acabado de sair do trabalho e a gente estava na lanchonete e ele desceu. Estava eu, minha mãe, meu filho, minha filha, minha nora, sentados assim, lanchando, e ele desceu com a farda das forças armadas, aquela farda azul... tu não tens noção, eu... eu estava comendo assim, parei, a mamãe olhou para mim, os olhos dela começaram a ficar vermelhos, a minha filha levantou, porque ela é assim, ela foge um pouco, ela saiu, foi embora; ele ficou, coitado, fiquei até com pena dele porque ele ficou tão assim... pediu desculpas. Olha, era igual a farda que ele usava [mostra foto do filho fardado]; ele me disse: "Dona Graça, pelo amor de Deus, não foi minha intenção", eu disse: "meu amor, você não tem culpa", [ele:] "é que eu vim direto do trabalho, já estava com a farda... desculpa". O Marcos só baixou a cabeça, desconversou; a mamãe não quis mais comer, chorou; e eu fiquei com aquele nó na garganta... parece que trava alguma coisa, o coração da aquela apertada, parece que vai sangrar aí... essas são umas coisas que... não tem como, não tem como a gente... [choro].</i></p>	<p>11. Traz o exemplo de uma situação vivida pela família em que eles se depararam com uma pessoa que despertou lembranças do filho falecido. Destaca a forma como cada um reagiu ao encontro. Descreve sua sensação com reações físicas, como nó na garganta, aperto no coração. Mostra-se emocionada ao relatar sensações físicas, revelando impossibilidade de manter-se bem diante de situações que trazem fortes lembranças do filho.</p>
<p><i>12. Foi muito difícil meu final de ano... eu só queria dormir... eu preferi dormir, sabe?! A minha irmã disse: "mana, porque tu fizeste isso?", mas eu acho que cada um tem uma maneira de... eu preferi ficar na minha, a minha vizinha veio "mas vizinha, a senhora estava aí? Porque a senhora não veio aqui para a frente?". Eu fiquei assim, preferi isso, preferi rezar, fiz uma oração com a mamãe...</i></p> <p><i>E: é o segundo ano sem o Mateus?</i></p> <p><i>P3: O ano passado foi hor-ri-vel! Apesar de que a gente estava reunido, meu ex-marido alugou um sítio, estava toda a família, foi muito difícil para a gente, estávamos todos ali mas esse ano eu preferi... ficar na minha, sabe?!</i></p> <p><i>E: o que é que foi difícil?</i></p> <p><i>P3: Nossa, o difícil... é não estar com ele, estar abraçando, desejar feliz ano</i></p>	<p>12. Retoma dificuldade vivenciada durante as festas de final de ano nos dois últimos anos. Quanto à passagem de ano mais recente, refere necessidade de isolar-se, ainda que pessoas próximas tenham questionado suas escolhas, P3 diz ter sustentado sua necessidade de recolhimento. Relembra vivência do ano anterior, descrevendo-a como horrível e, ainda que estivesse em família, em um local agradável, diz ter sido difícil viver esta data sem o filho falecido meses antes. Descreve esta dificuldade vivida</p>

<p>novo... porque era assim, ele chegava "bença' mãe?" e a gente desejava o melhor para o ano que estava entrando e é isso...</p>	<p>como ter que lidar com a ausência física e perda de hábitos familiares relacionados à data comemorativa.</p>
<p>13. ele, como eu te falei, tenho três filhos, cada um tem a sua individualidade, cada um tem o seu jeito e ele era o... apesar de eu ter uma filha, mas ele era o meu confidente, ele sabia da minha vida, ele sabia coisas íntimas, coisas que eu não confio em falar com ela e essa a questão que eu sinto falta.</p>	<p>13. Ainda sobre ausência, P3 fala sobre o lugar que o filho falecido ocupava em sua vida, revela que era seu confidente e sente falta de ter com quem dividir seus segredos. Relata ter consciência das individualidades de cada filho e que nenhum outro ocupa este lugar.</p>
<p>14. [sua chefe aparece, ela me apresenta e fala sobre a pesquisa, entrevista que estamos realizando e sobre sua participação].</p> <p>P3: ... é uma pesquisa com mães que perderam filhos e eu estou ajudando ela, mas é bom porque... eu estou ajudando ela, é bom desabafar e como ela é psicóloga, também me ajuda.</p> <p>[Conteúdo acima retirado por não se tratar de uma demanda da participante, e sim de uma terceira pessoa. Desse breve diálogo, é importante destacar o conteúdo "ciúme dos filhos vivos" para com o comportamento da mãe em dar muita importância ao filho falecido].</p>	<p>14. P3 fala, a partir de sua perspectiva, sobre os benefícios mútuos em ser participante da pesquisa em questão.</p>
<p>15. P3: vamos sentar um pouquinho, vem aqui. Eu tinha mesmo essa dúvida porque eu via que incomodava os outros, sabe?! Mas não, eles [filhos] não se incomodam. Eu até gostei dela ter me feito essa pergunta [remete-se ao questionamento feito pela chefe sobre os filhos vivos terem ciúmes do irmão falecido já que a mãe demanda grande atenção a ele], realmente me fez pensar "égua, espera aí, eu tenho que ver os outros, eles precisam de mim".</p>	<p>15. P3 fala sobre o incômodo alheio frente suas atitudes relacionadas ao filho falecido. Destaca não haver incômodo por parte de seus filhos que, segundo ela, compreendem suas necessidades frente à ausência do irmão. Relata que tais questionamentos lhe fizeram refletir sobre a atenção oferecida aos filhos vivos.</p>
<p>16. E: A minha impressão quando você me fala sobre isso de postar coisas nas redes sociais, de estar sempre fazendo homenagens ou coisas desse tipo, o que me parece é que... os outros filhos estão presentes...</p> <p>P3: Égua, tu acertaste! É isso! É isso mesmo</p> <p>E: é como se, de alguma forma, ali ele estivesse presente e também fosse lembrando. Não que os outros não sejam importantes, mas estão ali construindo memórias e vivências e juntos todos os dias.</p> <p>P3: é isso mesmo! É verdade, é isso mesmo que você falou. Porque eu sou meio assim de tentar mostrar, mas é isso mesmo, mas isso é a resposta, eles estão comigo todos os dias e eles estão... é isso mesmo.</p>	<p>16. P3 confirma compreensão da entrevistadora acerca de suas atitudes sobre homenagens ao filho falecido feitas em redes sociais. Demonstra sentir-se contemplada e reafirma que tais publicações são uma das formas encontrada para manter lembranças vivas, fazê-lo também presente em seu cotidiano, assim como os filhos que permanecem vivos.</p>
<p>17. Eu ainda agora coloquei e como eu coloco coisas, coloco frases. Logo no início, eu colocava muita coisa, sabe?</p>	<p>17. P3 fala sobre a frequência com que faz publicações em redes sociais relacionadas ao filho falecido. Destaca que logo após a morte, as publicações eram muito frequentes.</p>
<p>18. Então teve uma senhora lá no centro que me chamou, me disse assim: "minha filha, eu quero te falar uma coisa, mas não é pra te magoar, mas tenta postar um pouco menos porque querendo ou não, é... é um sofrimento, as pessoas entram, veem as fotos com sofrimento e não têm que ver as fotos com sofrimento, eles tem que ver as fotos do Mateus com alegria porque ele era alegre". Aquilo me fez analisar... aí foi que eu comecei a diminuir; frases eu ponho, datas, as datas não tem como eu esquecer, dia 8, todo dia 8, ele fez agora um ano e tantos meses, eu coloco mais assim...</p>	<p>18. Ainda sobre as publicações em redes sociais, relata situação em que foi alertada por uma conhecida. Refere que aquelas colocações lhe fizeram refletir e diminuir a frequência de publicações, ainda sim, em datas importantes, P3 diz que faz homenagens para marcá-las.</p>

<p>19. E: a data que ele foi é sempre uma data muito importante para ti, não é?</p> <p>P3: pra mim... é uma coisa assim... muito importante, é a data que ele partiu, a data da viagem dele.</p>	<p>19. P3 refere que a data da morte do filho é uma data importante para si.</p>
<p>20. Essa semana, sem querer eu fui mexer nos meus vídeos e... o pessoal do quartel gravou, perguntou, pediu permissão para gravar todo o velório dele porque foi bem bonito, fizeram uma homenagem para ele aí eu sem querer entrei no vídeo, égua, nossa! Aí tive que logo sair porque isso me faz... viver coisas muito pesadas, eu acabo me sentindo mal, mal que eu falo é no corpo, eu fico meio... falta meu ar e eu já percebi que eu tenho que evitar algumas coisas, não ver. Com o tempo eu estou percebendo que tem coisas que realmente eu tenho que não ver, dar uma freada mesmo.</p>	<p>20. Nesta unidade, P3 fala sobre uma situação em que acabou acessando um vídeo de homenagem ao filho que lhe traz lembranças ruins. Refere sensações físicas de mal-estar. Revela que ultimamente tem percebido que o contato com algumas coisas lhe traz sofrimento e, portanto, devem ser evitadas.</p>
<p>21. Eu acabo, eu Graça, no espiritismo a gente fala que baixa a vibração e eu posso acabar entrando em uma depressão mais profunda que é uma coisa que eu não quero, jamais! Nunca!</p>	<p>21. Traz aspectos de sua crença religiosa que lhe ajudam a compreender sua vulnerabilidade ao sofrimento. Refere temores quanto ao risco de estar exposta a um quadro depressivo.</p>
<p>22. Como eu te falo, é uma luta diária, e é realmente é uma luta diária, se eu for entrar na onda mesmo, como eu te falei, não saio nem de dentro de casa... desânimo, tem dias que eu estou muito desanimada que a saudade está grande que eu fico muito desanimada. Te juro, tem dias que bate um desespero, da vontade de sair na rua andando, "épa, espera aí!" eu mesma tenho que me policiar, eu mesmo tenho que me chamar atenção "ei! Calma!", porque se não... Eu fico, às vezes, pensando que é por isso que tem mãe que acaba enlouquecendo, que acabam... não tem aquela coisa... não que eu seja melhor que elas, mas a gente tem que... dar uma freada "ei! A vida segue, o amor está aí! Ele está dentro do teu coração mas a vida segue!"</p>	<p>22. Refere a saudade, por vezes intensa, como um gatilho para o desânimo. P3 relata que em alguns dias é difícil lidar com estas emoções e se vê diante de uma luta diária para não sucumbir à tristeza. Diz que ao se perceber desanimada, busca formas de autocontrole e automotivação para seguir em frente. Traz reflexão que lhe ajudam a compreender, a partir de sua vivência, o sofrimento de outras mães que vivencia situações semelhantes.</p>
<p>23. E: e têm dias que são mais difíceis, outros que são menos difíceis... não é?</p> <p>P3: é! Mais difícil e menos difícil. O natal... são datas assim... dia 8, todo dia 8 eu fico... muito depressiva, deprê, depressiva não, fico derpê</p>	<p>23. P3 relata que em dias difíceis, como o Natal e o dia do mês em que o filho faleceu (dia 8), sente deprimida.</p>
<p>24. E: e é diferente, não é? O depressiva do deprimida</p> <p>P3: é diferente, mas qual é a diferença?</p> <p>Faço breve orientações psicoeducativas sobre a diferença entre um transtorno depressivo maior e um estado de humor deprimido característico do processo de luto.</p> <p>E: o que você e diz e me mostra é que tem dias que você está mais triste, não é? Hoje você me parece mais triste, talvez porque hoje a gente tenha um espaço mais reservado para tua dor [neste dia, conseguimos um espaço com privacidade e percebo que ela se permite contatar mais profundamente seus sentimentos]. O que eu percebo na sua fala é que tem momentos em que você está mais entristecida e em outros momentos você respira fundo e segue em frente, como algo te motivasse a continuar.</p> <p>P3: Então eu estou deprimida e não depressiva. É isso que eu luto para não entrar, sempre busco as coisas que me motivam a continuar, seguir em frente. É essa a dúvida da minha mãe, vou explicar para ela.</p>	<p>24. P3 refere saber que existe diferença entre estar depressiva e estar deprimida, porém não tem clareza sobre o assunto. Pede esclarecimentos. Refere, a partir de sua vivência e informações recebidas, perceber que se encontra deprimida e sinaliza novamente seus esforços para não entrar em um quadro depressivo.</p>
<p>25. E esse é um luto assim que não tem data...</p> <p>E: não tem data</p> <p>P3: é isso, não tem data, não tem! Nossa! Eu ponho fotos dele nas redes sociais,</p>	<p>25. Segue falando sobre a tristeza e diz percebe-la como parte de um luto sem perspectivas de ser encerrado. Refere utilizar fotografias do filho como forma de</p>

<p><i>em todo lugar tenho fotos com ele me abraçando, ele tinha essa mania de me abraçar, me chamava de "minha baixinha" e me segurava, me cheirava, me puxava para dançar e é isso, é essa falta desse abraço, desse cheiro, dessa vozinha, dele me acalantar, sabe? De bater a porta na minha cara, de eu chamar atenção, é o cotidiano, não é?</i></p> <p><i>E: é o cotidiano que faz falta, não é?</i></p> <p><i>P3: é o cotidiano que faz falta.</i></p>	<p>mantê-lo presente, entretanto, sofre com a ausência física e perda de aspectos da convivência cotidiana.</p>
<p><i>26. Depois que aconteceu isso dele viajar, tem coisas que eu não sinto vontade de falar, minha filha diz que tem vezes que parece que eu estou aborrecida; teve um domingo aí que eu estava calada, querendo ou não, acabei atingindo meus filhos, minha mãe, porque querendo ou não, eu tratei eles com um pouco de grosseria e depois eu comecei a chorar porque aquilo ali não tem nada a ver com eles, era eu...</i></p> <p><i>Eu: te machuca?</i></p> <p><i>P3: é! Depois eu acabei pedindo desculpas para minha mãe aí eu vi que... tem dias que... é a saudade que está muito grande. Eu fico irritada, realmente, eu fico irritada.</i></p>	<p>26. P3 refere aspectos pessoais que percebeu mudança após a morte do filho. Traz relato de situação vivida em família em que seu comportamento de estar calada gerou um desconforto familiar. Refere que nos momentos em que sente forte saudade do filho, fica irritada, revelando que em alguns momentos é difícil lidar com o que sente e isso acaba refletindo nas relações familiares.</p>
<p><i>27. E: hoje o nosso momento de conversa seria mais breve, é um fechamento mesmo, mas eu percebo que você me traz essa necessidade de falar, de entender o que se passa contigo porque talvez seja difícil compreender como é viver com essa dor, com esse luto.</i></p>	<p>27. Compreensão da entrevistadora</p>
<p><i>28. ... Eu percebo também a sua necessidade de saber se isso acontece também com outras pessoas ou se é algo de errado que acontece contigo</i></p> <p><i>P3: é por isso que eu te perguntei, porque, égua, não é possível....</i></p> <p><i>E: E é importante poder conversar com outras pessoas que sofreram perdas, de poder trocar uma ideia, poder ajudar e receber ajuda, não é?</i></p>	<p>28. P3 confirma compreensão da entrevistadora e reafirma seu interesse em ter mais informações sobre a vivência de perda de outras pessoas</p>
<p><i>29. P3: Lá no centro tem uma mãe, na verdade, duas mães, quando uma delas me vê, ela vem, me abraça, me pergunta: "de onde vem essa tua força? Como tu consegues?", ela pergunta. Eu digo: "ele me dá, Deus me dá essa força", então a gente... eu chamo atenção "ei, vamos! Lembra das coisas boas", quer dizer, eu estou tentando passar para ela porque ela estava muito deprimida, eu percebia no olhar dela e eu percebi que eu precisava dar aquela... "ei, vamos! Do que a tua filha gosta?", assim, sorridente...</i></p> <p><i>E: vocês precisavam se ajudar ali, naquele momento, é isso?</i></p> <p><i>P3: é, eu precisava....</i></p>	<p>29. P3 traz exemplos de pessoas conhecidas que também sofreram perdas e buscam sua experiência como parâmetro. Revela ter Deus como seu principal suporte. Refere usar sua experiência para ajudar outras pessoas, em busca de uma relação de mútua ajuda.</p>
<p><i>30. E: Você me fala naquela primeira entrevista sobre a sua dor e para mim ficou muito claro que o processo de luto ainda é muito vivo em ti, são momentos e momentos. Em alguns momentos que é difícil olhar para a partida dele, tem momentos em que você está plenamente consciente de que ele não está mais aqui e isso não quer dizer que não doa. Tem momentos em que dá para ficar alegre pela alegria dele, não é? E tem momentos em que a alegria dele não é o suficiente para te deixar alegre. Então tudo isso faz parte desse momento, e talvez não exista uma data para terminar, mas você me mostra que sente que o momento muda. Disse ainda agora que ano passado foi muito difícil a virada de ano, esse ano também foi, mas que ano passado foi muito mais, não é?</i></p> <p><i>P3: muito! Apesar de que eu estava rodeada de gente, mas... sabe? Acho que devido a companhia deu até pra gente... mas esse ano eu preferi ficar na minha...</i></p>	<p>30. P3 retoma a sofrimento vivido em data comemorativa (virada de ano novo) nos dois últimos anos em que passou sem o filho.</p>
<p><i>31. E: é importante compreender sua necessidade, compreender que vários sentimentos fazem parte desse momento e respeita-los. Percebo que você se pergunta se isso teria um fim, aí eu te pergunto, seria possível ter um fim para essa dor, na tua vivência?</i></p>	<p>31. P3 relata sua compreensão sobre a dor do luto, descrevendo-a como constante, horas mais intensa, horas menos intensa, sempre</p>

<p>P3: não... não... ela está ali, eu digo que é uma dor que... Tem horas que ela está só latejando, levemente, mas tem horas que ela brota e que vem com tudo "é hoje!", mas ela está lá, direto... ela está lá.</p>	<p>presente.</p>
<p>32. Como eu te falei, quem sabe com a vinda dos netos que eu tenho fé em Deus que eles vão chegar meus netinhos, possa ser que isso também dê uma sacudida; pode ser que ano que vem eu já monte a minha árvore, pode ser que... enfim...</p>	<p>32. P3 traz perspectivas de mudanças em um futuro próximo. Anseia pela chegada de netos e refere expectativas de mudanças positivas para passagem de datas comemorativas, como o Natal.</p>
<p>33. Ele, meu filho, nossa! Nenhum filho é igual aos outros [choro]</p> <p>Eu: e nunca vai ser, não é?</p> <p>P3: [choro/pausa] Eu falo para eles e eles dizem: "mãe, nós somos diferentes um do outro", isso eu sei. Até parei mais de ficar comparando, eu comparava muito ai minha filha chorava e dizia: "para de comparar a gente, cada um tem..." ai eu parei de comparar.</p>	<p>33. Emocionada, P3 retoma a questão das individualidades de cada filho e, nesta unidade, fala sobre as comparações que passou a fazer após o falecimento de Mateus. Revela que o incômodo e sofrimento gerado em seus filhos vivos, principalmente Mariana, lhe chamaram atenção para não insistir em comparações.</p>
<p>34. O Marcos agora vai casar, [choro intenso] eu sinto "meu Deus, meu filho vai embora..." porque enquanto ele está lá, está fazendo bagunça, ela está lá... e quando eles forem? Eu sei que eles vão, mas vão estar próximos, eles vão estar lá, ele diz: "mãe a gente vai, mas é pertinho do condomínio, qualquer coisa, eu venho almoçar aqui com a senhora" mas... ele vai não é? Eu me apeguei mais ainda a ele, muito mais a ele</p> <p>Eu: Então essa dor de hoje tem haver também com mais essa partida, não é?</p> <p>P3: também...</p> <p>Eu: quando é que seu filho vai sair de casa?</p> <p>P3: final do ano. Ele já está organizando a casa dele, já se formou, está empregado na área dele, a noiva também está trabalhando. Eles já estão já... ele é normal, tem que ser assim mesmo.</p>	<p>34. Emocionada, P3 traz preocupações com perda futura. Neste caso, não por morte, mas pela saída do filho mais velho de casa. Revela sofrimento antecipatório com a perda da convivência cotidiana. Diz ter intensificado apego aos filhos vivos após a morte de Mateus. Diz ter consciência de que a saída de casa de Marcos é esperada, ainda lhe causa abalo emocional.</p>
<p>35. O Marcos sempre foi uma pessoa, realmente, de que tem que seguir a vida, ele nunca foi de dizer: "ah, é minha mãe, vou ficar...", o Mateus não. O Mateus era de falar que ele ia morar comigo, ele ia... mas é, é isso não é? É o filho que ia, quando eu não queria dormir de noite, batia na porta do quarto, deitava junto com ele. O Marcos eu quase não fazia porque o ele... é aquela coisa, cada um tem a sua forma... mas eu... eu vou ter que ir me adaptando, tem que me adaptar, não é?</p>	<p>35. P3 relata características de personalidade de seu filho mais velho, Marcos, e compara com Mateus, filho falecido, destacando que este último sempre demonstrou interesse em morar com ela. Lamenta a perda de seu filho companheiro e a perda de um futuro interrompido por sua morte precoce. Relata ter consciência, ainda sim, dificuldades em lidar com as futuras mudanças.</p>
<p>36. E: Pelo que você me diz, eu percebo que você tem várias formas de manter o Mateus vivo, não é? E a presença física dele vai fazer falta sempre, não é? Mas ainda sim, você guarda as roupas dele, ouve as músicas que ele gostava, mantém sempre por perto as fotos dele...</p> <p>P3: sim! A minha casa é cheia de fotos, é uma necessidade minha, de acordar de manhã, ligar o meu celular e a foto dele está lá, de dar bom dia, de mandar um cheiro, de noite nas minhas orações, conversar com ele: "meu filho, receba a benção da sua mãe", "meu filho, receba um buquê de flores e um abraço", então é uma maneira que eu tenho dele sentir meu amor também porque eu sei que ele sente minha falta, apesar dele já estar em um plano, eu acredito, eu acredito na minha... que ele está em um plano já bem... melhor, graças a Deus... e é isso.</p>	<p>36. Sobre as formas de manter o filho presente e sua relação com as fotografias dele, P3 refere ser uma necessidade sua ter contato constante com as imagens do filho. Diz que sua casa é repleta de fotos e que diariamente dialoga com o filho através das imagens. Descreve essa relação com uma forma de transmitir o seu amor pelo filho.</p>
<p>37. E: Pensar nele é constante, não é?</p>	<p>37. P3 refere que está constantemente pensando no filho</p>

<p>P3: <i>é constante</i></p>	<p>falecido.</p>
<p>38. E: <i>E como é que foi para ti falar dele naquela entrevista através das fotos?</i></p> <p>P3: <i>como assim?</i></p> <p>E: <i>da gente falar dessa tua vivência de perda usando as fotos para falar dele, digamos assim, ter as fotos como um ponto de partida? [percebo que ela não compreende a pergunta]. Naquele dia, falamos da sua vivência e você falou do Mateus através das imagens dele, não é?</i></p> <p>P3: <i>sim</i></p> <p>E: <i>E como é que foi para você falar sobre ele assim, dessa forma, pelas imagens?</i></p> <p>P3: <i>Foi uma forma... dele estar vivo ainda, dele estar ali, é isso! Eu preciso...</i></p>	<p>38. P3 demonstra não compreender inicialmente a indagação da entrevistadora, ainda sim, revela que usar as imagens para falar do filho é uma forma mantê-lo vivo.</p>
<p>39. E: <i>e como você se sentiu falando sobre ele?</i></p> <p>P3: <i>Ai, ao mesmo tempo, eu fico... alegre porque eu estou falando de uma pessoa maravilhosa, até porque meu filho tinha o lado dele... mas eu estava falando daquele menino doce, aquele menino, ao mesmo tempo brincalhão, menino moleque, então as fotos me fazem lembrar disso, sabe? Dos vídeos mandando caretas.</i></p>	<p>39. Sobre falar do filho em entrevista, P3 revela sutil ambivalência de sentimentos, porém não aprofunda conteúdo, limita-se a falar sobre a alegria em falar as qualidades do filho e as lembranças boas que as fotografias lhe remetem.</p>
<p>40. <i>Essa semana o primo dele foi lá me casa, e o Mateus tinha uma mania de levantar o nariz assim [demonstra o gesto] e fazia uma caretinha, quando ele estava vendo televisão, ele fazia parece... eu dizia: "tu já estas fazendo essas tuas caretas, seu seco!"; e do nada o primo dele, eles têm a mesma postura, altura, ele fez igual, eu olhei... "menino!!" mana, igual! O mesmo jeito de levantar o nariz, aí o Marcos me olhou e já sabia o que era. Aí vem... vem aquela saud... vem aquela saudade forte, mas não foi de tristeza, foi a saudade dos gestos dele, não foi um momento triste, foi de saudade mesmo, da caretinha, do jeito que ele fazia com o nariz...</i></p>	<p>40. Relembra situação recentemente vivida em família que lhe remeteu a um hábito do filho falecido que lhe despertou forte saudade. Diz não ser uma saudade triste, mas um sentimento ligado à falta e que remeteu a lembranças boas de características e hábitos do filho.</p>
<p>41. <i>e essas fotos fazem... eu gosto de estar olhando os vídeos dele, entendeu? E isso...</i></p> <p>E: <i>É como se fosse uma forma de manter sempre vivo na lembrança esses pequenos detalhes, é isso?</i></p> <p>P3: <i>isso! Da roupa, de botar lá fora para pegar sol, aí eu fico olhando... para mim, é como se ainda estivesse com o cheiro dele</i></p>	<p>41. P3 refere que as fotos lhe trazem boas lembranças do filho. Tanto fotos quanto vídeos e roupas, são para P3, uma forma de manter o filho vivo em seu cotidiano. Diz ter a sensação da presença dele.</p>
<p>42. <i>Eu já me desfiz de bastante roupa, até porque a mãe dizia "minha filha, doa essas roupas, para que guardar na gaveta?", eu já doe bastante, mas eu gosto.</i></p>	<p>42. refere já ter doado grande quantidade das roupas que pertenciam ao filho, ainda sim, revela afeição por objetos pessoais dele.</p>
<p>43. <i>De manhã eu ponho... eu digo que o cantor Diogo Nogueira... se eu pudesse mandar um e-mail para ele e dizer tudo, porque ele fez parte do Mateus, muito grande. Eu escuto dia de sábado é Diogo Nogueira, eu vou escutando e vou lembrando dele chegar na sala dançando, me puxando para dançar e aí eu acho graça sozinha e é assim, é desse jeito.</i></p>	<p>43. P3 relata manter hábitos que lhe remetem a lembranças boas do filho, como ouvir músicas que marcaram a vida de ambos.</p>
<p>44. E: <i>Sempre faz questão de deixar ele bem vivo na lembrança, não é?</i></p> <p>P3: <i>Bem vivo na minha lembrança</i></p>	<p>44. Reafirma compreensão da entrevistadora sobre manter o filho vivo na lembrança.</p>
<p>45. E: <i>e me parece que as fotografias têm um papel [P3 interrompe e completa]</i></p> <p>P3: <i>Muito importante!</i></p> <p>E: <i>nessa lembrança?</i></p>	<p>45. P3 revela que as fotografias têm um papel importante na manutenção das lembranças do filho falecido. Refere que busca as imagens justamente por querer lembrar-se do filho, ao contrário de</p>

<p>P3: <i>sim, sim! Muito, muito, muito, muito, muito! Eu não quero dizer assim "aí, eu não quero olhar aquela foto, eu não quero lembrar!". Eu gosto de olhar porque eu quero lembrar! Eu preciso lembrar dele todo dia. Eu preciso olhar e agradecer, e respirar e vamos lá!</i></p>	<p>outras pessoas próximas, P3 diz ser uma necessidade pessoal.</p>
<p>46. <i>Porque ele está ali e parece que ele está dizendo: "ei! Ei baixinha!", ele me chamava de baixinha, "vamos lá, a vida segue, eu não quero ver a senhora... a senhora é forte!", ele dizia para mim, "a senhora não é fraca não, a senhora é muito forte, viu?!". Então é isso, parece que ele está me olhando e dizendo: "ei, vamos lá, a vida segue, tem o Marcos, tem a Mariana..." parece que ele está... sempre...</i></p> <p>E: <i>é como se a imagem dele que está ali registrada naquela foto te dissesse alguma coisa, é isso?</i></p> <p>P3: <i>sim, sim! Eu vejo dessa maneira.</i></p>	<p>46. Segue falando sobre as fotografias. Na vivência de P3, elas marcam a presença do filho falecido. Diz que, ao olhar para as imagens, é como se ele mantivesse contato com a ela através do olhar e palavras que ela precisa ouvir.</p>
<p>47. <i>Claro que tem dias que eu olho aí vem a saudade, eu choro, limpo meu rosto e vamos lá, é assim que eu faço.</i></p>	<p>47. Relata que olhar as fotos também lhe desperta saudade e lágrimas.</p>
<p>48. E: <i>Esse nosso momento agora é para que gente possa ver se aquilo que você me relatou naquele primeiro momento é o que eu compreendi e eu percebo que sim. Pelo seu relato de hoje, percebo que você me confirma o que compreendi sobre a sua vivência. Sobre os momentos difíceis, a importância das fotos, assim como, da sua crença, sua fé, seus filhos...</i></p> <p>P3: <i>é isso mesmo.</i></p>	<p>48. P3 confirma a compreensão da entrevistadora sobre sua vivência e relação com as fotografias</p>
<p>49. <i>Eu vou te falar com toda sinceridade, todo mundo se preocupou comigo, minha mãe então... devido coisas passadas de depressão que eu já tive, enfim, mas o medo era de cair em depressão e de não querer e aí minha mãe dizia: "minha filha, eu te acho tão forte" então é Deus...</i></p>	<p>49. P3 revela preocupação de outras pessoas em relação ao seu estado emocional, justificada pelo fato de já ter passado por um período de sofrimento que considera ter sido uma depressão. Diz acreditar que sua é proveniente de Deus.</p>
<p>50. E: <i>O que me parece, sobre ser forte, que todo mundo lhe diz, é importante para você, mas ao mesmo tempo é uma cobrança, não é? De que você esteja sempre forte</i></p> <p>P3: <i>É! É! Esse lado aí é verdade, e nem todo dia, tem dias que eu preciso de um abraço. Olha, um dia desses a minha mãe estava deitada e ela viu que eu estava meio murçinha aí ela disse: "vem cá minha filha, vem cá", mas ela me deu um abraço assim... ela disse: "eu sei que tu estas precisando disso", eu disse: "égua mãe, não precisou nem eu falar nada", mas ela me deu um abraço... agora sim, eu vou fazer as minhas coisas. Porque há essa necessidade sim e eu sinto.</i></p>	<p>50. P3 confirma a compreensão da entrevistadora sobre a necessidade de se manter forte, perante si mesma e aos outros. Ainda assim, afirma que mesmo reconhecendo sua força, há momentos de fragilidade que sente necessidade de acolhimento. Traz exemplo de situação vivida com a mãe que percebeu sua necessidade de colo e pôde acolhe-la.</p>
<p>51. <i>Por quê? Pelo fato de... dele, claro, ele era muito carinhoso e eu sinto, eu preciso, eu sou muito assim... o Marcos fala, que eu sou muito tola "ah, lá vem a tolinha", "lá vem a dramática", então ele acha que eu sou assim. Eu não sei se é um defeito, eu não sei se te dizer realmente o que é...</i></p>	<p>51. Associa a necessidade de afeto a características comuns a ela e ao filho falecido, relata que ambos eram carinhosos, diferente de outros familiares que percebem essa necessidade de acolhimento como drama ou tolice.</p>
<p>52. E: <i>independente do que seja, é importante que para você o "ser forte" seja também respeitar as tuas emoções, não é? Até porque, para ser forte, às vezes você precisa desse abraço, não é?</i></p> <p>P3: <i>Muito! [risos]</i></p>	<p>52. P3 confirma a compreensão da entrevistadora quanto a necessidade de ser forte incluir também momentos de fragilidade de necessidade de acolhimento.</p>
<p>53. E: <i>Você me fala sobre uma preocupação muito grande das pessoas que te amam sobre o risco de uma depressão, mas talvez essa nem seja a principal questão. Percebo que você tem uma necessidade muito grande de falar sobre seu filho, de ser acolhida em sua dor e em suas alegrias e, nesse caso, o</i></p>	<p>53. Entrevistadora fala sobre a importância da psicoterapia. P3 se mostra interessada em se beneficiar</p>

<p><i>acompanhamento psicológico seria de grande importância, por ser um espaço onde você pode falar livremente sobre ele ou sobre o que bem entender e pode te oferecer o suporte emocional para esse enfrentamento.</i></p> <p><i>P3: eu poderia falar do que eu quisesse, não é? Sem precisar ficar me policiando "êpa! Já estou falando do Mateus de novo".</i></p> <p><i>E: isso mesmo, na terapia você poderá falar dele o quanto quiser, quando quiser.</i></p>	<p>deste espaço sugerido.</p>
<p><i>54. Digo isso porque percebo que você precisa falar sempre nele e, às vezes, não encontra espaços e pessoas para desabafar.</i></p> <p><i>P3: Parece que me alivia, parece que eu fico mais leve quando falo dele. Parece que quando eu estou assim... aí fico angustiada, parece que eu estou fechada aí eu não consigo e acabo chorando e me aborrecendo. Eu sinto essa necessidade de falar, falar, falar...</i></p>	<p>54. P3 refere ter necessidade de falar sobre o filho. Descreve a sensação de alívio que experimenta ao falar sobre o filho, diz sentir-se mais leve. Ao passo que, nos momentos em que não encontra espaço para desabafar, diz sentir-se angustiada, desencadeando choro e irritação.</p>
<p><i>55. E: e se você estiver em terapia, sabe que terá um espaço naquela semana para falar sobre isso, desabafar sobre essa angústia com alguém que está ali para te ouvir e não para julgar</i></p> <p><i>P3: interessante! Então, querendo ou não, é até bom eu procurar terapia, não é?</i></p> <p><i>E: é sim</i></p> <p><i>P3: a terapia é a mesma coisa que um psicólogo, é?</i></p> <p><i>E: o psicólogo é o profissional que conduz a terapia, a psicoterapia</i></p> <p><i>P3: ah tá, entendi</i></p> <p><i>E: como você me diz sobre um histórico de depressão, a gente fica em alerta ao risco de um novo episódio depressivo, mas independente disso, é importante cuidar desse seu processo de luto. É importante que esse espaço de escuta exista e você se sinta acolhida ao falar sobre o que sente para que não acumule esse sofrimento e corra o risco de um adoecimento emocional ou físico mesmo.</i></p>	<p>55. Entrevistadora segue falando sobre os benefícios do espaço psicoterapêutico. P3 demonstra interesse e esclarece dúvidas sobre o assunto.</p>
<p><i>56. Você me diz que o que sente emocionalmente vem para o corpo, não é?</i></p> <p><i>P3: vem para corpo, tudo que eu sinto aparece também no meu corpo, eu já percebi isso. Quando eu fico muito triste, fechada, muito assim, a minha pressão baixa, eu fico meio tonta, me dá dor de barriga, vontade de vomitar. Causa algumas coisas que aí, claro que no início eu não tinha notado esse detalhe, mas aos poucos eu fui percebendo que quando eu me sentia assim, assim, acontecia isso, isso, aí "êpa, espera aí" comecei a ver que eu sentia mesmo no corpo, engraçado, não é? Como esse negócio de guardar... mexe com... não é?</i></p>	<p>56. P3 refere perceber que suas emoções também são manifestadas em sintomas físicos, principalmente sentimentos e emoções associadas ao sofrimento. Descreve sintomas que inicialmente não eram associados ao seu estado emocional e, com o passar do tempo, começou a perceber que a tristeza e sofrimento não expressados se manifestavam também em sintomas físicos de mal-estar.</p>
<p><i>57. E: Percebe a importância de dar vazão?</i></p> <p><i>P3: Mexe muito, não é?</i></p> <p><i>E: com você acontece dessa forma, não é?</i></p> <p><i>P3: então tu achas que isso d'eu ficar muito assim causa isso, esse mal-estar...</i></p> <p><i>E: não tenho como te dar certeza que seja uma relação de causa e efeito, mas é uma possibilidade sim</i></p> <p><i>P3: é porque só quando eu fico muito... que me dá... eu fico tonta, me dá um mal-estar</i></p> <p><i>E: pode ser uma forma de explicar, mas não quer dizer que seja a única, ok?</i></p>	<p>57. Entrevistadora chama atenção para a importância de dar vazão aos sentimentos e P3 mostra-se reflexiva e traz questionamentos se isso então seria a explicação para o seu sofrimento físico</p>

<p>58. <i>É importante que você busque uma avaliação mais completa, um espaço adequado para falar sobre tudo que sente. Tudo isso que estamos conversando hoje, o que estou dizendo para você, são orientações, esclarecimentos, entendeu? Coisas que podem te ajudar a te perceber melhor. O nosso objetivo aqui é uma entrevista de pesquisa, não é? Mas também me comprometi em fazer orientações e encaminhar para acompanhamento psicológico quando percebesse a necessidade, por isso as orientações para que você busque um espaço de escuta</i></p> <p><i>P3: mas só isso que você me disse que pode ser que não seja uma depressão, mas que eu posso estar deprimida e que isso não quer dizer que eu esteja doente, eu já fiquei bem mais tranquila [risos] porque eu estava preocupada com isso.</i></p>	<p>58. Entrevistadora relembra contrato previamente acordado por meio do TCLE, e faz esclarecimentos sobre o objetivo e possibilidades do espaço de escuta ofertado por meio da entrevista. P3 se mostra atenta e diz sentir-se mais tranquila com as orientações recebidas, principalmente no que se refere à depressão.</p>
<p>59. <i>E: Percebo que você precisa de outras pessoas, alguém que te diga que isso não é anormal, não é? Para que você se sinta mais confortável com o que sente, não é? É importante compartilhar sua experiência com outras pessoas</i></p> <p><i>P3: é verdade</i></p> <p><i>E: existem também espaços online em que você pode ter contato e compartilhar experiências como pessoas que também passaram por perdas, talvez seja importante para você. A terapia entra como um espaço só seu, onde você pode falar de você e ser acolhida no que sente.</i></p>	<p>59. P3 confirma a compreensão da entrevistadora sobre sua necessidade de ter acesso a informações e compartilhar experiências</p>
<p>60. <i>Você me fala de um processo de luto intenso, recente...</i></p> <p><i>P3: mas isso é bom ou é ruim?</i></p> <p><i>E: não é nem bom, nem ruim, não existe um protocolo para viver uma perda, não é?</i></p> <p><i>P3: é verdade, não tem bula, não é? [risos]</i></p>	<p>60. P3 questiona sobre a possível normalidade ou anormalidade de seu processo de luto e constata que não existe um manual sobre a melhor forma de vivencia-lo.</p>
<p>61. <i>E: você me fala de um luto que sente não ter data para terminar, não é? Se você sentir necessidade, você pode procurar os serviços [falo sobre os locais em que pode ter acesso a assistência psicológica]</i></p> <p><i>P3: interessante, coisas que a gente, particularmente, eu não conhecia. É uma coisa que não é muito falado, não é muito divulgado... é muito bom saber disso, desses detalhes de onde a gente pode procurar essa parte clínica, é interessante de saber. Porque até então a gente fica meio que voando nesse lado profissional, aí você me diz que existe a gente pode procurar, é muito bom.</i></p> <p><i>E: Que bom que essa informação é importante para você.</i></p>	<p>61. P3 se mostra surpresa quanto às orientações sobre espaços onde pode buscar psicoterapia em sua cidade. Refere satisfação em saber de informações até então desconhecidas para ela.</p>
<p>62. <i>P3: eu vou aproveitar para tirar uma outra dúvida. Depois que o Mateus viajou... tem um lado meu, o lado de mulher... eu não consigo mais, não sei se interferiu, não sei se...</i></p> <p><i>E: como você se sente com isso?</i></p> <p><i>P3: eu não era assim, não é mais a mesma coisa e eu percebi muito isso, essa mudança depois que ele viajou.</i></p> <p><i>Eu: esse é um ponto importante para ser trabalhado em terapia, é importante que um profissional possa te ajudar a lidar com as suas questões afetivas. Eu percebo que você sente necessidade de retomar sua vida, não é? Mas parece que tem algumas coisas que ainda estão difíceis</i></p> <p><i>P3: E realmente, eu digo que... não estou culpando, não é? Culpando e não, mas eu percebi que também, essa parte afetiva parece assim que eu... não consigo, parece que eu não consigo nem amar... eu não sei, alguma coisa em mim, fora a saudade do meu filho que como eu te falei, parece que se apagou, não sei se isso influenciou também.</i></p> <p><i>E: Percebo que existe uma cobrança pessoal muito grande com relação a essa sua parte afetiva, não é?</i></p>	<p>62. P3 aproveita espaço de escuta para esclarecer dúvidas sobre questões que considera ter alguma relação com a perda do filho. Traz assuntos sobre suas relações afetivas e feminilidade. Diz não se reconhecer da maneira como se encontra hoje e acredita que mudanças ocorreram após o falecimento do filho. Refere sentir que algo tivesse apagado dentro de si, impossibilitando-a de investir em si, como antes. Percebe existir cobrança pessoal neste aspecto de sua vida.</p>

<p><i>P3: existe sim</i></p> <p><i>E: por isso também é importante compreender melhor o que ela significa na tua vida</i></p>	
<p><i>63. P3: e eu não quero, não é? Eu quero ter o meu lado de mulher, eu quero ficar bem, não quero ficar assim... uma mulher quadrada [risos]. E eu sei que o Mateus queria a minha felicidade, ele queria me ver feliz.</i></p> <p><i>Mas eu sei que muita coisa mudou depois que ele partiu, em todos os sentidos, em todos! Muito! Foi uma mudança de... não sei quantos graus. Porque eu era uma pessoa muito vaidosa, eu era uma pessoa muito de... intensa na parte amorosa, de namoro, eu era uma pessoa, sei lá,</i></p>	<p>63. P3 faz comparações de como era antes e como é atualmente, após a perda do filho. Demonstra incomodo diante da forma como lida com sua vaidade e questões afetivas.</p>
<p><i>64. mas até a minha parte de vaidade a minha filha fica me chamando atenção "olhe, vá ajeitar seu cabelo vá fazer suas unhas" ela fica ali, é uma coisa assim, isso mexeu. Parece até que eu engordei um pouco mais, enfim, como eu te falei, algumas coisas se apagaram em mim, sabe?...</i></p>	<p>64. Destaca mudanças na forma de lidar com sua vaidade atualmente. Diz ser constantemente chamada atenção pela filha para retomar autocuidado relacionado a este aspecto.</p>
<p><i>65. Aos poucos eu vou tentando, vou descobrir e vou voltando, eu mesma.</i></p> <p><i>E: o que te faz tentar buscar que tudo isso continue vivo em ti?</i></p> <p><i>P3: para voltar?</i></p> <p><i>E: sim</i></p> <p><i>P3: eu tenho que pensar que eu tenho meus filhos e o Mateus, ele não ia querer! O que ele iria dizer? Com certeza ele diria: "a senhora está gorda, mãe, está precisando ir para uma academia", "mãe, esse cabelo... ele não é assim!". Parece que eu estou vendo ele falando isso,</i></p>	<p>65. Refere que gradativamente busca reconhecer mudanças, assim como, a retomada de hábitos antigos de autocuidado. Refere os filhos, principalmente Mateus, como motivação para esta retomada da vaidade. Refere ter certeza que o filho falecido iria sinalizar incômodo com seu estado atual na tentativa de motiva-la a fazer novas mudanças.</p>
<p><i>66. então também isso, meu filho... ele não pode pensar "poxa" tipo assim, "eu parti e causei isso nela, eu não quero isso para minha mãe", então isso tudo, eu não posso, eu tenho também que... não é?</i></p>	<p>66. P3 refere preocupações com a possibilidade de despertar sentimento de culpa no filho falecido, como se sua morte fosse a responsável por causar prejuízos a ela.</p>
<p><i>67. E a questão religiosa, a questão do espiritismo... eu não posso... que interfira no... e ele não quer me ver triste, ele não quer me ver assim, ele quer me ver feliz.</i></p>	<p>67. P3 refere aspectos de sua crença religiosa como motivo pelo qual não pode permitir que seu sofrimento possa causar sofrimento ao filho falecido. Diz acreditar que o filho quer vê-la feliz.</p>
<p><i>68. E: então, todas essas questões, é importante ao longo do tempo você ir rearrumando, reorganizando</i></p> <p><i>P3: é! Reorganizando nas prateleirinhas tudinho, sentimental, da vaidade, enfim, tem que dar uma organizada mesmo.</i></p>	<p>68. P3 reafirma compreensão da entrevistadora sobre sua necessidade de reorganização em vários aspectos de sua vida após a perda.</p>
<p><i>69. E: como tudo ainda é muito intenso, a lembrança dele ao mesmo tempo em que é boa ainda te traz um sentimento de dor muito grande em alguns momentos, é importante que as coisas se reorganizem no seu tempo, não é? Percebo isso quando você me diz que sente a necessidade, mas que tem coisas que ainda não tem um caminho para seguir e conseguir. Cada coisa em seu tempo, não é?</i></p>	<p>69. Compreensão da entrevistadora</p>
<p><i>70. P3: Aquilo que você falou, eu gostei. A minha chefe, não que ela me cobrava, mas ela sempre me perguntava sobre meus outros filhos e isso que você disse para ela eu achei muito legal, eles estão ali, estão presentes, então a rede social é uma forma de também colocar para fora um pouco do que eu sinto. E meus filhos assim.. eles dizem "jamais!", respeitam esse meu lado, eles não se incomodam até porque eles sabem do que eu estou passando e respeitam esse meu lado. E é isso.</i></p>	<p>70. P3 traz conteúdo trazido em diálogo com sua chefe sobre o possível ciúme dos filhos vivos em relação ao irmão falecido. Diz sentir-se contemplada e reafirma que as publicações em redes sociais são uma das formas que encontra de</p>

	expressar o que sente. Revela sentir-se respeitada pelos filhos no que se refere a essa necessidade.
<p>71. E: <i>Lembro que antes da gente encerrar a primeira entrevista, você me disse que tinha sido bom falar sobre ele...</i></p> <p>P3: <i>foi, foi muito bom. Nossa! Assim como está sendo agora, é bom falar dele, é bom falar do Mateus todo dia! Vem aquele gostinho na minha mente, gostinho de alegria, de dança, dos gritos, enfim, vem tudo a tona e isso é uma alegria para mim, é muito bom. Eu fico com saudade, eu não digo triste, não é tristeza, é uma saudade.</i></p>	71. P3 refere satisfação em ter o espaço das entrevistas para falar sobre o filho. Refere alegria por despertar lembranças boas do filho, assim como, uma saudade sem tristeza.
<p>72. E: <i>é diferente?</i></p> <p>P3: <i>é! [alonga o “é”] é bem diferente!</i></p> <p>E: <i>o que é diferente?</i></p>	72. Para P3, existe diferença entre saudade e tristeza.
73. P3: <i>A tristeza é diferente, como eu te falei, quando vi aquele vídeo, acabou me deixando deprimida, aquela coisa ruim, aí eu evito de ver coisas que... e a alegria é de lembrar dele dançando, dele pulando...</i>	73. P3 faz diferenciação entre tristeza e alegria. Em sua vivência, tristeza remete à depressão e é despertada por lembranças ruins que devem ser evitadas. Enquanto que a alegria remete a lembranças boas do filho em vida.
<p>74. E: <i>e a diferença entre tristeza e saudade? Você consegue me descrever essa diferença?</i></p> <p>P3: <i>tristeza eu acho que causa uma coisa muito ruim, aquela dor, aquele sentimento de “ai meu Deus” sabe? Aquele aperto. Eu sinto sim esse aperto no coração, da aquele nó na garganta que... enfim...</i></p> <p>E: <i>e a saudade?</i></p> <p>P3: <i>a saudade, ô... do cheirinho dele, é uma coisa mais leve, a saudade não é aquele negócio de apertar, é aquela coisa mais de... do cheiro, do abraço, da alegria, de rir com ele. Eu acho que é assim [risos]</i></p>	74. Ao diferenciar tristeza e saudade, P3 associa a tristeza a sensações ruins, físicas e emocionais. A saudade é descrita como algo leve, remete a lembranças sensoriais, de características de sua personalidade e do convívio cotidiano.
<p>75. E: <i>é como você sente?</i></p> <p>P3: <i>é sim! Eu até evito quando vejo que vem a tristeza, eu digo para mim “ei, não!”, “épa, espera aí!” porque eu sei que vai fazer mal para mim.</i></p>	75. P3 refere que ao perceber sinais de tristeza, a evita conscientemente por saber que aquele sentimento pode lhe trazer mal-estar.
<p>76. E: <i>parece difícil descrever sentimentos, não é?</i></p> <p>P3: <i>ai mistura tudo, é saudade com tristeza, aquele bolo todinho [risos]</i></p> <p>E: <i>e acontece da saudade ser triste?</i></p> <p>P3: <i>às vezes sim, às vezes é triste, ixi... às vezes eu queria dar só um abraço nele, sabe? Um abraço!</i></p>	76. Ainda que consiga diferenciar os sentimentos acima descritos, P3 refere que em alguns momentos vivencia uma mistura deles. Revela que desta mistura pode resultar uma saudade triste, momento este em que sente falta da presença física do filho.
<p>77. E: <i>e a tristeza? Pode acontecer dela não ser tão doída?</i></p> <p>P3: <i>não... a tristeza sempre é doída... bem, bem doída [pausa]. Eu não sei se isso acontece com as outras mães, mas esse aperto aqui que dá, sabe? [gesticula em direção ao peito] parece que vem do estomago aquela coisa, aquele nó na garganta, parece que vai sufocar</i></p> <p>E: <i>você me fala de algo bem visceral mesmo, não é? Que vem lá de dentro, bem orgânica, que vem do corpo</i></p> <p>P3: <i>é! Vem do corpo, então é isso que eu tento evitar</i></p>	77. Para P3, a tristeza sempre remete a dor, por vezes de forma intensa, chegando a causar sensações físicas. Traz autoquestionamento sobre se as sensações físicas que vivencia também são vivenciadas por outras mães. Reafirma tentativas de evitar este sentimento e sensações.

<p>78. E: esse aperto é o que?</p> <p>P3: aperto no coração?</p> <p>Eu: é, de sentimento, ele é o que?</p> <p>P3: é a falta mesmo, sabe? É a mistura de falta com a saudade da presença dele, então... tu estas entendendo? Eu estou tentando... [risos]</p> <p>E: sim</p> <p>P3: porque é tanta coisa, não é? Então eu evito, eu evito, eu evito, às vezes, quando eu percebo que já estou começando a ir, eu evito. Eu paro, tento ver outra coisa para ver se aquilo vai...</p>	<p>78. P3 descreve o aperto no coração citado anteriormente como a expressão da ausência, a falta sentida da presença física do filho. Demonstra forte incômodo ao se deparar com estes sentimentos, portanto busca evita-los.</p>
<p>79. E: então, para fecharmos, o que você me diz hoje é que mais uma vez, a fotografia dele é algo muito...</p> <p>P3: muito! Muito!</p> <p>E: Até mesmo nesse processo de se reorganizar, é como se fosse algo dele ali, materializado, é isso?</p> <p>P3: as fotos, as roupas, o cheiro, eu fecho o olho parece que eu estou vendo e sentindo ele...</p>	<p>79. Ao retomar a questão da fotografia, P3 reafirma compreensão de que as fotografias de seu filho têm lugar importante em sua vida, assim como, outros objetos pessoais que também remetem a presença viva deste.</p>
<p>80. E: me parece que são formas que você encontrou de viver com esse “buraco”, como você me diz que ele deixou em você</p> <p>P3: é um buraco... e para preencher... tenho uma amiga que falou “meu amor, ponha flores nesse buraco, deixa nascer flores bonitas nesse buraco”. Ainda estou tentando... no meu tempo. Pode ser que um dia nasça flores, pode ser que não. Até agora ainda está ali.</p>	<p>80. P3 reafirma compreensão da entrevistadora sobre o vazio deixado pela ausência do filho falecido. Diz ser um buraco difícil de preencher. Refere situação vivida em que uma amiga faz sugestão para preencher esse buraco. Diz que até o momento, tal sugestão não fez sentido em sua vivência pois não é possível preenche-lo ainda.</p>
<p>81. Uma moça lá do centro [espírita] falou assim “poxa, mas não é legal você falar assim”, eu acho que eu fui até grossa com a moça, mas disse “tu queres que eu fale de que forma? É o que eu sinto! Sinto um buraco, esse buraco está aí, não adianta”.</p>	<p>81. Refere exemplo de uma situação vivida em que uma conhecida fez um julgamento sobre sua forma de expressar a ausência do filho, causando-lhe irritação. Diz acreditar que pode ter sido grosseira ao responder colocação, ainda sim, o que sente verdadeiramente é a existência de um buraco após a morte do filho.</p>
<p>82. Eu digo que é um pedaço de mim que foi junto com ele e é assim, a sensação é essa mesmo! Esse buraco...</p>	<p>82. Descreve o buraco sentido como um pedaço de si que se foi junto com o filho morto.</p>
<p>83. aí eu te pergunto, as outras mães sentem também? Elas falam desse vazio também?</p> <p>E: geralmente sim</p> <p>P3: ele está sempre ali, não é?</p>	<p>83. P3 faz questionamento se outras mães sentem o vazio por ela sentido. E reafirma a existência dele em sua vivência.</p>
<p>84. Eu digo que eles três me completam, meus filhos, então tirou um pedaço de mim, alguma coisa... então está ali, está faltando, tipo um braço, o coraç... sei lá, é um pedaço de mim que não está mais</p>	<p>84. P3 diz sentir-se completa na presença dos três filhos, então, após a morte de um deles, convive com a falta, como se um pedaço, visceralmente falando, estivesse ausente.</p>

<p>85. E: <i>Eu percebo é que falar sobre isso, sempre vai trazer a necessidade de falar mais, mais e mais</i></p> <p>P3: <i>sim</i></p>	<p>85. P3 reafirma compreensão da entrevistadora sobre sua necessidade de falar mais sobre o filho.</p>
<p>86. Eu: <i>por ser uma entrevista de pesquisa, a gente tem um objetivo a ser alcançado</i></p> <p>P3: <i>eu pensei que seria bem curtinha, mas foi até longa [risos]</i></p> <p>E: <i>talvez porque nesse momento, é a sua necessidade. Percebi que a nossa conversa de hoje não foi apenas para falar sobre como foi o momento anterior, mas a tua necessidade é falar sobre ele, trazer outras questões que também te angustiam, então esse espaço também é de escuta, não é?</i></p> <p>P3: <i>obrigada, eu te agradeço</i></p> <p>E: <i>também é da minha responsabilidade, enquanto profissional e enquanto pesquisadora, acolher isso que você traz hoje, te orientar, esclarecer, enfim, os espaços que você pode procurar para dar continuidade a esse espaço de escuta</i></p>	<p>86. Relembro limitações do espaço da entrevista de pesquisa, ainda sim, com a possibilidade de acolher necessidades de P3 relacionadas a perda do filho.</p> <p>P3 se mostra agradecida.</p>
<p>87. P3: <i>tu achas, depois de tudo que eu te falei que realmente não tenho depressão?</i></p> <p>E: <i>essas variações geralmente fazem parte do processo de luto, mas de qualquer forma, é importante avaliar.</i></p> <p>P3: <i>mas tudo isso que tu me disseste hoje, eu já fico mais tranquila</i></p>	<p>87. P3 retoma questionamento sobre risco de depressão, mostra-se preocupada, ainda assim, se diz mais tranquila com as informações e esclarecimentos feitos durante entrevista.</p>
<p>88. E: <i>é importante avaliar melhor seu processo de luto, seu histórico de depressão. O profissional que poderá te acompanhar em terapia terá como avaliar. A avaliação é muito mais do que uma rápida conversa</i></p> <p>P3: <i>entendi</i></p>	<p>88. P3 diz compreender necessidade de avaliação detalhada para o quadro que teme apresentar (depressão).</p>
<p>89. E: <i>eu te agradeço imensamente a sua disponibilidade, ter compartilhado comigo sua história</i></p> <p>P3: <i>eu é que agradeço. É bom falar! Falar dele para mim... nossa!</i></p>	<p>89. Entrevistadora agradece depoimento e P3 reafirma gratidão e satisfação em poder falar sobre o filho.</p>
<p>90. E: <i>se em algum momento você precisar de algum esclarecimento, alguma orientação, eu permaneço a disposição, ok?</i></p> <p>P3: <i>me manda o endereço dos locais onde posso procurar, ta bom?</i></p>	<p>90. Entrevistadora reafirma disponibilidade futura para maiores esclarecimentos e encaminhamentos.</p>
<p>91. <i>É muito bom você ter falado sobre isso que eu posso procurar um profissional para poder me escutar, é muito bom mesmo. A gente precisa de algumas respostas, não sei outras mães sentem isso, mas só de tu trazer um pouco mais de informação, isso já ajuda bastante.</i></p> <p>E: <i>fico feliz em saber que pude te ajudar de alguma forma</i></p> <p>P3: <i>ajuda bastante sim, com certeza. É um desabafo, foi bom conversar com você.</i></p>	<p>91. P3 fala sobre a satisfação em ter recebido orientações sobre a possibilidade de buscar psicoterapia e os benefícios desse espaço que pode usufruir.</p>
<p>92. E: <i>o seu relato vai ser de grande importância para o desenvolvimento da minha pesquisa e tenho certeza que poderá ajudar outras pessoas.</i></p> <p>P3: <i>que bom, é bom saber que eu vou poder ajudar outras pessoas.</i></p>	<p>92. Ao encerrar entrevista, P3 se mostra feliz em saber que seu relato pode ajudar outras pessoas.</p>